

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH-UFF

MARCO ANTONIO SERAFIM DE CARVALHO

JULIO CORTÁZAR PELA AMÉRICA LATINA:
O Tribunal Russell, literatura e engajamento no período 1963-1983.

NITERÓI
Abril de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH-UFF

MARCO ANTONIO SERAFIM DE CARVALHO

JULIO CORTÁZAR PELA AMÉRICA LATINA:
O Tribunal Russell, literatura e engajamento no período 1963-1983.

Orientador: Prof. Dr. NORBERTO OSVALDO FERRERAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.
Área de concentração: História Social.

NITERÓI
Abril de 2018

À Iza e Marcela; às minhas irmãs, Rose e Silvia; elas são parte de mim tanto quanto eu da América e vice-versa. A Antonio José, nascido num 25 de maio, *in memoriam*.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, guerreira que criou os filhos sozinha, sem pensão, ajuda, telefonema, ou qualquer coisa do tipo. Cada passo meu na Universidade tem a força dela. À Marcela Skaba, companheira de vida, nunca convencional: acreditou quando ninguém acreditava e esteve ao meu lado apesar de, no momento em que, quando, como, onde: nunca faltou amor. Menciono também minhas irmãs, Rose e Silvia, pela presença, cuidado e invariavelmente, falta de silêncio. Menciono os Donda que vieram do Friuli no início do séc. XX para trabalhar no café: sem vocês não haveria alguém aqui escrevendo estas linhas.

Agradeço aos mestres que tive, com os quais aprendi sobre o ofício de historiador tanto quanto sobre a vida, pessoas com as quais experimentei aprendizado e crescimento. Norberto Osvaldo Ferreras, professor, orientador e amigo que me ensinou muito sobre a vida prática como professor e pesquisador, em suas orientações e aulas, intelectual do povo e para o povo, ensinando a América para quem a queira. Obrigado por tanto, mestre. De Epistemologia da História, em 2010, a esta Tese, fica impresso aqui meu reconhecimento e gratidão. Professora Cláudia Beltrão da Rosa: nunca esquecerei do quanto buscou soluções para minha situação complicada na graduação nos tempos de UNIRIO. Professor Sebastião José Nacif, diretor do Colégio Itapuca, que não hesitou em me conceder bolsa de estudos entre 1998 e 2002. E ainda me deu um dos melhores empregos que pude ter: trabalhar em uma biblioteca.

Augusto César, irmão alvinegro, talvez inimigos em Roma mas grandes amigos na UFF, desde 2008. Agradeço ao Abuja, pela grande camaradagem. Ao camarada Juan Ignacio González, por tamanha generosidade em ler, comentar e compartilhar tanto. Essa tese não se concluiria sem o apoio de outros amigos argentinos inestimáveis, como Brenda Rugar, Juan Manuel Sarasa e Julia Rigueiro. À Argentina, país que *quiero tanto*, onde tive mais do que poderia pedir.

Agradeço enormemente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a CAPES, pela concessão de bolsa, desde 2015. Foi essa bolsa que permitiu que esse trabalho fosse empreendido, através da compra de livros e demais itens necessários à sobrevivência de um pós-graduando. Através dessa agência, o governo do meu país permitiu que essa pesquisa fosse concretizada, em meio a tempos tão difíceis e futuro tão

incerto. Agradeço imensamente à Universidade Federal Fluminense, a UFF, minha segunda casa de uns anos pra cá: meu agradecimento se estende aos funcionários de serviços gerais, seguranças, aos funcionários da Secretaria e Coordenação do PPGH, aos funcionários das Copiadoras, tanto os da xerox do Falcioni quanto os da xerox do Marcelo. Obrigado às coordenadoras do PPGH, pela compreensão e paciência, desde a gestão Ana Mauad/Samantha Quadrat à Giselle Venâncio/Alexandre Carneiro. Agradeço ao MinCyT argentino e à CAPES pela concessão da bolsa-sanduíche entre fevereiro e maio de 2017, sem a qual esse trabalho não teria tomado os rumos que tomou.

A todos da *Comisión Provincial de la Memoria* e o fantástico trabalho de gestão e guarda dos arquivos da DIPPBA em La Plata; à Samanta Salvatori, da UNQ, aos professores Carlos Altamirano e Gustavo Zarrilli, Adolfo Prieto; aos funcionários do CEDINCI, da *Biblioteca Nacional Mariano Moreno* (sem moeda de 1 peso, sem armário), da *Biblioteca del Congreso*, da *Biblioteca Nacional del Maestro*, a Mariana Iglesias, da Coolturarte (e sua fantástica Ruta Temática Cortazariana), e à cidade mais instigante e nostálgica que já conheci, Buenos Aires, que para mim sempre será saudade – talvez como tenha sido para Julio, imagino.

In memoriam, agradeço a Julio Florencio Cortázar, que foi um grande professor nesse período juntos, de dissertação e tese; o enormíssimo Cronópio e escritor latino-americano seguirá despertando possibilidades. Agradeço até ao emprego chatíssimo de horas sem atraso no *autocad* do qual Cortázar me salvava com seus Cronópios, Famas e Esperanzas, vez ou outra suspendendo minha descrença. Estudá-lo é uma forma de dizer que não estamos sozinhos. Há toda uma América Latina além do Brasil e que contém, inclusive, a todos nós brasileiros. Xangô, obrigado por tanto. A Oxóssi, Ogum, Yansã e Oxum. Aos Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças, gratidão. Por como viveram nessa terra geralmente injusta. *Nuestra América sigue de pie!* AGUANTE, PALOMO!

Resumo

A presente pesquisa busca aprofundar a compreensão sobre as relações entre cultura e política, a partir do exame da trajetória biográfica do escritor argentino Julio Cortázar. Nesse sentido, buscou-se dimensionar as nuances do tipo de engajamento político e estratégias estéticas que o autor desenvolve durante as décadas de 1960 e 1970 em sua aproximação com Cuba, sua atuação no Tribunal Russell II, a defesa dos direitos humanos e seu envolvimento com a Nicarágua sandinista, entre negociações literário-estética e tomadas públicas de posição, em meio aos estremecimentos ocorridos no período no campo literário latino-americano.

Palavras-chave: Julio Cortázar. História intelectual. América Latina. Engajamento político.

Abstract

The present research seeks to deepen the understanding of the relations between culture and politics, based on an examination of the biographical trajectory of the Argentine writer Julio Cortázar. In this sense, we sought to sketch the nuances of the type of political engagement and aesthetic strategies that the author developed during the 1960s and 1970s in his approach to Cuba, his role in the Russell II Tribunal, the defense of human rights and his involvement with Sandinista Nicaragua, between literary-aesthetic negotiations and public positions, amid the shudders that occurred during the period in the Latin American literary field.

Key-words: Julio Cortázar. Intellectual history. Latin America. Political engagement.

Sumário

Introdução – escrever vidas: sobre História e Literatura	p. 10
Capítulo 1 – O intelectual e o engajamento político.....	p. 20
Capítulo 2 – Julio Cortázar e a política: itinerários.....	p. 25
2.1 – Alguns passos no rastro do Cortázar “político”	p. 25
2.1.1 – Estudos críticos sobre Julio Cortázar.....	p. 27
2.1.2 – Unidade essencial ou unidade existencial?.....	p. 30
2.1.3 – Cortázar delimita o Cortázar apolítico.....	p. 33
2.1.4 – Rastros políticos na produção discursiva cortazariana.....	p. 38
2.2 – O caminho até Mendoza: vivendo a política, 1937-1945.....	p. 40
2.3 – 2.3 Cortázar <i>dixit</i> : ensaios, traduções, Cuba e o maio francês 1961-1968.....	p. 49
2.3.1 – O humanismo cortazariano também é um existencialismo – surrealista	p. 49
2.3.2 – Cortázar em Havana: dos Cronópios ao júri do IV Concurso Literário de <i>Casa de Las Américas</i> , 1956-1966.....	p. 56
2.3.3 – <i>Reunião</i> , 1966.....	p. 62
2.3.4 – <i>Homenaje a una torre de fuego</i> – Cortázar vê 1968.....	p. 75
Capítulo 3 – <i>Livro de Manuel</i> (1973), <i>Chili: le Dossier Noir</i> (1974) e <i>Vampiros Multinacionales</i> (1975): outras margens.....	p. 78
3.1 <i>Livro de Manuel</i> (1973) e Prêmio Médicis – e onde reside Cortázar?	p. 78
3.2 O antiintelectualismo de Cortázar: Romero e Fraga.....	p. 93
3.3 Em defesa de Juan Carlos Onetti: avançam as ditaduras e o pragmatismo intelectual.....	p. 99

3.4 <i>Fantomas contra los Vampiros Multinacionales</i> e o Tribunal Russell II: o agitado 1975.....	p. 111
3.4.1 Cortázar e os quadrinhos: contra os <i>Vampiros Multinacionales</i> – uma utopia realizável.....	p. 111
3.4.2 O papel da vampira multinacional ITT no golpe a Allende.....	p. 126
3.5 Cortázar pelo Chile: <i>Chili: le dossier noir</i> , 1974.....	p. 139
3.6 Tribunal Russell: origem e propósito.....	p.149
3.7 A ação do Tribunal Russell II.....	p. 158
3.7.1 Lelio Basso: um antifascista em defesa dos Direitos Humanos.....	p. 163
3.7.2 Os <i>vampiros multinacionales</i> e a teoria da dependência.....	p. 181
Capítulo 4 – Cortázar Fórmula 4.....	p. 188
4.1 “Registra antecedentes ideológicos marxistas”.....	p. 204
4.2 HABEAS: Cortázar e García Márquez pelos Direitos Humanos.....	p. 208
4.3 Cortázar e os quadrinhos, outra vez: o insólito <i>La raíz del Ombú</i> , 1981.....	p. 213
4.4 Cortázar na Nicarágua.....	p. 222
4.5 Conclusão.....	p. 226
Bibliografia.....	p. 242

Introdução – escrever vidas: sobre História e Literatura

Escrever a vida de Julio Cortázar? Ou sobre a vida de Julio Cortázar ao longo de pouco mais de duas décadas do século XX? No caso desta última pergunta admite-se o pressuposto de que existe um *corpus* estabelecido sob tal nome, existe algo, uma vida escrita e que pode ser acessada e consultada, uma “vida de Cortázar”, ou minha, sua, de quem seja, não parece uma tarefa possível essa de domesticar o caos inapreensível e complexo da realidade sob uma biografia. Na primeira pergunta tampouco fica resolvida a questão: como seria possível escrever uma vida? O que nos parece possível, sim, é escrever uma versão, com a biografia aparecendo enquanto possibilidade na interação entre História e Literatura. Tal como alerta François Dosse, “escrever a vida é um horizonte inacessível, que no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender”¹.

De acordo com Dosse, muito embora o termo “biografia” apareça nos idos da Era Moderna, a escrita biográfica, tal como a prosopografia da Antiguidade e a hagiografia medieval atestam, se fez continuamente presente enquanto possibilidade temática – considerando que variaram bastante as escolhas pelos sujeitos que foram tomados como objeto desse tipo de escrita. A biografia, que aparece na Grécia antiga dissociada da História e com ares de moralidade, de *magistra vitae*, ao fornecer modelos exemplares de vida de homens poderosos, como generais e líderes tais como Júlio César, Alexandre da Macedônia e Augusto, atravessa a era Medieval com suas velas estufadas pela hagiografia – também a fornecer exemplos de caráter e conduta dentro de uma normatividade cristã – e, tendo em vista as transformações na Europa dos séculos XI e XVI, desde o aquecimento provocado pela atividade comercial até o bloco de partida calvinista que empurra o indivíduo ainda mais à frente e ao centro, a Renascença se mostra um terreno fértil para a escrita biográfica – e a boa vontade com que essa época olha para a antiguidade greco-romana não deixaria de topar com Plutarco. Assentados o indivíduo como horizonte e o poder absoluto dos reis como realidade e tema discursivo, como é o caso dos esboços biográficos de Luis XIV escritas por Paul Pellisson e François Charpentier, no século XVII – durante o qual o termo biografia designa com exatidão essa forma de escrita, e quando surgem, na Inglaterra, biógrafos como Izaak Walton, que em 1640 escreve sobre o poeta

¹DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 11.

John Donne dentro de um volume publicado com o título *The lives of Dr. John Donne, Sir Henry Wotton, Mr. Richard Hooker, Mr. George Herbert*, também conhecido como *Walton's Lives*, Reunindo material escrito separadamente entre 1640 e 1670. Uma cópia digitalizada de uma edição de 1796 das *Walton's Lives* pode ser acessada na íntegra a partir de um sítio que busca fazer jus, ainda que desordenadamente, à Biblioteca de Babel de Borges²: o *Internet Archive*³.

O final revolucionário do século XVIII deixa, na França, a cargo da biografia as vestes do herói, em um tempo de reinvenções dos modos de viver, crer e pensar e, sobretudo, de mortes tornadas heroicas, como a de Jean-Paul Marat. A historiadora francesa Sabina Loriga, no primeiro capítulo de seu *O Pequeno X: da Biografia à História* (2010), faz um traçado que remonta o percurso da biografia desde Tácito, Suetônio e Plutarco até o século XX, dialogando com o *Desafio Biográfico* de Dosse, e aprofundando-se nos pensamentos de Thomas Carlyle, Humboldt, Meinecke, J. Burckhardt, Dilthey e Tolstói sobre a biografia. Em certo trecho, Loriga reproduz um fragmento de uma carta, datada de 25 de fevereiro de 1788, do escocês James Boswell⁴, biógrafo do poeta e ensaísta inglês Samuel Johnson:

Estou absolutamente certo de que o método biográfico como o entendo – dar não apenas uma história da trajetória visível de Johnson no mundo, mas uma vista de seu espírito em suas cartas e conversações – é o mais perfeito que se possa conceber, e será mais uma Vida [grifo de Loriga] que qualquer obra já publicada.

No começo do século XX a biografia parecia ferida de morte em duas frentes: na crítica literária, com o *New Criticism* em seu desprezo pela subjetividade na leitura impessoal da obra pela obra; e com a disposição teórico-metodológica que aparece na historiografia com o surgimento da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, criada

²BORGES, Jorge Luis. “A Biblioteca de Babel”, in: *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 69-79.

³WALTON, Izaak. *The Lives of Dr. John Donne, Sir Henry Wotton, Mr. Richard Hooker, Mr. George Herbert*. York: printed by Wilson, Spence and Mawman, 1796. Observação: o sítio do grupo se define como organização sem fins lucrativos, com o propósito de ser uma biblioteca na internet, oferecendo acesso permanente a pesquisadores, historiadores, acadêmicos, pessoas com deficiência e ao público em geral coleções históricas em formato digital. Acessado em 02/11/2016 no endereço:

< <https://archive.org/stream/livesofdrhooker00waltuoft#page/n7/mode/2up> >.

⁴Autor de *The Life of Samuel Johnson*, publicado em 1791, sete anos após a morte de Johnson.

em 1929.

A escrita historiográfica celebrada pelo grupo dos *Annales*, entusiasmada com as vias abertas pelo auxílio da Sociologia, seguia então o rumo da busca pelas estruturas, pelo que poderia ser revelado pelas séries documentais e, como resultado desse direcionamento, ficava posto que concentrar esforços nas ações dos indivíduos não somente parecia menos importante como soava ultrapassado: os grandes homens e suas ações, temas associados à História Política, estariam mortos para a História? Sustentar essa ideia, a da morte da biografia pelas mãos dos *Annales*, seria algo que teria tanto de inverdade quanto de contraditório – considerando o recuo da História Política, tal como era feita, a partir da hegemonia historiográfica da Escola dos *Annales*. Inverdade porque a História, de maneira mais ampla, é uma ciência, que conjuga duas dimensões extremamente complexas: a atividade humana e o tempo – “ciência dos homens”, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: ‘dos homens, no tempo’”, como nos lembra Marc Bloch⁵. Assim sendo, estabelecer que o surgimento de uma forma historiográfica de pensar e fazer pressupõe a morte de outras formas seria negar o caráter processual da própria historiografia, cujas mudanças operam em transições que variam de acordo com o local, com as particularidades de cada instituição onde o conhecimento é produzido, das mudanças na economia, na política, dos modos de vida, das escolhas feitas por seus praticantes, variáveis que devem ser levadas em conta, mesmo nas mais aparentes rupturas.

E como mencionávamos, também nos leva a uma contradição. A condenada da biografia (ensacada junto com uma história política *événementielle*, marcada pelo acontecimento), fica exposta no argumento de Philippe Levillain, quando lembra da biografia de Martinho Lutero, escrita por Lucien Febvre, publicada em 1928, e o fato de *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*, poder ser encarado, senão, como uma biografia. Além disso, Levillain, em tom de defesa da biografia, convoca o trabalho do jornalista militar Jean de Pierrefeu, *Plutarque n'a pas menti* (Plutarco não mentiu), que faz recair sobre os soldados e o baixo oficialato envolvidos na Grande Guerra (1914-1918) a proeminência que permitiu a vitória da Entente. Levillain respalda a posição de Pierrefeu dizendo ser ela uma proposta análoga à de Tolstói em *Guerra e Paz* (1865-1869)⁶.

⁵BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001, p. 55.

⁶LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”, in: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História*

Por minha vez, recorro às *Vidas Paralelas* (c. século II) de Plutarco para justificar historiograficamente a escolha, na terceira década do séc. XXI, de biografar um intelectual latino-americano do século XX:

Com efeito, não escrevemos histórias, mas *Vidas* [grifo do autor]. Nem sempre, aliás, são as ações mais brilhantes as que mostram melhor as virtudes ou os vícios dos homens. Muitas vezes uma pequena coisa, a menor palavra, um gracejo ressaltam melhor um caráter do que combates sangrentos, batalhas campais e ocupações de cidades.

Assim como os pintores, em seus retratos, procuram fixar os traços do rosto e do olhar, refletindo nitidamente a índole da pessoa, sem se preocupar com as outras partes do corpo, aqui nos permitimos concentrar nosso estudo, principalmente, nas manifestações características da alma e esboçar de acordo com esses sinais, a vida dessas duas personagens, deixando a outros os grandes acontecimentos e os combates (...)

Então, após a morte anunciada da biografia, ou, menos dramaticamente, como uma perspectiva sendo posta de lado em função de outra, ou outras, frente ao entusiasmo teórico-metodológico dos *Annales* com as análises sociológicas e com as sondagens estruturais, ocorre sua insuspeita ressurreição. As discussões em torno da narrativa na historiografia causaram abalos. O ofício do historiador, com todas as suas impossibilidades, nas piores e melhores possibilidades, é um relato. Produzimos narrativas. Delas nos alimentamos e com elas difundimos nossos trabalhos, por mais assustador ou corriqueiro que tal afirmação soe. Entre as obras que colocam essa questão à tona, temos, somente nos anos 1970, *Metahistory* (1973), de Hayden White, que aparenta o discurso histórico da narrativa literária, e *A Escrita da História*, de Michel de Certeau (1975). Este último faz um alerta que segue tendo utilidade, quando diz que “a fundação de um espaço textual provoca uma série de distorções com relação aos procedimentos de análise. Com o discurso parece se impor uma lei contrária às regras da prática (...) a escrita seria, então, a

Política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 141-184.

imagem invertida da prática?⁷”. As palavras de De Certeau, em 1975, “ele, o discurso histórico, pretende dar um conteúdo verdadeiro (que vem da verificabilidade), mas sob a forma de uma narração”⁸, ecoam na reflexão feita por Roger Chartier em 2007, em *A história ou a leitura do tempo*, quando fala das questões acerca do discurso histórico, argumentando que os escritos de Hayden White, Paul Veyne e Michel de Certeau “obrigavam os historiadores a abandonar a certeza de uma coincidência total entre o passado tal como foi e a explicação histórica que o sustenta”⁹.

Chartier aborda, assim, o problema central da chamada “crise da História” dos anos 1980 e 1990, como uma derivação do *linguistic turn* sobre a operação da escrita historiográfica: o que resguarda a verdade, a prova, na produção de narrativas? No que então coincidem a História e a Literatura, mesmo esta calcada na imaginação, na verossimilhança, e aquela aferrada ao compromisso com o que verdadeiramente aconteceu? Insistindo na validade do conhecimento histórico enquanto conhecimento verdadeiro, Chartier convoca Carlo Ginzburg, e lembra que o historiador italiano desanca a diluição pós-moderna (ou cética) da fronteira entre ficção e história com seu paradigma indiciário, com vistas a ultrapassar a infértil crise: o conhecimento verdadeiro decorre da interpretação de vestígios, de sinais, como explica Ginzburg na reunião de artigos que dão forma a *O Fio e os Rastros* (originalmente publicado em 1999): Ariadne deu a Teseu um fio para que se guiasse pelo labirinto e, assim, o herói encontra e mata o Minotauro – mas o italiano lembra que o mito não fala dos rastros que Teseu deixou pelo labirinto. Sobre a névoa criada a partir do estarecimento diante do caráter narrativo da história, que talvez não deixasse à vista as cercas que distinguem o discurso literário do discurso historiográfico, Ginzburg lança uma luminosa simplicidade:

Contra a tendência do ceticismo pós-moderno de eliminar os limites entre narrações de ficcionais e narrações históricas, em nome do elemento construtivo que é comum a ambas, eu proponha considerar a relação entre umas e outras como uma contenda pela representação da realidade. Mas, em vez de uma guerra de trincheira, eu levantava a hipótese de um conflito feito de desafios, empréstimos recíprocos,

⁷DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2011, pp. 90-91.

⁸Id. *Ibid.*, pp. 99-100.

⁹CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, pp. 11-12.

hibridismos. Com as coisas nesses termos, não era possível combater o neoceticismo repetindo velhas certezas. Era preciso aprender com o inimigo para combatê-lo de modo eficaz. (...) Hoje os pós-modernistas parecem menos rumorosos, menos seguros de si; talvez os ventos da moda já soprem de outro lugar. Pouco importa. As dificuldades surgidas dessa discussão, e as tentativas de resolvê-las, permanecem.”¹⁰

O discurso histórico sentado no banco dos réus, acusado de ser insuficiente enquanto prova ou verdade (uma acusação grave, que fere de morte) tendo como acusador o pós-modernismo cético que apresenta como prova material (uma contradição em termos) a subjetividade, que faz brotar tanto as narrativas da ficção quanto as da história. Ginzburg assinala que “as narrações históricas não fariam da realidade, mas sim de quem as construiu”¹¹.

Em outro momento, Ginzburg lembra que “a hermenêutica aplicada a textos literários e, mais especificamente, o gosto pelo detalhe revelador orientaram profundamente meu trabalho posterior”¹², em meio a uma explicação sobre suas primeiras pesquisas como historiador, no final dos anos 1950. É importante recuperar a fala em que explica com mais detalhes sobre o paradigma indiciário, citado por Chartier linhas atrás, e que, junto a *O Queijo e os Vermes* (1976) representa para este trabalho, uma biografia intelectual que debulha correspondência, textos literários e não-literários, a teoria na qual buscam-se continuamente instrumentos para proceder à sua realização. Diz Ginzburg:

Mas o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão

¹⁰GINZBURG, Carlo. “Introdução”, in: *O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 9.

¹¹Id. Ibid.

¹²GINZBURG, Carlo. “Prefácio”, in: *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 8.

que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.

Contudo, cabe aqui uma reflexão: basear a pesquisa unicamente na interpretação desses indícios, poderia soar conforme com o fato de sondar somente nas direções onde aponta o biografado, seria crer demasiado em quem nos lega, o tempo todo, à dúvida.

É preciso que esteja presente a compreensão de que a construção biográfica é um empreendimento que se nutre das ações do biografado, mas sempre condicionada aos critérios, às categorias com que opera e as seleções e exclusões que faz o biógrafo.

Nesse sentido, a reflexão de Bourdieu quanto à ilusão biográfica (que traz agarrada a si também uma ilusão retórica), em narrativas que expressam intenções, temas unitários que receberão sua validade em fragmentos que confirmariam retrospectivamente um “propósito maior”. Bourdieu, falando sobre histórias de vida narradas como um curso, tendo começo, etapas e fim, no sentido de final e também propósito, que essa posição endossa, cientificamente, a aceitação de um senso que joga a favor de uma filosofia da história, ou seja, do propósito implícito na sucessão dos fatos. Diz o sociólogo francês:

Primeiramente, o fato de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto: a noção sartriana de ‘projeto original’ somente coloca de modo explícito o que está implícito nos ‘já’, ‘desde então’, ‘desde pequeno’ etc. das biografias comuns ou nos ‘sempre’ (‘sempre gostei de música’) das ‘histórias de vida’. (...) O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência).

Por isso nos é útil, enquanto historiadores-biógrafos, ter em mente essa noção, de que construir uma biografia é operar escolhas racionais ou involuntárias enquanto se vasculha um conjunto de escritos publicados voluntária ou involuntariamente,

considerando o expressivo volume de correspondência de Cortázar, que compreendem um período vasto, de 1937 (ano em que começa a trabalhar como professor secundarista em Bolívar e Chivilcoy, na província de Buenos Aires) até 1984, quando falece, em 12 de fevereiro, no hospital Saint Lazare, em Paris. Assim, mesmo evitando as armadilhas que incorrem na “ilusão biográfica”, não podemos deixar de admitir que o biógrafo é quem opera os sentidos da biografia, à revelia, em muitos casos, do biografado.

Já Ginzburg, quanto à biografia, nos lembra de seu caráter “inevitavelmente fragmentário”, propondo um método biográfico que combina perspectivas de dois historiadores ingleses, Lawrence Stone e Edward Palmer Thompson. De Stone, Ginzburg toma a distinção feita para os estudos prosopográficos entre qualitativos (sobre as elites) e quantitativos (camadas populares), afirmando:

A nossa proposta pretende combinar a ótica não elitista da segunda corrente [quantitativa] com a análise particularizada da primeira [qualitativa] – uma prosopografia a partir de baixo (análoga à proposta por E. P. Thompson), que deveria portanto desembocar numa série de *case studies*, embora sem excluir, como já se disse, investigações de tipo serial.”¹³

O nome, então, nos permitiria sondar particularidades que nem sempre estão presentes na escala macro do contexto e dos acontecimentos. Tal como logra Ginzburg em *O Queijo e os Vermes* (1976), indo além da superfície em que percebemos o avanço implacável da Contrarreforma católica e sondando a circularidade cultural que nos permite ver a elaboração de uma visão de mundo ligada à tradições camponesas e uma forma muito original de enxergar o próprio cotidiano, tomando por exemplo a pesquisa intensiva sobre Domenico Scandella, o Mennochio, assassinado em 1599 após ter sido condenado pelo Tribunal do Santo Ofício. O historiador italiano é enfático: “o fio de Ariadne que guia o investigador no labirinto documental é aquilo que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas: o nome”¹⁴.

¹³GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 176.

¹⁴Ibid., p. 174.

E por que não buscar empreender o método biográfico à maneira de Ginzburg, tendo Cortázar tal como Menocchio e a intensidade com que se abriam e fecharam as possibilidades de transformação nos anos 1960 e 1970 como contexto sobre o qual imergir-se para sondar complexidades, vínculos e visões de mundo? Essa pesquisa se coloca como uma forma de responder esse questionamento.

Pensando nesse sentido, seria possível, então, argumentar que os diários e as cartas são escritos intencionalmente, sob um nome, e guardam em sua escrita a pretensão de ser lidos algum dia – no mínimo, por quem os escreve. Evidente que sim, mas o leitor imaginário em quem mira aquele que escreve uma carta é substancialmente diferente quando da escritura de um conto ou um romance – muito embora isso não arrebe com o fato de que muitas cartas de Cortázar possuam elementos literários e cuidadosa atenção ao ritmo das frases. Mas as cartas, dado a quantidade de tempo exigida entre sua escrita e sua leitura pelo destinatário, encerram quase sempre uma urgência, têm por estatuto uma certa objetividade. Além disso, representa um certo risco analisar os testemunhos oferecidos por biógrafos, colegas, intelectuais, jovens escritores, visões produzidas por pessoas tão diferentes entre si quanto às suas atividades, também podem servir para conformar o mosaico biográfico que, por esta definição, parece infundável em combinações possíveis – mas é preciso estar alerta contra a ilusão biográfica que pode passar inerente às visões daqueles que tiveram contato com o biografado: é preciso cuidar de uma determinada distância com a idealização, que muitas vezes segue pelos ventos da ausência, de rememorar o que fez e disse alguém que já não está mais entre os vivos, o que pode produzir memórias tanto opacas quanto douradas. É preciso ter atenção e ver as condições em que essas operações de memória são feitas em entrevistas e testemunhos de terceiros. E, nessa direção, sondar o cotidiano do biografado não somente é válido como torna-se uma imposição para este trabalho.

O cotidiano é um repositório de escolhas, de decisões em variadas escalas, que são tomadas tendo em vista rumos, ideias e sociabilidades, no que pode ser visto como uma cartografia biográfica. Talvez discordasse dessa proposta Henri Bergson, que é taxativo ao afirmar que “a vida de um filósofo não lança luz alguma sobre sua doutrina e não interessa ao público” (*apud* DOSSE, 2015, p. 361) no texto que deixa sob o nome “Instruções

relativas à minha biografia” (1935). Quanto a essa particularidade, Dosse admite que “‘por definição, o homem de ideias se deixa ler por suas publicações, não por seu cotidiano”, após ter dito que “o gênero biográfico não abarca unicamente os homens de ação, mas cada vez mais os escritores, os filósofos e os homens de letras, que se tornam assim objetos de curiosidade e de exercício biográfico” (Ibid., p. 361).

Essa reflexão traz em si uma premissa, que parece opor homem de ideias e homem de ação. Talvez essa trajetória de Cortázar, aqui escrita, possa se colocar na direção de remover as fronteiras, ou pelo menos estremecê-las, entre o *homo faber*, *homo ludens*, que faz parte da *intelligentsia* antiditatorial latino-americana; quanto alguém em contato com trabalhadores e jovens intelectuais cubanos, nicaraguenses, costarriquenhos e salvadorenhos. Surpreende que em sua trajetória a política e suas noções de compromisso político descrevam, a um modo particularíssimo, senão uma rayuela, em que percebemos a fragmentação de posições, capítulos fora de linearidade, intercalados com silêncios, momentos à maneira do Clube da Serpente e de Morelli.

Sobre a biografia, em perspectiva latino-americana, cabe mencionar o trabalho da Red de Estudios Biográficos de América Latina (REBAL), que tem por epicentro a Universidad de Buenos Aires (UBA), funcionando vinculada ao *Istituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, da *Facultad de Filosofía y Letras*. O núcleo reúne pesquisadores americanistas de diferentes universidades argentinas e países da América Latina, e da qual estão vinculadas a professora Adriane Vidal Costa (UFMG; autora de *Pablo Neruda: uma poética engajada*, 2007, e *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*, 2013), contando em seu comitê acadêmico com os profs. Giovanni Levi (Università Ca’Foscari, Veneza; referência nos campos da História Oral e Micro-História) e Sabina Loriga (*École des Hautes Etudes em Sciences Sociales*, Paris; referência nos estudos biográficos), além da prof. Paula Graciela Bruno (UBA), fundadora e diretora da REBAL.

Nos capítulos a seguir observaremos como se construiu o político em Cortázar, ou seja, como o interesse pela política pontuou de maneiras distintas a trajetória e as estratégias estéticas de Julio Cortázar, ao longo de um período que abrange meados da década de 1940 até o começo da década de 1980.

1. O intelectual e o engajamento político

A via da História Política envolve a busca pelo acontecimento, já que “uma biografia não *évènementielle* não tem sentido” (Le Goff *apud* Avelar, 2012, p. 71) e pelo indivíduo – visto como ator, como protagonista, não somente como via de acesso às estruturas sociais. Dessa maneira, as experiências individuais tornam mais complexos os cenários ligados a determinados eventos, atuando no sentido contrário da fabricação de monólitos explicativos. Por exemplo, não buscar em Cortázar confirmações e validações para a atuação intelectual (consonante e dissonante) em torno de um bloco nomeado “Intelectuais e Revolução Cubana”, mas sim entender que pela via da subjetividade e da trajetória individual de intelectuais em seus contatos com a realidade cubana, escolhas foram feitas a partir de possibilidades em aberto, havendo margens de escolha por critérios artístico-literários, políticos, ideológicos, todos perpassados por sujeitos que construíam a si mesmos como tais nas escolhas e decisões que tomavam, nos compromissos que assumiam publicamente. Cabe lembrar da distinção que faz Benoit Denis¹⁵ entre o que chama de literatura de engajamento – escritos de “alcance político”, uma “literatura de combate”, nos escritos de Pascal, Bossuet, Montesquieu, Voltaire, Victor Hugo, traçando um panorama que vai da Antiguidade ao final do séc. XIX – e literatura engajada – que se refere essencialmente ao séc. XX, quando a questão do engajamento é formulada com maior precisão e, sobretudo, sob essa alcunha, figurando como evento fundacional o *Caso Dreyfus* e tendo como principal expoente o filósofo Jean-Paul Sartre –, em uma solução retórica que auxilia à organização do assunto.

¹⁵DENIS, Benôit. *Literatura e engajamento – de Pascal a Sartre*. Bauru: EdUSC, 2002.

Contudo, a gama de literatos *en-gagée* (sob compromisso, promessa, raiz etimológica de *engagement*, empenho, envolvimento, compromisso) após a II Guerra são conformados a partir de formas de ação distintas, heterogêneas entre si. As possibilidades e margens de escolha são oferecidas e condicionadas pelos avanços tecnológicos e pela circulação cada vez mais imediata da informação. Assim, os estudos sobre os intelectuais seguem vivos e produtivos, contra qualquer prognóstico que aponte a morte ou desaparecimento dos mesmos – Norberto Bobbio nos lembra que este vaticínio, o da extinção do intelectual, atingiria então, e paradoxalmente, aquele que o profere, já que:

Quem fala dos intelectuais desempenha, pelo fato mesmo de assim agir, uma função que habitualmente cabe aos intelectuais; torna-se, ao menos naquela ocasião, um intelectual. Quando os intelectuais falam dos intelectuais estão falando, na realidade, de si próprios, mesmo se por uma curiosa duplicação da personalidade acabam por falar da própria confraria, como se a ela não pertencessem. Não é preciso ser médico para falar de medicina, ou jóquei para falar de hipismo. Mas não se pode falar de intelectuais sem fazer o que fazem habitualmente os intelectuais.

Entendemos com Gramsci que “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”¹⁶. Assim como concordamos com Bobbio que “os intelectuais constituem (...) em nossas sociedades caracterizadas pela divisão do trabalho, um grupo com características bem definidas de pessoas que (...) falam umas com as outras mesmo quando presumem ou pretendem falar com o público”¹⁷. Dessa forma, o exame crítico sobre os diálogos entre

¹⁶GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*,. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.7

¹⁷BOBBIO, 1997, p. 81.

intelectuais, as polêmicas em que se opõem e as reações que provocam nos demais intelectuais ajudam a sentir e analisar o clima intelectual que se produz frente a determinados acontecimentos políticos.

Com Carlos Altamirano observamos uma breve genealogia do termo intelectuais e seu aparecimento na língua espanhola: da definição que aparece no *Primer diccionario etimológico de la lengua española* (1881) “o dedicado ao estudo e à meditação” à que aparece na *Enciclopedia Espasa-Calpe*, 1926, “tem sido usada com frequência a denominação intelectuais para designar aos cultivadores de qualquer gênero literário ou científico”, considerando o período 1881-1926 como o batismo público do termo e início de sua conotação política. O historiador argentino observa que o Caso Dreyfus, por exemplo, constitui uma apologia ao intelectual e, a partir daí a figura do intelectual e o discurso antiintelectual convivem como “irmãos-inimigos”. Ele prossegue: “esse relato de origem, em versão vulgar ou em versão erudita, não fala mais que de uma história particular e do começo de um tipo singular, o 'intelectual comprometido' à francesa”¹⁸, e com isso ressalta a precaução em que não se universalize uma experiência nacional que remete a um determinado contexto social e político, com tradições políticas particulares envolvidas. Por outro lado, também não seria possível “minimizar” o Caso Dreyfus, já que não foi apenas “francês”; Zola, escritor mundialmente conhecido, participou ativamente do debate. Tratando neste trabalho, especialmente no capítulo 3, de um tribunal formado por intelectuais, cabe destacar uma particularidade: os intelectuais desejavam alcançar um certo impacto público, essa era sua meta, mas o que lhes conferia sua autoridade era, de modo paradoxal, a distinção de seu ofício, enquanto homens letrados e dedicados ao pensamento – enquanto grupo distinto dos demais trabalhadores da sociedade; e o status

¹⁸ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales – notas de investigación sobre una tribu inquieta*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2013, p. 21.

próprio decorrente dessa distinção, acionando Pierre Bourdieu, seu capital simbólico, era empenhado em causas que julgassem justas. No caso do Tribunal Russell II, uma articulação jurídico-político-econômica pelo direito dos povos, contra as violações de direitos humanos e contra a precarização do trabalho – mecanismo que possibilitou, em determinado contexto econômico e político, um quadro de superexploração levado a cabo pelas empresas multinacionais. Altamirano, quando fala sobre a autoridade do intelectual, diz que eles “(...) afirmavam sua autoridade, uma autoridade diferente da autoridade política e seus órgãos, uma espécie de tribunal dos homens de cultura. De onde procedia essa autoridade? Da reputação adquirida como escritor, erudito, cientista ou artista, e/ou dos diplomas universitários”¹⁹.

A escolha pela imersão biográfica se dá justamente porque permite sondar a ação humana, como relacioná-la e confrontá-la com formas de pensar, sentir e agir, que geram distintas estratégias e escolhas, sobretudo escolhas em meio a este país estranho que é o passado²⁰.

Esse esclarecimento é, de todas as necessidades que esse trabalho coloca, a mais urgente, a que precisa chegar antes à leitora ou leitor que aqui segue, tendo em vista que aqui se apresenta menos uma biografia do que a escolha de um historiador pelo gênero biográfico. Através dessa escolha tentaremos suscitar questões ligadas à América Latina, ao tumultuado e breve século XX, à função dos intelectuais no decorrer de alguns significativos (selecionados) tumultos, e, por meio da senda subjetiva do relato biográfico, compreender de que maneira um ex-professor, tradutor e vendedor de ficções nascido na Bélgica, cravado no Rio da Prata e radicado em Paris torna-se um saudoso descobridor da

¹⁹Ibid., p. 20.

²⁰Referência a “*O passado é um país estranho*”, nome de um dos capítulos de “*Lugar de dúvidas: sobre a prática da análise histórica: brevíário de inseguranças*”. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 33, livro do prof. Renán Silva (Universidad de Los Andes), que inicia o capítulo mencionado com o título do livro *The past is a foreign country*, de 1985, do historiador e geógrafo David Lowenthal.

América Latina, em uma trajetória complexa, carregada de silêncios, experimentações, polêmicas, recuos e conformações, conformando inusitadas experiências de compromisso político.

2. Julio Cortázar e a política: itinerários

2.1 Alguns passos no rastro do Cortázar “político”

Há uma grande dose de arbitrariedade ao traçar a trajetória de um intelectual, pontuar a cronologia de seu interesse pelo político e, de algum modo, a intensidade de seu engajamento. No caso de Julio Cortázar poderíamos tomar como marco inicial, não sem incorrer nesse risco arbitrário, 1963, quando viaja à Cuba para tomar parte, como jurado convidado, no prêmio literário de *Casa de Las Américas*. Isso poderia suscitar a ideia de que, antes dessa data, Cortázar tivesse um comportamento apolítico. Inclusive defini-lo assim, apolítico, não resolveria o problema, uma vez que o silêncio ou a indiferença a determinados temas, em determinadas épocas, é uma postura tão política quanto aquelas que decorrem do voluntarismo e do engajamento. E, chama ainda mais atenção quando a atribuição apolítica faz parte da própria construção que o sujeito faz de si, operação que revela a intenção de dar relevo a determinados elementos em detrimento de outros (esquecimentos seletivos), como é o caso de, ao afirmar-se apolítico em determinadas épocas de sua vida, Cortázar quisesse fazer sobressair a irrupção de seu compromisso político, fazê-lo soar mais fantástico, mais dourado. Essa construção de si fica mais evidente em discursos não ficcionais, tais como as entrevistas – entendidas como veículos de consagração da opinião e da autoimagem, sendo primordial considerar quem está entrevistando e quando isso está sendo feito, para entendermos o procedimento ativado pelo escritor na construção que faz de si, e, nesse caso, tomando como principal critério a relação de Cortázar com o “político”. Mas o que é o “político”?

Apontar para uma definição do “político” parece problemático, principalmente por questões de escala, como precisá-lo? O político está na política? No estado ou no indivíduo? Na estrutura ou na agência? Fora do espaço das dicotomias falaciosas, podemos recorrer a René Rémond quando afirma que “se o político é uma construção abstrata, assim como o econômico ou o social, é também a coisa mais concreta com que todos se deparam na vida, algo que interfere na sua atividade profissional ou se imiscui na sua vida privada”²¹. É uma definição ampla, na qual o político encontra sua concretude na realidade

²¹RÉMOND, René. “Do político”, in: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 441-

material cotidiana, individual ou coletiva, ao mesmo tempo em que, em seu caráter abstrato, congrega, reúne ou afasta grupos na disputa pelo poder político. Diante de tamanha amplitude, cabe também refinar o uso do termo, quando seja utilizado “política” ou “político”, para o que contamos com a concepção de Chantal Mouffe, que afirma:

“entendo por 'o político' a dimensão de antagonismo que considero constitutiva das sociedades humanas, enquanto entendo por 'política' o conjunto de práticas e instituições por meio das quais uma ordem é criada, organizando a coexistência humana no contexto conflituoso produzido pelo político”
(MOUFFE, 2015, p. 8)²²

E tal distinção é útil na abordagem que é feita aqui a um escritor-intelectual que observamos ter sido político, ainda que em variados graus de intensidade, desde seus primeiros escritos sem que, necessariamente isso resultasse em seu envolvimento com a política – o que se verifica em determinadas épocas mais do que em outras, mas está longe de ser um valor nulo. Não é uma discussão exatamente nova, mas, por outro lado, parece não perder atualidade a definição de Aristóteles:

A razão pela qual o homem, mais do que uma abelha ou um animal gregário, é um ser vivo político em sentido pleno, é óbvia. A natureza, conforme dizemos, não faz nada ao desbarato, e só o homem, de entre todos os seres vivos, possui a palavra. Assim, enquanto a voz indica prazer ou sofrimento, e nesse sentido é também atributo de outros animais (cuja natureza também atinge sensações de dor e de prazer e é capaz de as indicar) o discurso, por outro lado, serve para tornar claro o útil e o prejudicial e, por conseguinte, o justo e o injusto (...)²³
(ARISTÓTELES, 1998, p.55)

E dizemos isso para, então, confrontarmos uma certa ideia de “escritor apolítico”

450 (Esta é a 2ª edição em português, a primeira é de 1996. A primeira edição original, em francês, é de 1988.)

²²MOUFFE, Chantal. *Sobre o político*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

²³ARISTÓTELES. *Política*. Lisboa: Vega, 1998. (Tradução do grego de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes).

que acompanha em alguma medida a trajetória de Cortázar. Muito se escreveu sobre Cortázar, desde os anos 1950 até os dias de hoje. É de se destacar, nos anos 1950, a abordagem feita pelas críticas literárias argentinas Ana María Barrenechea e Emma Speratti-Piñero em seu livro de 1957, *La literatura fantástica de Argentina*²⁴, incluindo o autor de *Bestiario* junto a Leopoldo Lugones, Horacio Quiroga, Jorge Luis Borges e Macedonio Fernández. Sobre o estudo de Barrenechea sobre Borges e a preparação da antologia sobre literatura fantástica argentina, comenta Cortázar, em 1954 de 1954: “depois de Eva Perón, Borges tornou-se o argentino mais popular na França (talvez junto a Fangio, para sermos justos, ou apenas meio carro atrás)” e também que “que bom que você e Emma (...) se ocupem de temas tão fascinantes como Lugones, Quiroga e Cortázar. Muito bem, digo isso em nome dos três, e não me esqueço, decerto, de Macedonio”²⁵.

2.1.1 Estudos críticos sobre Julio Cortázar

Inúmeros estudos de crítica literária abordaram Cortázar e seus escritos, em épocas e de locais muito variados, entre os anos 1950 à década atual, desde Madrid, Reino Unido, Edimburgo, Buenos Aires, Barcelona, Cidade do México, São Paulo, Poitiers, etc. Além dos estudos citados anteriormente, o arco dos estudos críticos cortazarianos é extenso e vai de *Los Nuestros* (1966), de Luis Harss, livro que referencia o *boom* literário latino-americano e elenca seus protagonistas em entrevistas (Cortázar incluso), durante o transcurso do próprio *boom*, fenômeno literário-social que abordaremos adiante; passando por *Cortázar y el hombre nuevo*, (1968) e *Julio Cortázar, razón y revelación* (2014), de Graciela Maturo (o primeiro título foi publicado com seu sobrenome de casada, Graciela de Sola), *Cortázar: una antropología poética* (1968), de Néstor García Canclini, *Sobre Cortázar* (1969), de José Amícola, *Cortázar: la novela mandala* (1972), de Lida Aronne de

²⁴Publicado originalmente pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Para mais detalhes sobre a trajetória de Barrenechea, que publicou, também em 1957, um estudo crítico de referência sobre Borges, como resultado de sua tese de doutorado, *La expresión de la irrealidad en la obra de Borges*. Também publicou, em 1983, Cuaderno de Bitácora de Rayuela, estudo feito a partir das anotações de Cortázar ao longo da escrita de O jogo da amarelinha. Para mais detalhes sobre Barrenechea, cf. CORRAL, Rose. *Ana María Barrenechea y su “circunstancia mexicana”* e também CROCE, Marcela. *Ana María Barrenechea, fundadora de objetos críticos*. Ambos artigos aparecem em: *Homenaje a Ana María Barrenechea*, Cuadernos LIRICO (online) – *Revista de la red universitaria de estudios sobre las literaturas rioplatenses em Francia*, nº 9, setembro de 2013. < <http://lirico.revues.org/1081> >, consultado em janeiro de 2017.

²⁵CORTÁZAR, Julio. *Cartas 1937-1954, vol. 1*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, p. 552. Carta a Ana María Barrenechea, datada de Paris, 21 de setembro de 1954

Amestoy, *O escorpião encalacrado* (1973), de Davi Arrugucci Jr, *Julio Cortázar: una búsqueda mítica* (1973), de Saúl Sosnowski, *Julio Cortázar e ¿Es Julio Cortázar un surrealista?* (ambos de 1975), de Evelyn Picón Garfield, *The final island: the fiction of Julio Cortázar* (1978; editado em espanhol, *Julio Cortázar: la isla final*, em 1983) e *Hacia Cortázar: aproximaciones a su obra* (1994), ambos de Jaime Alazraki, *The novels of Cortázar* (1980), de Steven Boldy, *Julio Cortázar, mundos y modos* (1997), de Saúl Yurkievich, *Imagen de Julio Cortázar* (2004), de Claudio Martyniuk; e sobre sua trajetória biográfica temos *El joven Cortázar* (1993), de Nicolás Cócaro, *Cortázar en Chivilcoy: 1939-1944* (1997), Gaspar Astarita, *Julio Cortázar, profesor en Bolívar* (2003), de Felipe Martínez Pérez, *Julio Cortázar y Cris* (2014), da poeta uruguaia Cristina Peri Rossi, até os estudos biográficos feitos por Miguel Herráez, *Julio Cortázar, una biografía revisada* (2011) e *Dos ciudades en Julio Cortázar* (2006), em que ganha relevância o espaço geográfico – os deslocamentos são fundamentais para compreender Cortázar –, tal como procede Diego Tomasi em *Cortázar por Buenos Aires, Buenos Aires por Cortázar* (2013), em minuciosos passos no rastro de Cortázar pela cidade portenha – onde há um calendário fixo de debates, mesas e palestras sobre Cortázar, por exemplo, no *Café Cortázar* (entre os bairros portenhos de Palermo e Villa Crespo).

A mais recente biografia do escritor, *Julio Cortázar, el cronopio fugitivo* (Edhasa, 2015) foi recebida com certo furor pela imprensa: *Cortázar al desnudo*, esse²⁶ é o título para uma das entrevistas com o autor, o jornalista catalão Miguel Dalmau. O *La Razón*, que também entrevistou Dalmau, por sua vez, destaca no título da entrevista uma das frases do jornalista: *Cortázar era un Benjamin Button en el sexo*²⁷. Dalmau atribui o caso Padilla (sobre o qual falaremos adiante), significativo evento que, entre 1968 e 1971 causa divergências entre a intelectualidade pró-Cuba e o governo cubano ao que seriam tentações totalitárias de Fidel e se detém, na maior parte do livro, a explicar as tramas dos contos e romances de Cortázar por uma via pretensamente psicanalítica, construindo um perfil biográfico fundado em temas como incesto, dependência excessiva da figura materna – o que teria refletido em seus três relacionamentos amorosos mais estáveis. Dá demasiado

²⁶Entrevista publicada em 2 de outubro de 2015 em *El Cultural* (online), suplemento do jornal espanhol *El Mundo*. Disponível em <<http://www.elcultural.com/revista/letras/Cortazar-al-desnudo/37008>>. Acessado em janeiro de 2017.

²⁷Entrevista publicada em 3 de outubro de 2015 em *La Razón* (online), de Madrid. Disponível em: <<http://www.larazon.es/cultura/miguel-dalmau-cortazar-era-un-benjamin-button-en-el-sexo-NO10875967>>. Acessado em janeiro de 2017.

peso à detalhes pitorescos da vida amorosa e sexual do escritor, afirmando que o “Cortázar com barba” era produto de um tratamento hormonal que deixou como marcas principais a espessa barba e o aumento de sua libido nos anos 1970, década que assinala o Cortázar sexagenário. Em 640 páginas, Dalmau, que teve acesso a um vasto conjunto de fontes, destaca polêmicas pessoais e recorre a determinismos explicativos em detrimento de restituir Cortázar em sua complexidade, nas contradições de seus itinerários políticos e intelectuais. Poderíamos argumentar a Dalmau que, por outro lado, nem todos que fizeram tratamentos hormonais escreveram como Cortázar.

Uma abordagem interessante a Cortázar foi proposta pelo também espanhol Jesús Marchamalo em *Cortázar y los libros* (Fórcola, 2011), pesquisa que se deteve nos itens da biblioteca pessoal de Cortázar, sob os cuidados da *Fundación Juan March*, em Madrid. Marchamalo, em 109 páginas, traça um percurso paratextual que abarca notas manuscritas, correções à edição cubana de *Paradiso* (1966, Ediciones Unión), obra das mais celebradas pelo “Cortázar leitor”, e que rende um “por que tantas erratas, Lezama?” na última página; ou em *Confieso que he vivido*, autobiografia póstuma do poeta chileno Pablo Neruda, editada por sua viúva, a cantora e escritora chilena Matilde Urrutia Cerda, e pelo escritor venezuelano Miguel Otero Silva. Parecendo exausto por tantas correções, diz Cortázar: “*Che, Otero Silva, qué manera de revisar el manuscrito, carajo!*”²⁸. Marchamalo contribui mais para compreendermos Cortázar do que faz Dalmau – que, em trabalho muito mais extenso pouco realiza para tentarmos compreender Cortázar em suas nuances, tanto mais longe ainda de uma abordagem séria ao Cortázar “político”. De positivo em Dalmau fica o dimensionamento que confere à atuação profissional da lituana Ugné Karvelis, agente literária da francesa *Éditions Gallimard* entre 1959 e 1983, sendo responsável pelas edições de autores latino-americanos e do leste europeu na França, como o tcheco Milan Kundera, fossem publicados em francês – de todo modo, Ugné é melhor dimensionada na biografia feita por Mario Goloboff, em que, inversamente a Dalmau, os problemas da companheira de Cortázar com o alcoolismo receberam menor destaque que sua parcela de influência tanto em um maior interesse de Cortázar pelo político e pela política quanto no papel que desempenhou quanto ao aumento da difusão internacional da obra de ficção de Cortázar²⁹.

²⁸Ambos trechos foram reproduzidos de MARCHAMALO, Jesús. *Cortázar y los libros*. Madrid: Fórcola Ediciones, 2011, p. 22.

²⁹GOLOBOFF, Mario. *Cortázar: notas para uma biografia*. São Paulo: Editora DSOP, 2014, pp. 156-159.

2.1.2 Unidade essencial ou unidade existencial?

Duas características, contudo, nos fazem aproximar dois estudos sobre Cortázar; uma delas é o caráter biográfico-literário dos trabalhos, que constroem trajetórias e trazem críticas internas sobre os escritos de Cortázar, e também a perspectiva de “unidade essencial” que trazem sobre o sujeito-objeto estudado. É o que aproxima *Julio Cortázar, la biografía*, de Mario Goloboff e *A construção do político em Julio Cortázar*, de Carolina Orloff³⁰, nos quais vigora a ideia de “unidade essencial” em sua trajetória. Orloff levanta a ideia na introdução de seu livro, citando a Goloboff:

Em seu caminho de apreensão dos contextos cotidianos, interpessoais, sociais, podem ser distintas as abordagens. Isso não autoriza a sustentar, como se costuma fazer (...) que houve em Cortázar dois períodos ou atitudes textuais diferentes, quase opostas, senão que, sobre a base de uma unidade essencial em sua preocupação, há manifestações diversas, talvez de outro signo, mas não radicalmente distintas³¹

(GOLOBOFF *apud* ORLOFF, 2015)

O trabalho de Orloff centra seu argumento na crítica das primeiras ficções de Cortázar: os romances póstumos *Divertimento*, *El Examen* e *Diario de Andres Fava*³²; e em

³⁰A biografia de Cortázar feita pelo professor de literatura e crítico literário argentino Mario Gerardo Goloboff, professor da *Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación* da Universidad Nacional de La Plata (UNLP), *Julio Cortázar, la biografía*, 1998, é tida, por conta de sua abrangência panorâmica e intensidade analítica, como a principal referência biográfica do escritor. Foi publicada em português em 2014, ano do centenário de Cortázar, com o título *Cortázar, notas para uma biografía*. A tese de doutorado de Carolina Orloff (*Representations of the political in selected writings of Julio Cortázar*, 2009), PhD em Literatura Latino-Americana pela Universidade de Edimburgo, Escócia, foi publicada no Reino Unido, como livro, em 2013. Em 2014 foi publicada em espanhol, pela argentina Ediciones Godot e, em 2015, a versão eletrônica do mesmo livro.

³¹ORLOFF, Carolina. *La construcción de lo político en Julio Cortázar*. Buenos Aires: EGodot Argentina, 2015 (livro digital), posição 10-11/44. A posição de Goloboff aparece em “En Cortázar no hay dos épocas”, *Clarín: Revista de Cultura*, 10 de novembro de 2007, p.5.

³²*Divertimento*, concluído em 1949, é um romance que traz temas cortazarianos que se consolidariam em escritos posteriores: personagens que se reúnem em um grupo, o *Vive como puedas*, em que se discute sobre arte, literatura, pintura e música. Em *El Exámen*, concluído em 1950, veremos um círculo de personagens esperando por um exame final e divagando sobre literatura, filosofia e arte enquanto perambulam por uma assustadora e enevoada Buenos Aires, marcada pelas transformações sociais decorrentes que desembocaram no peronismo enquanto tradição política e movimento de massas, o que está significativamente representado neste romance. *Rayuela* traria, por sua vez, o *Club de la Serpiente*, do qual fazem parte o protagonista Horacio Oliveira, a Maga, o pintor Étienne, o casal Ronald e Babs (ele músico, ela ceramista), o chinês Wong e o romeno Ossip Gregorovious, que se reúnem para beber, debater sobre filosofia, arte, literatura, e escutar jazz. *Diario de Andres Fava* foi escrito, originalmente, como parte de *El Examen*, correspondendo às

seus três romances publicados em vida, *Los Premios* (1960), *Rayuela* (1963) e *Libro de Manuel* (1973). Orloff situa a presença do peronismo nessas obras, como ambiência política e social, traduzida pela presença dos cabecitas negras, da adesão popular massiva a Juan Domingo Perón (significativamente expressa pelo 17 de outubro de 1945, na Plaza de Mayo), na Buenos Aires algo fantasmagórica para os protagonistas de *El Exámen*, que circulavam por uma cidade cada vez mais tomada por uma névoa espessa e por incômodos visitantes (“à noite chegou um trem de Tucumán com mil e quinhentos operários”³³) que realizam um ritual de adoração a um pedaço de osso. O peronismo aparece enquanto parte indissociável desse Cortázar “político” que posteriormente se encantaria pela Revolução Cubana e pela Nicarágua Sandinista. Ainda quanto à divisão ou unidade da trajetória de Cortázar, Orloff também ressalta que:

Levando em consideração que o próprio Cortázar fomentava a interpretação de sua obra como estando marcada pela divisão dupla entre o apolítico e o político, o marco biográfico também é chave para elucidar algumas contradições existentes em meio à autoconstrução de Cortázar, que resultou ser sumamente convincente para muito biógrafos, assim como para muitos críticos literários.³⁴

(ORLOFF, 2015)

Precisamente o receio de que esse expediente tão poderoso, o de dividir, incorra na deformação daquilo que tanto perseguimos, enquanto historiadores, nesse trabalho que “é fazer uma restituição de complexidades”³⁵, a “possibilidade de fazer reviver ou de ‘ressuscitar um passado’ (...), restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram”³⁶, é preciso cautela ao pontuar trajetórias – como também nos alerta Pierre Bourdieu em um conhecido ensaio sobre os problemas de conceber uma

reflexões do protagonista do romance, Andrés Fava. *Diario de Andres Fava* traz relatos curtos à maneira de *Un tal Lucas* (1979). *Divertimento* e *El Exámen* foram publicados em 1986 pela Sudamericana, e *Diario de Andres Fava* foi publicado pela Alfaguara em 1995.

³³CORTÁZAR, Julio. *O Exame Final*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 56. Tradução de Fausto Wolff.

³⁴ORLOFF, Carolina. Op. Cit., pos. 16-17/44.

³⁵SIRINELLI, Jean-François. “Sem mocinhos nem bandidos”: entrevista a Bruno Garcia. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 90, março de 2013, pp. 48-53.

³⁶CERTEAU, Michel de. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 27. Em “III. A história, discurso e realidade”, pp. 26-38.

vida como “um todo, um conjunto coerente e orientado”³⁷. Assim, a partir da ideia de “unidade essencial”, estabelecida por Goloboff e reforçada por Orloff, para conceber a presença do político na trajetória de Cortázar, observamos que a ideia de unidade essencial traz dois termos que se reforçam mutuamente, de maneira centralizadora: a existência de uma certa coesão quanto a uma essência, algo que existe *a priori* e que acabaria sendo confirmado ou não através das contingências, das escolhas. O que propomos aqui é que se podemos compreender a trajetória de Cortázar (tal como compreendemos o conceito de “trajetória”, exposto no capítulo 1) enquanto uma unidade, ressaltando nisso a produção discursiva atrelada a seu nome e sobrenome, só podemos fazê-lo admitindo que se trata de uma unidade existencial. Sendo assim, a ideia de unidade existencial nos serve para compreender melhor o cenário de possibilidades em que o escritor, enquanto sujeito, fez determinadas escolhas – em detrimento de outras, refletindo a posição que ocupava ou buscava ocupar dentro do campo literário latino-americano. A própria noção identitária de “latino-americano” aparece em Cortázar antes mesmo da entrada vitoriosa das tropas do exército rebelde em Havana, nos primeiros dias de janeiro de 1959, como veremos adiante.

Em resumo, se há unidade, ela se dá em torno de um volume de produção discursiva que envolve cartas, ensaios, crônicas e demais escritos de ficção (contos, romances, relatos breves, novelas) reunidos sob um nome de autor; e dessa unidade dizemos existencial para contrabalancear essa ideia de unidade, pontuando que a presença do político em Cortázar, embora nunca estivesse ausente, apresentou-se em graus variáveis de intensidade e envolvimento, cuja materialidade buscamos examinar. Assim, essa perspectiva confere destaque às escolhas feitas por Cortázar, nos planos profissional, literário e político, uma vez que essas três instâncias não apareciam dissociadas no processo de acomodação no interior do campo literário latino-americano ao longo dos anos 1960 e 1970. Sendo assim, é importante observarmos os sentidos que Cortázar atribui à própria trajetória e à própria obra, bem como suas escolhas profissionais e literárias, que denotam táticas individuais empreendidas no sentido de alinhar-se com as estratégias³⁸ próprias da dinâmica do mercado editorial, em busca de notoriedade e reconhecimento do público e de seus pares – em um período em que as batalhas dos intelectuais na esfera da

³⁷BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”, in: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV (8ª edição), p. 184.

³⁸Tomadas aqui as noções de estratégia e tática desenvolvidas em CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, volume 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, pp. 97-102.

linguagem e da estética (e que ocorriam simultaneamente às instalações de guerrilhas pela América, Ásia e África) era parte constitutiva de um meio intelectual cujo vocabulário político e posições públicas eram, basicamente, de esquerda, e que, a partir de 1959, teve convergência em Havana e na Revolução Cubana.

2.1.3 Cortázar delimita o Cortázar apolítico

Essas ressalvas são cruciais na medida em que, tendo-se como objeto um sujeito, essas delimitações podem acabar sendo compradas pelo historiador, pelo biógrafo ou quem quer que esteja a pesquisar uma trajetória individual, especialmente pelo fato de que um indivíduo não descuida de produzir suas próprias versões sobre si mesmo – algo feito recorrentemente pelo próprio Cortázar, ação que pode ser percebida como uma forma importante de marcar posição dentro de um campo intelectual e em uma época que a politização e o compromisso político eram elementos importantes para obter o reconhecimento do público e dos pares. Assim, era conveniente que, às custas de apresentar-se como escritor engajado em determinado período, ele caracterizasse a si próprio como apolítico ou, pelo menos, como dono de uma visão política incompleta, conferindo à Revolução Cubana o papel de marco fundacional de seu compromisso político. Essa mediação autobiográfica é feita de maneira marcadamente cortazariana.

Tomemos como exemplo expressivo dessa mediação autobiográfica o recorte feito pelo próprio Cortázar a seus alunos em um curso sobre literatura latino-americana ministrado na Universidade da Califórnia, na sede de Berkeley, no último trimestre de 1980. Cortázar fora convidado pelo professor e folclorista peruano José Durand Flórez, docente em Berkeley, e seu trabalho lá consistiu em aulas, das 14 às 16 horas, todas as quintas, e em atividades de orientação às segundas e sextas, das 9:30 h às 12 h. Logo na primeira aula, intitulada “Os caminhos de um escritor”, ele expõe que:

Ao longo de meu caminho de escritor acho que passei por três etapas muito bem definidas: uma primeira etapa que eu chamaria estética (...), uma segunda etapa que chamaria metafísica e uma terceira etapa, que chega até os dias de hoje, que poderia chamar histórica.

(CORTÁZAR, 2015, p. 14)³⁹

³⁹CORTÁZAR, Julio. *Aulas de Literatura: Berkeley, 1980*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

De acordo com o próprio Cortázar, a fase estética se estende até 1959 e é marcada por preocupações estetizantes, refletidas nos poemas e contos que publica até esse ano. Esse marco é colocado, ainda segundo ele, porque é a data de publicação de *As armas secretas*, que contém o por conto *O perseguidor*, apontado como ponto de virada em sua trajetória por denotar um interesse pelo “próximo” que até então seus escritos de ficção não tinham verificado. O protagonista do conto, um músico de jazz chamado Johnny Carter, é inspirado no lendário saxofonista Charlie Parker., morto em 1955. Diz Cortázar sobre *O Perseguidor*, na mesma aula:

Na grande solidão em que vivia em Paris, de repente foi como estar começando a descobrir o meu próximo na figura de Johnny Carter, esse músico negro perseguido pela desgraça, cujos balbucios, monólogos e tentativas eu inventava ao longo do conto. (...) Por esse caminho entrei nisso que, com um pouco de pedantismo, chamei de etapa metafísica (...) (Ibid. pp. 18-19)

Situando a “etapa histórica” a partir de 1961⁴⁰ (assim encerrando a “etapa metafísica” entre 1959-1961), Cortázar afirma que chegou a ela por “caminhos curiosos, estranhos, e ao mesmo tempo um pouco predestinados”, para em seguida apontar que acompanhara de perto eventos-chave da política internacional, como a guerra de libertação da Argélia (1954-1962) e a Revolução Cubana (1959), e que isso fora determinante para assinalar que:

Nesse momento, por uma espécie de brusca revelação – e a palavra não é exagerada –, senti que não era só um argentino: era um latino-americano, e esse fenômeno de tentativa de libertação e de conquista de uma soberania a que eu acabava de assistir era o catalisador, o que me havia revelado e demonstrado que eu não era apenas um latino-americano que estava vivendo isso de perto, mas que também implicava em uma

⁴⁰Diz Cortázar: “Fui a Cuba pela primeira vez em 1961 como membro do júri de Casa de Las Américas” (Ibid. p. 22). Creio que aqui se engana Cortázar quanto ao ano. Baseando-me no volume de suas correspondências enviadas entre 1955-1964, não consta, no período anterior a 1961 ou no referido ano quaisquer menções a uma possível ida à Cuba ou relato sobre sua estadia na ilha. Diferentemente da viagem de janeiro-fevereiro de 1963 à Cuba, referida antes e depois de ter estado lá por quase um mês.

obrigação, um dever (Ibid. pp. 22-23)

Chama bastante atenção que, em um trecho tão curto o verbo “revelar” seja acionado duas vezes para marcar sua transição em direção à “etapa histórica”, marcadamente política. Assim, na operação cortazariana de construção de si mesmo, a ideia de “brusca revelação” reforça a ideia da Revolução Cubana enquanto evento histórico que desperta, de maneira estanque, o Cortázar “político”. Em um curso para estudantes de graduação em literatura que, em grande medida, tratou de seus contos, romances e textos teóricos, Cortázar apresentou, de maneira organizada e sistemática, uma versão convincente – e algo fantástica – de sua própria trajetória. Essas versões de si ajudam a perpetuar ou desfazer impressões gerais e, no caso de Cortázar, expressam uma significativa tentativa de remanejar, *a posteriori*, os pesos e medidas de seu envolvimento com a política.

Em outra ocasião, numa extensa entrevista feita pelo jornalista uruguaio Omar Prego Gadea, Cortázar traça um pequeno panorama autobiográfico quando perguntado sobre seu “compromisso político” e ter sido lembrado sobre sua “atitude claramente antiperonista na Argentina”:

(...) foi uma atitude política que se limitava – como as atitudes políticas da maioria dos meus amigos e do pessoal da minha geração – à expressão de opiniões num terreno privado e no máximo num café, entre nós, mas que não se traduzia em qualquer militância. Em me sentia antiperonista mas nunca integrei grupos políticos ou grupos de pensamento ou de estudo que pudessem fazer alguma espécie de prática desse antiperonismo. Nessa época tudo ficava na opinião pessoal, no que você pensava. E curiosamente isso satisfazia a quase todos nós, achávamos suficiente. Veja a nossa posição durante a guerra civil espanhola e durante a Segunda Guerra Mundial. Num caso, claro, estávamos a favor dos republicanos, mas nenhum de nós foi combater como voluntário na Espanha nem atuou politicamente em associações republicanas na Argentina. E, naturalmente durante a Segunda Guerra Mundial éramos todos antinazistas, mas esse antinazismo nunca se traduziu em qualquer militância. Esta existia, e se podiam fazer coisas no plano prático. Digamos então que as minhas opções políticas já estavam feitas e tendiam

para a esquerda, mas não passavam de opinião; na verdade era um ponto de vista que não se diferenciava de muitos dos pontos de vista que eu podia ter sobre literatura ou filosofia.

(CORTÁZAR & GADEA, 2014, pp. 169-170)⁴¹

Nesse caso, ao ser entrevistado por Gadea, jornalista de esquerda, colaborador do semanário uruguaio *Marcha*⁴² (de forte caráter latino-americanista e anti-imperialista), a construção *a posteriori* do passado de Cortázar chega ao ponto de dizer, sobre suas posições políticas pré-Revolução Cubana, marcadas por um baixíssimo grau de envolvimento, que “tendiam para a esquerda”. Não deixamos de observar que a posição política de seus interlocutores exerce influência na versão de si apresentada por Cortázar. Alguns anos antes, em 1970, Cortázar concedeu entrevista a Paco Urondo, escritor e guerrilheiro argentino que havia militado nas FAR (*Fuerzas Armadas Revolucionarias*, organização armada cuja ação se baseava na guerrilha urbana, surgida durante a ditadura de Juan Carlos Onganía) e também nos *Montoneros* (organização armada da esquerda peronista). Urondo cometeu suicídio, em Mendoza, quando foi emboscado pela repressão em junho de 1976, seis anos após a entrevista com Cortázar, publicada na revista *Panorama* em novembro de 1970. A revista trazia Cortázar na capa, em foto feita no centro de Buenos Aires, com o destaque: *entrevista exclusiva: Cortázar y la política*, e o testemunho do escritor aparecia com o título *Julio Cortázar: el escritor y sus armas políticas*.

Naquele ano, 1970, Cortázar regressava à Argentina após um hiato de oito anos; sua passagem por Buenos Aires acontecia após ter comparecido à posse de Salvador Allende no Chile, no dia 3 de novembro. Quando perguntado sobre suas memórias da Argentina na juventude, responde Cortázar:

⁴¹CORTÁZAR, Julio & GADEA, Omar Prego. *A fascinação das palavras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

⁴²O semanário *Marcha* foi fundado por Carlos Quijano, advogado e jornalista uruguaio, em 1939. *Marcha* se desdobrou nos *Cuadernos de Marcha* (criados em 1967), mensais, destinados a análises temáticas sobre temas históricos, filosóficos ou literários, em tiragem mensal, e na *Biblioteca de Marcha* (criada em 1969), destinada a divulgar textos de escritores latino-americanos como Mario Benedetti, Juan Carlos Onetti, Alejo Carpentier e Gabriel García Márquez. O semanário saiu de circulação em junho de 1974, censurado pela ditadura de Juan María Bordaberry, que encabeçou um golpe de Estado no Uruguai em junho de 1973. Para um estudo de grande fôlego sobre *Marcha*, cf. BASSO, Luisa Pereira. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia lanoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001.

Desde o princípio, sempre foi para mim uma questão de instinto, muito antes de ter consciência política quando escrevia meus primeiros contos, quando era o jovem liberal antiperonista, bastante refinado, totalmente distante do destino da América Latina e inclusive de meu próprio povo. Porém, a linguagem de meus primeiros contos é uma linguagem de busca de contato num plano estritamente literário. Um conto a que guardo algum carinho, *Las puertas del cielo*⁴³, onde se descrevem aqueles bailes populares do *Palermo Palace*, é um conto reacionário; isso me disseram muitos críticos com certa razão, porque faço ali uma descrição dos que se chamavam os cabecitas negras nessa época, o que é, no fundo, muito pejorativo; os qualifico assim e falo inclusive dos monstros, digo 'vou até lá à noite para ver chegar os monstros'. Esse conto está feito sem nenhum carinho, sem nenhum afeto; é uma atitude realmente de antiperonista branco diante da invasão dos cabecitas negras. (...) Esse conto me conectou com uma realidade argentina da qual eu não tinha consciência (CORTÁZAR, 1970, p.50)⁴⁴

Nesse caso, quanto às próprias posições políticas durante o peronismo, Cortázar afirma não ter, à época em que escrevera os contos de *Bestiário* (1951), consciência daquela realidade argentina. É oportuno retomar, aqui, uma pergunta formulada pelo escritor e crítico literário Carlos Gamerro sobre o posicionamento de Cortázar nessa entrevista a Urondo, quanto ao peronismo e aos *cabecitas negras*⁴⁵: “por que o autor se encarrega dos sentimentos e atitudes do personagem?”⁴⁶. Gamerro em sua hipótese quanto a essa construção discursiva, diz acompanhar a David Viñas: a construção da mitologia

⁴³Nesse conto, publicado em *Bestiário* (1951), a narração é desenrolada pelo personagem Marcelo Hardoy, um advogado elitista que vai visitar um cliente, Mauro, comerciante no *Abasto*, por conta da morte de sua esposa, Celina, ex-dançarina em um cabaré. Pode-se perceber na narrativa uma estrutura social que põe Mauro como intermediário entre sua esposa, Celina, e Marcelo. Celina, que desfrutava dos bailes populares do Santa Fé Palace, onde iam os *cabecitas negras*. O fantástico irrompe ao final, quando Marcelo vê Celina dançando, “bebendo o tango com todo o rosto que uma luz amarela de fumaça desdizia e alterava”, “num céu só dela” (CORTÁZAR, Julio. *Bestiário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 116.). Sobre a trajetória literária de Cortázar nos anos do peronismo clássico, cf. CARVALHO, Marco Antonio Serafim de. *Julio Florencio se torna Cortázar: o peronismo visto através da literatura, 1946-1956*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFF (PPGH-UFF), março de 2014.

⁴⁴CORTÁZAR, Julio. *Julio Cortázar: el escritor y sus armas políticas* (entrevista a Paco Urondo). Buenos Aires, *Revista Panorama*, nº 187, ano VIII, 24-30 de novembro de 1970, pp. 44-50.

⁴⁵Maneira depreciativa a como eram referidos os trabalhadores oriundos das províncias ao norte de Buenos Aires, fenotipicamente marcados pelos cabelos negros e pele mais escura que dos habituais portenhos e que ocupam cada vez mais a capital durante as décadas de 1940 e 1950.

⁴⁶GAMERRO, Carlos. *Julio Cortázar, inventor del peronismo*, in: KORN, Guillermo & VIÑAS, David (et al.). *El peronismo clásico (1945-1955): descamisados, gorilas y contreras*. Buenos Aires: Paradiso: Fundación Crónica General, 2007, p. 49.

peçoal cortazariana estava à sombra de um personagem carismático, bravo e altruísta, o comandante guerrilheiro e médico argentino Ernesto Che Guevara; também como ele, Cortázar, argentino afastado de seu país, e, tendo encarado um exílio libertador, transforma o próprio olhar sobre a própria terra. Em resumo, o itinerário autobiográfico construído por Cortázar nesses testemunhos toma a seguinte forma: comportamento apolítico/incompreensão do fenômeno político (peronismo) – ida a Paris – contato com Cuba (e tal como a ocorrência do fantástico em seus escritos, a Revelação Cubana ativa um desdobramento insuspeito em seu próprio cotidiano, de modo revelador e surpreendente) – concepção da função social do escritor enquanto intelectual a serviço de uma causa política, sem a qual seu próprio ofício não se realiza por completo.

2.1.4 Rastros políticos na produção discursiva cortazariana

No intuito de melhor compreender o político em Cortázar, para além da visão sobre si apresentada por ele mesmo, essa em que prevalece a ideia de “escritor apolítico” antes da Revolução Cubana e, após esse marco político, sua caracterização enquanto “escritor engajado politicamente”, podemos visitar parte de sua produção discursiva (ficção e não-ficção) e observar algumas nuances.

Em 16 de junho de 1935, Cortázar, então com 20 anos e aluno do 7º ano em Letras, pronuncia um discurso por ocasião do 61º aniversário da Escuela Normal de Profesores Mariano Acosta⁴⁷. Diz, no discurso:

O aniversário que hoje comemoramos nos surpreende em momentos de alegria e aflição simultâneos. Faz três dias, as mãos dos homens de estado tornaram realidade ao anseio que oprimia a todos os povos americanos. E uma paz que era esperada pelo mundo se acordou sob os laços e timbre de

⁴⁷A escola foi fundada por meio do decreto-lei assinado pelo então vice-presidente argentino, Mariano Acosta (vice de Nicolás Avellaneda, 1874-1880) de 16 de junho de 1874, como *Escuela Normal de Varones* – seguindo-se à instalação da *Escuela Normal de Paraná*, (posteriormente *Escuela Normal José María Torres de Paraná*) na capital da província de Entre Ríos, a primeira escola normal do país. Acosta, tendo sido governador da província de Buenos Aires entre 1872 e 1874, havia idealizado a criação de duas escolas destinadas à formação de professores, uma para homens e outra para mulheres. Em 1924, durante o governo de Marcelo Torcuato de Alvear (ex-aluno da escola pública, governou entre 1922-1928) a escola recebeu o nome de *Escuela Normal de Profesores Mariano Acosta*. A implementação do ensino público, laico e gratuito na Argentina foi um dos efeitos da modernização elitista representada pela ascensão ao poder dos liberais-conservadores do *Partido Autonomista Nacional* (PAN), braço político das oligarquias e que dominou o cenário político argentino, elegendo todos os presidentes entre 1874 e 1916, ano em que é eleito Hipólito Yrigoyen, da UCR.

um pergaminho. Por isso estamos felizes, e há mais luz nos olhos da juventude. Ah, que triste é pensar no saldo de uma guerra! Com que amargura se contempla imaginativamente o espetáculo que oferece uma nação depois de perder o sangue de seus filhos! Me lembro que quando era criança gostava de olhar gravuras que ilustravam os horrores do conflito mundial de 1914. E havia massas disformes que foram alguma vez edifícios. E paredes onde antes se prendia o quadro-negro de uma escolinha rural. E manchas escuras nessas paredes. Os garotos gostam da guerra porque veem nela atividade e realização heroica. Eu também gostava da guerra. Descreviam-na tão bela as poesias épicas! Falava-se, nelas, de valor, de nobreza, de masculinidade. Empregava-se uma terminologia brilhante e vistosa, como as lonas multicoloridas dos circos e a roda de fogo que acendíamos a cada Natal. Oh, todos quando garotos acreditávamos que a guerra era outra coisa! Hoje (...) deixamos de idealizar a guerra. Uma literatura amarga e realista, nascida de cérebros dilacerados pelo inferno de 1914, preparou à compreensão. E agora, como comprovação da verdade que encerravam estes livros que desenganaram nossas esperanças, abre-se a Guerra do Chaco. À maneira de testemunho, para que acerquem a ela seus olhos e mentes, todos os jovens americanos! (...) Cada professor, cada bacharel, cada estudante da Argentina e da América possui um convencimento emanado do duro exemplo que nos ofereceram duas nações abraçadas em espantoso duelo. (...) Ontem ao meio-dia cessou o fogo nas trincheiras. Sim, a guerra acabou. Mas quem poderá dizer quando cessarão de chorar as mães?⁴⁸

E prossegue:

Alguém disse do século em que vivemos que é o da ação. As épocas da escolástica medieval e da Enciclopédia pertencem ao passado. Para os homens do presente rege um imperativo, Mauricio (sic) Maeterlinck disse uma vez: 'um pensamento pode ser algo excelente, mas a realidade principia na ação'. E o professor, o estudante e o homem múltiplo chegaram à convicção de que não é possível viver fora da realidade, senão lutar para que essa realidade seja digna de ser vivida pelos homens. (...) Haverá muito que lutar antes que esse dia chegue. (...) Essa luta intelectual e manual que dignifica ao homem. (...) Há uma absoluta

⁴⁸CORTÁZAR, Julio. *Cortázar de la A a la Z: un álbum biográfico*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2014, pp. 172-173.

conjunção de corpos e almas. Uma só luz nos olhos. E a mesma calada ternura no coração.

J. F. Cortázar.⁴⁹

O documento traz ainda a observação de que, “considerando oportuno dar publicidade aos termos em que se expressou o aluno do 7º ano de Letras, Julio Florencio Cortázar”, decide-se pela impressão de 1.000 exemplares do discurso, a serem distribuídos entre alunos, professores e ex-alunos do estabelecimento, sendo assinado por Manuel S. Rocca, secretário, e Pedro L. Comi, diretor da escola. O discurso apresenta um tom de repúdio às guerras, de maneira universal, mas se orienta, no plano mais local e imediato, à Guerra do Chaco (1932-1935), que opôs Bolívia e Paraguai em disputa pela região do Chaco Boreal. O conflito representava uma luta pela saída para o mar para dois estados-nação derrotados em guerras de definição de fronteiras e acesso a recursos naturais durante o século XIX⁵⁰, e terminou com um saldo de aproximadamente 100.000 mortos e cerca de três quartos do território em disputa sob controle do Paraguai. O discurso do jovem Julio Florencio Cortázar ocorre dias após a batalha de Villamontes, cujo desfecho foi o recuo das linhas bolivianas antes da ofensiva final paraguaia.

2.2 O caminho até Mendoza: vivendo a política, 1937-1945

Cortázar concluiu sua formação de professor normal na Mariano Acosta em 1932; em 1935 obtém o título de professor normal em Letras e, em 1937 interrompe os estudos na *Facultad de Filosofía y Letras* da *Universidad de Buenos Aires* (UBA) para assumir o cargo de professor no *Colegio Nacional de San Carlos de Bolívar* (ensinando Geografia, apesar da formação em Letras), emprego que mantém até 1939, quando é transferido para a *Escuela Normal Domingo Faustino Sarmiento*, lá trabalhando até 1944. Entre julho de 1944 e finais de 1945 trabalhou como professor de literatura na recém-criada *Universidad*

⁴⁹Ibid, p. 173.

⁵⁰O Paraguai fora derrotado pela Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) na Guerra do Paraguai, entre 1865-1870; a Bolívia, em coalizão com o Peru, fora derrotada pelo Chile na Guerra do Pacífico, travada entre 1879 e 1883, perdendo para o Chile a região de Antofagasta, rica em salitre, e também sua única saída para o mar.

de Cuyo (UNCU), a cargo de disciplinas de literatura francesa e literatura da Europa setentrional. Sua experiência em Bolívar é marcada pelo tédio, pelo tempo dedicado à leitura, preparação de aulas, correção de trabalhos e traduções de textos do inglês e do francês para a revista *Leoplán – Magazine Popular Argentino*, revista quinzenal dirigida por Ramón Sopena e José Blaya Lozano. Diz, de Bolívar: “imagine você que, no terceiro ano (...) não sabiam quem era Beethoven (...) Aqui, um vigia da capital passaria por erudito”⁵¹ e também que “a maneira de se divertir, em Bolívar, é inefável. Consta de duas partes: a) ir ao cinema b) não ir ao cinema. A seção b) se subdivide, por sua vez: a) ir dançar no Club Social b) percorrer os ranchos nas cercanias, com fins etnográficos”⁵². A vida em uma cidade distante mais de 300 km da capital federal parece tão monótona a Cortázar que, quando comunicado de sua transferência para Chivilcoy, exaspera: “sou cidadão da muito progressista e nacionalista cidade de Chivilcoy, com 16 horas na *Escuela Normal*. Habito uma pousada infame chamada HOTEL (!) RESTELLI e leciono geografia, história e instrução cívica”⁵³. Mas a experiência em Chivilcoy, distante pouco mais de 150 km da cidade de Buenos Aires, traria alguma aproximação de Cortázar com a política, tanto em sua dinâmica local quanto na reverberação da política nacional na vida da cidade. Tendo chegado, desabafa com uma amiga de Bolívar, Mercedes Arias, que havia sido alertado por “amigos fiéis” que circulavam na Escuela Normal “acusações” sobre seu “baixo fervor governista”, verificado pelas três aulas que dera sobre a revolução de 1943⁵⁴, além de parecer aos demais comunista e ateu, por haver sido o único, de mais ou menos 25 professores, que não beijou o anel do bispo de Mercedes, quando em visita à escola⁵⁵.

Sua experiência seguinte, tanto com a docência como com a política é vivenciada com maior intensidade; em julho de 1944 é nomeado, interinamente, professor de três cátedras⁵⁶, até que sejam realizados concursos docentes, previstos inicialmente para o fim

⁵¹CORTÁZAR, Julio. *Cartas 1937-1954, vol. 1*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, p. 30. Carta a Eduardo Hugo Castagnino, datada de Bolívar, 23 de maio de 1937.

⁵²Ibid., carta sem data, enviada a Eduardo Hugo Castagnino em 1937, p. 38.

⁵³Ibid., carta datada de 20 de agosto de 1939 a Eduardo Hugo Castagnino, p. 52.

⁵⁴Golpe de estado a cargo de um grupo do Exército argentino, o *Grupo de los Oficiales Unidos* (GOU), do qual desponta, no cenário político, Juan Domingo Perón – que seria, posteriormente, três vezes eleito presidente da Argentina: em 1946, 1951 e 1973.

⁵⁵Ibid., carta datada de Mendoza, 29 de julho de 1944, p. 193. Para mais detalhes sobre a trajetória de Cortázar nos anos 1940 e 1950, cf. CARVALHO, Marco Antonio Serafim de. *Julio Florencio se torna Cortázar: o peronismo visto através da literatura, 1946-1956*. Niterói, 2014. 98 pp. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal Fluminense – PPGH-UFF, março 2014.

⁵⁶Trata-se de duas cátedras de literatura francesa e uma de literatura da Europa setentrional. Para o ano de 1944: Literatura Francesa I: Poesia francesa no séc. XIX: Baudelaire, Verlaine e Mallarmé; Literatura

do ano. Cortázar, que chegara à UNCU por indicação de um amigo, Hugo Parpagnoli, que conhecera em sua breve passagem pela UBA como estudante de graduação. Nesse momento, foi designado reitor interventor da UNCU Ramón Doll, advogado e escritor membro do Partido Socialista. O cargo de reitor sofreu novas intervenções nos primeiros meses de 1945 e essa instabilidade postergou o concurso docente. Dentro da UNCU, dois grupos políticos rivalizavam diante da situação de crise: os conservadores, reunidos em torno do professor Emilio Jofré, vinculado ao Partido Demócrata de Mendoza, de centro-direita⁵⁷, e os nacionalistas, representados pelo professor de literatura grega Ireneo Fernando Cruz, e que contava com o apoio do Centro de Estudantes. Este último grupo reivindicava a participação dos discentes na escolha do decano. Os conservadores, por sua vez, afirmavam que os partidários de Cruz não representavam a totalidade dos alunos e acusavam estes de estarem mal-acostumados no apego aos cargos por conta de sua vinculação com os interventores anteriores. Cortázar, próximo a Cruz, assina em abril de 1945 uma petição pela realização das eleições na universidade. Logo em seguida, o interventor renunciou e, de todo jeito, as aulas foram retomadas em finais de abril e Cortázar seguiu com os programas que havia preparado para Literatura francesa I e II e Literatura da Europa setentrional. As eleições foram, então, marcadas para junho e contariam com a participação dos alunos. Contudo, um grupo estudantil conservador apresentou dissidência com o formato das eleições e impôs novas condições, expressando apoio aos professores que não fizessem “palanque político” desde seus cursos. Cruz planejava candidatar-se a decano e convidou Cortázar para juntar-se à chapa enquanto conselheiro acadêmico, que prontamente aceitou. De última hora, os docentes apresentaram uma chapa única para o decanato. Cortázar acabou sendo eleito conselheiro acadêmico titular da Facultad de Filosofía y Letras, com 22 votos.

Contudo, a base de apoio estudantil a Cruz se mostrou extremamente insatisfeita

Francesa II: Poesia francesa de Rimbaud aos nossos dias; Literatura da Europa setentrional – de Chaucer a Rilke; Para o ano de 1945: Literatura Francesa: o romance romântico na França; Literatura da Europa setentrional: poesia romântica em começos do séc. XIX. Para um estudo de maior abrangência sobre a experiência de Cortázar em Mendoza, cf. CORREAS, Jaime. *Cortázar, profesor universitario: su paso por la Universidad de Cuyo em los inicios del peronismo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2004.

⁵⁷Braço regional do Partido Demócrata Nacional (PDN), criado em 1931 e herdeiro do conservador Partido Autonomista Nacional (PAN). O PDN era o principal partido dentro da Concordancia, coalizão partidária formada em 1931, juntamente à Unión Cívica Radical Antipersonalista (UCR-Antipersonalista) e o Partido Socialista Independiente (PSI), dando sustentação aos governos presidenciais da chamada década infame da política argentina, marcada pelas fraudes eleitorais e acordos lesivos à soberania nacional, como o pacto Roca-Runciman, privilegiando o capital britânico em meio à recessão econômica pós-1929.

com repentina adesão à lista única, no que foram acompanhados por Cortázar. A maioria de votos dos conselheiros elegeu o candidato único proposto por nacionalistas e conservadores para o decanato: Juan Villaverde (mais próximo de Jofré que de Cruz) – com exceção dos votos de apenas dois conselheiros, entre eles, Cortázar. Os estudantes não aceitaram o resultado e tentaram impugnar o pleito, convocando uma greve, além de pedir a renúncia do decano recém-eleito, dos conselheiros e de todos os professores, todos nomeados, desde a fundação, em 1939. Afirmavam que os docentes não tinham legitimidade e que era urgente a realização de um concurso docente. Após três novos escrutínios, todos vencidos por Villaverde, os estudantes impediram que o conservador assumisse o cargo de decano. Os estudantes seguiam firmes quanto à posição de greve geral e renúncia massiva. Cortázar foi um dos que, desiludidos com Cruz, apresentou sua renúncia ao cargo, junto a outros dois conselheiros nacionalistas. A decisão foi espelhada pelo lado conservador, com renúncia de três conselheiros e, vendo-se com apoio diminuído, renunciou também Villaverde, que voltaria atrás dias depois – o que causou reações violentas, inclusive havendo a depredação de seu automóvel por parte de um grupo proveniente dos nacionalistas. Visando minar o campo opositor, o conservador Jofré acusou Cortázar de servir de marionete de Cruz, atribuindo sua nomeação a propósitos políticos, no cenário de disputa pelo poder na universidade. A resposta de Cortázar foi publicada no diário mendocino *Los Andes*:

Antes de tudo, tenho de manifestar-lhe que somente a um pensamento excessivamente preocupado por problemas eleitorais se poderia ocorrer que no mês de julho de 1944 o doutor Ireneo Fernando Cruz estivesse entregue à tarefa de organizar o grupo que haveria de sustentá-lo em uma eventual e posterior candidatura ao decanato. (...) Fui apresentado a ele [a Ireneo Cruz] por um amigo em comum, que propôs meu nome como possível candidato para ocupar três cátedras na Faculdade, e me consta que apenas lhe interessou verificar, por testemunho desse amigo em comum, minha capacidade docente, sem que minha designação na Faculdade estivesse condicionada pela menor observação doutrinária ou ideológica. (...) Não me foi pedida ficha alguma, doutor Jofré, nem se reparou na lapela do meu paletó em busca de um distintivo que

conformasse propósitos pré-eleitorais ou de maioria ideológica.
(CORTÁZAR, 2012, p. 224)⁵⁸

Tendo se posicionado diante da acusação conservadora, Cortázar buscava indicar o anacronismo de haver sido indicado por motivo eleitoral antes mesmo que a conformação dos grupos e forças políticas locais se instalasse. Ainda que fosse partidário de Ireneo Cruz, sentia-se em alguma medida não representado por ele diante do acordo conciliatório entre Cruz e os conservadores. Além do mais, com a proximidade das homenagens a Domingo Faustino Sarmiento, em setembro, Cortázar aceitou o convite de um grupo de estudantes conservadores para que escrevesse e pronunciasse um discurso de abertura na cerimônia em homenagem a Sarmiento, no 11 de setembro de 1945⁵⁹. Entre os promotores do evento estavam o Instituto Cultural Sarmiento, a *Sociedad Argentina de Escritores* (SADE). Disse Cortázar:

Diz-se frequentemente que a história da Nação [Argentina] está ainda por escrever; é uma frase vigente em todas as ordens intelectuais e políticas do país, ali onde cada grupo sente alguma coisa como a nostalgia de que nosso passado não tenha sucedido na justa medida de seus desejos atuais e com as linhas ideológicas que se quer aplicar à contemporaneidade. (...) De uma maneira ou de outra a lança de Facundo reaparece em cada geração argentina buscando um livro, uma liberdade, um progresso onde fincar-se com seu grito bárbaro. (...) Sarmiento é um dos homens que mais fez pela Argentina. E o fez de modo direto e prático, e sua obra é a mais admirável arte de todas as nossas presidências. (...) É como se a vida mesmo de Sarmiento, tão desprovida do sentido espetacular das coisas, tão lançada à rua, à fábrica, à aula de história, nos estivesse mostrando com seu exemplo esse único caminho pelo qual verdadeiramente cumprimos sua vontade.

(CORTÁZAR *apud* CORREAS, 2004, pp. 73-75)⁶⁰

⁵⁸Carta a Emilio Jofré publicada no diário *Los Andes* de 21 de junho de 1945 sob o título *Refutáronse apreciaciones del Dr. Jofré*, com o subtítulo “*El profesor Julio F. Cortázar há dirigido una nota al ex candidato a rector de la Universidad, Dr. Emilio Jofré, que dice así.*”. CORTÁZAR, 2012, pp. 223-225.

⁵⁹Domingo Faustino Sarmiento foi professor, militar, escritor, governador da província de San Juan (1862-1864) e presidente da Argentina entre 1868 e 1874, sendo fixado na memória nacional enquanto grande realizador da educação pública, laica e gratuita no país.

⁶⁰O discurso de Cortázar em homenagem a Sarmiento foi reproduzido pelo diário *Los Andes* de 12 de setembro de 1945.

Diante da situação de tensão e, situando-se mais próximo da base estudantil nacionalista do que do próprio Cruz, Cortázar mostra bastante flexibilidade ao aceitar o convite dos estudantes conservadores e concebe um discurso mais conservador do que se esperasse entre os nacionalistas – que entre outras coisas, circularam pelo pátio da universidade com um cartaz que tinha a imagem de Juan Manuel de Rosas e que acabaria incinerado⁶¹. Dentro do contexto político argentino de então, em que um governo militar nacionalista buscava legitimar-se no exercício do poder, símbolos políticos do século XIX eram disputados e afirmados: Rosas e Sarmiento. O posicionamento de Cortázar revela que ele talvez estivesse disposto a contrariar seus pares, como na decepção com Cruz ou no enfrentamento a Jofré, mas indica que não tomava o mesmo rumo junto aos estudantes, fossem nacionalistas ou conservadores, em uma posição de cultivo de reputação junto a eles. No mais, Cortázar pensava no exame docente: “preparando-me para o concurso das minhas três cátedras, que terão lugar em finais de novembro. Veremos como vai ser, quem serão meus competidores e que opina a banca. O concurso consiste em: a um trabalho escrito sobre um tema que se sorteia no momento da prova b

Diante do impasse, em 4 de outubro de 1945, quanto à realização dos concursos docentes, os professores decidem pela paralisação de suas atividades. Buscando marcar posição frente ao governo nacional, organizou-se a ocupação da universidade, liderada por Ireneo Cruz e acompanhada por cerca de 20 professores e 150 estudantes, organizados em turnos. A cavalaria cercou o prédio e, nas primeiras horas do dia 11 de outubro, invadiram a universidade para desmobilizar os professores e alunos que seguiam na ocupação, expressivamente diminuída (23 estudantes e 5 professores, Cortázar incluso⁶²). O relato de um estudante de Belas Artes, Fernando Lorenzo, traz a memória da invasão policial:

Entraram os bombeiros, rompendo a porta da frente a pancadas. O que vinha como chefe da operação, que contou com gases e também alguns cavalos assustados, chamava-se Rodero. O conhecia porque era do meu bairro. Assim que entrou me piscou um olho para que eu ficasse tranquilo. Era um nazi filho da puta o Rodero. Com voz de comando indicou que os professores se colocassem de um lado e os alunos de outro, enquanto

⁶¹CORREAS, 2004, p. 64.

⁶²CORREAS, 2004, p. 83.

cantávamos todos o hino. Cortázar foi em direção ao lugar indicado para os professores e então Rodero lhe diz: 'está indo pra onde, fedelho de merda?', porque tinha cara de criança, era quase como um adolescente, totalmente imberbe. Quando vi o Cortázar barbudo não pude relacioná-lo com aquele que conheci. Apareceu então um professor que se chamava Juan Villaverde e esclareceu que era 'o professor Cortázar'. O milico ficou quieto e o deixou seguir ao seu lugar.

(CORREAS, 2004, p. 84)

Entre os dias 12 e 17 de outubro de 1945 a política, no cenário nacional argentino, também se agitava – ainda mais que em Mendoza. De uma data à outra, o tenente-coronel Juan Domingo Perón, que havia renunciado a seus cargos no governo Edelmiro Farrell (vice-presidente, ministro da Guerra e secretário nacional de Trabalho), é detido na ilha de Martín García. Havendo uma previsão de greve geral puxada por diversos sindicatos para o 18 de outubro, no dia anterior a Plaza de Mayo foi tomada por multidões em defesa de Perón, exigindo sua libertação. Os trabalhadores organizados, com o 17 de outubro de 1945, colavam à sua mobilização a figura de Perón, iniciando a construção de uma tradição política tão diversa quanto perene na Argentina: o peronismo.

O Centro de Estudantes da *Facultad de Filosofía y Letras* emitiu uma nota, em 22 de outubro de 1945, comparando Perón a Mussolini e Hitler. Os nacionalistas, então, receberam a pecha de nazis e os conservadores viam-se fortalecidos. Desabafa Cortázar: (...) a princípio, por ter defendido o que acreditava ser justo e de maior qualidade universitária, me chamaram 'nazi' (a mim, nazi!) e mereci artigos especiais nos pasquins mendocinos, onde se dizia de mim 'instrumento eleitoral', 'agente de propaganda', 'nacionalista', 'fascista' e se concluía dizendo que eu não possuía título habilitante (CORTÁZAR, 2012, p. 235)⁶³.

Cortázar regressa a Buenos Aires e, em março, escreve ao interventor da *Facultad de Filosofía y Letras*, Alberto Corti Videla informando que não participará do concurso docente previsto para abril⁶⁴. Em seguida, Cortázar escreve ao Centro de Estudantes da *Facultad de Filosofía y Letras*, em resposta a uma nota assinada por alunos que desejavam

⁶³Carta a Lucienne Chavance de Duprat, datada de Mendoza, 16 de dezembro de 1945. *Cartas 1937-1954*, vol. 1.

⁶⁴Carta a Alberto Corti Videla, datada de Buenos Aires, 19 de março de 1946. *Ibid*, p. 243.

sua permanência na universidade:

Meu retorno a Buenos Aires, no período de férias, incluía a vontade de encontrar na Capital um clima de vida que me permitisse recobrar a serenidade necessária para seguir adiante com meus propósitos de estudo e investigação. Circunstâncias diversas me asseguraram – em finais de fevereiro – a possibilidade de permanecer, se assim decidia, na Capital. (...) um homem deve às vezes romper laços de afeto e esquecer possíveis vantagens materiais, se sua vocação autêntica reclama outra qualidade de vida, outro horizonte de ação. Sei bem que me doeu e me dói afastar-me de vocês, que confiaram em mim e seguiram meus cursos com a mesma dedicação com que eu os ministrava. Desgraçadamente, a boa vontade e o afeto não são fatores suficientes no panorama atual da universidade. (...) Prefiro uma solidão de trabalho em Buenos Aires – confiado na lembrança de meus amigos e meus alunos – a uma falsa vida universitária onde apenas se colocam barganhas e travas ante toda ansiedade demasiado evidente de superar-se e de ser útil. Por isso, embora meu primeiro desejo tenha sido continuar compartilhando com vocês as contingências do verdadeiro trabalho político e o verdadeiro trabalho intelectual da Faculdade, compreendo que devo afastar-me de Cuyo como já se afastaram, sucessivamente, outros professores que me excedem em méritos porém não no sentimento orgulhoso sentimento da dignidade humana e no desejo de cumprir em solidão e trabalho a vocação com a qual nasci.

(CORTÁZAR, 2012, pp. 248-249)⁶⁵

Tendo vivido intensamente a política universitária, e tendo se sentido parte de um dos grupos em disputa, Cortázar escolhe abdicar da possibilidade de prosseguir com a carreira acadêmica, enquanto docente universitário. Novamente instalado em Buenos Aires, tenta transferir sua matrícula de professor de Chivilcoy, de onde estava licenciado, para a Capital Federal, no que não obtém sucesso. Participa de um processo de seleção para trabalhar na *Cámara Argentina del Libro (CAL)*⁶⁶ e consegue ser admitido com o

⁶⁵Carta a *Los firmantes de una nota del Centro de Estudiantes de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Cuyo (Mendoza)*, datada de Buenos Aires, 6 de abril de 1946. Ibid. pp. 248-249.

⁶⁶A CAL fora fundada em 1938 e figurava como representante das editoras nacionais, refletindo um momento de expressivo crescimento editorial no país, quando aparecem editoras como a *Sur* (1933), *Espasa-Calpe Argentina* (1937), *Losada* (1938), *Sudamericana*, *Emecé* e *Santiago Rueda* (1939) e *Nova* (1942). O boom editorial argentino foi em grande medida possibilitado pela ampliação do público leitor e pelos efeitos da

cargo de gerente. Na CAL fará contatos importantes, como por exemplo, com o presidente da instituição, Julián Urgoiti (que trabalhava como assessor editorial junto ao catalão Antonio López Llausás, fundador da editora *Sudamericana*), a quem Cortázar entrega o volume de contos que seria publicado como *Bestiário*, em 1951. Entre 1937 e 1945 traduziu artigos para a revista *Leoplán* e também uma edição de *Vida y extrañas y sorprendentes aventuras de Robinson Crusoe, marinero de York, escritas por él mismo*, de Daniel Defoe, publicada por Domingo Viau em 1945 (com ilustrações de Hector Julio Páride Bernabó, artista plástico mais conhecido como Carybé). Em 1948 recebe os títulos de tradutor público em francês e inglês, sendo contratado como tradutor pelo escritório de tradução do húngaro Zoltan Havas. O ofício que até então desempenhava por conta própria, agora era exercido com certificado profissional, elemento que se colocaria favorável aos planos de Cortázar em se dedicar à escrita. Posteriormente, trabalharia como tradutor para a UNESCO entre as décadas de 1950 e 1980.

Sendo assim, o ano de 1945 soou, assim, como um ano crucial tanto para a Argentina quanto para Cortázar, em sua imersão na política universitária mendocina, ao pulso da política nacional. Ainda que o contato com a política seja estanque, entre 1945 e o fim da década seguinte, os abalos sofridos em Mendoza de alguma maneira assinalam uma experiência intensa na definição do “político” em Cortázar. Além do mais, a experiência relativamente breve – e intensa – em Mendoza contribuiu para que Cortázar obtivesse, em 1951, a bolsa que lhe possibilitaria trocar Buenos Aires por Paris (oferecida pelo governo francês em parceria com a Argentina). Cortázar escreve ao secretário da *Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Nacional de Cuyo*, em 22 de maio de 1951:

O que subscreve, JULIO FLORENCIO CORTÁZAR, se dirige ao sr. para solicitar-lhe que, por obséquio, ordene a expedição de um Certificado dos serviços prestados na Facultad de sua digna secretaria. Anima este pedido a necessidade de apresentar tal certificação de serviços à Embaixada da França em Buenos Aires, em um expediente de solicitação de bolsa. (...) rogando (...) que esse pedido seja despachado com a maior diligência possível, por ser urgente a necessidade de tal certificado de serviços, saúda ao sr. atentamente, Julio Florencio Cortázar. Professor interino em

Guerra Civil Espanhola sobre o mercado editorial hispano-argentino, que fez com que editores republicanos optassem por cruzar o Atlântico, e pela queda nas vendas de livros provenientes da Espanha. Cf. FIORUCCI, Flavia. *Intelectuales y Peronismo, 1945-1955*. Buenos Aires: Biblos, 2011.

1944 e 1945 nas seguintes cátedras: Literatura Francesa I / Literatura Francesa II / Literatura da Europa Setentrional / Direção do seminário de Literatura da Europa Setentrional.

2.3 Cortázar *dixit*: ensaios, traduções, Cuba e o maio francês 1961-1968

2.3.1 O humanismo cortazariano também é um existencialismo – surrealista

Cabe, então, explicar sobre as circunstâncias que colocam Cortázar e a realidade cubana em contato estreito, do ponto de vista político e cultural. Até que recebesse um convite do governo cubano, via *Casa de las Américas*, para ser jurado do prêmio literário oferecido pela instituição, em março de 1963, Cortázar dá curso a um processo de amadurecimento profissional em sua escrita. Passa a colaborar mais frequentemente, variando sua produção discursiva – inicialmente poemas e contos – em ensaios de crítica e de teoria literária. Por exemplo, de julho de 1934, da publicação do poema *Bruma*, na revista *Addenda*, (nº2, ano III) do centro de estudantes da *Escuela Normal Mariano Acosta*, até 1945, Cortázar tem publicados: em 1938, o poemário *Presencia*, em tirada de 250 exemplares, a cargo do livreiro Domingo Viau, por meio do selo *El Bibliófilo*, de Buenos Aires; em 1939, o ensaio *Esencia y misión del Maestro* no nº 31 da *Revista Argentina*, de Chivilcoy; em 1940 envia uma compilação de poemas, *De este lado*, a um concurso literário promovido pela *Sociedad Argentina de Escritores* (SADE), e não vence o certame; em 1941, pela primeira vez publica uma crítica literária, o artigo *Rimbaud*, no nº 1 da revista *Huella*, de Buenos Aires, assinado como Julio Denis⁶⁷; (nele, Cortázar faz uma espécie de desagravo a Arthur Rimbaud, dizendo que a poesia em língua espanhola aproximou-se menos dele que de Baudelaire e Mallarmé; em certo trecho comenta:

⁶⁷A partir de 1938 é frequente ver o pseudônimo afrancesado *Julio Denis* como assinatura de seus poemas e cartas, decorrência de seu entusiasmo com poetas como Mallarmé ou Rimbaud e, sobretudo, com o surrealismo, especialmente pela figura de Jean Cocteau, que conhece a partir da leitura, em 1933, de uma edição em castelhano de *Opio, diario de una desintoxicación*. Contudo, em uma carta de tom marcadamente pessimista, desabafa com um amigo em 1940: “compreendi, amigo, que não sou Julio Denis; sou somente uma cifra mensal, que deve chegar às mãos de uma família que depende integralmente de mim. Se vou [ao México, relatando uma viagem frustrada ao país], a cifra pode desaparecer; e meu carinho por esses seres (...) é a mais sólida raiz que possa amarrar-me a Buenos Aires, como antes me fixou a Bolívar e me aferrará sabe quanto tempo a Chivilcoy...” (Carta a Luis Gagliardi, datada de Buenos Aires, sem dia, fevereiro de 1940. In: CORTÁZAR, Julio. *Cartas, vol. 1, 1937-1954*, p. 78.

“Alberti e Neruda, Aleixandre e Federico García Lorca, assim como a vanguarda ainda indecisa dos poetas espanhóis e sul-americanos – México, Argentina, Cuba! –, trazem na mão o coração sangrento de Rimbaud e ouvem o seu pulsar, embora muitos deles jamais tenham aberto a primeira página de *Les Illuminattions*”⁶⁸). Em 1944, dois poemas seus aparecem na revista *Oeste*, de Chivilcoy (*Distraída*, no nº1, e *Aún Entonces*, no nº 2, ambos também assinados como Julio Denis), e o conto *Bruja*, no nº 19 de *Correo Literario*, de Buenos Aires, assinado como “Julio F. Cortázar”; em 1945, o conto *Estación de la mano*, no nº 2 da revista *Égloga*, de Mendoza, além da carta aberta *Refutarónse apreciaciones del dr. Jofré*, em junho do mesmo ano no diário mendocino *Los Andes*.

E 1946 assinala uma expressiva mudança em seus escritos: a publicação de *Casa Tomada* em *Los Anales de Buenos Aires* (nº11, dezembro de 1946), revista dirigida por Jorge Luis Borges, o que representava um primeiro e significativo passo de Cortázar na disputa simbólica da aprovação/consagração própria do campo literário. A mesma revista publica, no ano seguinte, o conto *Bestiário* (números 18-19, agosto-setembro de 1947). Um estudo de crítica literária aparece em uma publicação acadêmica, a *Revista de Estudios Clásicos* (tomo 2) da Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza: *La urna griega en la poesía de John Keats*, o que também é representativo de uma nova etapa em sua produção discursiva publicada. Entre 1947 e 1949 é marcante a produção que faz de diversas resenhas bibliográficas (que vão de Kierkegaard e Hegel a Aldous Huxley, passando por Ezequiel Martínez Estrada, André Gide, Jean-Paul Sartre e Henry James, e traduções de poemas de Chesterton e Francis Thompson) que tem publicadas nas revistas *Cabalgata* (40 resenhas) e *Realidad* (42 resenhas). É de se destacar o aparecimento de sua primeira colaboração com a revista *Sur*⁶⁹, importante ponto de convergência da intelectualidade portenha⁷⁰, onde publica *Muerte de Antonin Artaud* no número 163 da revista, de maio de 1948. No artigo, escrito por ocasião da morte do ator e dramaturgo surrealista, em março

⁶⁸“Rimbaud” (originalmente publicado em 1941), in: CORTÁZAR, Julio. *Obra Crítica*, vol. 2 (organização de Jaime Alazraki). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p.16. O crítico literário argentino Jaime Alazraki reuniu ensaios e artigos diversos publicados por Cortázar.

⁶⁹Fundada em 1931 pela escritora argentina Victoria Ocampo, a revista *Sur* foi publicada até 1992, circulando 305 números entre 1931 e 1966 e desse ano até sua edição final, 27 números.

⁷⁰No contexto político mais amplo em que aparece, a revista *Sur* e seus principais colaboradores revelam posições politicamente contrárias ao nazi-fascismo e, tendo feito uma leitura do peronismo que o aproximava desses regimes europeus, era um expressivo repositório do pensamento antiperonista liberal, tendo como expoentes as irmãs Ocampo e Jorge Luis Borges. Em posição antagônica à *Sur* figurava a revista *Contorno*, de esquerda, fundada pelos irmãos Ismael e David Viñas, e que circulou 10 números e 2 cadernos entre 1953 e 1959.

de 1948, situa Artaud enquanto representante de um “surrealismo no mais alto e difícil grau de autenticidade: um surrealismo não-literário, anti e extraliterário”, ainda completando que lhe causa repugnância a “violenta pressão de origem estética e professoral que se esmera em fazer com o surrealismo mais um capítulo da história literária e que se fecha para o seu mais legítimo sentido”⁷¹.

Os ensaios teóricos desse período são importantes porque refletem visões de mundo – ou, pelo menos, dão conta de evidenciar sua construção – que aparecem menos diluídas do que se verifica em boa medida dos escritos de ficção cortazarianos. E dizemos isso sem o esquecimento sobre o fato de que a ficção em prosa de Cortázar guarde a particularidade, em especial seus romances, de trazer uma presença indissociável de observações teóricas sobre literatura e filosofia: desde *El Exámen*, passando por *Divertimento*, *Os prêmios*, *O Jogo da Amarelinha* (onde o *corpus* teórico acoplado no romance aparece sob a forma das reflexões de Morelli, personagem que é um escritor, e apresenta, com suas notas, uma teoria do romance que é parte funcional da estrutura mesma de *Amarelinha*), as elucubrações dos personagens incluem invariavelmente esse tipo de reflexão. Apontamos esse aspecto porque, quanto às suas publicações, diacronicamente, entre o Cortázar poeta (Julio Denis) e o contista e romancista, existe um ensaísta que produziu textos teóricos tributários de visões de mundo que impregnaram o processo de escrita e estruturação de contos e romances. Em outras palavras, a poesia simbolista que inspira os primeiros versos de Julio Denis ecoa em sua aproximação com o surrealismo: a mirada opaca, subjetiva e translúcida da poética simbolista, cuja estética preza o ritmo e a musicalidade, encontra com a adesão apaixonada de Cortázar ao surrealismo. Ainda em *Muerte de Antonin Artaud*, ele diz:

Surrealismo é cosmovisão, não escola ou ismo; um empreendimento de conquista da realidade que é a realidade certa ao contrário da outra, de cartão-pedra e para sempre âmbar; uma reconquista do que foi mal conquistado (aquilo que foi conquistado pela metade: com o parcelamento de uma ciência, uma razão raciocinante, uma estética, uma moral, uma teleologia) e não o mero prosseguimento, dialeticamente antitético, da velha ordem supostamente progressiva.

(CORTÁZAR, 1999, pp. 143-144)

⁷¹“Morte de Antonin Artaud” (originalmente publicado em 1948), Op. Cit., p. 143.

Se nos artigos *Rimbaud* e (...) *Antonin Artaud* podemos perceber o quanto Cortázar aferrava no surrealismo – ou melhor, na visão particular que tinha do surrealismo: uma estética que se realiza, em síntese, na falta de amarras estéticas – sua concepção de literatura e do próprio sentido que tinha, para si, o ofício da escrita, em *Irracionalismo y eficacia*, publicado pela primeira vez na revista *Realidad* (no nº 17-18, vol. IV, setembro-dezembro de 1949), Cortázar apresenta uma incisiva crítica filosófica. Introduce e justifica a problemática presente no ensaio enquanto reflexão feita a partir da leitura de *Valoración literaria del existencialismo* (1948), de Guillermo de Torre⁷², especificamente o capítulo *Existencialismo y nazismo*. Cortázar parece querer distinguir o joio do trigo, para diferenciar o existencialismo do nazismo porquanto venham de um mesmo tronco: o irracionalismo. Ou, de outra forma:

Uma imagem botânica anterior me ajuda aqui a recordar aqui que a flor, folha e o espinho procedem igualmente do tronco, sem que seu valor funcional (independentemente de outros valores) possa em absoluto ser confundido. O tronco interessa menos que o processo pelo qual uma substância comum se converte em flor num ponto e num tempo determinados, ou chega a ser folha ou espinho” (...) Tronco comum não quer dizer nada, nem por comum, nem por tronco.

(CORTÁZAR, 1999, pp. 182-183)⁷³

A argumentação de Cortázar inicia em um panorama do irracionalismo a partir do qual ele convoca a atitude irracional, subjetiva e libertadora do surrealismo para aparentá-lo com o “existencialismo eficaz” de Jean-Paul Sartre, cioso em fazer tal reparação ao argumento de De Torre. Afirma ser eficaz o existencialismo de Sartre porque “tende resolutamente a uma ética” e pontua que coincidem, “as condutas surrealista e existencial, tão dessemelhantes à primeira vista e tão opostas nas pessoas de seus sustentadores” em um “sentimento de responsabilidade pessoal, de auto-escolha forçosa e de avanço em

⁷²Crítico literário espanhol e um dos fundadores, em 1938, da Editorial Losada (que viria a recusar o manuscrito de *El Exámen*, em 1950), foi casado com Norah Borges, irmã de Jorge Luis Borges. Nas cartas de Cortázar, especialmente na primeira metade dos anos 1950, aparece referido como *Guillaume de Tour*, geralmente em tom jocoso.

⁷³Op. Cit., pp. 182-183.

direção a si mesmo”⁷⁴. Embora tenha validade o esclarecimento que faz ao pensamento de De Torre, observamos que, de algum modo, Cortázar, nesses artigos, reforçava uma cosmovisão filosófica que permearia, de maneiras variadas, boa parte de sua criação artística, entre os anos 1950 e 1970. Digo “reforçava” porque anos antes havia construído, por meio de um ensaio robusto, uma espécie de estatuto da cosmovisão literário-filosófica cortazariana: *Teoria do Túnel – notas para uma localização do existencialismo e do surrealismo*, escrito em 1947⁷⁵. É um manifesto surreal-existencialista, que amalgama ao modo cortazariano as duas correntes para erguer um manifesto e uma teoria do romance. Difícil não associar o drama existencial do saxofonista Johnny Carter, como no momento em que “estava perdido em sua alegria, de repente deixou de tocar e soltando um murro no nada e disse: 'estou tocando isso amanhã'”, em *O Perseguidor (As armas secretas, 1959)*, ou o peripatético protagonista de *O jogo da amarelinha* (1963), Horacio Oliveira, que, segundo o personagem romeno Ossip Gregorovious “não faz outra coisa senão procurar; mas a gente tem a impressão de que aquilo que anda procurando já está em seu bolso”⁷⁶. Citamos assim dois personagens de grande repercussão dentro da ficção cortazariana, especialmente por, em geral, assinalarem os momentos da produção literária de Cortázar em que ocorre o olhar em direção “ao outro” enquanto tema. E se esse tema Cortázar tocou pensando sempre no amanhã, à maneira de perseguidor, o fazia não desde 1959 ou 1963, mas 1947: destruir para construir. A teoria do túnel se situa na interseção entre existencialismo e surrealismo para afirmar uma liberdade criadora que fosse capaz de investir contra a linguagem para refundá-la, renová-la, abri-la, tal como ocorre quando se cava um túnel: a destruição da pedra abre um caminho na própria pedra. E para Cortázar, essa pedra era a linguagem.

Na parte 1 do capítulo I, *O livro, instrumento espiritual*, Cortázar parece oferecer a própria trajetória (lembramos do poeta Julio Denis e sua filiação estética simbolista) enquanto aplicação autocrítica do argumento que desenvolve em seu ensaio, ao dizer:

⁷⁴Ibid. p. 182.

⁷⁵E que só seria publicado dez anos após sua morte, em 1994, com a edição de sua *Obra Crítica* (que reuniu, em seus três volumes, os textos teóricos aqui comentados, publicados em revistas, e também discursos, cartas e ensaios inéditos), publicada em três volumes pela Alfaguara. A Civilização Brasileira editou em português os três volumes da *Obra Crítica* em 1998, 1999 e 2001, respectivamente. *Teoria do Túnel* aparece no volume 1.

⁷⁶CORTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013 (Edição comemorativa de 50 anos), capítulo 31, p. 208.

(...) o escritor se sente cada vez mais *comprometido como pessoa* na obra que realiza, começa a ver no livro uma manifestação consubstancial de seu ser, não um símbolo estético mediatizado, e embora a corrente simbolista que entra no século [XX] sustente a legítima raiz humana de sua obra, o escritor de 1910 fareja desconfiado o clima saturante dos dramas de Maeterlinck ou *Le Martyre de Saint Sébastien*, e se afasta de uma literatura que busque o *essencial* mas que, com certeza, nada tem de *existencial*. Assim, movido por um impulso que o distancia de qualquer estética – na medida em que a considera mediatizadora –, o escritor se vê ao mesmo tempo obrigado a afastar-se do livro como objeto e fim de sua tarefa, rejeitar o fetichismo do Livro, instrumento espiritual, e considerá-lo por fim (e isso na etapa que precede a nossa primeira guerra) como produto de uma atividade que escapa simultaneamente a todo luxo estético e de toda pedagogia deliberada, instrumento de automanifestação integral do homem, de autoconstrução, *veículo e sede de valores que, em última instância, não são mais literários*.⁷⁷

(CORTÁZAR, 1998, pp. 32-33)

A contribuição do existencialismo, para Cortázar, existiria ao despír a sacralização do livro, em uma atitude que se coloca como investindo contra pedestais e formalismos compartilhados por escolas ou gerações; situando a linguagem como o terreno em que a liberdade criadora deve encontrar sua realização máxima, acrescenta, na parte 6 do capítulo II, *Surrealismo*, que aquilo que distingue o surrealismo de outras correntes ou escolas artísticas ou literárias é a “sua decisão de levar ao extremo as consequências da formulação poética da realidade”, fazendo em seguida a sugestiva (e apaixonada) ressalva de que “a história é mera pré-história surrealista, aniquila-se assim que a realidade se descobre como poética” (CORTÁZAR, 1998, pp. 81-82)⁷⁸. Cortázar revela um grande esforço interpretativo em um ensaio que, nas entrelinhas, parece uma acomodação fervorosa de correntes de pensamento filosófico e literário (somadas ao poetismo, que se realiza na postura discursiva da prosa poética) com as quais se identifica, lhe conferem a sensação de pertencimento tanto quanto lhe fornecem uma muito particular teoria da criação literária – em que a filosofia e a literatura se realizam mutuamente, no exercício da liberdade estética e no amparo de uma ética humanista. Para a teoria do túnel, dizer que o livro não era mais

⁷⁷ Op. Cit. 1998, pp. 32-33. Destaque do próprio Cortázar no original.

⁷⁸ Op. Cit., 1998, pp. 82-83.

sagrado era uma forma de preparar um alvo ainda mais particular: o romance (parte 2 do capítulo II, *Uma cobaia: o romance*). Poderemos observar o quanto desse manifesto – ou, pelo menos, partes dele, investidas que nele foram inspiradas – esteve realizado ou nem tanto assim em seus romances: de maneira mais acentuada em *O jogo da amarelinha*, seguido por *62/Modelo para armar* e *Livro de Manuel* esses dois últimos como parte de uma busca algo alquímica pela interseção entre o existencialismo sartriano e o surrealismo. De todos modos, a parte final do ensaio comunica, ainda que de maneira sinuosa, com o idealismo que marca o “político” em Cortázar algumas décadas adiante:

Sartre afirmou que a escolha de um homem compromete a humanidade toda (suspeita em que ressoa o famoso sino de John Donne); que a angústia surge precisamente dessa responsabilidade tremenda. Isso é suficiente para perceber que o termo *comunidade* (que prefiro à humanidade, mais cheio de aderências iluministas e progressistas) conota profundamente razões existenciais. E que a ação do homem, antes de comunicar e quando o faz, só pode se dar heroicamente; porque nunca se esteve mais só do que ao aceitar a atitude existencial, e a solidão é a residência do herói (...)
(CORTÁZAR, 1998, p. 101)⁷⁹

⁷⁹Ibid. p. 101. Destaque feito pelo próprio Cortázar no original.

2.3.2 Cortázar em Havana: dos Cronópios ao júri do IV Concurso Literário de *Casa de Las Américas*, 1956-1966

Em 1956, Cortázar aparece em Cuba pela primeira vez. Não presencialmente, mas em texto: algumas histórias protagonizadas por seus cronópios⁸⁰ aparecem na revista *Ciclón*. A origem da revista *Ciclón*, que circula entre 1955 e 1957, está ligada à existência da revista *Orígenes*, que começa a ser editada em Havana em 1944 (encerrando sua circulação em 1956) por José Rodríguez Feo, um jovem de família abastada que garante o investimento inicial, e pelo poeta José Lezama Lima, que até então já havia participado da fundação das revistas *Verbum*, *Espuela de Prata* e *Nadie Parecía*. *Orígenes* circulou 40 números até 1956, sendo encerrada após a divergência entre Lezama e Feo, produzida por conta da publicação de um texto, *Crítica Paralela*, em que o poeta espanhol Juan Ramón Jiménez faz duras críticas a poetas da chamada *generación de 27* espanhola, entre eles Luis Cernuda e Jorge Guillén. Feo, ausente durante a publicação, manifesta seu desacordo e rompe com Lezama, que conhecera um Jiménez já consagrado (e fugido da guerra civil espanhola), em Havana, quando ele, Lezama, acabara de publicar seu primeiro livro, *Muerte de Narciso*, em 1937. Feo funda em 1955 a revista *Ciclón*, “que foi desde o princípio anti-Lezama e anti-*Orígenes*”, e que contou com a colaboração mais estreita de outro escritor cubano, Virgilio Piñera, que, embora tivesse colaborado com a *Orígenes* em seu princípio, sua prosa e sua poesia não eram nada próximas do grupo de poetas à frente da *Orígenes*, cujo expoente era a poética ornamentada e barroca de Lezama. Disse o próprio Feo, em 1992, sobre as duas revistas:

Orígenes, que era uma revista famosíssima (...), em Cuba, porém, não era lida por ninguém, só pelos escritores, nas livrarias não se vendiam mais de três ou quatro exemplares. E por quê? Porque Cuba era o que era naquela época, um país inculto, subdesenvolvido, não lhe interessava a cultura, etc, etc, um povo que não lia, não como agora. Mas era uma revista com uma produção mais universal, uma revista que se conhecia bem, com grande difusão, em Madrid, Londres, Buenos Aires, etc, mas

⁸⁰Os cronópios, expressiva criação literária de Cortázar, são definidos como seres “verdes e úmidos” quanto à sua aparência. São distraídos, alegres, idealistas, sensíveis, opostos aos famas, seres metódicos, racionais e calculistas. As esperanças são intermediárias, indiferentes, inertes, dentro do microcosmo ontológico de *Histórias de Cronópios e de Famas*, publicado em livro em 1962.

que em Cuba não tinha grande ressonância. *Ciclón* foi igual: uma revista com grande aceitação fora.⁸¹

Em seu primeiro número, aparecia na *Ciclón* parte de *Las ciento veinte jornadas de Sodoma*, do Marquês de Sade e, conforme relata Feo, alguns escritores oficialistas, próximos do regime ditatorial de Fulgencio Batista, lhe comunicaram diretamente que acharam escandalosa a estreia da revista. Piñera, por sua vez e por conta de suas afinidades literárias, foi o elemento que conferiu boa dose de argentinidade e irreverência à *Ciclón*. Deslocando-se, em 1955, para residir em Buenos Aires, por lá ficou até 1958, como correspondente da revista cubana. Piñera não demora em fazer contatos, buscando colaborações de escritores consagrados na cidade portenha. Como nos conta Adriana Kanzaspolky, chegou a relatar a Feo que em determinado dia tomaria chá com Borges e sua mãe e, na mesma tarde seguiria ao encontro de Victoria Ocampo e José Bianco e no dia seguinte veria Ernesto Sábato e Francisco Romero⁸². Certo é que em seus breves dois anos de existência, a *Ciclón* conta com uma profusão de colaborações argentinas, como José Luis Romero, Borges, Adolfo Bioy Casares, Victoria e Silvina Ocampo, Carlos Mastronardi, Juan Rodolfo Wilcock (que ganhara o prêmio da SADE em 1940, em que Cortázar participa) e Julio Cortázar.

Aparecem na *Ciclón*, em maio de 1956 (vol. 2, nº 3), os relatos: *Costumbres de los famas*, *Viajes*, *Conservación de los recuerdos*, *Relojes*, *El canto de los cronopios*, *La foto salió movida* e *Los exploradores* – que seriam reunidos, seis anos depois, em *Historias de Cronopios e de Famas* (1962). Circulando por La Habana, os cronopios encontram um leitor que seria decisivo para que o estreitamento entre Cortázar e a ilha fosse ainda maior:

Meu conhecimento da obra de Cortázar não era vasto. Era, na verdade, mínimo. Li em 1956, na revista *Ciclón*, várias das histórias de cronopios e de famas. Deixaram em mim, sem dúvida, uma marca duradoura. Tão duradoura que, ao triunfo revolucionário [1959], quando Haydée

⁸¹FEO, José Rodríguez. Las revistas Orígenes y *Ciclón*. In: América : Cahiers du CRICCAL, nº9-10, 1992. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970. pp. 41-45; disponível em: <http://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1992_num_9_1_1051>. Acessado em março de 2017.

⁸²KANZEPOLSKY, Adriana. Acerca de algunos extranjeros: de Orígenes a *Ciclón*. Revista Iberoamericana, Vol. LXX, Números. 208-209, Julho-Dezembro de 2004, pp. 839-855. Disponível em: <<https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/5513/5664>>. Acessado em março de 2017.

Santamaría me convidou para que ficasse responsável pela revista Casa [de las Américas], que estava, então, por nascer, me lembrei do nome do autor daqueles textos irreverentes e sugeri que o convidassem como jurado do Prêmio [literário] que outorgava a instituição. Eu mesmo escrevi uma carta ao cronópio-mor e ele, desde Paris, para nossa surpresa, respondeu que aceitava vir.⁸³

Até 1961, a ficção de Cortázar havia sido publicada três vezes por uma das maiores editoras da América Latina, a *Editorial Sudamericana*: em 1951 *Bestiário* e em 1959 *As armas secretas*, ambos livros de contos, e em 1960 seu primeiro romance, *Os prêmios*. Entre os livros de contos citados, publica *Final do jogo* pela editora mexicana *Los Presentes* em 1956, em tiragem de apenas 600 exemplares (o mesmo título seria reeditado, em 1964, pela Sudamericana, com o acréscimo de nove contos aos nove originais de 1956). Alguns de seus contos, de *Bestiário* até *As armas secretas*, tinham aparecido em revistas literárias da Argentina, como *Los Anales de Buenos Aires*⁸⁴, *Cabalgata*⁸⁵, *Buenos Aires Literaria*⁸⁶, e também dos EUA e México, respectivamente *Américas*⁸⁷ e *Revista Mexicana de Literatura*⁸⁸.

Cortázar, de quem cujos cronópios já circulavam por Havana antes mesmo antes da vitória dos revolucionários cubanos, inicia em 1957 uma correspondência com o escritor cubano José Lezama Lima que se estenderia aos últimos anos deste, morto em 1976. Das primeiras cartas enviadas por Cortázar a Lezama, essa datada de 5 de agosto de 1957,

⁸³ARRUFAT, Antón. *Amistad com el perseguidor*. La Habana, *Revista Casa de las Américas – edición dedicada a Julio Cortázar*, ano XXV, nº 145-146, julho-outubro de 1984, p. 205.

⁸⁴O conto *Casa Tomada* foi publicado no número 11, de dezembro de 1946, da revista, criada nesse ano e então dirigida por Jorge Luis Borges. No número 18-19, agosto-setembro de 1947, foi publicado o conto *Bestiário*. A revista circulou entre 1946 e 1948 e seus 23 números podem ser consultados no CeDInCI (*Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas*), na cidade de Buenos Aires.

⁸⁵No número 16 da revista *Cabalgata*, de fevereiro de 1948, apareceu o conto *Lejana* (em português, *Longínqua*, de *Bestiário*). *Cabalgata* circulou entre 1946 e 1948, em 22 números (de 0 a 21). Também está completa no acervo do CeDInCI.

⁸⁶*Buenos Aires Literaria* circulou 18 números entre 1952 e 1954. Nela apareceram dois contos que seriam publicados em *Final do Jogo* (1956): no número 3, de março de 1953, *Axolotl*; e no número 16, de janeiro de 1954, *Torito*.

⁸⁷Revista vinculada à OEA (Organização dos Estados Americanos), que circulou entre 1949 e 2012. O conto *Cartas de Mamã* aparece no número 2, volume 11, de fevereiro de 1959, meses antes da publicação de *As armas secretas*.

⁸⁸Fundada em 1955 pelo escritor Carlos Fuentes e pelo crítico literário Emmanuel Carballo, circulou até 1965. Dois contos de *As armas secretas* apareceram nela: *Os bons serviços*, no número 4, de março-abril de 1956, e *O Perseguidor*, no número 9-10, de janeiro-abril de 1957.

chama atenção o trecho:

Nestas ilhas às vezes terríveis em que vivemos nós, sul-americanos (pois a Argentina e o México são tão insulares como sua Cuba), às vezes é preciso vir viver na Europa para descobrir por fim vozes irmãs. Daqui, pouco a pouco, a América vai se tornando uma constelação, com luzes que brilham e vão formando o desenho da verdadeira pátria, muito maior e mais bela do que aquela que o passaporte vocifera

E prossegue, na mesma carta:

Estou de partida para a Argentina, onde passarei dois meses (...) Me pergunto se os seus livros serão encontrados facilmente; presumo que não, porque conheço a miséria do mundo editorial e a sórdida conspiração contra tudo que é de qualidade (...) Creio que você pode escolher, entre tudo que enviei, que é totalmente inédito, à exceção de algumas ‘histórias de cronópios e famas’, que saíram na *Ciclón*⁸⁹,

(CORTÁZAR, 2012, pp. 133-135)

A carta fora enviada meses após a publicação da emblemática matéria *Cuban rebel is visited hideout: Castro is still alive and still fighting in mountains*, escrita pelo jornalista correspondente de guerra, Herbert Matthews e publicada no *New York Times* de 24 de fevereiro de 1957, meses após o desembarque do *Granma* em *Los Cayuelos*, em 2 de dezembro de 1956 – ao passo que, até então, Fidel Castro Ruz era dado como cadáver. A América Latina em pleno movimento: no pensamento de um escritor radicado em Paris, na reviravolta da Revolução e no estabelecimento de contatos entre intelectuais que se aproximavam em afinidades, e com um Cortázar que tateava uma certa noção de latino-americanidade seis anos depois de ter trocado Buenos Aires por Paris.

À diferença da ida em 1961, em 1963 a presença de Cortázar em Havana é

⁸⁹A revista literária cubana *Ciclón*, bimestral, foi publicada entre 1955 e 1957, lançando um único número em 1959. Era entendida como uma sucessora da também literária *Orígenes*, dirigida por Lezama Lima, circulando trimestralmente entre 1944 e 1956. Em *Orígenes* foram publicados os capítulos do célebre romance de Lezama, *Paradiso*, que seria publicado como livro em 1966 pela *Unión de Escritores y Artistas de Cuba* (UNEAC).

solicitada pelo dramaturgo e poeta cubano Antón Arrufat, então diretor da revista *Casa de las Américas* (entre 1960-1965), à direção da instituição. O documento por meio do qual é feito o convite expressa uma posição de aproximação e reconhecimento entre um intelectual e a política cultural de um governo que se via em curso na formulação das direções políticas, culturais e econômicas que poderia tomar, em meio ao “Grande Debate” do início dos anos 1960 sobre o corpo e o conteúdo do socialismo em Cuba. O *status quo* cultural do país verificaria mudanças verdadeiramente revolucionárias com o combate ao analfabetismo, campanha que mobilizou cerca de 100 mil estudantes da cidade para o campo, onde atuaram como educadores, como nos lembra Aviva Chomsky⁹⁰. Cortázar recebe por carta, em papel timbrado, o convite para tomar parte no IV Concurso Literario Hispanoamericano. Diz o documento:

La Habana, 5 de dezembro de 1962.

ANO DA PLANIFICAÇÃO⁹¹

Sr. Julio Cortázar

Distinguido amigo:

Como já deve ser de seu conhecimento, no próximo ano de 1963 terá lugar o IV Concurso Literário Hispano-Americano. A Casa de las Américas, tomando em consideração sua relevante personalidade no mundo das letras e da cultura, em geral, sentiria-se muito satisfeita se o senhor formar parte do júri que avaliará os trabalhos do gênero “ensaio”. (...) No empenho de contar com sua valiosa colaboração e de conhecer sua resolução o quanto antes, também telegrafamos à nossa Embaixada em Paris para que se dirija ao senhor nos mesmos termos que a presente. Aproveito esta oportunidade para fazer-lhe chegar meu cordial cumprimento,

Manuel Galich. Sub-Diretor / Casa de las Américas⁹²

⁹⁰CHOMSKY, Aviva. “Os anos 1960: experimentação e o Grande Debate”, in: *História da Revolução Cubana*. São Paulo: Veneta, 2015, pp. 58-66.

⁹¹ O ano de 1962 foi determinado pelo governo de Cuba como “ano da planificação”, assim como 1959 havia sido o “ano da libertação”, 1960 o da reforma agrária e 1961 o “ano da educação”, de modo que se articula assim um calendário que referenciava o triunfo da revolução e tornava públicas as principais disposições de um governo que buscava estabilizar-se com a mesma urgência com que se organizava.

⁹²O documento, aqui reproduzido, está disponível em < <http://www.casa.co.cu/plastica/cortazar/documentos/degalichg.jpg> >. Acessado em 26/08/2015.

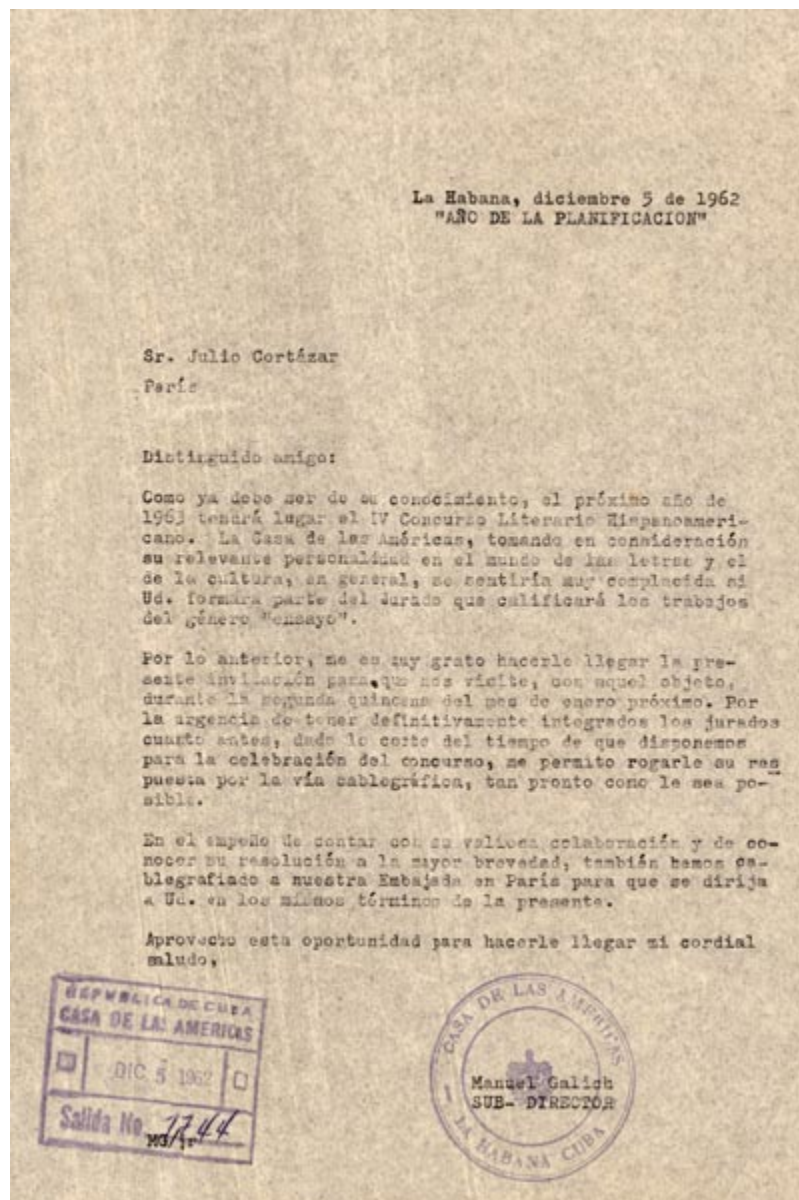


Imagem 1: reprodução da carta-convite de Casa de las Américas para que Cortázar fizesse parte do júri do prêmio literário

Assinava o documento o escritor guatemalteco Manuel Galich, que estava na Argentina quando do golpe de Estado que depôs Jacobo Árbenz da presidência da Guatemala em 1954, exilando-se em seguida em Cuba, onde desempenhou-se como vice-presidente e diretor do departamento de Teatro de *Casa de las Américas*.

2.3.3 *Reunião, 1966*

A epígrafe do conto *Reunião* é praticamente uma chave bibliográfica para o relato que traz a versão cortazariana do Che Guevara revolucionário. “A coisa não podia andar pior, mas pelo menos já não estávamos na maldita lancha”, e “balançando durante cinco dias como uma tartaruga bêbada (...) eu com uma asma do diabo e meio mundo doente”⁹³. Assim inicia o conto *Reunião*, narrado em primeira pessoa, cujo protagonista é uma projeção de Ernesto Guevara, médico argentino que, no México, em 1955, se junta ao Movimento Revolucionário 26 de Julho, criado em 12 de junho desse ano, nomeado com referência à data do ataque ao Quartel Moncada, em 1953. A lembrança do narrador dá conta da proximidade do iate Granma, que inicia sua viagem pelo rio Tuxpan, no estado mexicano de Veracruz, desaguando no Golfo do México, em 25 de novembro de 1956, encalhando em um recife na ilha de Cuba. A primeira parte do conto fala sobre os percalços da viagem – a entrada em mar aberto e as fortes sacudidas causadas pelas ondas – através das sensações dos personagens, como os enjoos e a água que retiravam a baldes da embarcação. A ideia de proximidade da ilha de Cuba é dada quando o narrador, Che Guevara, fala do “vento norte que não nos deixava ver o farol de Cabo Cruz”⁹⁴, referindo-se ao farol construído em 1871, quando a ilha ainda estava sob o domínio colonial espanhol⁹⁵.

O desembarque se dera na província de Oriente, que seria fragmentada em cinco províncias com a reorganização político-administrativa da ilha, em 1976, sendo batizada de *Granma* a província onde chegaram do México Fidel, Raúl e Che, em 2 de dezembro de 1956. Fulgencio Batista, presidente eleito em 1940, que governa até 1944, em 10 de março de 1952 protagoniza o golpe de Estado militar que derruba o presidente Carlos Prío Socarrás do governo; no conto ele é referido, pejorativamente, como “o babuíno em seu palácio”, em meio aos pensamentos de Guevara durante o desembarque do em um manguezal, milhas antes de chegar à terra firme. Sobre o desembarque do Granma, fala Richard Gott que:

⁹³CORTÁZAR, Julio. *Reunião*, in: *Todos os fogos o fogo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 69.

⁹⁴Ibid., p. 70.

⁹⁵Transcorria então a *Guerra de los Diez Años* ou Guerra Grande, primeira das guerras de Cuba para se libertar da Espanha, o que se efetiva após da Guerra Chica (1879-1880), da Guerra del 95 (1895-98) e da Guerra Hispano-Americana (1898).

Na história dos desembarques clandestinos em Cuba, aquele foi um dos mais desastrosos, ainda que um dia fosse finalmente celebrado como o mais épico, uma vez que Castro era o capitão daquela velha embarcação, cheia de frestas por onde entrava água. Homem sempre cômico dos paralelos históricos, Castro estava plenamente avisado de que José Martí tinha desembarcado no extremo leste de Oriente cerca de 61 anos antes, envolvido numa tarefa semelhante. Ele acreditava estar completando o trabalho de Martí⁹⁶.

O desenho ficcional que Cortázar faz do Che ganha contornos mais definidos com as referências à medicina (“profissionalmente falando, uma alucinação das noites mal dormidas e da febre, facilmente interpretável”⁹⁷) e à asma (“estou com tanta febre que a asma vai passando”⁹⁸). No desembarque o grupo se divide e os irmãos Pablo e Luís se separam – uma alusão aos irmãos Castro – e o objetivo do grupo que segue Che e Pablo é encontrar, na Sierra Maestra, Luís, caso tenha sobrevivido ao ataque dos “valentes rapazes que nos perseguiram para ficar bem com o babuíno, sem contar os aviões que, a todo momento, apareciam nas clareiras do monte e estragavam uma quantidade de palmeiras com suas rajadas”, nas palavras do narrador. O conto avança com a narrativa desse Che que não é citado diretamente, em meio à desvantagens, baixas no grupo e pequenos avanços, como o cabrito assado, o reforço de camponeses e as horas em que conseguem se abrigar. A tensão narrativa fica centrada na ausência de notícias de Luís, que chega a ser dado como morto, em meio aos delírios do narrador, que sonha com o rosto do líder sendo oferecido aos demais, tal como uma máscara; e nesse aspecto o conto transparece uma ideia muito rígida do papel de liderança na revolução. Podemos confrontar o conto com a narrativa factual, em um momento no qual percebemos que o reencontro dos revolucionários do *Granma* se deu muito mais pelo improviso e resistência empreendidos nos dezesseis dias vagando sem armas, com fome e sede, sendo decisiva a ajuda de um camponês de nome Mongo Pérez, em cujo sítio reuniram-se Fidel e o grupo que acompanhava Che, que contava com Ramiro Valdés, Camilo Cienfuegos e Juan Almeida,

⁹⁶GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 179.

⁹⁷CORTÁZAR, 2007, p. 73.

⁹⁸Ibid., p. 74.

tal como nos narra Jorge Castañeda⁹⁹. O conto, com efeito, nos serve mais para realizar uma sondagem sobre como a Revolução Cubana era vista a partir de alguns elementos do texto. Vamos a eles: quando o narrador evoca lembranças de seu melhor amigo, argentino, alguns paralelos podem ser traçados a uma classe média cosmopolita pouco afeita às transformações no país, horrorizada com as transformações trazida pelo peronismo e cheia de má vontade com os *cabecitas negras*¹⁰⁰, como foram chamados os que protagonizaram as migrações internas que mudaram as feições da classe trabalhadora no país. O trecho assim diz:

Perguntei-me o que estaria pensando meu amigo de tudo isso, de Luís ou de mim, e foi como se visse desenhar-se a resposta em sua cara (...), uma cara cheia de si, empapuçada pela boa vida, as boas edições (...) não podiam aceitar uma transformação que punha em relevo as verdadeiras razões de sua misericórdia fácil e de hora marcada, de sua caridade regulamentada e em quotas, de sua bonomia entre iguais, de seu anti-racismo de salão mas como é que a menina vai casar com esse mulato (...) de sua literatura de maisena, de seu folclore em exemplares enumerados e chimarrão com bocal de prata (...) Coitado do meu amigo, tinha pena de imaginá-lo defendendo, como um idiota, precisamente os falsos valores que iam acabar com ele, ou, na melhor das hipóteses, com seus filhos (...) defendendo uma suposta liberdade individual quando a polícia fechava as universidades e censurava as publicações¹⁰¹

E assim a descrição busca uma verossimilhança por contraste, que opõe o ideal revolucionário, transformador, a um ideário conformista, conservador, tal como as posições antiperonistas em torno da revista *Sur* (dirigida por Victoria Ocampo e nucleada por Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares e Silvina Ocampo), depositária dos valores da vanguarda literária argentina – colada às vanguardas europeias de então, os anos 1920 e 1930 – então representada pelo grupo *Florida*, formado por colaboradores em torno da

⁹⁹CASTAÑEDA, Jorge. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 131.

¹⁰⁰Trabalhadores das províncias do norte da Argentina que assim eram denominados pelas classes médias marcadamente antiperonista, em tom pejorativo, associando um fenótipo e um tipo de pássaro, o *Carduelis Magellanica*, que cisca na bosta. Para outras representações do peronismo e do antiperonismo, cf. FERRERAS, Norberto. “A memória mutante do peronismo: arte e ideias na Argentina Contemporânea”, in: AZEVEDO, Cecilia (Org. et al.). *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009, pp. 515-535.

¹⁰¹CORTÁZAR, 2007, pp. 81-82.

revista literária *Martín Fierro*, que se reuniam no Café Tortoni ou no Richmond, situado à rua *Florida*. Chama também atenção o lirismo das comparações que faz o protagonista-narrador, entre suas reflexões e delírios, deitado observando as árvores: a revolução tal qual um quarteto de Mozart, cuja melodia descreve sinestesticamente, percorrendo os contornos de uma árvore (“e sinto, ao mesmo tempo, como a melodia e o desenho da copa da árvore contra o céu vão se aproximando (...) enquanto o segundo violino é esse ganho mais fraco que se justapõe”¹⁰²), concluindo que:

E isso tudo é também a nossa rebelião, é o que estamos fazendo, embora Mozart e a árvore não possam sabê-lo, enquanto nós, à nossa maneira, quisemos transpor uma guerra tosca para uma ordem que lhe dê sentido, que a justifique e, finalmente, a conduza a uma vitória que seja como a restituição de uma melodia após tantos anos de roucas trompas de caça, que seja esse *allegro* final que sucede ao *adágio* como um encontro com a luz.¹⁰³

Aqui temos uma comparação que parece conciliar o Cortázar, melômano e ouvinte de Mozart, Alban Berg, com o Cortázar que cria um entendimento muito próprio, muito original da Revolução Cubana, especificamente neste conto tratando do momento do desembarque clandestino dos revolucionários em Cuba, dezembro de 1956, iniciando a luta armada que resultaria no triunfo da Revolução em 1958 e na entrada dos revolucionários em Havana em janeiro de 1959. A narrativa traz uma concepção da revolução, do enfrentamento armado, da resistência, da guerra de guerrilha feita com o recrutamento de camponeses e assaltos audaciosos a paióis e quartéis e que aparece equiparada a um bem cultural de grande distinção, a música clássica, o que confere ao conto circularidade entre as referências, em sentido dessacralizador.

Não passa despercebido que, diante da hostilidade com que são recebidos, o protagonista rememore o quarteto de cordas nº 17 de Mozart cujo título é *A Caça*, em quatro movimentos, *allegro*, *moderato*, *adagio* e *allegro assai*. Além disso, esse quarteto, junto de outros seis de Mozart, é dedicado a outro compositor austríaco, Joseph Haydn,

¹⁰²Ibid., p. 76.

¹⁰³Ibid.

tido como criador do moderno quarteto de cordas – e esse pequeno símbolo de reverência e amizade não fica sem paralelo quando fincado na narrativa de *Reunião*, já que o senso de amizade e camaradagem entre Che, Luis e Pablo fica evidente na preocupação com o sucesso da empreitada, no quanto dependia o sucesso do desembarque e a posterior reunião dos revolucionários sobreviventes para o sucesso da empreitada, derrubar o governo ilegítimo de Fulgencio Batista. Também se percebe a forma como o narrador organiza as etapas da revolução: da “guerra tosca” à “ordem que lhe dê sentido”; além do quanto são valorizados o papel da hierarquia e da liderança, assim como a expectativa de que fossem transformados, a partir da ação revolucionária, presente e futuro, na concepção do protagonista:

Teríamos de ser como Luís, não já segui-lo, mas ser como ele, deixar para trás inapelavelmente o ódio e a vingança, olhar para o inimigo como Luís o faz, com uma magnanimidade implacável que tantas vezes suscitou em minha memória (mas como dizer isto a alguém?) uma imagem de pantocrator, um juiz que começa por ser o acusado e a testemunha e que não julga, que simplesmente separa as terras das águas para que no fim, algum dia, possa nascer uma pátria de homens num amanhecer trêmulo, à beira de um tempo mais limpo.¹⁰⁴

Nesse trecho, além da importância que tem a liderança de Luís para o sucesso da ação descrita no relato (“ser como ele”, “olhar para o inimigo como Luis o faz”) sobreviver e reunir-se para tocar adiante a revolução, também é levada em consideração sua importância no rumo dos acontecimentos anteriores e posteriores ao relato, quando o protagonista diz de Luís como “um juiz que começa por ser o acusado e a testemunha e que não julga”. Antes que a análise do conto siga examinando a centralidade que tem, no relato, a sobrevivência do protagonista e de Luís, entendido como imprescindível no desenrolar da narrativa, é preciso que façamos um breve panorama da história cubana até que entre em cena Fidel Castro, referenciado no conto como Luís.

Cuba se livra do domínio colonial espanhol somente em 1898, após trinta anos de confrontos e inúmeras perdas entre os *mambises* e de sujeitos de grande peso na memória sobre a independência, como *el padre de la patria* Carlos Manuel de Céspedes, *el apóstol*

¹⁰⁴ Ibid., p. 77.

de la independencia José Martí e *el titán de bronce* Antonio Maceo. Mas isso não significa autodeterminação, porque o país fica dentro da órbita da influência estadunidense, tornando-se república em 1902 com uma Constituição que havia incorporado, no ano anterior, a emenda Platt (proposta por um senador dos EUA, Orville Hitchcock Platt), que garantia aos EUA autonomia para intervir para preservar o direito à liberdade individual, à propriedade e pela conservação da independência, embora na prática consistisse na substituição de um senhorio por outro.

Nos anos 1920 são criadas organizações políticas de orientação socialista e anarquista, reunindo estudantes, intelectuais e trabalhadores. Entre essas organizações aparecem a *Federación Estudiantil Universitaria* (FEU) em 1923, a *Confederación Nacional Obrera de Cuba* (CNOC) e o *Partido Comunista de Cuba* (PCC), ambos em 1925. Em uma economia atrelada e dependente dos EUA via exportação, a depressão originada na América do Norte teve efeitos brutais. Nos anos 1930 a opção pela luta armada é uma realidade em Cuba, em uma conjuntura que reunia a situação econômica desfavorável e grande insatisfação com o presidente Gerardo Machado (1925-1933), eleito em 1924 e que se mantém no poder contrariando a disposição constitucional que não permitia a reeleição. Machado é substituído por Ramón Grau (médico e professor que havia sido preso nos anos Machado) que anula a emenda Platt, emitindo um sinal forte de que a busca por autonomia surgia de dentro para fora na ilha. Aviva Chomsky explica que no governo Ramón Grau:

Suas políticas pró-trabalhistas ecoaram – e, em alguns casos, prefiguraram – as do New Deal nos Estados Unidos, incluindo a criação de um ministério do Trabalho, o aumento de salários, a regularização das oito horas de trabalho e a criação de um sistema de indenização por acidentes de trabalho. Essas mudanças desafiaram o controle político norte-americano, bem como os interesses dos investidores norte-americanos na ilha.¹⁰⁵

Diante do caráter reformista do governo Grau, uma conspiração por sua derrubada foi sendo tramada pelo Exército e pelo embaixador dos EUA em Cuba, Sumner Welles, que conversava com um militar que atuara como sargento na derrubada do curtíssimo governo

¹⁰⁵CHOMSKY, 2015, p. 37.

de Carlos Manuel de Céspedes y Quesada¹⁰⁶, feito coronel no governo Ramón Grau: Fulgencio Batista, comandante do Exército cubano que, com o beneplácito do Departamento de Estado dos EUA, exerce enorme poder de decisão no arranjo político da ilha, que tem seis presidentes entre 1934 e 1940, ano em que Batista é eleito e uma nova Constituição é redigida, consagrando o reformismo da Grau em seu texto e pouco dialogando com ele na prática – sendo a primeira do país promulgada após reunir uma Constituinte, o que não acontecera com a Carta de 1902.

Em 1944, as novas eleições lhe conferiram um mandato constitucional, e não provisório, como antes, a Ramón Grau San Martín – quem fora sucedido em 1948 por seu ministro do Trabalho, Carlos Prío Socarrás, do *Partido Revolucionário Cubano Auténtico* (PRC A, criado por Grau em 1934), que, chamado *Auténtico* buscava se equiparar e distinguir ao partido fundado por José Martí em 1892, o *Partido Revolucionario Cubano* (PRC). Tendo tomado posições mais conservadoras em seu último mandato, se comparado ao primeiro, Grau encontrou forte oposição daqueles que tinham grandes expectativas para o período 1944-1948 no país: os comunistas e os trabalhadores. Eduardo Chibás, de posições marcadamente anti-imperialistas e membro do Partido Auténtico, funda em 1947 o *Partido Ortodoxo*, com vistas a concorrer pelo novo partido às eleições presidenciais de 1948, que levam o *auténtico* Prío Socarrás ao poder. Chibás deu-se um tiro durante seu programa semanal na rádio CMQ, então afiliada à rede estadunidense NBC, em 5 de agosto de 1951, vindo a falecer onze dias depois.

Esse é o momento em que Fidel Castro aparece no cenário político cubano: surge no movimento estudantil universitário, bastante envolvido com questões políticas da América Latina, tais como a oposição ao ditador da República Dominicana, Rafael Leónidas Trujillo, chegando a tomar parte na expedição armada de Cayo Confites¹⁰⁷ em 1947; em 1948, como um dos delegados da FEU cubana, estava presente à IX Conferência Panamericana (realizada entre 1889 e 1954 em diversas cidades latino-americanas), em Bogotá, onde, na mesma semana, transcorreu o *Bogotazo*, onda de violência que sucedeu a morte do líder liberal Jorge Eliécer Gaitán, assassinado em 9 de abril desse ano, em um contexto de grande polarização política e acirramento entre liberais e conservadores na

¹⁰⁶Filho do Céspedes que lutara e morrera junto aos mambises na *Guerra de los diez años*, primeira em nome da independência cubana

¹⁰⁷Ilhota Confites, no arquipélago cubano de Sabana-Camaguey, de onde partiram), montada com o objetivo de derrubar o ditador dominicano

Colômbia. Em 1951, quando do suicídio de Chibás, Castro já estava formado em Direito e no ano seguinte concorreu a uma vaga na *Cámara de Representantes de Cuba* pelo Partido Ortodoxo. Em 10 de março de 1952 o golpe de Estado se concretiza, levando Fulgencio Batista ao poder, meses antes das eleições, marcadas para 1º de junho. Instalada a ditadura de Batista, visto como confiável para que se concretizassem os interesses políticos e econômicos dos EUA, com as arbitrariedades jurídico-políticas que deixam pouca margem aos que se opõem às ditaduras pelas vias legais, a ação direta se colocou como realidade para a FEU e para um grupo organizado por Fidel Castro. O objetivo era derrubar a ditadura de Batista e, para isso, sua primeira ação deveria ser a tomada dos quartéis Moncada e Céspedes, em Santiago de Cuba e em Bayamo, na província de Oriente, por seu grande valor estratégico: ao mesmo tempo em que neutralizassem um ponto forte das forças ditatoriais, ganhariam um expressivo reforço de armamentos. Levado a cabo no dia 26 de julho de 1953, pouco mais de um ano após o golpe, a ação resulta em fracasso e dos pouco mais de duzentos revolucionários envolvidos, 61 são mortos. O PC Cubano condenou o ataque, considerando-o aventureiro e pouco coeso¹⁰⁸.

Fidel, então preso, é julgado em outubro, defendendo a si mesmo enquanto advogado. Em outubro de 1953 fundamenta sua ação no direito legítimo à resistência, no pensamento de José Martí e na história de Cuba, defendendo uma revolução que fosse marcada por um forte contraste com o passado de Cuba, que praticamente não conhecera a própria soberania econômica e política em sua história.

O texto em que apresenta sua defesa e as justificativas da ação revolucionária, *La Historia me absolverá*, seria posteriormente publicado e se tornaria um símbolo da Revolução. Quanto à liberdade e à memória nacional de luta por autonomia, é expressivo o trecho:

Nascemos em um país livre que nos legaram nossos pais, e primeiro a Ilha se fundirá ao mar antes que consintamos em ser escravos de ninguém. Parecia que El Apóstol [José Martí, 1853-1895] ia morrer no ano de seu centenário, que sua memória se extinguiria para sempre, tamanha era a afronta! Mas vive, não morreu, seu povo é rebelde, seu

¹⁰⁸Aviva Chomsky (2015, p. 42) afirma que o PC Cubano “condenou o ataque como um ‘aventureirismo guiado por concepções burguesas errôneas’ e por sofrer de ‘falta de coesão e ideologia teórica’”, reproduzindo nesse trecho parte do livro de Sheldon B Liss, *Roots of Revolution: radical thought in Cuba*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1987, p.112.

povo é digno, seu povo é fiel à sua memória; há cubanos que caíram defendendo suas doutrinas, há jovens que em magnífica reparação vieram morrer junto à sua tumba, a dar seu sangue e sua vida para que ele siga vivendo na alma da pátria. Cuba, que seria de ti se tivesses deixado morrer teu Apóstol! (...) Quanto a mim, sei que o cárcere será duro como não o foi nunca para ninguém, prenho de ameaças, de ruins e covardes provocações, mas não o temo, como não temo a fúria do tirano miserável que arrancou a vida de setenta irmãos meus. Condenem-me, não importa, a história me absolverá.¹⁰⁹

Regressando ao conto *Reunião*, especificamente à imagem construída pelo personagem Che quando diz pensar em Luis (alusão a Fidel Castro, com quem se dá o encontro que nomeia o relato), com uma “magnanimidade que suscitou em minha memória (...) uma imagem de *pantocrator*, um juiz que começa por ser o *acusado* e a *testemunha* e que *não julga*”¹¹⁰. As referências neste trecho são importantes. A primeira delas, ser visto como um pantocrator, ou seja, junção de termos gregos (*pan*, todo, tudo; *krátos*, poder, força) todo-poderoso, forma como Zeus, o rei dos deuses do Olimpo, era representado na Grécia Antiga e também como aparecia o Cristo na arte bizantina ligada à iconografia cristã oriental e com o nome de *maiestas domini* no caso ocidental; o Cristo em posição imponente, coroado, majestoso. A análise desse elemento, da forma como é colocado no conto por Cortázar chama menos atenção por algo que poderia redundar em uma visão messiânica da revolução. Essa é uma impressão transmitida por uma visão particular, um pensamento do personagem principal, que evidencia a centralidade que tem, para a revolução, o compromisso para com o outro: e isso somado ao quarteto de cordas de Mozart. Não se tratava da grandiloquência de uma orquestra, mas da sintonia de uma música escrita e executada por um quarteto de cordas: dois violinos, viola e violoncelo – a ideia de uma revolução encabeçada por poucos, uma revolução impossível, dada a desproporção entre as forças em questão, e direcionada a muitos, com participação popular e assim revertendo a superioridade numérica em intensidade, organização e improviso.

¹⁰⁹CASTRO, Fidel. *La historia me absolverá*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2007, pp. 89-90. Obs.: Por ordem do ditador Batista, 70 guerrilheiros presos após o ataque aos quartéis foram fuzilados a pretexto de vingança, já que, em menor número, os rebeldes impuseram mais baixas às tropas do regime. Esse fato produziu efeitos desfavoráveis ao regime de Batista na opinião pública, como nos explica GOTT, Richard, 2006, p. 174.

¹¹⁰CORTÁZAR, 2007, p. 77. Grifos meus.

Num quarteto de cordas, o arranjo é perfeitamente executado quando cada um aplica o som particular de seu instrumento na dinâmica coletiva. O sucesso da reunião depende da sobrevivência do outro – e disso também depende o futuro da revolução, e o horizonte pós-revolucionário é colocado envolto em esperança no relato (“possa nascer uma pátria de homens num amanhecer trêmulo, à beira de um tempo mais limpo”¹¹¹), que termina de maneira sintomática, nessa mesma direção:

Finalmente não falei nada, mas pressentia que estávamos entrando no adágio do quarteto, numa precária plenitude de poucas horas que entretanto era uma certeza, um sinal que não esqueceríamos. Quantas cornetas de caça ainda esperavam, quantos de nós deixaríamos os ossos como Roque, como Tinti, como o Peruano. Mas bastava olhar a copa da árvore para sentir que a vontade ordenava outra vez o caos, impunha-lhe o desenho do adágio que, um dia, entraria no allegro final, acederia a uma realidade digna desse nome. (...) depois vi inserir-se uma estrela no centro do desenho, era uma estrela pequena e bem azul; se bem que não saiba nada de astronomia e não pudesse dizer se era uma estrela ou planeta, tinha certeza, em compensação, de que não era nem Marte nem Mercúrio, brilhava demais no centro do adágio, demais no centro das palavras de Luís para que alguém pudesse confundi-la com Marte ou com Mercúrio.¹¹²

Reunião, assim, trata-se de uma expressão literária construída que não renega dos elementos que produzem um bom conto, possuindo ritmo, tensão, personagens e eventos construídos sem a necessidade de longas explicações, descrições ou digressões intermináveis e pontos de virada que dão o dinamismo da guerrilha à narrativa. O que se ressalta é que se trata de uma expressão literária, ficcional, que não mais alude ou deixa à margem da interpretação elementos que podem encaixar-se ou não em uma determinada realidade política – tal como acontece com alguns relatos de *Bestiário* (1951) e *Final do Jogo* (1956)¹¹³; no caso de *Reunião*, não há alusão, mas uma referência direta a um evento

¹¹¹Ibid., p.77.

¹¹²CORTÁZAR, 2007, p. 87.

¹¹³Para um estudo sobre a relação dos primeiros escritos de Julio Cortázar com a política, cf. CARVALHO, Marco Antonio Serafim. *Julio Florencio se torna Cortázar: o peronismo visto através da literatura, 1946-1956*. Niterói, 2014. 98 pp. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal Fluminense – PPGH-UFF, março 2014.

político-histórico: o desembarque dos revolucionários do M-26-7 em Cuba, vindos do México, e seu encontro após o revés ocorrido logo após deixarem o *Granma*, antes que pudessem se reunir Fidel, Raúl e Che para dar prosseguimento à luta que derruba a ditadura de Fulgencio Batista, entre 1956 e os últimos dias de 1958.

Entretanto, cabe ressaltar, o aparecimento de *Reunião em Todos os fogos o fogo* (1966), não pressupõe um abrupto movimento de Cortázar na direção do “político”, terreno em que, como intelectual, produz suas convicções com variadas motivações e intensidade. Desse modo, cabe destacar que não é a partir do contato com um bloco monolítico chamado “Cuba após a Revolução Cubana” que se produzem, instantaneamente, as convicções políticas do escritor, como buscamos demonstrar ao longo do presente capítulo.

E, além disso, embora até hoje circule em suplementos literários e na grande mídia a informação de que Cortázar se exila da Argentina por conta da oposição a uma suposta ditadura peronista, a opção por deixar Buenos Aires se dá por ambições estéticas e culturais que culminavam todas em Paris, mais amplamente na Europa Ocidental. Nessa opção podemos ver muito da influência dos surrealistas franceses e poetas como Mallarmé e Rimbaud na formação do Cortázar que inicia a tornar públicos seus escritos, processo que vimos. Ou seja, avaliar que Cortázar exilou-se por motivação política da Argentina e, além disso, por fugir de uma ditadura que o perseguia, é reproduzir de maneira desordenada e impressões e sentidos equivocados sobre Cortázar e sobre o cenário político argentino do período. Talvez se sentisse deslocado na Buenos Aires dos *cabecitas negras*, a partir das expectativas que suas ambições literárias e políticas, ora coincidentes com o grupo da *Sur* ora não – o fato é que Cortázar tinha uma concepção muito particular do político até então e, assim, sua ida a Paris é nada menos, nada mais que uma escolha em direção a um caminho que lhe parecia, cultural e intelectualmente, naquele instante, mais proveitoso.

Outrossim, seus primeiros anos em Paris são parte de um momento em que o império colonial francês vai se desfazendo, com o desmembramento da Indochina, a independência da Argélia e a perda dos protetorados de Tunísia e Marrocos, em meio a um cotidiano de atentados e repressão por parte do governo francês. Por exemplo a emboscada no metrô de Charonne, em 1962, ordenada pelo prefeito parisiense Maurice Papon para reprimir uma manifestação contra a Guerra da Argélia. O contato com a descolonização e movimentos de autonomia nacional inspirariam as convicções políticas de Cortázar nos

anos seguintes, cuja intensidade e direcionamento aparecem voltadas, de modo geral, para a América Latina.

Dessa forma, o contato do escritor com Cuba representa um ponto importante desta pesquisa porque assinala o ponto de contato entre Cortázar não somente com a política cultural cubana, mas também em sua admiração pelo poeta José Lezama Lima, e, então, a causa política e a causa literária confluem em meio ao estabelecimento de um amplo espaço de sociabilidade entre intelectuais, caso de *Casa de las Américas*, instituição fundada em 28 de abril de 1959 e chefiada por Haydée Santamaría¹¹⁴ até sua morte, em 1980. No momento em que a *Casa de las Américas* é criada, imediatamente após o triunfo da Revolução Cubana, se transforma numa instituição que não se baseia em algum modelo precedente; daí a necessidade de que fosse, em grande medida, inventada – no sentido de ser construída em torno de uma importância crucial que era conferida à literatura para criar um ponto de convergência intelectual. De todo jeito, não há como supor que havia uma conformidade homogênea por parte dos intelectuais quanto às decisões do governo cubano por conta do fascínio exercido neles pela proximidade com a “Roma Antilhana”¹¹⁵, porque isso resultaria em acreditar em uma ideia de unidade entre os escritores quanto à Cuba, quando na realidade as pesquisas aqui citadas restituem quadros complexos de tensão e acirramentos.

Como exemplo desses quadros temos o crucial *Caso Padilla*. Torna-se pública a desaprovação, através de órgãos do governo cubano, de dois livros premiados pela UNEAC (*Unión de Escritores y Artistas de Cuba*) em 1968: *Los siete contra Tebas*, de Antón Arrufat, e *Fuera del Juego*, do poeta Heberto Padilla, que fora acusado de contrarrevolucionário por exaltar o individualismo e também pelo apoio que prestara ao escritor e roteirista Guillermo Cabrera Infante, rompido com o governo cubano após ser considerado inimigo da revolução com a publicação de *Trés tigres tristes*, em 1968, cuja narrativa cheia de coloquialismos representa uma Havana de 1958. Heberto Padilla foi preso em março de 1971, junto de sua esposa, a poetisa Belkis Cuza Malé, e constrangido a

¹¹⁴Revolucionária cubana que lutou no assalto ao Quartel Moncada, em 1953, e foi uma das fundadoras do Movimento 26 de Julho, criando no Exército Rebelde o pelotão María Grajales, todo formado por mulheres; era irmã de Abel Santamaría, morto após ter sido torturado e tido um de seus olhos arrancados. Cometeu suicídio em 1980.

¹¹⁵Referência à ilha de Cuba feita pelos historiadores Tulio Halperín Donghi e Adriane Vidal Costa, sendo nome de um dos capítulos de seu livro. Cf. COSTA, Adriane Aparecida Vidal. “Cuba: a ‘Roma Antilhana’”, In: *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. São Paulo: Alameda, 2013, pp. 39-84.

fazer uma retratação pública sob a forma de uma autocrítica, publicada após 38 dias de reclusão. O *Caso Padilla* levantou reações imediatas no meio intelectual, como o protesto assinado por Vargas Llosa, Juan Rulfo, Sartre, Pasolini, entre outros, sob a forma de uma carta dirigida ao governo cubano, que ficou conhecida como *Declaración de los 54* e que logo se transformaria na *Declaración de los 62*.

Cortázar, nesse primeiro momento, evita a contenda com o regime cubano e não concorda com o texto do manifesto, só assinando o documento após sugerir modificações que não fossem “ofensivas à Revolução Cubana”. Diz, em carta a Haydée Santamaria, de 23 de maio de 1971:

Na medida do humano, disponho agora de todos os elementos de juízo para fazer uma ideia precisa do episódio que se decidiu chamar 'o caso Padilla' e suas repercussões. Posso, pois, pronunciar minha palavra, individualmente, sem conceder a ela outro valor além da sinceridade e da solidariedade. Quero que saiba disso diretamente. Não é uma carta, nem um ensaio, nem um documento político bem fundamentado: é o que nasce de mim em uma hora muito amarga, mas no qual há no entanto uma plena confiança em muitas coisas, e sobretudo na Revolução¹¹⁶

Anexo à carta, Cortázar envia um texto autoral, *Policrítica en la hora de los Chacales*, do qual segue um trecho:

Quem sou eu frente a povos que lutam pelo sal e pela vida, com que direito hei de encher mais páginas com negações e opiniões pessoais?
(...) Compreendo Cuba como se compreende o ser amado (...) Tem razão, Fidel: só na luta existe o direito ao descontentamento, só de dentro há de sair a crítica, a busca de fórmulas melhores (...)¹¹⁷

Embora Cortázar adote um tom afetuoso e reverente com Cuba a partir de então, mesmo após as represálias do governo ao poeta Heberto Padilla, isso não resulta, contudo, em subserviência ou ortodoxia, e toma curso, a partir de então, um relativo afastamento – o

¹¹⁶BERNÁRDEZ, Aurora; GARRIGA, Carles Álvarez. (Orgs.). *Julio Cortázar – Cartas, Volume 4 (1969-1976)*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, p. 215.

¹¹⁷CORTÁZAR *apud* GOLOBOFF, Mario. *Cortázar: notas para uma biografia*. São Paulo: Ed. DSOP, pp. 189-190.

que possibilita novas aproximações e novas rotas quanto às formas de seu engajamento político – cada vez mais entrelaçado às suas estratégias estéticas.

2.3.4 Homenaje a una torre de fuego – Cortázar vê 1968

Maio de 1968: uma pequena onda contestatória, especialmente por parte de estudantes secundaristas e universitários, sacode Paris. Sendo um movimento que questionava hierarquias, na esteira de novas concepções sobre ordem, sexo e estruturas sociais, a repressão aos estudantes da Universidade de Nanterre, por exemplo, fez com que a coisa fosse replicada, com maior intensidade na Sorbonne, por exemplo. O 3 de maio, com estudantes nas ruas em protesto, terminou com a repressão da polícia. Ocorre a tomada e ocupação da Sorbonne, invadida pela polícia para desmobilizar os estudantes. O *Parti Communiste Français* e a *Confédération Générale du Travail* se posicionam ao lado dos estudantes e uma greve é convocada para o 13 de maio, paralisando cerca de 9 milhões de trabalhadores. A situação material dos trabalhadores, cujos salários estavam defasados, confluía para a mesma crise que continha a insatisfação estudantil que criticava a desigual sociedade de classes e colocava pautas à esquerda francesa tal qual a Revolução Cultural de Mao Tsé-Tung, no intuito de aproximar o povo e o Partido Comunista Chinês (PCCh).

Cortázar, a pedido do semanário uruguaio *Marcha*, de Montevideo, escreve sobre a situação em Paris um artigo no qual comenta o movimento dos estudantes franceses e também a situação específica dos estudantes argentinos que ocuparam a Maison Argentine da Cité Universitaire: “tenho por costume pensar e escrever vagarosamente, e as circunstâncias atuais não me permitem (...) quero fazer algo útil para a causa dos estudantes”, esclarecendo que enviara o texto de um “poeta e não de um político”¹¹⁸. Ele descreve que os estudantes na França estão em uma posição de ruptura, de não aceitar negociações ou conciliações; “uma multidão que não aceita então reajustar-se para ingressar vantajosamente nesse mundo que se toca chamar moderno, que não aceita que esse mundo os recupere com a hipócrita reconciliação paternal diante dos filhos pródigos”,

¹¹⁸ CORTÁZAR, Julio. *Homenaje a una torre de fuego*, in: *Marcha*, nº 1.408, ano XXIX, Montevideo, 28 de junho de 1968, p. 31. O mesmo texto aparece em CORTÁZAR, Julio. *Último Round, tomo I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, pp. 192-195.

completando que a exigência de fundo comum a todos os estudantes é uma “nova definição do homem e da sociedade” e o pedem “sem reivindicações parciais, sem novos esquemas que pretendam substituir os vigentes”, “o pedem com uma entrega total de seu ser, com o gesto elementar e inquestionável de sair às ruas e gritar contra o maquinário esmagador de uma ordem desvitalizada e anacrônica”.

Sobre a Maison Argentine da Cité Universitaire, onde ele mesmo havia ficado quando chegara a Paris, em outubro de 1951, a cargo de uma bolsa de estudos, Cortázar manifesta que “tomar essa residência significou para os estudantes argentinos entrar de vassoura em mãos numa casa suja para limpar-lhe o pó de muita ignomínia, de muita hipocrisia”, assinalando que o “maio de 1968”, para os estudantes franceses e latino-americanos não se situava no plano da “mera oposição política” e, no caso particular dos estudantes argentinos, Cortázar parece se deixar levar pela força do momento, ao dizer que por trás da ocupação do “perímetro de uma residência universitária”, simbólica e poeticamente “esses garotos tomaram a Argentina inteira para devolvê-la à sua verdade tanto tempo falseada”. Em seguida estende o pensamento a toda América Latina, em toda sua “angústia de continente traído desde dentro e desde fora”, para evocar a imagem do Che Guevara, morto há menos de um ano, mas cuidando para não cair em uma homenagem, “no respeito solene, das comemorações à base de palmas e oratória”. “Para o Che só podia e só pode haver uma homenagem: o de lançar-se, como ele o fez, contra a alienação do homem, contra sua colonização em todos os planos, físicos ou morais”; e que “todos os estudantes do mundo que lutam nesse mesmo momento são, de alguma maneira, o Che. Não é sempre que fazem falta cirurgiões para transplantar um coração em outro corpo: o seu está batendo no peito de cada estudante que enfrenta esse combate por uma vida mais digna e mais bela”¹¹⁹. Em carta ao crítico literário Ángel Rama, Cortázar envia o texto *Homenaje a una torre de fuego*, destinado a *Marcha*. “Diante da campanha de calúnias e mentiras que lançará o governo de Onganía a respeito desse episódio, entendo que *Marcha* pode servir uma vez mais à causa revolucionária se utiliza esses materiais com fins de informação fidedigna”¹²⁰. A preocupação com a restrição de informações e a brutal intervenção nas universidades argentinas simbolizadas pela ditadura de Onganía, motiva Cortázar a enviar um pequeno texto assinado por intelectuais e artistas franceses em

¹¹⁹Id. Ibid.

¹²⁰CORTÁZAR, Julio. *Cartas 1965-1968*, vol. 3. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, p. 578. Carta a Ángel Rama, datada de Paris, 29 de maio de 1968.

solidariedade aos estudantes argentinos:

Les intellectuels et artistes soussignés saluent les étudiants argentins qui viennent d'occuper la Maison de leur pays à la Cité Universitaire de Paris, et leur expriment leur solidarité et leur appui fraternels dans la lutte qu'ils mènent pour établir des principes de justice et de démocratie véritables au sein de ce foyer.

Paris, le 28 Mai, 1968.¹²¹

Assinam o documento Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Jean Cassou, Christiane Rochefort, a redação de *Les Temps Modernes*, Michel Leiris, Nathalie Sarraute, Carlos Fuentes, Wifredo Lam, Juan Goytisolo, Copi, Antonio Seguí e Julio Cortázar, entre outros. A resposta de Onganía não tardou: ordenou o fechamento da Maison Argentine – que, após sua reabertura passa a contar com uma biblioteca batizada *Julio Cortázar*.

Na edição de 29 de maio de 1968 do *Le Monde*, o jornalista Marcel Niedergang (com quem Cortázar polemizaria quase vinte anos depois por conta da Nicarágua), disse sobre a tomada da Maison Argentine, em um artigo intitulado “*Che*” Guevara à la Cité Universitaire, que a bandeira argentina azul e branca não fora levada, mas sim slogans revolucionários nas paredes e muros, “é proibido proibir” ou “a imaginação tomou o poder”¹²². A imaginação parecia querer tomar o poder, mas não duraria muito tempo. Na França, De Gaulle convocou eleições legislativas e seu Union des Démocrates pour la République (UDR), partido de direita, aumentou sua maioria no Parlamento, conquistando mais cadeiras do que possuía. E a ditadura instalada na Argentina em 1966 (e que só sairia do poder em 1973), ressoaria na ficção de Cortázar, como veremos a seguir.

¹²¹Ibid., p. 579. “Os intelectuais e os artistas abaixo-assinados saúdam aos estudantes argentinos que acabam de ocupar a Casa de seu país na Cidade Universitária de Paris, e expressam-lhes sua solidariedade e seu apoio fraternais em sua luta pelos princípios de justiça e democracia verdadeiras. Paris, 28 de maio de 1968”. Tradução nossa.

¹²²*Le Monde*, 29 de maio de 1968. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/archives/article/1968/05/29/che-guevara-a-la-cite-universitaire_2502700_1819218.html?xtmc=cortazar&xtr=1>.

3. Livro de Manuel (1973), Chili: le Dossier Noir (1974) e Vampiros Multinacionales (1975): outras margens

3.1 O Livro de Manuel e o Prêmio Médicis – e onde reside Cortázar?

Em junho de 1963 é publicado o romance *Rayuela (O Jogo da Amarelinha)*, livro que o torna mais conhecido no meio literário. A proposta narrativa investe em um leitor-modelo essencialmente ativo, que pudesse construir sua experiência de leitura a partir do encadeamento que atribuisse aos capítulos, em vez de receber passivamente uma estrutura narrativa previamente definida. Em 1966, no livro *Todos los Fuegos el Fuego*, aparece o conto *Reunión*, cujos personagens principais são alusões a Ernesto Che Guevara e Fidel Castro – ponto em que vemos em um conto seu a dimensão de seu posicionamento político e a influência da Revolução Cubana; é o mesmo ano em que estreia o filme *Blow-Up* (1966), dirigido pelo cineasta italiano Michelangelo Antonioni, e inspirado no conto *Las babas del diablo*, de *Las Armas Secretas*.

Dez anos depois de *Rayuela*, 1973, *Libro de Manuel*: sua narrativa discorre sobre um grupo de guerrilheiros latino-americanos chamado *La Joda*, instalados em Paris e com planos de sequestrar um diplomata; Cortázar insere no texto notas recortadas dos jornais, poemas e gráficos que, no interior da narrativa são parte um livro que os protagonistas preparam para que um bebê, Manuel, lesse no futuro e se inteirasse sobre o que acontecia no mundo de seus primeiros anos de vida. Além disso, sua narrativa mostra um grupo revolucionário para o qual a tarefa revolucionária não deveria representar um peso, ao menos não a ponto de sacrificar o bom-humor, a ironia – posto que o nome do grupo é *La Joda* (a foda; em português, traduzido como “a roda”), diga-se.

Cortázar faz, à maneira de prefácio e defesa da proposta do romance, uma advertência que ganharia sentido nos anos subsequentes à publicação do livro, que suscitou um acalorado debate na Argentina:

os livros devem defender-se por conta própria, e este o faz como um gato de barriga para cima sempre que pode; só acrescentarei que seu tom geral, que contraria certa concepção de como devem tratar-se estes temas, dista tanto da frivolidade como do humor gratuito. Mais que nunca acredito que a luta em prol do socialismo latino-americano deve enfrentar o horror cotidiano com a única atitude que um dia lhe dará a vitória: cuidando preciosamente, zelosamente, da capacidade de viver tal como a queremos para esse futuro, com tudo o que supõe de amor, de brincadeira e de alegria. (...) O que conta, e o que tratei de contar, é o sinal afirmativo diante da escalada do desprezo e do espanto, e essa afirmação tem que ser a mais solar, a mais vital do homem: sua sede erótica e lúdica, sua libertação dos tabus, seu protesto por uma dignidade compartilhada numa terra já livre deste horizonte diário de tentáculos e dólares¹²³

Em seguida, em um acréscimo no texto, datado de 7 de setembro de 1972, Cortázar fala do grande destaque dos *mass media* para o atentado nos Jogos Olímpicos de Munique e reclama da ausência, nos veículos tradicionais, de notícias quanto ao massacre de Trelew, em que militantes peronistas e de esquerda foram executados na Base Aeronaval de Trelew, na província de Chubut, em 22 de agosto de 1972. Arbitrariedade que marca o período final da penúltima ditadura militar argentina iniciada em 1966 e encerrada quando da eleição de Héctor Cámpora, em 1973.

¹²³CORTÁZAR, Julio. *O Livro de Manuel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 8.

Nos anos em que fora escrito *Livro de Manuel*, a situação política na Argentina era de grande instabilidade social, em cenário de crise econômica que era conduzido por uma ditadura truculenta, instalada com um golpe militar em 1966, autoproclamado *Revolução Argentina*. No período 1966-1973, três ditadores se alternaram no poder, Juan Carlos Onganía, Marcelo Levingston e Alejandro Lanusse, contribuindo para o aumento da perseguição e violência contra operários, estudantes e professores. Em finais de julho de 1966, pouco mais de um mês após o golpe, a *Universidad de Buenos Aires*, ocupada por estudantes e professores em protesto à ditadura de Onganía, teve cinco de suas faculdades invadidas pela polícia, que prendeu, agrediu e destruiu dependências da universidade, como laboratórios e bibliotecas, no episódio que ficou conhecido como *La noche de los bastones largos*.

Onganía (1966-1970) entendia que os universitários poderiam ser uma grande ameaça à sustentação de sua ditadura, e com suas intervenções truculentas e perseguições anticomunistas causou grande prejuízo à produção de saber no país, já que muitos professores e alunos abandonaram suas posições, buscando asilo em outros países. A classe universitária já havia demandado com veemência suas reivindicações por maior autonomia com a Reforma Universitária de 1918, iniciada na cidade de Córdoba, capital da província homônima. Nessa cidade teve lugar, em fins de maio de 1969, o *Cordobazo*, manifestação de forte oposição à ditadura, reunindo estudantes e operários – entre os quais Maximo Mena, trabalhador vinculado ao SMATA (*Sindicato de Mecánicos y Afines del Transporte Automotor*) e assassinado pela polícia no dia 29 de maio, gerando ainda mais revolta entre os manifestantes¹²⁴. José Luis Beired também nos lembra que:

¹²⁴Para maior detalhamento sobre o *Cordobazo* e a participação estudantil no movimento, cf. GONZÁLEZ, Juan Ignacio. *Los niños del Cordobazo*. Córdoba: Editorial Espártaco, 2009.

No primeiro aniversário do Cordobazo [1970], um outro atentado decidia a sorte de Onganía. O ex-presidente Pedro Aramburu – que depusera Perón e determinara o fuzilamento de militares peronistas rebelados em 1956 – foi sequestrado numa complexa operação militar montonera conhecida como Aramburazo. Dias depois foi executado, após um julgamento realizado pelos guerrilheiros¹²⁵

Novos grupos entram em cena, como a organização armada peronista *Montoneros*, que aparece em 1970. Entram em cena e a oposição à ditadura instalada em 1966 era crescente, reunindo sindicatos e associações de trabalhadores, que jogavam ainda mais pressão sobre uma ditadura que seguiu inábil no diálogo com as forças sociais, recorrendo sistematicamente à repressão e buscando uma saída política frente ao aumento da pressão social. Onganía é deposto por uma Junta Militar, que faz do general Marcelo Levingston seu sucessor, que governou entre junho de 1970 e março de 1971.

Em Córdoba, uma nova mobilização tomou forma nas ruas da cidade em março de 1971: o *Viborazo*, contra a ditadura e o governo exercido na província pelo interventor José Camilo Uriburu¹²⁶. Frente ao acirramento das tensões sociais, a Junta Militar decide pela substituição de Levingston por Alejandro Agustín Lanusse, à frente de um governo marcado pelo caos na condução da política econômica (inflação descontrolada, desemprego, queda do poder de compra dos salários e extinção do Ministério da Economia, redistribuindo-se suas funções em secretarias) e que marca a saída de cena dos militares e um quadro de transição de poder, em negociações que envolviam e repeliam *radicales*, peronistas, socialistas e conservadores, no que se chamou *Gran Acuerdo*

¹²⁵BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Editora Ática, 1996, p.68.

¹²⁶Um dos focos dos ataques policiais era o bairro Clínicas, onde o interventor acreditava, por abrigar muitas residências estudantis, estar alojada “a víbora” que ele pretendia desalojar e eliminar.

Nacional (GAN)¹²⁷. O impasse é resolvido com a convocação de eleições, que não tiveram Juan Domingo Perón como candidato, então proscrito, mas foi lançada a fórmula Héctor Cámpora / Vicente Solano Lima, apoiada pela coalizão Frente Justicialista de Liberación Nacional (FREJULI). Cámpora vence as eleições de 11 de março de 1973, toma posse no 25 de maio e, em junho ocorre o regresso de Perón à Argentina¹²⁸. Cámpora renuncia em julho e o presidente da Câmara dos Deputados assume, convocando novas eleições para setembro. Sai vitoriosa a chapa Juan Domingo Perón / María Estela Martínez de Perón (Isabel), o casal Perón como presidente e vice¹²⁹.

No mesmo ano em que Perón assume, *Livro de Manuel* é publicado pela *Sudamericana*. Um artigo escrito por Cortázar, publicado em 23 de junho de 1973 no jornal francês *Le Monde*, traz uma visão de mundo carregada de otimismo com a vitória de Cámpora e uma reflexão sobre como enxergava a argentinidade:

O hino nacional diz: ‘Sejam eternos os louros que soubemos conquistar’, e quando éramos crianças o cantávamos com *tremolos* na voz. Na verdade, esses louros não tínhamos sido nós que conquistamos e sim os patriotas de 1810 e 1816, fundadores da independência. Esse orgulho ‘por pessoa interposta’ produzia um tipo de argentino médio que conheci muito bem e cujos traços típicos eram um complexo de inferioridade cuidadosamente camuflado (sempre fomos os maiores, os campeões de alguma coisa, contanto que fosse outro quem desse duro: Carlos Gardel,

¹²⁷Peronistas e Radicales haviam assinado em 1970 um documento conhecido como *La Hora del Pueblo*, em que estabelecem garantias recíprocas e ação conjunta pelo retorno da normalidade democrática.

¹²⁸Em 20 de junho de 1973 ocorre o Massacre de Ezeiza, quando uma multidão toma o aeroporto e um conflito armado entre peronistas de esquerda e de direita, deixando mais de uma dezena de mortos e mais de trezentos feridos.

¹²⁹Essa decisão remete ao *Cabildo Abierto del Justicialismo*, quando a CGT e milhões de trabalhadores manifestaram seu desejo de que Perón e Evita concorressem na chapa presidencial justicialista, nas eleições de 1951. Evita declinou e a fórmula foi formada por Perón e Hortensio Quijano, vencendo o pleito. Eva falece no ano seguinte, em 26 de agosto.

Juan Manuel Fangio, Juan Domingo Perón); delegar as responsabilidades marcava a todos enquanto comunidade. (...) Se no passado a iniciativa peronista foi obra principalmente de homens de mais de trinta anos e consistia principalmente em projetos elaborados na cúpula, hoje se manifesta cada vez mais na base, entre os mais jovens, entre as mulheres tanto como entre os homens (...) O ódio, a má-fé e, para os oligarcas e os ricos, o medo de uma verdadeira comoção social estão na base dessa recusa a admitir que já passaram vinte anos e que esses dois decênios foram capitais na América Latina (...) me atreveria a dizer, assumindo o risco de fazer Cassandra tremer, que esse peronismo se encaminha num primeiro tempo para o que chamam de ‘socialismo nacional’(...) ¹³⁰

O *Livro de Manuel* recebeu o prêmio Médicis de Literatura (França) de melhor livro estrangeiro, em novembro de 1974. O valor referente à premiação, 950 dólares, foi repassado integralmente a Rafael Agustín Gumucio, representante na Europa da Frente Unificada da Resistência Chilena – o que suscitou, como veremos, um acalorado debate intelectual nas páginas do suplemento literário do jornal *La Opinión*, em dezembro de 1974.

Nesse romance vemos uma tentativa do autor em estabelecer duas vias: tratar no interior do relato, de temas políticos, como as formas pragmáticas assumidas pela luta revolucionária; e apresentar a narrativa dentro de uma proposta estética não convencional, valendo-se da colagem, da narrativa fragmentada, tal como em *Rayuela* ou nas miscelâneas *A volta ao dia em oitenta mundos* (1967) e *Último Round* (1969), assim concebendo uma tentativa original de abordagem: a política e a revolução como temas a serviço da

¹³⁰CORTÁZAR, Julio. “A dinâmica de 11 de março”, in: *Papéis Inesperados* (Org. Aurora Bernárdez & Carles Garriga). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 261-263.

experimentação estética. Podemos ver, na concepção de *Livro de Manuel*, uma crítica também que é feita à linguagem; se em *Rayuela* o alvo era a linguagem literária, aqui o literário é o veículo para a crítica política, de que talvez, em dado momento, Cortázar tenha percebido que houvesse uma distância entre o discurso revolucionário, o discurso essencialmente político, e a adesão popular, investindo *Livro de Manuel* em um sentido politizador, que divertisse o leitor ao passo que o instigasse o interesse por temas políticos.

Um livro de recortes sobre seu tempo, feito por um grupo de amigos, dedicado a Manuel, filho de um casal do grupo, Patricio e Susana. Cortázar aciona, em *Livro de Manuel*, um tema com o qual se sentia confortável em seus romances: o manejo dos personagens em grupo, suas reuniões, reflexões, dinâmica da narrativa levada pelos diálogos. O mesmo procedimento aparece em *O Exame Final* (escrito em 1950, publicado em 1986), *Divertimento* (1949; publicado em 1986), *Os Prêmios* (1960) e *O Jogo da Amarelinha* (1963), o que confere dinamismo ao desenrolar da narrativa, que é marcada por neologismos e adaptações do francês como anhô (*agneau*, cordeiro), comilfô (*comme il fault*, como deve ser) e do inglês, selfpiti (*self-pity*, autopiedade), geralmente a cargo do personagem Lonstein. É curioso, quanto à reutilização do procedimento narrativo, como dito agora mesmo, que o Andrés de *Livro de Manuel* tenha o mesmo sobrenome do protagonista de *O Exame Final*: Andrés Fava. É como uma autorreferência cortazariana, uma piscadela de olho para o leitor que pode enxergar, em um detalhe, uma obra referenciada em outra.

Em uma conversa entre o líder, Marcos, e a polonesa Ludmilla:

– Polaquinha, minha província fica em um país velho e cansado, terá que ser feito tudo novamente, acredite, pode lhe parecer mentira mas é assim,

velho e cansado à força de falsas esperanças e promessas ainda mais falsas nas quais por outro lado ninguém nunca acreditou exceto os peronistas da velha guarda e estes por razões bastante diferentes e muito legítimas, embora no final o resultado fosse o de sempre, ou seja, coronéis aos montes começando pelo herói epônimo

– E por que muitos de seus amigos e esses recortes de jornais e Patricio falam do peronismo como de uma força ou uma esperança ou algo assim?

– Porque é verdade, polaquinha, porque as palavras têm uma força terrível, porque a Realpolitik é a única coisa que nos resta contra todos os gorilas do Pentágono e os Vip, hoje não poderá entendê-lo mas logo logo verá, pense no suco que tiraram da palavra Jesus, da imagem de Jesus, compreenda que nós hoje necessitamos de uma palavra taumátúrgica e que a imagem à qual corresponde essa palavra tem virtudes que comparada com ela a cortisona é pinto¹³¹

O personagem Marcos prossegue, aludindo o como (peronismo) ao nome (Perón), sem citá-lo, lançando um prognóstico:

(...) a ética dos avós já caducou, polaquinha, sem falar que os avós tinham duas éticas na hora de engajar-se no que quer que fosse, pode estar certa. Tem razão, não me interessa a mínima esse velho que pretende telecomandar uma coisa que no seu dia foi incapaz de fazer a fundo mesmo tendo as melhores cartas na mão; mas de fato já está fora do jogo, somente que os nomes e as imagens duram mais que o nomeado e o representado, e em melhores mãos podem dar o que não deram no seu momento, olhe o discurso que estou lhe fazendo.¹³²

¹³¹CORTÁZAR, 1984, pp. 286-287.

¹³²Ibid., p. 287.

É curioso que um argumento parecido, quanto à crença no peronismo, nos anos 1970, e a possibilidade de que fosse governo, pela terceira vez, encabeçado por Perón, apareça em outro trecho do mesmo artigo do *Le Monde* reproduzido páginas atrás:

no final da Segunda Guerra Mundial, a Argentina tinha nas mãos cartas mais decisivas que Cuba em 1953. Entretanto, Perón fracassou e os cubanos perseveraram, e por uma razão muito simples: não empreendeu nenhuma revolução enquanto transtornava a estrutura do país (...) qualquer que seja o desenlace do processo histórico desencadeado pelas eleições de 11 de março, certamente será mais positivo a curto ou longo prazo que o da primeira presidência de Perón”¹³³

O romance dividiu (ou teria reunido?) os intelectuais argentinos, que, por meio da edição de 8 de dezembro de 1974 do suplemento cultural do jornal portenho *La Opinión*¹³⁴: seis intelectuais exprimem seus pontos de vista sobre duas questões: sobre a proposta e argumento de *Livro de Manuel* e a doação do valor em dinheiro do prêmio Médicis à resistência chilena. Mario Goloboff reproduz o telex de *La Opinión* enviado a Cortázar, explicando os pontos (listados de “a” a “e”) levantados pelos seis intelectuais. Em suma, temos que a) Livro de Manuel possui linguagem elitista e direcionada ao brilho intelectual, não propiciando “alguma ponte com o leitor latino-americano, a quem o livro acaba parecendo uma comida exótica”¹³⁵; b) Cortázar é acusado de falta de compromisso por falar da América Latina sem lá estar; c) esta apenas referenda a anterior, falando que

¹³³CORTÁZAR, 2010, p. 262.

¹³⁴Fundado em 1971 pelo jornalista Jacobo Timerman, que foi sequestrado, torturado e interrogado durante a última ditadura argentina (1976-1983) por uma alegada ligação com o grupo armado *Montoneros*.

¹³⁵GOLOBOFF, 2014, p. 210. No apêndice do livro estão reproduzidos os seis artigos

Cortázar tem um contato “exclusivamente intelectual” com a América Latina; d) a doação do prêmio à resistência chilena é vista com desconfiança, como uma “beneficência”; e) é assinalado o fato de que Cortázar não é um exilado e que é cômodo e benéfico ser revolucionário em Paris, arrematando que “o prêmio Médicis é o sinal de interesse que as metrópoles sentem pela moda das revoluções, que lá fazem muito ruído, mas que aqui não exercem o menor efeito”. Os pontos são críticos à vida (doação do prêmio) e à obra, e a última pancada busca colocar Cortázar em xeque-mate colonial: o esteta europeizado que usa a América Latina como tema e à distância e que se regozija com distinções conquistadas no Velho Mundo. Cortázar, em sua réplica ao telex, sugere que o jornal publique os pontos elencados junto às suas respostas.

Cortázar retruca dizendo que sua “comida exótica” teve três edições, contra a tese de que *Livro de Manuel* tivesse êxito restrito às “elites”; se defende da “beneficência” dizendo ter agido coerentemente com outros gestos de apoio e solidariedade à causas socialistas; reafirma que nunca se reivindicou enquanto exilado, foi voluntariamente à França e que o prêmio Médicis lhe foi atribuído por razões literárias e conclui dizendo que “a ‘moda das revoluções’ não interessa aqui. Estão muito mais preocupados é com a moda ‘retrô’. Venha e verá”¹³⁶.

Entre as críticas mais contundentes, temos a de Ricardo Piglia. Ele lembra dos personagens racistas de *Bestiário*, taxando o “homem cortazariano” como um colecionador burguês, obcecado pela catalogação, pela coleta de dados – tal como o advogado Marcelo Hardoy, do conto *As portas do céu* –, que simplesmente faz uso da política, a consome, sem nela tomar parte como revolucionário. Conclui dizendo que Cortázar é um consumidor, um esteta. Que cria um “humanismo do consumo” para justificar suas críticas

¹³⁶Ibid., p. 211.

aos métodos revolucionários e deixando seu “homem novo” desalinhado com Guevara e o trabalho prático em favor de uma causa socialista – resguardando acima dessa a preservação da criatividade.

A ensaísta argentina María Rosa Oliver lembra que a escolha do romance enquanto afluyente das denúncias sobre a repressão e as torturas não era exclusiva de Cortázar, citando *Abbadón, el Exterminador*, de Ernesto Sábato publicado naquele mesmo ano, 1974, e que traz em sua narrativa elementos da história argentina dos anos 1970. Faz um desagravo quanto à distância de Cortázar, dizendo sobre como o começo do romance *Os Prêmios* (1960) reflete com “assombrosa fidelidade o ambiente de uma confeitaria portenha” e que “nos demais romances e contos de Cortázar sempre há personagens inconfundivelmente argentinos”. Finaliza dizendo da doação do prêmio: “bom, comprovo mais uma vez que os partidários do liberalismo econômico se tornam dirigistas quando um escritor doa esse dinheiro ou o recusa, como Sartre fez com o prêmio Nobel”, completando que está convencida de que “Cortázar, ao doar o dinheiro de seu prêmio à resistência chilena, agiu segundo sua consciência de homem que procura a justiça e ama a liberdade”. María Rosa Oliver, que faleceria muito antes de ver a queda de Pinochet, em 1977, ainda conclui: “*La Opinión Cultural* me permite que, por seu intermédio, faça chegar a Julio Cortázar minhas felicitações pelo prêmio que lhe outorgaram e pelo destino humanitário que deu a ele?”¹³⁷.

Ernesto Goldar intitulou seu artigo de *A colonização ideológica*, e nele, assim como Piglia, dá carga aos personagens de *Bestiário*, citando o já mencionado conto *As portas do céu* e às alusões, nesse conto, a Buenos Aires do nascente peronismo. Também destaca o artigo Gardel, escrito por Cortázar e publicado na *Sur* em 1953, em que Carlos

¹³⁷Ibid., pp. 278-279.

Gardel aparece em oposição aos boleros de Alberto Castillo, depreciado juntamente a seus ouvintes “históricos”. Goldar também convoca o conto *A Banda*, de *Final do Jogo* (1956), como “voo raso” da “soberba do pequeno-burguês” e que “o fato de que J.C. tenha ganho o prêmio Médicis, o Borgia, o Grand Prix ou o Mundial de Todos os Pesos não comove a ninguém”. Erige uma posição essencialista ao dizer que:

Esses gestos individuais servem essencialmente para lavar a consciência dos que o praticam, para dar sentido e brilho a algum fim de semana. (...) É injusto exigir de um liberal que não sabe como se redimir, mas que quer se redimir, de um homem que fez coisas lindas como *O jogo da amarelinha* ou *O perseguidor* – e que passou por cima da vala dos 60 – que vá fazer piquetes na porta da fábrica. (...) Se o *beau geste* de Cortázar serve para desopilar a consciência letárgica de alguns – mesmo que seja de milhares de quilômetros de distância –, que seja.¹³⁸

Já Haroldo Conti tem uma visão positiva da atitude de Cortázar, tanto pela proposta do romance, quanto à doação do prêmio recebido, já que não considerava que estar radicado na Europa seria algo que desautorizasse sua atitude política; para isso recorre ao exemplo de que Jorge Luis Borges, que sempre escreveu de Buenos Aires, mas com um espírito literário europeu, marcadamente inglês¹³⁹. No mesmo sentido está a crítica de Jorge Abelardo Ramos, que se concentra sobre a doação do prêmio e não no romance, que afirma não ter lido até então. Diminui o peso atribuído à distância do escritor argumentando que “a residência geográfica não tem uma importância decisiva” com os exemplos de Alejo

¹³⁸Ibid., pp. 288-289.

¹³⁹Para as impressões mostradas pelos intelectuais argentinos, reproduzidas na íntegra, cf. GOLOBOFF, 2014.

Carpentier e Gabriel García Márquez que, estando em Paris, não legaram a seus livros a realidade parisiense, opondo a eles o caso de Borges, que “tinha a Europa em seu coração, mesmo vivendo em Buenos Aires”. O grande argumento d’*El Colorado* Ramos aparece quando fala sobre o caso de Ezequiel Martínez Estrada:

A propósito de Cuba, o caso de Martínez Estrada é muito eloquente. Não só manifestou sua adesão à Revolução Cubana como até foi viver em Cuba, Daí a confusão reinante em Cuba e entre nós acerca das ideias políticas desse escritor. Toda sua obra ensaística é dirigida contra o povo argentino, sob a capa de imprecizações bíblicas; é um inimigo jurado do gaúcho, de Martín Fierro e de Hernández; condena os argentinos em geral por doenças éticas incuráveis, nascidas de uma espécie de barbárie original, razão pela qual glorifica a Sarmiento, o degolador de gaúchos, e culpa a mestiçagem latino-americana pelo drama e pela esterilidade da América Latina.¹⁴⁰

E prossegue, enfático:

Como sua prosa parece escrita em caracteres cirílicos pela dificuldade de leitura, muita gente prescindiu de fazê-lo e fala dele por ouvir dizer. Mas Martínez Estrada jamais descreveu a oligarquia argentina, seu partido, o mitrismo, e o imperialismo como responsáveis diretos por nossas velhas dores e contendas. (...) sua providencial amizade com Cuba estendeu muito oportunamente um véu revolucionário sobre sua condenação simultânea do Estatuto do Peão da Argentina, sua aversão pela classe operária peronista ou seus juízos de senhora gorda sobre Evita. Tudo isso

¹⁴⁰Ibid., p. 292.

está escrito: não é preciso ir ao Arquivo das Índias¹⁴¹.

E, se fala sobre a América Latina estar “grávida de um bebê pantagruélico que começou a ser gestado nas guerras pela independência e que ainda não conseguiu nascer”, expressando um pensamento mais aberto e menos essencialista quanto às possibilidades e tentativas, entre as quais figura *Livro de Manuel*, de construir uma expressão literária original, genuinamente latino-americana, enquanto obra artística e filha de seu tempo. Indo além em sua exposição sobre o gesto de Cortázar, analisa o intelectual latino-americano tal como indica o título de seu artigo, A “intelligentsia” em um país semicolonial:

Uma das demonstrações de europeização política da ‘intelligentsia’ foi a dificuldade que sempre encontrou para perceber a significação do peronismo e em geral das revoluções nacionais que brotam ciclicamente na América Latina. Compreendem melhor o mais distante que o mais próximo. Nos últimos dez ou quinze anos, ‘esquerdizam’ sua incompreensão de Perón, assim como há trinta anos tingiam com uma cor ‘democrática’ sua hostilidade ao mesmo movimento. (...) uma coisa é o bonapartismo na análise de Gramsci e outra o esforço de repensar o marxismo para entender a íntima complexidade do movimento nacional, com seus anjos e dráculas. (...) Europeização pela direita ou pela esquerda, o intelectual latino-americano já sofreu todas as influências possíveis. Agora cabe a ele se deixar influenciar pela América Latina, que tem muito a ensinar a todo aquele que quiser ouvir.”¹⁴²

De todo jeito, as críticas, nas variações aqui apresentadas, não parecem ter

¹⁴¹Ibid., p. 293.

¹⁴²Ibid., p. 296.

provocado qualquer tipo de retração quanto à busca por novos envolvimento, novos compromissos políticos. Estes, por sua vez, demandariam de Cortázar novas tentativas, sob o signo de referenciar a si mesmo sem produzir repetições, desafiando-se a aliar criativamente compromisso político e inovação estética, logo em seguida ao debate acalorado em torno de *Libro de Manuel*. E em 1974 Julio Cortázar vai a Roma, por ocasião da convocação, por parte do senador italiano Lelio Basso, para participar como jurado no Tribunal Russell II.

Haroldo Conti, escritor e jornalista argentino que assinou o artigo *Quando emudecerem todas as vozes*, no *La Opinión Cultural*, foi sequestrado pouco mais de um ano depois da publicação do debate sobre Cortázar no jornal, meses após o golpe de Estado de 24 de março de 1976, que marca a subida ao poder da última ditadura argentina, autodenominada *Proceso de Reorganización Nacional*. Conti chegava com a esposa, Marta Beatriz Scavac, em casa onde estavam seus dois filhos, uma menina de sete e um bebê de três meses. Foram surpreendidos, nos primeiros minutos do dia 5 de maio de 1976, por um destacamento do Exército argentino com cinco ou seis pessoas, segundo recorda Marta. Entre o pavor de ter seus filhos arrancados pelos agressores, que debatiam sobre quem levaria qual criança, foi separada de Conti e conseguiu fugir por uma janela, pegando um táxi e, posteriormente, denunciando da forma mais ampla que podia, em veículos nacionais e internacionais. Foi torturada, agredida e buscou o paradeiro de Conti de todas as maneiras que pôde, inclusive houve um encontro do ditador Jorge Rafael Videla com os escritores Jorge Luis Borges e Ernesto Sábato, no qual o déspota militar afirmou não ter ciência do caso de Conti, que nunca mais foi visto com vida.

“‘Estamos em guerra’, lhe disse um integrante do bando. ‘E aqui somos nós ou vocês e não temos que deixar sequer a semente’, me disseram e isso não vou esquecer

nunca mais”¹⁴³.

Não havia mais tempo para debater a revolução. Era preciso sobreviver à caçada humana empreendida pelas ditaduras do Cone Sul. No horizonte mais imediato, em meio à sinistra aliança de ditaduras e Leis de Segurança Nacional, lutar pelos Direitos Humanos era apostar tudo nessa escassa chance de sobrevivência.

3.2 O antiintelectualismo de Cortázar: Romero e Fraga, 1974

Entre a experimentação entre estética e política levada a cabo com *O Livro de Manuel* (1973) e *Vampiros Multinacionales* (1975), aparece *Octaedro*, livro de contos publicado pela Sudamericana e Alianza de Madrid em 1974 (representando nova incursão ao conto, gênero literário que Cortázar não retomara desde *Todos os fogos o fogo*, de 1966). Embora os relatos não tragam tons políticos, é de se destacar certa teoria da biografia, uma crítica aos modismos literários e uma diferenciação quanto aos trabalhos de criação e crítica embutidas em *Os passos no rastro*, que conta, em terceira pessoa, sobre Jorge Fraga, um professor universitário que, aos quarenta anos de idade, decide escrever uma biografia sobre Claudio Romero que, na diegese do conto, é um poeta argentino do começo do séc. XX, referenciado junto a poetas reais, Evaristo Carriego e Alfonsina Storni. Ninguém havia escrito uma biografia sobre o “vate platense”, motivo pelo qual a “imagem de Romero se confundia com suas invenções”, “padecia da falta de uma crítica sistemática” e além de artigos laudatórios e de um livro escrito por um “entusiasta professor de Santa Fé, para quem o lirismo supria as ideias”, “não se tentara a menor

¹⁴³Depoimento de Marta Scavac à jornalista Alejandra Dandan, em matéria publicada no jornal *Página 12* em 14 de maio de 2009. Disponível em: < <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-124890-2009-05-14.html> >. Acessado em abril de 2017.

indagação sobre a vida ou a obra do poeta”. Em um dos deslocamentos do foco narrativo da terceira para a primeira pessoa, procedimento que Cortázar realiza sem tornar o narrador uma voz onisciente, neutra ou excessivamente neutra, exterior – pelo contrário, trata-se de uma narração que ressoa a consciência ou visão dos personagens, tal como argumentou o crítico literário e destacado crítico cortazariano Jaime Alazraki¹⁴⁴. Em um desses deslocamentos narrativos, o narrador assume a perspectiva de Fraga: “as afinidades entre mim e Romero, nossa preferência comum por determinados valores estéticos e poéticos, isso que torna fatal a escolha do assunto por parte do biógrafo, não me farão cair mais uma vez numa autobiografia disfarçada?”¹⁴⁵. Sobre os modismos literários e o ofício da crítica (temas que não estão dissociados da produção cortazariana), o narrador reflete que “[Fraga] não era ambicioso, mas o irritava ver-se preterido pelos escribas do momento” e seu estudo crítico sobre Romero derivava do fato de que “não era um poeta mas um apreciador de poesia, e que suas faculdades se afirmavam na crítica, no deleite que acompanha o conhecimento”. A tensão do conto é gerada pela tensão da relação entre biógrafo e biografado; a escrita de si feita por Romero em suas cartas é, de certa forma, um rastro calculado atrás do qual seguem os passos de Fraga. A imersão na vida de Romero leva Fraga a La Plata, onde o poeta vivera junto à professora normalista Susana Márquez. Indo ao encontro de Raquel Márquez, que trabalha em uma quitanda em Pilar (norte da província de Buenos Aires), Fraga obtém três cartas e algumas fotografias. Na primeira carta Romero se mostra angustiado diante do provável casamento com Susana; na segunda afirma oferecer a ela “a liberdade com o silêncio”, acrescentando o poeta que não queria “tossir na sua cara, não quero que enxugue meu suor”; na terceira afirma: “você insiste em

¹⁴⁴ALAZRAKI, Jaime. *Voz narrativa en la ficción de Julio Cortázar*. INTI, revista de literatura hispánica, n. 10/11, Julio Cortázar en Barnard (outono 1979 – primavera 1980), pp. 145-152.

Disponível em: <<http://digitalcommons.providence.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1117&context=inti>>. Acessado em março de 2017.

¹⁴⁵CORTÁZAR, Julio. *Octaedro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 23.

que eu a domino, em que a obrigo a fazer minha vontade.... Mas minha vontade é seu futuro, deixe-me semear estas sementes que me consolarão de uma morte estúpida”¹⁴⁶.

Assim, de posse das cartas e das inúmeras fichas que acumula sobre Romero, Fraga formula sua versão biográfica, publicada com o título de *Vida de um poeta argentino*. Nela, o poeta figura em posição de sacrifício pessoal, afastando-se de sua amada e assim fazendo-a evitar o sofrimento causado pelo problema de saúde dele, tomado como uma condenação. Contudo, um ano após o afastamento de Susana, Romero se apaixona por uma aristocrata, Irene Paz, a quem dedica o poema que é considerado sua magnum opus, *Ode ao teu nome duplo*, no qual a busca pela beleza e pela amada aludiam ao mitológico voo de Ícaro, símbolo do inatingível e da tragédia. Surpreendido por uma hemoptise, Romero morre meses após ter lançado seu último livro de poemas, contendo a *Ode*. O fantástico irrompe quando Fraga está escrevendo o discurso a ser pronunciado no recebimento do prestigioso “prêmio nacional” por *Vida de um poeta argentino*, obra que põe Fraga como sucesso de público, sendo entrevistado em rádios ou sendo recebido pelo ministro das Relações Exteriores com a proposta de torná-lo adido cultural na Europa. Um incômodo é inserido na narrativa (“mas naqueles dias Fraga andava apreensivo, sem explicar por que nascia dentro dele uma espécie de desejo de solidão”¹⁴⁷) e, deixando o discurso do prêmio inacabado, já acreditando ser uma farsa o que escrevera sobre Romero, Fraga retorna à quitanda de Raquel Márquez e a pressiona, quase com a certeza de que a filha de Susana ocultara outras cartas. Diante das negativas de Susana, Fraga oferece, agressivamente, dinheiro. “Não será vendendo abóboras que vai conseguir essa quantia”. Logo se recrimina por haver aceitado as cartas que Raquel havia selecionado no intuito de preservar a imagem da mãe e, por consequência, de Romero. “Naquele momento eu não podia saber

¹⁴⁶Ibid., pp. 26-27.

¹⁴⁷Ibid., p. 29.

que Susana tinha chegado a ser uma prostituta por causa de Romero”¹⁴⁸. Na ocasião do recebimento do prêmio, um cronista observou que Fraga “falara como se fosse o próprio Romero”, terminando por provocar uma “insuportável irritação no vasto auditório que se reunira com a intenção expressa de aplaudi-lo”¹⁴⁹.

A partir da microanálise do conto, ou seja, dos pormenores em sua superfície, observamos o tempo, o lugar, a ação, os personagens, Fraga, Romero, Susana e Raquel e sua interação, seus vínculos e pretensões; nesse plano, embora o foco narrativo se desenrole tendo Romero à frente, chama mais atenção o que está sendo dito de modo subjacente: a trajetória de Fraga. O professor/escritor passa da admiração à investigação sobre o poeta, elaborando uma biografia que rende ao biografado um inesperado lustro em seu nome de autor (em que pese seu sacrifício pessoal em favor da liberdade de Susana) e a ascensão do biógrafo ao olimpo do campo literário, já que conta com o reconhecimento do público (duas edições esgotadas meses depois da publicação), dos pares (montagem de uma peça teatral a partir do livro; indicação ao prêmio nacional) e do estado (convite do ministro para o cargo na Europa). A trajetória de Fraga é similar ao voo de Ícaro descrito pelo poema de Romero (Ode a teus dois nomes), e a tragédia é revelada quando o biógrafo se vê enredado na armadilha do biografado, cuidadoso em armar, para a posteridade, uma versão de si que lhe fosse conveniente e positiva. Colando ambos personagens em uma simbiose em que o morto vampiriza o vivo, Romero e Fraga, a ascensão e o declínio de um representa o mesmo para o outro.

Já no plano macroestrutural, ou seja, que vai subjacente ao plano microestrutural, a “esfera das realidades significadas ou simbolizadas”¹⁵⁰, podemos perceber uma difusa

¹⁴⁸Ibid., p. 33.

¹⁴⁹Ibid., p. 35.

¹⁵⁰MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2014, p.116.

posição antiintelectualista: em *Os passos no rastro* a disputa por capital simbólico conjuga as trajetórias de dois intelectuais e a farsa é tanto o elemento que possibilita a ascensão de Romero e o declínio de Fraga. Este último, na trama, é um intelectual que, após experimentar a fama repentina, se ressentido de haver caído numa armadilha biográfica por outro intelectual – não tanto pela ingenuidade mas por certa vaidade, no intuito de ordenar uma trajetória a partir de certo sentido que lhe é externo – a partir dos rastros calculados deixados no caminho por Romero. Podemos ver, na construção da aventura intelectual de ascensão e queda de Fraga, uma crítica velada do autor aos mecanismos próprios de consagração e descenso do campo literário. A diegese do conto (a produção do livro sobre Romero, o sucesso de público, o reconhecimento dos pares – elemento que confere capital simbólico e distinção – e do estado diante do trabalho de Fraga sobre o “vate platense”), de alguma forma, reflete concepções de Cortázar quanto ao campo literário – tendo por fundo aqui, na narrativa deste trabalho, a noção de campo desenvolvida por Pierre Bourdieu.

Bourdieu diz sobre o campo ser um “espaço relativamente autônomo (...), microcosmo dotado de suas leis próprias”¹⁵¹ e, com a relação ao macrocosmo ao qual é externo, o campo também é submetido a “leis sociais”, embora diferentes e muito particulares – e que regem o grau de autonomia (com relação ao macrocosmo ou a outros campos) presente em seu interior. Poderíamos dizer também de Bourdieu que seu artigo *A ilusão biográfica* talvez tivesse auxiliado Fraga a que não caísse na armadilha de Romero, na tentação ordenadora de encadear “acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (...), tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis”¹⁵².

¹⁵¹BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 20.

¹⁵²BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*, in: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 184.

Assim, a leitura macroestrutural do conto revela uma posição antiintelectualista, na qual se atesta a falibilidade do intelectual. Tal posicionamento pode ser entendido como sinal de uma transição importante na concepção do político em Cortázar; esse fragmento antiintelectualista em *Os passos no rastro* (1974) aparecerá de maneira mais evidente em *Vampiros Multinacionales* (1975), assinalando uma significativa mudança de pensamento do autor – e a partir do qual podemos traçar determinadas correspondências com o meio intelectual latino-americano, particularmente o literário, de meados da década de 1970 – dentro do entendimento de que o significado de “década de 1970” na América Latina, dentro das discussões da história intelectual latino-americana, remete a uma demarcação não linear cronologicamente, tal como propôs Claudia Gilman (2012). Nela, guarda maior coerência pontuar a década de 1970 latino-americana com os marcos da política, se pensamos nos anos de 1973 e 1976, em que golpes de Estado articulados por setores das FFAA e do empresariado colocaram ditaduras militares no poder no Chile (11 de setembro de 1973), Uruguai (27 de junho de 1973) e Argentina (24 de março de 1976). A transformação da realidade pela via da política pendeu para as posições revolucionárias na década de 1960 e os intelectuais se acotovelaram para sentar à mesa da Revolução, que parecia tão inevitável quanto utópica na América Latina após 1959.

Se nos anos 1960 (dentro do marco político que vai do triunfo da Revolução Cubana, 1959, passando pela posse de Allende no Chile em 1970 e encerrando com os golpes civil-militares citados¹⁵³) são emblemáticas as posições dos intelectuais sobre engajamento e compromisso, a década seguinte apresenta uma configuração política de restrição de espaços públicos de veiculação de ideias, como o fechamento de jornais e

¹⁵³Ainda com Gilman, podemos assinalar que a década de 1960 se estende de 1959 a 1973 e que os anos 1970 terminam com o desmonte jurídico-político dos aparelhos repressivos no começo dos anos 1980, resultado de fortes mobilizações populares.

revistas, casos do semanário uruguaio *Marcha* (fechado pela ditadura militar em 1974) e do jornal argentino *La Opinión* (em 1977 foi fechado e sofreu intervenção da ditadura militar, circulando até 1981).

Podemos dizer que Cortázar empreende certo “giro pragmático” entre *Octaedro* (1974) e *Vampiros Multinacionales* (1975), apontando em *Os passos no rastro* na direção de um pensamento antiintelectualista que se realizaria mais abertamente na novela publicada no ano seguinte sob a forma de um populismo que, até então, aparecera em sua ficção rodeado de espanto, admiração e repulsa – se tomamos em conta personagens como Marcelo Hardoy, de *As portas do céu*, ou na versão massificante do peronismo na *Plaza de Mayo*, numa enevoadada Buenos Aires, presente no romance *O Exame Final*. “De la crítica a la autocrítica había sólo un paso, que el antiintelectualismo dio”, como disse Claudia Gilman¹⁵⁴. Mas o que é o antiintelectualismo? E em que medida aparece presente como decorrência de uma determinada agência, Julio Cortázar e sua ficção, e no plano estrutural, como um elemento do campo literário latino-americano, ganhando força a partir de meados da década de 1960? Uma crônica-denúncia de 1974 diz um pouco mais sobre esse “giro pragmático” cortazariano.

3.3 Em defesa de Onetti: avançam as restrições e o pragmatismo intelectual

Ao final de uma carta, datada de 1º de julho de 1974 ao poeta espanhol Felix Grande (comentando um texto do poeta da geração de 50 sobre Neruda), Cortázar diz que “entre Onetti e eu existe um afeto baseado em tácitos pactos de silêncio, que só rompi para

¹⁵⁴GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario em América Latina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012, p. 159.

defendê-lo quando estava na gaiola”¹⁵⁵. O escritor e jornalista uruguaio ficou conhecido pelos romances *La vida breve* (1951), *El astillero* (1961) e *Juntacáveres* (1964), além de sua presença junto ao semanário *Marcha*, desde sua fundação, em 1939, como secretário de redação. E ambos, Grande e Cortázar, contribuiriam, cada qual à sua maneira, para que Juan Carlos Onetti fosse libertado – partindo o uruguaio, ato contínuo, para um autoexílio em Madrid.

Cortázar escreve para o diário mexicano *El Día* o artigo *Un pueblo llamado Onetti*, publicado em 29 de março de 1974: “Segundo as últimas notícias de Montevideo, os diretores do semanário *Marcha* e os escritores Juan Carlos Onetti, Mercedes Rein e Nelson Marra seguem presos, considerados pornógrafos. Mais exatamente, o pornógrafo seria Marra, autor de um relato intitulado *El Guardaespaldas*, que além de tudo é considerado agravante para o corpo de polícia; seus cúmplices, claro está, são os membros do jurado que lhe deram o prêmio outorgado por *Marcha*.”¹⁵⁶. Cortázar acrescenta um dado novo à questão quando fala que o regime uruguaio tinha a intenção de enviar o conto ao *New York Times* para que fosse lido pelos leitores estadunidenses, no que seria uma tentativa de contar com o respaldo da opinião pública nos EUA; o escritor argumenta que:

seria algo excelente que o *New York Times* topasse o desafio e publicasse o conto; os leitores norte-americanos que passaram pela escola de Henry Miller e Norman Mailer não vão ficar corados pela eventual "pornografia" em um relato que, pelo visto, mostra um guarda-costas homossexual que acaba sendo executado pelos Tupamaros; como se na França os leitores de Jean Genet ou de Tony Duvert fossem ficar sobressaltados por um tema

¹⁵⁵CORTÁZAR, Julio. *Cartas, vol. 4, 1969-1976*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, p. 451. Carta enviada desde Saignon, França.

¹⁵⁶O artigo seria também publicado, em maio de 1974, na revista cultural madrilenha *Cuadernos para el Diálogo*, em maio de 1974. Posteriormente seria incluído pelo crítico literário Saúl Yurkievich em uma compilação de artigos jornalísticos e discursos institucionais feitos por Cortázar. CORTÁZAR, Julio. *Argentina: años de alambradas culturales*. Buenos Aires: Muchnik Editores, 1984, p. 34.

que chega inclusive a cansá-los de tão repetitivo¹⁵⁷.

Ao longo do artigo Cortázar expressa não somente sua preocupação com a arbitrariedade cometida contra *Marcha*, Onetti e os demais, como critica também a escassa margem de ação no que toca à responsabilidade dos intelectuais diante do caso. Ele atribui essa escassez à baixa participação dos demais intelectuais em defesa de Onetti (“Pior, essa ineficácia é dupla, pois não somente se traduz em indiferença por parte dos que violam clinicamente direitos humanos elementais, como que também se manifesta do lado de aqueles que deveriam multiplicar suas vozes para denunciar o abuso¹⁵⁸”) e, nesse sentido, argumenta sobre a diferença quanto à repercussão, na Europa, dos casos de Soljenitsin¹⁵⁹ e Onetti.

Ele diz que “um escritor como Juan Carlos Onetti é menos famoso aqui que seu colega russo, e pertence a um pequeno país sem crédito político internacional. Enquanto as assinaturas mais célebres do planeta se ocupam do grande escândalo, praticamente nenhuma leva em conta o pequeno; porém, não há grande nem pequeno nesse reiterado desprezo do poder soberbo aos homens livres das máquinas burocráticas aos indivíduos que se obstinam em pensar por conta própria”. A repercussão, na Europa, do caso de um escritor soviético perseguido pelo governo, no contexto geopolítico da guerra fria, recebia mais atenção que a detenção de Onetti, transcorrida de forma ainda mais grave e arbitrária. Desse caso em diante, a necessidade de veicular denúncias, desde Paris, sobre os crimes cometidos pelos regimes militares ganharia maior expressão em Cortázar e logo veremos

¹⁵⁷Id. Ibid.

¹⁵⁸Ibid., p. 35.

¹⁵⁹Alexander Soljenitsin, escritor russo, havia sido preso quase simultaneamente a Onetti, no dia 12 de fevereiro de 1974. Soljenitsin fora acusado de traição pelo governo soviético após a publicação de *Arquipélago Gulag* (em 1973, pela editora francesa *Éditions du Seuil*), no qual se expõe uma visão sobre a vida nos gulags, os campos de trabalho forçados russos.

de que maneiras. Em outro trecho Cortázar soa taxativo e cético quanto ao momento político latino-americano e a forma de ação intelectual diante do novo contexto. Nesse trecho observamos uma forma enfática de reflexão sobre o cerceamento da liberdade que seria aprofundada ao longo do contato do escritor argentino com o Tribunal Russell II:

Já que telegrafar aos militares uruguaios é tão inoperante quanto bater em Carlos Monzón¹⁶⁰, seria hora que encontrássemos outras maneiras de resistir a uma barbárie que no Chile, Brasil, Paraguai, Bolívia e Uruguai forma uma frente comum muito mais eficaz que nossas intelectualíssimas mensagens.

Me aborrece ter que me referir aqui em particular a Juan Carlos Onetti, um dos maiores romancistas latino-americanos do nosso tempo; me aborrece pela mesma razão que, ao colaborar em um "dossier noir"¹⁶¹ sobre as atrocidades da junta militar do Chile, me chateou citar nomes ilustres quando todo um povo está sofrendo um destino parecido. Mas assim é a regra do jogo, e se ignoramos os nomes de milhares de operários, de camponeses e pequenos assalariados submetidos ao terror

¹⁶⁰O pugilista santafesino Carlos Monzón foi um dos maiores argentinos do boxe na categoria peso médio. Outros nomes argentinos de destaque no esporte, por exemplo, foram o peso-pesado Luis Ángel Firpo (*El toro de las pampas*) e o peso-leve Justo Suárez, *el torito de Mataderos*, cuja carreira ascendente foi abreviada pela tuberculose, aos 29 anos. O gosto de Cortázar pelo boxe levou Justo Suárez a ser tema de um de seus contos, *Torito*, publicado pela primeira vez na revista *Buenos Aires Literaria* n. 16, em janeiro de 1954 e posteriormente na primeira edição de *Final do Jogo (Editorial Los Presentes, México, julho de 1956; a portenha Sudamericana publicaria em 1964 uma nova edição ampliada com nove contos a mais em março de 1964)*.

¹⁶¹Em setembro de 1974 a parisina *Gallimard* publica *Chili: le dossier noir*, compilação de artigos de 72 autores, um trabalho realizado por meio da iniciativa de Cortázar, Saúl Yurkievich, Mario Muchnik, Raúl Silva Cáceres e Ugné Karvelis (companheira e agente de Julio na *Gallimard*), reunindo documentação (como a reprodução do último discurso proferido por Salvador Allende), reportagens jornalísticas e análises de conjuntura sobre os antecedentes e o golpe de 11 de setembro de 1973 que sepultou a democracia no Chile. Logo após o golpe de Pinochet, Raúl Cáceres, professor e crítico literário chileno, havia preparado um texto, *El terror en Chile*, que seria traduzido para o sueco, inglês, entre outras línguas, para ampla difusão no leste europeu sobre o golpe de estado no Chile. A renda do projeto seria revertida para ajudar perseguidos políticos, com a compra de passagens aéreas e auxílio para que se instalassem inicialmente em seu exílio. Cortázar sugeriu a Raúl que se unissem na elaboração de um volume de maior fôlego, no que resultou a publicação do *dossier noir* sobre o Chile, que Cortázar lutava contra o tempo – o prazo da *Gallimard* para o original era março – para traduzir e editar ao mesmo tempo em que era preso Onetti em Montevideo. Mais detalhes sobre o “dossiê negro” aparecerão aqui relacionados, pouco mais à frente, ao Tribunal Russell II.

das ditaduras latino-americanas, pelo menos nos cabe nomeá-los simbolicamente ao citar aqueles que se destacaram em algum campo da criação ou do conhecimento. Quando digo que Juan Carlos Onetti é um motivo de orgulho para nosso continente e para o Uruguai em particular, estou dizendo isso e muito mais; estou acusando um regime de violar instituições e direitos nascidos de longas guerras de independência e de incontáveis conflitos internos, estou acusando-o de humilhar um povo generoso e democrático com uma estúpida demonstração de força bruta e desprezo.

O telegrama enviado ao ditador Bordaberry foi publicado no número 126 de *Cuadernos para el Diálogo*, de março de 1974, trazia reproduzido um telegrama enviado ao ditador do Uruguai, Juan María Bordaberry, dias após a detenção de Onetti:

Excmo. Sr. D. Juan María Bordaberry. Presidente del Gobierno.
Montevideo. Uruguay.

ESCRITORES, UNIVERSITARIOS, ARTISTAS ESPAÑOLES, CON PROFUNDO RESPETO POR GLORIA UNIVERSAL QUE PARA URUGUAY Y PAÍSES HISPANOPARLANTES REPRESENTA FIGURA JUAN CARLOS ONETTI, ESPERAN, COMO RESPUESTA AL COMPROMISO DE AMPARO DERECHOS HUMANOS EN TODO PAÍS CIVILIZADO, INMEDIATA LIBERACIÓN SUYA Y PERIODISTAS URUGUAYOS SIMULTÁNEAMENTE DETENIDOS¹⁶².

¹⁶²*Telegrama expedido en Madrid em 15 de febrero de 1974. Cuadernos para el Diálogo*, n. 126, Madrid, março de 1974, p. 57. Assinavam o telegrama, entre outros, o poeta espanhol Vicente Aleixandre (Prêmio Nobel de Literatura em 1977), Cortázar, Félix Grande

O caso de Onetti e da intervenção de *Marcha* situava em um plano muito distinto o debate sobre a função social do intelectual e seu papel na esfera pública, visando participar da política: a censura e a repressão apareciam como questões na ordem do dia. O ambiente político no cone sul diferia muito do que fora vivido no período anterior, e a ação pela escrita e pelos posicionamentos públicos, tônica dominante do intelectual engajado no modelo sartriano, requeria cuidado e urgência.

A razão pela qual Onetti fora detido é um elemento que nos permite avaliar que a relação entre política e literatura no início dos anos 1970, entre estado (ao menos entre a configuração autoritária e militarizada de estado anti-democrático que tomava curso no cone sul) e escritores, apontava para o uso sistemático da censura – restrições de liberdade quanto ao que era considerado aceitável ou não publicar, por parte de órgãos estatais. Com a instalação da ditadura civil-militar no Uruguai, encabeçada pelo civil Juan María Bordaberry a proscrição dos partidos de esquerda foi acompanhada por uma caça aos intelectuais e órgãos de imprensa considerados difusores de ideias socialistas. Dessa maneira que, em fevereiro de 1974, é realizada uma batida policial na sede do semanário *Marcha*, em Montevideo. Carlos Quijano, fundador e diretor, Hugo Alfaro, redator, Mercedes Rein, encarregada da seção de literatura, Juan Carlos Onetti, escritor, e Nelson Marra, escritor e professor de literatura, foram detidos e a sede foi fechada. O grupo foi levado para o *Departamento de Investigaciones* n. 6 da *Jefatura de Policia de Montevideo* em 9 de fevereiro de 1974, um dia depois da publicação do conto, no número 1671 de *Marcha*¹⁶³. O pretexto da ditadura uruguaia para ação, já que carecia de fundamento legal

¹⁶³De maneira emblemática, a capa do n. 1671 de *Marcha* trazia a última foto de Salvador Allende retratado com vida. O presidente chileno aparece de capacete, olhando para o alto e empunhando o fuzil Kalashnikov presenteado por Fidel Castro. Resistindo ao bombardeio ao palácio presidencial chileno, *La Moneda*, Allende aparece cercado pelo GAP (*Grupo de Amigos Personales* ou *Grupo de Amigos del Presidente*). O grupo fazia a segurança do presidente Allende desde 1970, após a morte de René Schneider, general legalista e

para justificar a intervenção, fora a publicação de um conto considerado apologia à pornografia. Nelson Marra, o autor, foi o único condenado entre os detidos, cumprindo sua pena de quatro anos no presídio de Punta Carretas¹⁶⁴.

Marcha havia sido fundado em 1939 por Carlos Quijano e sua linha editorial foi marcada pelo destaque aos temas da política e da cultura, desde análises da conjuntura mais imediata até entrevistas exclusivas com Sartre e Che Guevara, por exemplo.

A linha de pensamento de Quijano passava por “duas nítidas inflexões: antifascismo e antiimperialismo. Com uma derivação a partir dessa última: nas próprias palavras de Quijano, 'pelo nacionalismo ao antiimperialismo; pelo antiimperialismo ao socialismo'”¹⁶⁵. Como forma de estimular o aparecimento de novas vozes narrativas, *Marcha* promoveu um concurso de contos em 1973. Em janeiro do ano seguinte o júri, formado por Onetti, Mercedes Rein e Jorge Ruffinelli se reúne para deliberar sobre os vencedores dentre os 352 relatos apresentados. Na decisão final, o trio destaca que os contos “revelam em sua quase totalidade um nível médio aceitável, com grande diversidade de temas, enfoques e estilos, manifestando uma inquietude criadora muito promissora, apesar das dificuldades que enfrenta a cultura em nossa América”¹⁶⁶. Pouco adiante, uma advertência: “o jurado Juan C. Onetti faz constar que o conto vencedor,

comandante-em-chefe do Exército assassinado em emboscada feita pelo grupo de extrema-direita *Patria y Libertad* (cuja origem remontava ao *Movimiento Civico Patria y Libertad*, criado para impedir a eleição de Allende pelo Congresso chileno, ocorrida em 24 de outubro de 1970). A ditadura de Pinochet perseguiu e assassinou os membros do GAP, formado por adeptos de partidos da coalizão *Unidad Popular* e do MIR (*Movimiento de Izquierda Revolucionaria*).

¹⁶⁴Nos tempos do capital aliado à repressão, nos 1970's, Punta Carretas era uma penitenciária (inaugurada em 1910, no governo do *colorado* Claudio Williman); no início dos anos 1990, na desastrosa era do neoliberalismo, a penitenciária foi transformada em um vultoso shopping center, na frente do qual atualmente fazem parada os ônibus de turismo.

¹⁶⁵FAZIO, Carlos. *En la barca de Carlos Quijano y su Marcha fecunda*, in: *Contibuciones al Pensamiento Social en América Latina* (Coordinado por el Centro Mexicano de Estudios Sociales A. C.). Ciudad de México, Distrito Federal: Universidad Nacional Autónoma de México – Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2007, p. 185.

¹⁶⁶*El fallo del concurso de cuentos*, nota emitida pelos jurados em *Marcha*, n. 1667, de 11 de janeiro de 1974, p. 23.

embora inequivocamente o melhor, contém passagens desagradáveis de violência sexual e inúteis desde o ponto de vista literário”.

O conto vencedor, *El Guardaespaldas*, de Nelson Marra¹⁶⁷ inicia a narrativa com uma morte:

Así com veinte plomos en el cuerpo, claro que no soy nadie, no sos nadie, no es nadie. Ninguno es nadie así, ni siquiera esa manga de hijos de puta que encerraron com vários coches en la rambla y me metieron bien de bien. Digo veinte plomos pero deben de ser más, deben de ser cincuenta o cien o quién sabe cuantos, porque sólo recuerdo cómo sonaban las tartamudas, cómo se deshacían los vidrios y las caras de bronca com que me miraban aquellos tipos, las caras de asco de aquellas minas, también. No aflojaron hasta que no me vieron tumbado.¹⁶⁸

No conto, o narrador-protagonista é um guarda-costas a serviço de um político corrupto do regime militar uruguaio. A memória da emboscada sofrida na *rambla* de Montevideo¹⁶⁹ é narrada pelo guarda-costas, que coloca a si mesmo em terceira pessoa para descrever “la sangre que salta a chorros de tu próprio cuerpo, la piel ardiendo, las piernas duras”, “solo en essa rambla fría, y te quedas mientras te rajaron los hijos de puta, te quedás solo, como en essa pieza”, enquanto está no hospital, ou “inferno blanco”. Com a opção de não narrar em terceira pessoa, com uma voz onisciente e demasiado externa, o autor produz uma voz narrativa que aglutina primeira e terceira pessoas, conferindo maior organicidade às memórias, narradas em linguagem coloquial, em um fluxo ininterrupto. As memórias do *guardaespaldas* são mediadas pelo próprio personagem, e não por uma voz

¹⁶⁷Marra assinou o conto como “Mr. Curtis”. O uso de pseudônimo se justifica para que a identificação do autor não influencie na avaliação do júri do concurso.

¹⁶⁸*El Guardaespaldas*, em *Marcha*, n. 1671, de 8 de fevereiro de 1974, pp. 28-31.

¹⁶⁹Avenida que se estende ao longo da costa do *Río de la Plata* em Montevideo, atravessando vários bairros da capital uruguaia.

externa a ele. É um funcionário que garante a segurança “del doctor, y eso era guita fuerte”, transita entre políticos corruptos e poderosos do regime militar“ por ministerios, oficinas, embajadas, fiestas bacanas”, é metralhado por um grupo de guerrilheiros ligados ao MLN-T¹⁷⁰ (Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros) em represália à sua atividade junto à ditadura, para a qual se desempenhava também como torturador: “como lo hiciste siempre (...) metiéndoles la picanita em el culo, em los huevos, em las uñas, com la cabecita bien cubierta por la bolsa y después agua helada para que esos mariquitas fueran machos y aguantaran”¹⁷¹. Se lembra de seu comportamento bruto quando jogador de futebol, quando destruiu a perna de um atacante que tentou passar-lhe a bola por entre as pernas e quando “vinieron al humo tres o cuatro – no con tartamudas, que eso era outro tiempo – entraste a meter mano y allí vino el desparramo general (...) pero vos dejaste bien sentada tu calidad de macho”. O comportamento violento e a força física o marcavam nos campos de futebol e no cotidiano com a filha e a esposa (das quais a primeira sente asco do pai e a segunda tem o corpo marcado por hematomas) além do entendimento de que sua função junto ao regime estava legitimada pela oficialidade de seus superiores e pelo discurso veiculado na grande mídia: “y qué importa todo eso si Cecili y la Rosa lo tienen todo, si vos defendés la ley y el orden (...) la mugre está del outro lado y los diarios lo dicen, los canales de TV lo comentan, las radios lo afirman y tus gobernantes inmediatos están de tu parte”. A falta de escrúpulos lhe rendeu a confiança dos homens no poder para realizar ações que não podiam ser assumidas oficialmente pelo estado: torturas, desaparecimentos e assassinatos.

¹⁷⁰Grupo de guerrilha urbana uruguaio fundado em 1965, de orientação antiimperialista. Dentre seus principais dirigentes figuraram Eleuterio Huidobro, Raúl Sendic e José Mujica, presidente eleito do Uruguai entre 2010 e 2015. Com a volta da democracia no Uruguai, em 1985, os *Tupamaros* formaram parte do *Frente Amplio*, coalizão política de esquerdas que conta com apoio popular e é determinante no cenário político uruguaio.

¹⁷¹*Marcha* n. 1671, 8 de fevereiro de 1974, p. 28.

O corpo forte é um elemento que aparece como trunfo nas memórias do guardaespaldas, sua força é elogiada por companheiros e superiores, o qualificam para o trabalho de sujar as mãos a serviço da repressão – ao mesmo tempo em que as memórias são acessadas a partir de um estado de imobilidade total do corpo, repleto de ferimentos a bala, vendado, pulsando uma vida que está muito mais próxima da morte. A presença ambígua do elemento “corpo”, denota também a validade de sua utilidade para o regime, na ambiência do relato: alvejado e ferido, inútil, e, assim, abandonado, só, não há ninguém que o visite no “*infierno blanco*” do hospital.

A ideologização que marcou a perseguição e a repressão da ditadura uruguaia (e as demais da América do Sul) aparece no conto quando o protagonista recorda:

Pero allí estabas vos, parado, mirando desde lejos, con la impunidad que te daba la tarjeta plastificada, la que te atribuía la noble condición de velador de la patria, de las instituciones, estabas vos que, en un principio, no mirabas ni pelo ni marca, pero que, con el tiempo te enseñaron a distinguir entre comunistas y tupamaros, entre gremialistas y subversivos, entre machos y hembras te enseñaron a distinguir, animal. Te enseñaron tipos “que la iban de doctores, de cráneos”, para que supieras como desarrollar la tortura, cuánto tiempo iba a durar, si era a muerte o no, porque vos no sabías nada de eso, vos sólo sabías meter mano y todo era igual, uno dos, uno dos, a la cocina, al hígado, unas cuantas patadas em los huevos a los hijos de puta que te bajaban de las 'chanchas' – eso, ya, cuando vos eras un “capo” – y a los que vos esperabas, con tus bigotes de mejicano transnochado, con tu dentadura picada, de lumpen venido a más, con tus “tics” de boxeador guapo, amigo de presidentes y maricas (...) que la cosa política venía brava y allí se precisaban machos como vos,

cojudos, bravos, sin escrúpulos, dispuestos a liquidar a un rata de éstos –
eso cuando se formaron los cuadros parapoliciales: tus deleitables horas
extras.¹⁷²

O trecho concentra o ponto em que a força bruta e a falta de escrúpulos (a vontade de ganhar ainda mais confiança, reconhecimento e subir dentro de uma escala meritocrática) se encontra com o uso sistemático da tortura como método para obtenção de informações para que a repressão mapeasse e exterminasse os focos organizados de resistência ao regime. Isso nos leva a observar, no interior do relato, uma visão da ditadura que equaliza violência e racionalidade dentro de um projeto arbitrário de captura do Estado, um golpe, obviamente antidemocrático, mas que aferroa sua sustentação no poder a partir da hierarquia e da meritocracia. É oportuno lembrar da cobertura que a filósofa alemã Hannah Arendt fez do julgamento do coronel nazista Adolf Eichmann em Jerusalém. Espantada com o fato de Eichmann, um genocida, ter recorrido ao conceito de imperativo categórico de Kant para justificar sua ação criminosa, apresentando o genocídio como “dever” a ser cumprido. Arendt comenta que “não é concebível que o ladrão e o assassino desejem viver num sistema legal que dê a outros o direito de roubá-los ou matá-los”¹⁷³ e, aproximando a banalização do mal aos elementos presentes em *El Guardaespaldas*, podemos dizer, com ela, que “ser respeitador das leis significa não apenas obedecer às leis, mas agir como se fôssemos os legisladores da lei que obedecemos. Daí a convicção de que é preciso ir além do chamado do dever.”¹⁷⁴.

A submissão e entrega ao sistema de dominação hierárquico, da repressão, é levado ao ápice, na narrativa, quando o guardaespaldas e o doctor, de forma inusitada (após uma

¹⁷²Ibid., p. 29.

¹⁷³ARENDR, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 84.

¹⁷⁴Id. Ibid.

farra em que o chefe precisa ser levado embora) estabelecem uma relação sexual, na qual aparece submisso o doctor, numa simbologia que inverte a hierarquia.

El terco orificio de la memoria, afirma o personagem do *guardaespaldas*, já que sua memória pontua a trajetória de um mercenário que se volta contra os seus (inclusive tendo exterminado a queima-roupa um de seus amigos de juventude), sendo o elemento de força bruta e falta de escrúpulos de que se vale a ditadura para eliminar opositores sistematicamente. A contrapartida dessa relação utilitária se dá com a cena em que el doctor e seu guardaespaldas irrompem em uma conjunção carnal que tem traços de uma cerimônia medieval de vassalagem. Marra narra sobre o poder. Ele faz a exposição de um trajeto particular do poder em sua narrativa, a força física como poder, em que uma conjuntura política determinada, o de um estado de exceção, permite que essa força seja um apêndice do estado – entranhando-os tanto quanto possível.

3.4 *Fantomas contra los Vampiros Multinacionales* e o Tribunal Russell II: o agitado 1975

3.4.1 Cortázar e os quadrinhos: contra os *Vampiros Multinacionales* – uma utopia realizável

Em fevereiro de 1975, Julio Cortázar aparece como personagem secundário em uma revista em quadrinhos publicada no México pela *Organización Editorial Nóvaro*: o número 201 da revista *Fantomas, la amenaza elegante*¹⁷⁵. A revista trazia a historieta *La inteligencia em llamas*, protagonizada por um herói controverso, culto e milionário, *Fantomas*, que se vê envolvido em desmascarar o responsável por trás da incineração simultânea de bibliotecas em cidades como Londres, Roma, Paris, Calcutá, Moscou, Bogotá e Buenos Aires. Na trama, diante da situação e do alarme das autoridades nacionais, *Fantomas* aciona suas ajudantes, as *Chicas del Zodiaco*, Libra e Peixes, pedindo para que elas façam contato urgente com alguns intelectuais, para que o ajudem na missão: entram em cena os personagens Alberto Moravia, Susan Sontag, Octavio Paz e Julio Cortázar (que, na historieta, aparece situado em Barcelona).

O contato de Cortázar com esta história em quadrinhos e com o Tribunal Russell II

¹⁷⁵O personagem *Fantômas* é uma criação de 1911 dos escritores franceses Marcel Allain e Pierre Souvestre, na esteira do gênero policial, que remete ao detetive C. Auguste Dupin, de Edgar Allan Poe (aparece pela primeira vez em *Os assassinatos da rua Morgue* no volume XVIII, n. 4, da *Graham's Magazine*, de abril de 1841), ao britânico Sherlock Holmes (aparece pela primeira vez em 1887, com *Um estudo em vermelho*) e, na França, a Arsène Lupin, o ladrão de casaca, criado por Maurice Leblanc em 1907. A versão homônima mexicana, *Fantomas, la amenaza elegante*, traz um herói construído no encaixe do Romantismo, tal como Dupin, Holmes e Lupin, ainda que não faça referências diretas a eles. Na Argentina podemos lembrar de Dom Isidro Parodi, o detetive criado pelo personagem-autor Honorio Bustos Domecq, criação de Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. A editorial Nóvaro começou a publicar *Fantomas* (sem o acento) em 1966.

resultaram na produção de uma obra tão pouco visitada quanto emblemática na produção cortazariana – porque conjuga a exposição de estratégias estético-literárias com sua leitura da realidade política e social latino-americana. O próprio título, *Fantomas contra los vampiros multinacionales, una utopía realizable narrada por Julio Cortázar*, revela alguns indícios quanto aos rumos tomados. *Fantomas* é um personagem de história em quadrinhos, forma narrativa ligada à cultura de massas, já que seu surgimento e veiculação (na segunda metade do séc. XIX, apesar de remontar ao séc. XVIII a utilização combinada de texto e imagem articulados) estiveram ligados à comunicação de massa, como jornais e álbuns¹⁷⁶. O *vampiro*¹⁷⁷, do ponto de vista mitológico, é um ser para o qual cuja vitalidade só existe na dependência. Assim, o consumo da vitalidade alheia, do qual temos como símbolo o sangue, é o que mantém vivos os vampiros. Quanto às *multinacionais*, trata-se de um elemento que se torna característico da economia global do pós-guerra. A partir de 1945, observa-se a expansão político-econômica dos EUA, ocupando um papel central na divisão internacional do trabalho – levando a cabo uma forma de imperialismo que em muito dependia das economias dos demais países latino-americanos. Então temos, na segunda metade do século XX, uma configuração em que uma economia em expansão – especialmente após o fim do sistema de Bretton Woods, em 1971, que, na prática, desatrela o dólar do padrão ouro, soltando as amarras para os objetivos imperiais das corporações estadunidenses – estabelece um modelo de centro e periferia, dentro do qual caberia à periferia, os demais estados da América Latina, empenhar-se na modernização de suas economias. O fim do sistema Bretton Woods deu lugar a uma forte retração econômica,

¹⁷⁶Uma discussão sobre a dimensão hipertextual dos quadrinhos é apresentada em: ALMEIDA, Maiara Alvim de & FERREIRA, Rogério de Souza Sérgio. *Histórias em quadrinhos como narrativas hipertextuais: duas propostas de leitura*, revista *Ipotesi*, UFJF, Juiz de Fora (MG), v.19, n.1, p. 270-278, jan./jun. 2015. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaiptesi/files/2016/01/21-Hist%C3%B3rias-em-quadrinhos-como-narrativas-hipertextuais-19-n1.pdf>>. Acessado em abril de 2017.

¹⁷⁷Uma referência aberta de Cortázar ao tema da vampirização, no sentido mitológico do termo, aparece no conto *Reunião com um círculo vermelho*, em *Alguém que anda por aí*, de 1977.

puxado pelo papel central do dólar na economia global, já que o lastro até então dado por algo que possuía valor intrínseco, o ouro, fora substituído pelo dólar, um título não-conversível, ou seja, sem lastro dado por seu valor intrínseco. As grandes corporações, nesse cenário, observaram as vantagens econômicas que poderiam obter a partir de determinadas configurações políticas no continente em correspondência com a internacionalização de seu capital. Sendo assim, o capital transnacional garantiu sua reprodução agindo em estreita relação com as burguesias nacionais latino-americanas, configurando a faceta particular do imperialismo nesse ponto do século XX. A alusão à vampirização, no título, não é gratuita nem descolocada – a dependência estava posta e imposta.

Assim, estamos diante de uma novela que traz, tanto em seus mecanismos internos quanto em suas condições de produção: certa negociação estética, mas que não está aparentada com o vanguardismo poético verificado em Cortázar, por exemplo, entre 1963 e 1973, ou seja, entre *Rayuela* e *Livro de Manuel*¹⁷⁸; existe uma elaboração narrativa que conjuga três vozes narrativas diferentes (um Cortázar triplo narrativamente) no plano da linguagem e uma escolha de formato apoiada fortemente na cultura de massas, as histórias em quadrinhos. Nisso podemos perceber o emprego de uma tática muito mais próxima do pragmatismo antiintelectual que do voluntarismo estético que marcou o vanguardismo da década anterior. *Fantomas contra los Vampiros Multinacionales* expõe, além disso, uma interpretação complexa da realidade, especialmente pelo caráter documental que traz, já que a novela traz anexa a ata da sessão do Tribunal Russell II ocorrida em janeiro de 1975.

O tribunal emite sentenças que decorrem de determinado entendimento da realidade

¹⁷⁸Passando pelos livros-almanaque citados, *A volta ao dia em 80 mundos* e *Último Round* nos quais foram testados os limites da linguagem e inclusive da própria edição impressa – a publicação original, pela *Sudamericana*, trazia duas brochuras independentes no mesmo livro; e também pelo hermetismo de que fora acusado em *62/Modelo para armar*, livro publicado em 1968 e que foi um dos motivos da acalorada polêmica de Cortázar com Oscar Collazos.

política, econômica e social sintetizando os argumentos apresentados por testemunhos, jurados e demais intelectuais que participaram da empreitada. Falaremos sobre cada uma dessas camadas: o plano narrativo da novela, a constituição do Tribunal Russell II em seu pensamento e argumentos e a mudança de posicionamento intelectual de Cortázar a partir da experiência junto ao tribunal.

A linguagem hipertextual de Cortázar nessa publicação, até então postulada tal como vemos em *O jogo da Amarelinha* (1963), *62/Modelo para armar* (1968) e *O Livro de Manuel* (1973) e hiperdimensionada nos livros-almanaque *A volta ao dia em 80 mundos* (1967) e *Último round* (1969) encontra um afluente interessante em *Vampiros Multinacionales* (utilizaremos este nome quando em referência à novela de Cortázar, para evitar confusão com a história em quadrinhos mexicana), no qual a consciência hipertextual é construída sob os signos do compromisso político e da subversão da linguagem para produzir um efeito estético fundado, uma vez mais, na proposta do jogo, cujo sentido se realizava na participação ativa do leitor. Ou seja, a fragmentação, a descontinuidade textual é realizada novamente, mas em terreno narrativo novo para o autor: as histórias em quadrinhos – mantendo, assim, vigente sua teoria do túnel (1947; sobre a qual falamos no capítulo anterior): destruir para construir, tal como a broca na pedra, como nascem os túneis. E quanto à escolha de Cortázar pelas histórias em quadrinhos, algo inédito em sua carreira de escritor de ficção, podemos argumentar que é uma aposta que se distancia de um certo hermetismo vanguardista, procurando estabelecer uma forma de comunicação mais popular, cuja receptividade mirada não fosse tanto a dos pares, mas a de uma recepção ampla. É válida a observação de Thierry Groensteen, nesse sentido, quanto aos quadrinhos:

(...) the question is: why should two of the most respected forms of human expression, literature (the model for all narrative forms) and drawing (the foundation of all fine arts), be dethroned and debased as they are side by side in a mixed media? (...) is it not the very fact of using text and image together that reputedly taints and discredits both of them? (...) In effect, comic art, just like cinema, which is also a hybrid genre, goes against the 'ideology of purity' (...) Moreover, the ideology of purity has given rise to an ever-increasing gulf between erudite culture and popular culture, the latter being naturally dedicated to fiction and entertainment.

(GROENSTEEN, 2009, p.9)¹⁷⁹

Assim, a escolha de Cortázar pelos quadrinhos é menos casual do que se pode supor, porque esse suporte representa uma possibilidade de 1) seguir investindo contra a linearidade narrativa e 2) conciliar ficção e vestígios documentais em uma obra que não fosse tributária do realismo político nem do esteticismo hermético de que fora acusado por Oscar Collazos na virada de 1969 para 1970 (no debate público discutido no começo deste capítulo). Destrinchando *Vampiros Multinacionales* temos, então, que sua trama se apoia no argumento de uma história em quadrinhos publicada no México, em fevereiro de 1975.

¹⁷⁹“A questão é: por que duas das formas mais respeitadas de expressão humana, a literatura (o modelo para todas as formas narrativas) e o desenho (o fundamento de todas as artes plásticas), podem ser destronadas e degradadas, porque estão lado a lado numa mistura de meios de comunicação? (...) não é o próprio fato de usar texto e imagem juntos que, de uma forma geral, mancha e desacredita a ambos? Na verdade, a arte dos quadrinhos, assim como o cinema, que também é um gênero híbrido, vai contra a 'ideologia da pureza' (...) Além disso, a ideologia da pureza deu origem a um abismo cada vez maior entre a cultura erudita e a cultura popular, sendo esta última naturalmente dedicada à ficção e ao entretenimento.” (Tradução nossa). GROENSTEEN, Thierry. *Why are comics still in search of cultural legitimation* (pp 3-12), in: HEER, Jeet. WORCESTER, Kent. *A Comics Studies Reader*. Jackson: University Press of Mississippi, 2009, p.9.

O argumento da revista foi elaborado pelo jornalista mexicano Mario Trejo González, *Gonzalo Martré*, com ilustrações de Victor Cruz. Nele, aparecem algumas referências literárias mais ou menos diretas: o título do episódio trazido na revista, *La inteligencia en llamas*, ecoa um trecho de *Muerte sin fin* (1939), do poeta mexicano José Gorostiza¹⁸⁰: *Oh, inteligencia, soledad en llamas, que todo concibe, sin crearlo* (GOROSTIZA, 2001, p. 29). Não é impossível lembrar-se também de Juan Rulfo e os contos de *El llano en llamas* (1953). Quanto ao elemento diegético da queima de livros, notamos proximidade com a distopia de Ray Bradbury, o romance *Fahrenheit 451* (1953), em que livros são queimados em nome de um processo de uniformização de pensamento e conduta da sociedade. Outro traço chama atenção: *Fantomas* sai de um teatro, acompanhado da atriz italiana Ira von Furstenberg, após assistir *A Ópera dos três vinténs* (1928) – de Bertold Brecht, inspirada na peça inglesa *The beggar's opera*, do início do século XVIII. A personagem Ira acha a peça muito comprida, ao passo que Fantomas acha que lhe pareceu curta, uma forma de dizer que a crítica ao sistema capitalista seria sempre pouca. Ou mesmo para que o personagem Fantomas se distinguisse da *socialite* italiana em sua erudição – uma forma de dizer que nem todos os ricos são iguais, por meio de estereótipos: ele o filantropo sabichão, ela a socialite fútil. É bastante útil a caracterização feita por Marie-Alexandra Barataud: *Vampiros Multinacionales* é a reescrita de uma reescrita. Cortázar reescreve o argumento da história em quadrinhos mexicana que, por sua vez, e como já observado, reescreve o herói Fantomas, de origem francesa:

a princípio, os quadrinhos da Editorial Nóvaro coincidiam com as histórias publicadas por [Pierre] Souvestre e [Marcel] Allain: eram adaptações mais ou menos fiéis das histórias francesas em quadrinhos

¹⁸⁰Falecido em março de 1973, dois anos antes do aparecimento do número 201 de *Fantomas* nas bancas.

traduzidos. Se mantinha então o lado criminal do roubo de obras de arte, assim como a presença da polícia que o perseguia. (...) Com o passar do tempo e com a fama crescente da série popular (tanto na França como no México), o protagonista do Fantomas mexicano se modificou quanto ao protagonista francês. A adaptação passa a ser reescritura: segue sendo um ladrão (...) mas se torna um filantropo milionário com traços de Robin Hood. Em episódios seguintes, se coloca contra a corrupção dos "Grandes do mundo", a favor dos desafortunados, exceto pelas obras de arte inestimáveis que guarda para si mesmo como tesouro. O Fantomas mexicano aparece então como um amálgama de *Fantômas*, Arsene Lupin e dos super-heróis americanos como o Batman. Com efeito, tal como este último, ele tem um refúgio secreto e aparece rodeado de toda classe de instrumentos super sofisticados e de alta tecnologia

(BARATAUD, 2009, pp. 2-3¹⁸¹)

Em poucos quadros o herói Fantomas chega ao responsável pela queima de livros: George Steiner¹⁸², apresentado como “um dos homens mais ricos da França”¹⁸³. Abaixo, as páginas em que Cortázar aparece na revista mexicana, situado em Barcelona (uma impressão plausível dos editores da revista, dadas as inúmeras viagens que Cortázar fazia tanto pelo aumento de compromissos públicos enquanto escritor quanto pela:

¹⁸¹BARATAUD, Marie-Alexandra. *Del texto y de la imagen: la escritura transgénica en "Fantomas contra los vampiros multinacionales" de Julio Cortázar*. Limoges: Université de Limoges, pp.1-11. Disponível em: <<http://www.crimic.paris-sorbonne.fr/actes/sal4/barataud.pdf>>. Acessado em março de 2017. Esse artigo faz parte da tese de doutorado defendida pela autora em 2013, *Du texte, de l'image et de la musique dans l'œuvre de Julio Cortázar*, na faculdade de Letras da Sorbonne Université.

¹⁸² O antagonista, George Steiner, tem o mesmo nome de um professor de literatura e crítico literário nascido na França e naturalizado norte-americano. Não passa despercebido que o vilão seja nomeado assim, no que podemos ver uma sutil e fugidia crítica antiintelectualista.

¹⁸³*La inteligencia en llamas*, 1975, p. 30



Imagem 2: Cortázar nas páginas 14 e 15 da revista em quadrinhos mexicana “Fantomas, la amenaza elegante”, de fevereiro de 1975.

Assim, a trama elementar de *La inteligencia en llamas* apresenta um herói milionário, filantropo e altruísta que se empenha em uma missão para salvar os livros – boa parte da cultura livresca da humanidade é salva pelo inestimável acervo preservado pelo próprio Fantomas.

Tomando conhecimento de que participara como personagem coadjuvante em uma história em quadrinhos sem consulta e autorização prévias, Cortázar, que acabara de participar da segunda sessão do Tribunal Russell II, em Bruxelas, realizada em janeiro de

1975, vê no episódio uma possibilidade de conciliação entre estética e compromisso político. Empreenderia a reunião desses elementos em uma única publicação: os documentos apresentados na sessão de Bruxelas e as denúncias e deliberações do tribunal através de uma narrativa aparentemente leve, como a da revista em quadrinhos – valendo-se inclusive das ilustrações originais combinadas com outras intervenções gráficas que faz.

Na trama da novela *Vampiros Multinacionales*, seria mantido, em parte, o fio condutor da narrativa original de *Fantomas, La inteligencia en llamas*: lá estão o herói *Fantomas* e o desaparecimento dos livros. Mas a dimensão elementar da história em quadrinhos, o trajeto problema / herói / conflito / resolução estaria presente, mas como ponta visível de uma estrutura narrativa subjacente. O inimigo não seria somente o milionário incendiário George Steiner, empenhado na destruição do conhecimento. Sua ação faz parte de um problema maior: ele é um mecanismo das ditaduras sul-americanas e das corporações internacionais para subtrair dos populares o acesso a bens culturais. Os intelectuais, que na história em quadrinhos figuram como coadjuvantes, passariam a protagonistas no desenrolar da narrativa de *Vampiros Multinacionales* – que é publicado em junho de 1975 pela editora mexicana *Excelsior* apenas quatro meses após *Fantomas, la amenaza elegante*.

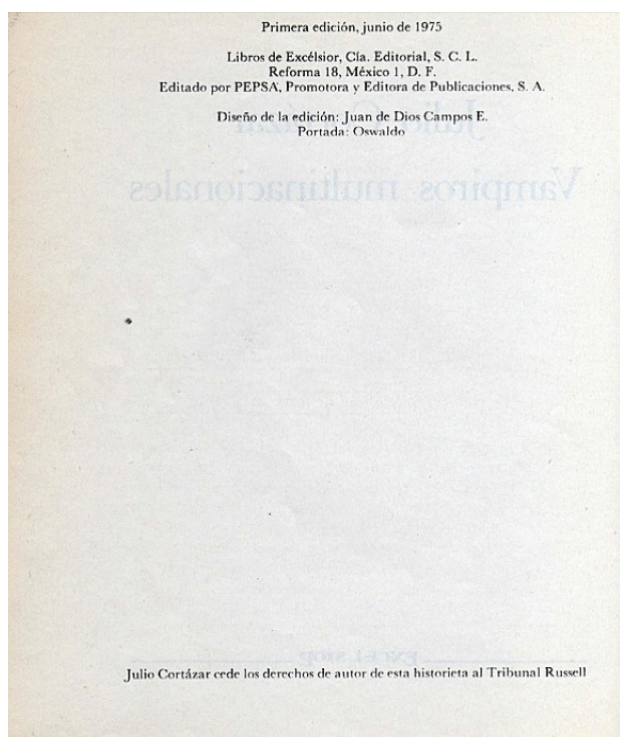
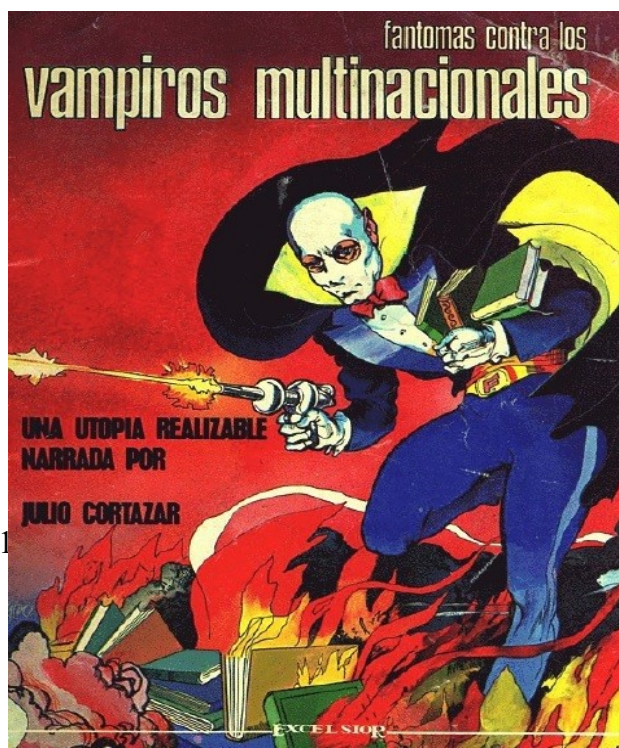


Imagem 3: Capa e folha de rosto de "Fantomas contra los Vampiros Multinacionales", de junho de 1975. Na parte inferior da página: "Julio Cortázar cede los derechos de autor de esta historieta al Tribunal Russell"

Vampiros Multinacionales apresenta um hibridismo insólito: é uma novela gráfica com páginas de histórias em quadrinhos e colagens, narrativa verbal autobiográfica e documentação histórica (as atas do tribunal Russell II) e, tal como argumenta Jaume Blanes, um espaço de negociação entre diferentes poéticas, numa variedade de texturas narrativas, sendo um texto que “continuava a indagação de Livro de Manuel mais que a de Octaedro, já que, embora em uma tonalidade e um registro muito diferentes, a questão que subjazia a ambos textos era praticamente a mesma: como representar e dar conta do conflito político contemporâneo e da violência (econômica, simbólica e repressiva) que estava sofrendo a América Latina a partir dos códigos próprios da literatura?”¹⁸⁴. Sendo assim, buscando empreender uma crítica ainda mais acentuada da realidade política e

¹⁸⁴BLANES, Jaume Peris. *Cortázar: entre la cultura pulp y la denuncia política*. Estudios Filologicos, UACH (Universidad Austral de Chile), n. 50, novembro de 2012, p. 96. Disponível em: <<http://revistas.uach.cl/index.php/efilolo/article/view/1369>>. Acessado em março de 2017.

social latino-americana, Cortázar confere a si mesmo uma medida ainda maior de autonomia literária em *Vampiros Multinacionales*. Dessa forma o escritor poderia rebater as críticas quanto ao esteticismo em excesso, hermetismo ou vanguardismo de que fora acusado, servindo-lhe a carapuça de intelectual não revolucionário; é como se Cortázar, com *Vampiros*, dissesse “agora eles vão ver o que é ser revolucionário – e em que termos se pode ser revolucionário, tanto no plano da linguagem quanto no das posições públicas”.

A narrativa traz uma presença tripla de Cortázar. Nas primeiras linhas da novela temos: “De como o narrador de nossa fascinante história saiu de seu hotel em Bruxelas, das coisas que viu pela rua, e do que lhe ocorreu na estação de trem”¹⁸⁵ (para dizê-lo um pouco à maneira de Cervantes¹⁸⁶). Então temos a voz narrativa, em terceira pessoa, apresentando um outro narrador – e que, como o narrador-autor, também é Cortázar. Logo em seguida: “A reunião de Bruxelas do Tribunal Russell II havia terminado ao meio-dia, e o narrador de nossa fascinante história tinha que regressar a sua casa em Paris, onde o esperava um trabalho bárbaro, razão pela qual não tinha muita vontade de regressar”. Ou seja, fica evidente que o narrador-personagem, assim referenciado pelo que sabemos que *de fato aconteceu* naquele janeiro de 1975, é também Cortázar.

“Bruxelas parecia sensivelmente colonizada pelo continente Latino-Americano, detalhe que ao narrador lhe pareceu estranho e belo ao mesmo tempo”. Sobre o motivo da presença latino-americana em Bruxelas diz o narrador:

¹⁸⁵CORTÁZAR, Julio. *Fantomas contra los Vampiros Multinacionales*. Cidade do México: Excelsior, 1975, p. 7.

¹⁸⁶Podemos nos lembrar dos títulos dos capítulos de Dom Quixote, como o capítulo XX do livro III, “Da nunca vista nem ouvida aventura, que jamais, e com pouco mais perigo, foi concluída por nenhum famoso cavaleiro no mundo, mas a concluiu o valoroso Dom Quixote de la Mancha”. CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

“‘Exilados, claro’, pensou o narrador. ‘Não há nada de estranho nem aqui nem em qualquer outra parte. Do Chile, do Uruguai, de Santo Domingo, do Brasil: exilados. Da Bolívia, da Colômbia, a lista era grande e sempre a mesma: exilados. Alguns haviam vindo para assistir as sessões do Tribunal Russell, para dar testemunho das perseguições e torturas; outros ali já estavam por ali, ganhando a vida como podiam ou sobrevivendo em um mundo que nem sequer lhes era hostil, simplesmente era outro, distante e alheio (...) De todos os que acabava de ver, por acaso somente as duas moças venezuelanas eram turistas; o resto estava ali varrido pelo ódio de longínquos déspotas, diante de seu destino de término incerto. Os exilados, o vago perfume dos pampas e savanas e selvas.’”¹⁸⁷

De cara são apresentadas a polifonia narrativa e a situação política, concreta, a que ela se liga: logo na primeira página de *Vampiros Multinacionales* temos o Tribunal Russell II e latino-americanos em Bruxelas, além de uma nota de rodapé que indica, nas páginas finais, o apêndice com “detalhes sobre este tribunal”. À maneira do *Jogo da Amarelinha*, a nota dá um “conselho amistoso” ao leitor, propondo uma rota: “leia o apêndice ao final, para quê a pressa se aqui vai tudo indo tão bem” . O procedimento narrativo cortazariano guarda semelhança com aquele utilizado por Edgar Allan Poe em *A narrativa de Arthur Gordon Pym* – e dissecado didaticamente por Umberto Eco: “temos um sr. Pym, que se declara um autor empírico e que é também o narrador de uma história verdadeira, e, ademais, escreveu um prefácio que faz parte não do texto narrativo, e sim do paratexto”¹⁸⁸.

O narrador-personagem está deixando a capital belga em direção à Paris, e enquanto espera seu trem compra a história em quadrinhos de *Fantomas, La inteligencia*

¹⁸⁷CORTÁZAR, 1975, p. 9.

¹⁸⁸ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 24.

en llamas para ler durante a viagem. E então fundem-se duas realidades diegéticas: a do Cortázar narrador-personagem com a do Cortázar personagem na revista em quadrinhos mexicana. O Cortázar narrador e personagem recebe uma chamada telefônica da personagem Susan Sontag, que está na história em quadrinhos: “Você não se dá conta, dromedário argentino, que tudo isso é uma cortina de fumaça? *Fantomas* caiu na pior armadilha, a de acreditar que sua missão havia terminado. É agora que começa o principal, Julio, é agora que entramos em ação”¹⁸⁹. A partir dessa fusão diegética, a trama do *Fantomas* mexicano é inserida na trama da novela de Cortázar, apenas para ser subvertida: Steiner não é o problema em si, mas parte de uma situação muito mais ampla que deve ser elucidada.

A trama da novela, então, segue no pulso da trama dos quadrinhos mexicanos. O ritmo do relato textual é acompanhado por inserções de páginas da revista (com o texto integral de cada balão de fala), até o momento em que *Fantomas* encurrala Steiner. Nesse momento, Cortázar: “-- Mas então – disse o narrador --, *colorín colorado, este cuento se ha acabado*”, para em seguida ser repreendido por Susan Sontag: “não se dá conta, dromedário argentino, que tudo isso é uma cortina de funaça. A verdade é outra, *Fantomas* perdeu seu tempo”¹⁹⁰. Nesse ponto emerge a trama subjacente de *Vampiros Multinacionales*: o ataque aos livros é efeito da ação repressiva empreendida pelas ditaduras latino-americanas em conluio com as empresas multinacionais. Referencia-se, então, uma interpretação histórica da realidade da América Latina – procedimento parecido com o levado a cabo em *Livro de Manuel* (1973), a partir dos comentários feitos pelos personagens das notícias inseridas para veicular denúncias (como a que informava que a Comissão Internacional de Juristas publicara um informe sobre a tortura no Brasil ou

¹⁸⁹CORTÁZAR, 1975, p. 35.

¹⁹⁰Id. Ibid.

sobre as mortes de Lamarca e Iara Iavelberg na Bahia, em 1971). Assim aparece também uma crítica antiintelectualista: o personagem Cortázar fala que os intelectuais (juristas, cientistas, teólogos, sociólogos, dirigentes sindicais e escritores) fazem o possível: dão entrevistas, difundem seus textos entre jornalistas, vão à televisão, etc, culminando, no caso específico da reunião do tribunal de intelectuais, em uma sentença que condenava sem efeito penal, buscava constranger os regimes militares publicizando seus crimes. A personagem Sontag faz o contraponto antiintelectualista: "não servirá para nada, *monono*, se os senhores e nós mesmos não encontrarmos o caminho, e quando digo nós não digo dos esbeltos intelectuais tão admirados pelas elites, mas de nós e de milhões de mulheres e homens do planeta"¹⁹¹.

Lembrando de Claudia Gilman, o avanço do antiintelectualismo se dá após o declínio da figura do intelectual revolucionário – que se revelou algo como um cobertor curtíssimo, insuficiente para dar conta de legitimar intelectuais enquanto "revolucionários" que não estivessem na ação política direta, colaborando na organização da resistência armada, casos emblemáticos de Francisco 'Paco' Urondo e Rodolfo Walsh, por exemplo. A concepção de "revolucionário" era talvez cara e imaculada demais para que se ajustasse à figura do intelectual. É justamente esse descompasso que infalamava um pouco mais a pergunta "para que servem os intelectuais?". Gilman esclarece que "os intelectuais não servem para nada, ou, melhor, não servem para aquilo que creem servir". De tal posição emerge o comportamento antiintelectual, que é "uma das predisposições dos intelectuais em momentos particularmente agitados da história, quando a aposta pela ação adquire mais valor que a confiança na palavra e qualquer outro tipo de prática simbólica"¹⁹². Subjetivamente, o fervor revolucionário que animou as palavras dos escritores latino-

¹⁹¹Ibid., p. 37.

¹⁹²GILMAN, 2012, pp. 163-164.

americanos, desde Paris ou reunidos em Havana, era de alta octanagem, sem dúvida, mas, do ponto de vista objetivo, revolucionário, tratava-se de medidas inócuas. Fuentes, García Márquez, Vargas Llosa e Cortázar, projetados como protagonistas da renovação narrativa da literatura hispano-americana, dentro do chamado boom, levaram a limites interessantes a rebeldia no plano da linguagem, o que denotava certa concepção transgressora, ativa e revolucionária de acordo com o modelo sartreano de engajamento (exposto cuidadosamente em *Que é a Literatura?*), mas desde outras paragens. No início dos 1960 teve espaço a figura do intelectual comprometido, e então decorreram dessa posição os debates sobre o intelectual como problema: como pode ajudar no processo revolucionário o intelectual? O declínio do intelectual comprometido é seguido pelas dificuldades inerentes a manter os avanços da revolução em Cuba ou sustentar os focos revolucionários no Brasil ou na Argentina debaixo das ditaduras de 1964 e 1966 respectivamente; o assassinato de Che Guevara no pequeno povoado de La Higuera, na Bolívia, em 9 de outubro de 1967, conferiu peso ainda maior ao termo "revolucionário". Como alguém que escreve desde um apartamento em Paris pode se incluir no mesmo termo que orientou os que estavam no front da luta armada? Além do mais, se o uso do termo escapasse à autoavaliação, a vigilância dos pares zelava por seu uso; novamente lembramos da polêmica Cortázar x Collazos sobre ser ou não ser revolucionários desde outras paragens, desde o terreno da ficção, em uma luta travada num espaço simbólico. O antiintelectualismo investia na desconstrução do intelectual tal como se concebia até então; a necessidade de agir era urgente e a denúncia era o mínimo que poderia ser feito. Essa mudança de posicionamento intelectual, do intelectualismo revolucionário ao pragmatismo antiintelectual em Cortázar, fica assinalada pela aparição de *Vampiros Multinacionales*.

3.4.2 O papel da vampira multinacional ITT no golpe a Allende

Uma vez expressa a consciência antiintelectual na trama, as personagens Sontag e Cortázar falam novamente sobre o trabalho feito pelo Tribunal Russell II e sua sentença contra o então Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, e contra as "corporações vampiras", como a estadunidense ITT -- *International Telephone & Telegraph*¹⁹³. Quanto à ITT, é destacado seu papel no fomento à preparação do golpe de estado civil-militar chileno.

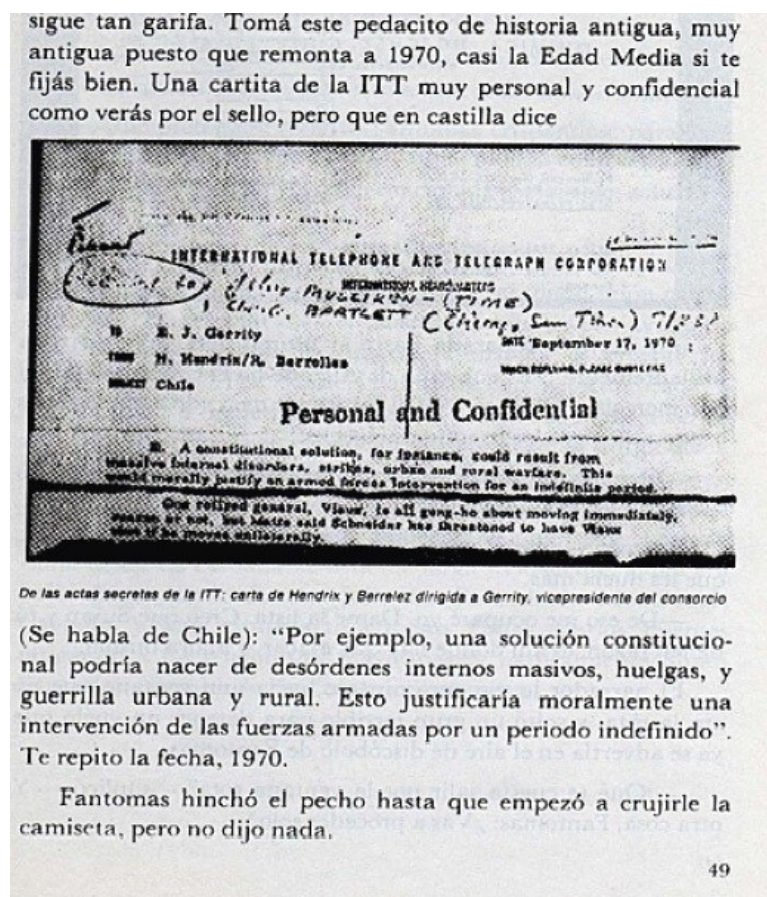


Imagem 4: reprodução do interior de *Vampiros Multinacionais*: documento da ITT

¹⁹³Ibid., p. 36.

O documento reproduzido é uma carta datada de 17 de setembro de 1970, dias após a eleição presidencial no Chile, em 4 de setembro, marcada como "pessoal e confidencial" e com o timbre da ITT. Foi enviada ao executivo Edward Gerrity Jr, vice-presidente da companhia, com o título "Chile". Os remetentes são Harold V. Hendrix e Robert Berrellez, ambos relações públicas da ITT para a América Latina.

Hendrix, por exemplo, fez sua trajetória profissional no jornalismo, trabalhou no *The Kansas City Star* e, em 1957 foi contratado pelo *The Miami News* como editor para a América Latina. Esse ano é crucial para a luta revolucionária contra a ditadura de Fulgencio Batista e, em meio a notícias que distorciam os rumos dos confrontos, apareciam informes de que Fidel estaria morto e os revolucionários, liquidados. Até que aparecesse a entrevista de Fidel Castro com Herbert Matthews, repórter do *New York Times*, mostrando que *El Comandante* estava muito mais vivo do que se acreditava. A importância geopolítica, nesse momento, de notícias veiculadas desde Miami, distante apenas 367 quilômetros de Havana, era crucial para informar ou desinformar sobre os eventos ligados à luta do M-26-7 ou, posteriormente à vitória da revolução, em janeiro de 1959, sobre o governo revolucionário. Harold Hendrix trocava informações com Theodore 'Ted' Shackley, militar veterano da II Guerra Mundial que trabalhava no setor de Inteligência do Exército dos EUA e, desde 1953, trabalhava com William Harvey na sede da CIA em Berlim. Ambos trabalharam na operação da CIA conhecida como *Executive Action*, desenvolvida para coordenar ações de inteligência e sabotagem de governos considerados incompatíveis com os objetivos da política externa estadunidense – cuja eficácia pôde ser demonstrada com o golpe de estado ocorrido na Guatemala em 1954, derrubando o presidente eleito Jacobo Árbenz, cuja política nacionalista fora considerada um entrave para a exploração da *United Fruit Company* no país. O *Executive Action* mirava com

obstinação derrubar Fidel Castro, fato evidenciado pela operação *Mongoose* – que resultou em um fracasso de cifras altíssimas, sendo conhecida em parte pela frustrada tentativa de invasão da Baía dos Porcos em 14 de abril de 1961, que incluiu bombardeios e ataque por terra (feito por uma tropa cubanos exilados). Tendo recebido informações de Shackley (designado então pela CIA em Miami), por exemplo, Harold Hendrix escreveu, uma série de artigos denunciando a presença de mísseis soviéticos em Cuba, tendo recebido o prêmio Pulitzer em 1963, na categoria *International Reporting*¹⁹⁴. Curiosamente, Hendrix escrevera sobre os mísseis em Cuba duas semanas antes da divulgação feita por John Kennedy sobre o fato em cadeia nacional, via rádio e televisão, em 22 de outubro de 1962¹⁹⁵. Outro evento político latino-americano marcante relacionado a Hendrix evidencia, uma vez mais, sua proximidade com a CIA: a derrubada do presidente da República Dominicana, Juan Bosch, professor e escritor eleito democraticamente (nas primeiras eleições realizadas após a morte do ditador e genocida Rafael Leónidas Trujillo, em dezembro de 1962). Bosch, que participaria como membro do Tribunal Russell II em Bruxelas, ficara apenas sete meses no poder como presidente eleito. Fora derrubado por um golpe militar, liderado pelo general Elías Wessin y Wessin, em em 25 de setembro de 1963, após tensões na fronteira com o Haiti, controlado pelo ditador François Duvalier, o *baby doc*. Harold Hendrix escreveu um artigo para a agência *Scripps-Howard News Service* descrevendo e justificando o golpe de estado sofrido por Bosch. O texto de Hendrix foi publicado em 24 de setembro de 1963, um dia antes que ocorresse o golpe de estado. A certeza vinha da proximidade com seus contatos na CIA. "Estou tocando isso

¹⁹⁴“Por suas reportagens persistentes que revelaram, em um estágio inicial, que a União Soviética estava instalando bases de lançamento de mísseis em Cuba e enviando-as em grande número de aeronaves MIG-21”, tal como descrito na categoria *International Reporting* do prêmio Pulitzer de Jornalismo de 1963. Disponível em:

<<http://www.pulitzer.org/prize-winners-by-year/1963>>.

¹⁹⁵Uma reprodução do discurso original pode ser acessada a partir de: <<http://microsites.jfklibrary.org/cmc/oct22/>>.

amanhã", tal como Johnny Carter. Tendo deixado a Scripps-Howard em 1966, Hendrix foi contratado, então, pela ITT, para ocupar o cargo de diretor de relações interamericanas da empresa, sendo designado em Buenos Aires. Em 1970 Hendrix foi deslocado para a sucursal da ITT em Santiago, no Chile, onde teve estreito contato com David Atlee Phillips¹⁹⁶. Sobre este último, diz Patricia Verdugo:

Com uma experiência de 25 anos na CIA, o histórico deste homem contém a derrocada do presidente guatemalteco Jacobo Arbenz em 1954, um papel essencial na fracassada invasão de Cuba em 1961 e a chefia da estação-CIA na República Dominicana e no Brasil. (...) O caso é que David Atlee Phillips não era um agente a mais. Era um "chefe" com grande experiência em operações encobertas na América Latina. Do Chile conhecia muito, porque sua biografia revela que – após combater na II Guerra – regressou ao Chile para retomar seus estudos universitários, em 1948. Foi no Chile que ele iniciou sua carreira na CIA. E ao Chile voltou, como chefe dessa task force que devia impedir a chegada de Allende ao *La Moneda*. Era, na realidade, um alto oficial da CIA, promovido a chefe da Divisão Hemisfério Ocidental, depois da missão no Chile¹⁹⁷.

A política reformista-nacionalista do presidente socialista Salvador Allende, vencedor das eleições de 4 de setembro de 1970 no Chile, era acompanhada de perto pela ITT e pela CIA, que encontrava no elo Hendrix – Phillips um duto valioso para a troca de informações privilegiadas.

¹⁹⁶Para mais detalhes, cf. DENT, David W. *U.S.-Latin American Policymaking: A Reference Handbook*. Connecticut: Greenwood Press, 1995.

¹⁹⁷VERDUGO, Patricia. *Chile, 1973: como os EUA derrubaram Allende*. Rio de Janeiro: Revan, 2003, p. 57.

O outro remetente, Robert Berrellez, foi funcionário da Associated Press, entre 1949 e 1969, tendo trabalhado inclusive no escritório da empresa em Havana e, posteriormente designado como correspondente para a América Latina. Em 1969, desligou-se da A.P. para assumir o cargo de relações públicas da ITT. Desde a sede da ITT, em Washington, Gerrity recebia as informações de 'Hal' Hendrix ou 'Bob' Berrellez para definir que tipo de estratégia poderia ser alinhada junto à CIA. O período entre 4 de setembro e 24 de outubro de 1970 era crucial para a definição da estratégia a ser adotada nos EUA quanto ao Chile – considerando as variáveis ainda em aberto. Isso porque entre a vitória eleitoral de Allende, que deixou para trás o candidato da direita, Jorge Alessandri (que havia sido presidente entre 1958-1964), e Radomiro Tomic, da Democracia Cristã. A ITT, via Berrellez, fez contato com Arturo Matte, cunhado de Alessandri, oferecendo todo tipo de apoio, pensando num cenário em que Alessandri fosse nomeado presidente pelo Congresso chileno em outubro e renunciasse – os estadunidenses queriam o democrata-a a permanência do cristão Eduardo Frei no poder. Como este não participou da disputa presidencial de setembro (era o presidente no período 1964-1970 e a Constituição não permitia a reeleição), seu nome era cogitado desde Washington para o caso de que, com a eleição de Alessandri pelo Congresso e sua posterior renúncia, o democrata-cristão fosse plenamente capaz de vencer Allende e a a coalizão *Unidad Popular* em novas eleições. Esse plano falhou, já que na manhã do dia 24 de outubro de 1970 Allende foi empossado constitucionalmente presidente do Chile pelo Congresso, em sessão presidida pelo senador democrata-cristão Tomás Pablo Elorza.

Assim, desde Washington, mudou-se a estratégia para o Chile. No documento com timbre da ITT que Cortázar insere em *Vampiros Multinacionales*, de 17 de setembro de 1970, vemos um curtíssimo trecho da mensagem, revelando a sugestão de que "uma

solução constitucional poderia resultar de desordem interna, greves e guerrilha urbana e rural. Isso justificaria moralmente uma intervenção das forças armadas por um período indefinido"¹⁹⁸. A baixa qualidade da reprodução editada em *Vampiros Multinacionales* não permite uma abordagem mais proveitosa do documento – o original traz sete páginas de informações. No memorando de 17 de setembro de 1970 temos uma análise de conjuntura distribuída em 10 pontos, destinados à situação eleitoral, como no n. 3, "Allende e a UP só ganharam por pouco mais de um terço dos votos nacionais totais", para aludir em seguida à estratégia "democracia contra comunismo" que marcaria um possível novo pleito, entre Allende e Frei, no intuito de somar em bloco os votos dos democratas-cristãos e da "ultradireita que apoiou Alessandri". A estratégia reafirma o balanço feito no ponto n. 2, de que "as perspectivas para uma nova eleição se vêem mais e mais atrativas à medida em que o futuro se vê mais e mais escuro". O ponto n. 10 resume os demais: "entre os observadores profissionais treinados com experiência nos EUA, Europa e América Latina, não há dúvida que, se Allende e a UP chegam ao poder, o Chile se transformará rapidamente em um estado comunista duro e firmemente controlado, como são hoje Cuba e Tchecoslováquia. Evidentemente, isso estabelece uma séria ameaça à segurança nacional dos EUA (digam o que digam Sol Linowitz, o senador Church¹⁹⁹ e outros de pensamento parecido) e de várias outras nações latino-americanas. Também é evidente, pelas declarações de Allende, que se estrangulariam laços financeiros e de negócios hoje existentes com os EUA". O documento prossegue com o detalhamento de um encontro ocorrido na residência do empresário chileno Arturo Matte Larraín²⁰⁰, em pontos que vão

¹⁹⁸CORTÁZAR, 1975, p. 49.

¹⁹⁹Frank Church, senador do Partido Democrata por Idaho, cumpriu mandatos entre 1957 e 1981, tendo presidido, entre 1975-76, o Comitê Church, um comitê do Senado dos EUA criado para investigar arbitrariedades cometidas pelos serviços de inteligência estadunidenses, entre os quais o envolvimento da CIA na articulação do golpe chileno de 1973.

²⁰⁰Empresário filiado ao Partido Liberal do Chile, fundador da *Compañía Manufacturera de Papeles y Cartones*, presidente do Banco Sud Americano (atualmente Scotiabank), estatizado pelo governo de Allende

de "A" a "J". O ponto "G" menciona o general legalista René Schneider, dizendo que ele "não moverá um dedo sem a aprovação de Frei" e que um "general reformado, [Roberto] Viaux, está determinado a agir de imediato, com ou sem razão (...) Embora Viaux tenha alguns seguidores após sua frustrada rebelião de meses atrás, há dúvidas de que atualmente comande forças suficientes para obter sucesso sozinho"²⁰¹. O general René Schneider, então comandante-em-chefe das Forças Armadas do Chile (nomeado por Frei após o *Tacnazo*), sofreu uma emboscada em outubro de 1970, tramada por oficiais do alto escalão das forças armadas chilenas, como os generais Camilo Venzuela, Roberto Viaux, Alfredo Canales, o almirante Hugo Tirado, o general Joaquín García, da força aérea, Vicente Huerta, diretor-geral dos Carabineros e os civis Juan Luis Bulnes Cerda, Diego Izquierdo Menéndez e Jaime Mendoza Garay, além de Enrique Arancibia Clavel²⁰², que ficaria marcado como liderança do *Patria y Libertad* e agente da DINA (*Dirección de Inteligencia Nacional*, a polícia secreta do regime pinochetista, que atuou entre 1973 e 1977). O plano envolvia o sequestro de Schneider e a posterior atribuição do crime a um falso grupo de esquerda, a *Brigada Obrero Campesina*, que contava com alessandristas e demais componentes da extrema direita no país e executou atentados terroristas na capital – as bombas nas Torres de Tajamar, no aeroporto de Pudahuel, na sede do canal 9 de televisão, em uma das lojas da rede de supermercados Almac, na Escola de Direito da *Universidad de Chile*, entre outras localidades, nos primeiros dias de outubro de 1970. Frustradas as

em 1971. Foi ministro da fazenda entre 1943-44 no governo Ríos Morales, senador entre 1951-57 e segundo colocado nas eleições presidenciais chilenas de 1952, vencidas por Ibáñez del Campo. Casado com Esther Alessandri, era cunhado de Jorge Alessandri, candidato derrotado por Allende em setembro de 1970.

²⁰¹O general Roberto Urbano Viaux Marambio liderou, em outubro de 1969, o Tacnazo, uma insurreição no Exército chileno. Tendo recebido baixa do Exército no começo de outubro, Viaux, até então chefe da Primeira Divisão do Exército em Antofagasta, insubordinou-se e dirigiu-se a Santiago, onde tomou o Regimento de Artilharia Tacna, sob o pretexto de protestar pelas péssimas condições de remuneração e equipamentos do exército.

²⁰²Cf. SATER, William F. *Chile and the United States: empires in conflict*. Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1990, pp. 163-164.

tentativas de sequestro sob o comando de Viaux nos dias 19 e 20 de outubro, a caçada a Schneider se dava contra o relógio, já que deveria ocorrer antes da decisão do Congresso, marcada para o 24 de outubro; uma assoada num lenço foi o sinal para disparar a operação no dia 22 de outubro, indicando que Schneider havia deixado sua casa em veículo oficial, em direção ao Ministério da Defesa. Schneider foi bloqueado por quatro carros e, percebendo a aproximação de um grupo de homens, reagiu sacando sua arma. Foi atingido por três tiros e veio a falecer no dia 25 de outubro de 1970. A eliminação de Schneider era tida como crucial para o avanço das etapas que culminaram no golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973.

Ainda quanto à reunião na residência de Matte, detalhada no memorando da ITT, este informou que os militares possuíam planos contingentes prontos para entrar em ação, fosse da magnitude que fosse a operação (ponto J). Na seção destinada às "conclusões", percebemos que a culminância das preocupações, de ordem econômica, incluíam a ocorrência de um congresso do Partido Comunista em Santiago, junto à *Central Unitaria de Trabajadores de Chile* (CUT) e a *Confederación Nacional del Trabajo* para discutir os termos das expropriações que seriam levadas a cabo pelo governo Allende. Assinalam no documento que sua preocupação se dá pelas companhias de cobre, recurso natural crucial para a economia chilena, a cadeia de diários *El Mercurio*, de Agustín Edwards, e de outros interesses não especificados, ressaltando que o processo se daria em um prazo de dois anos. Após um rápido balanço sobre a recessão econômica no Chile, causa de que a construção civil estagnasse no período (com uma estimativa de 30.000 trabalhadores do setor despedidos na Grande Santiago até o fim de setembro de 1970), aparecem as recomendações quanto ao que fazer internamente:

1. Que nós e outras empresas norte-americanas no Chile

injetemos alguns avisos em *El Mercurio* (isso já começou).

2. Que ajudemos a colocar outra vez alguns propagandistas no rádio e na televisão. Há umas vinte pessoas que os grupos de Matte e Edwards²⁰³ mantinham e devemos assegurar-nos de que sejam reativados. Allende controla agora duas das três estações de TV em Santiago e iniciou uma intensa campanha de rádio.

3. Que ajudemos a manter um centro de "realocamento familiar" em Mendoza ou Buenos Aires para as mulheres e filhos de personagens-chave implicados na luta. Isso compreenderá umas 50 famílias durante um período de um mês a seis semanas, talvez dois meses (...)

5. Que insistamos na imprensa, chave, europeia, através de nossos por lá, para que publiquem a versão dos desastres que cairiam sobre o Chile se Allende e cia ganhassem esse país. Essas são sugestões imediatas, e haverá outras entre agora e o 24 de outubro, à medida que a pressão sobre Frei e os democratas-cristãos cresça²⁰⁴.

O memorando inserido por Cortázar tem origem em uma compilação feita pela secretaria-geral de governo do Chile, publicada em abril de 1972 sob o título *Documentos Secretos de la ITT y la Republica de Chile*. Na apresentação da compilação, observa-se: "*para el Gobierno de Chile constituye un deber patriótico poner en conocimiento del país la información contenida en estos documentos. Todos los ciudadanos deben analizar y meditar la extraordinaria gravedad que los hechos en ellos descritos entrñan para la independencia, soberanía y autodeterminación de nuestro país*". A edição saía pela

²⁰³ Agustín Edwards Eastman, empresário que comandava *El Mercurio* e atuava como colaborador destacado da CIA no fornecimento de informações sobre o cotidiano político chileno.

²⁰⁴ CHILE, Secretaría General de Gobierno de. *Los documentos secretos de la ITT y la República de Chile (fotocopias de los documentos originales y traducción completa del inglés)*. Santiago: Empresa Editora Nacional Quimantú Ltda, 1972.

*Editorial Nacional Quimantú*²⁰⁵. Esta versão que aparece no livro da *Quimantú*, por sua vez, decorre do levantamento feito por Jack Anderson, jornalista investigativo conhecido por reportagens tais como a que revelou a participação clandestina dos EUA no apoio ao Paquistão na guerra Indo-Paquistanesa de 1971²⁰⁶ ou na perseguição feita pelo governo Nixon a John Lennon. Na época da matéria sobre o envolvimento entre CIA e ITT, Anderson trabalhava para a *United Feature Syndicate* e mantinha a coluna *Merry-go-round* no *Washington Post*²⁰⁷. Apareceu na *Merry-go-round*, em 21 de março de 1972:



Imagem 5: reprodução da coluna de Anderson no *Washington Post*, de 21 de março de 1972²⁰⁸.

²⁰⁵O aparecimento da *Quimantú* se dá após a paralisação dos trabalhadores da *Editorial Zig-Zag*, entre as maiores do país, no final do ano de 1970. Os trabalhadores reivindicavam que a empresa fosse integrada ao plano de nacionalizações do governo Allende e, no dia 12 de fevereiro de 1971 o governo chileno assinou a compra dos ativos da editora, que começou a funcionar sob a direção de Joaquín Gutiérrez. A nova editora se destacou pela coleção *Quimantú para todos*, destinada a editar títulos da literatura chilena, latino-americana e universal por preços módicos, com o objetivo de democratizar o acesso à literatura no Chile. Foram lançados 47 títulos entre outubro de 1971 e setembro de 1973, quando o golpe de estado abreviou a iniciativa de popularizar a leitura no país.

²⁰⁶Que lhe rendeu o prêmio Pulitzer de 1972 na categoria *National Reporting*.

²⁰⁷A coluna, idealizada pelo jornalista Drew Pearson, veiculava críticas variadas a pessoas públicas, como o presidente Franklin Roosevelt ou o secretário de estado Cordell Hull, sendo um gênero jornalístico conhecido como *muckraking* (aglutinando *muck*, sujeira, com *raker*, alguém que usa um ancinho, para dar uma ideia de revolver a sujeira, debulhar, em reportagens que iam mais fundo na sondagem das causas e relações entre empresários, governantes, etc). Anderson assumiu a coluna após a morte de Pearson, em 1969, e foi nela que apareceu a primeira reportagem sobre a interferência da ITT no Chile.

²⁰⁸Esse documento e uma série de outros relacionados ao caso da ITT no Chile podem ser acessados no site da CIA. Disponível em: < <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP74B00415R000300020013-9.pdf> >

A matéria, intitulada “Memorandos revelam ação da ITT por golpe no Chile”, dizia sobre o envolvimento do alto escalão da empresa para impedir que o “presidente esquerdista chileno” fosse eleito em 1970. Anderson fala sobre o conluio da ITT com a CIA na preparação de um “caos econômico” no Chile, de maneira que esse cenário tornasse propício a intervenção dos militares sob a forma de um golpe de estado, impedindo Allende. A coluna de Anderson não passou despercebida pelos olhos de Nathaniel Davis, que prontamente reportou um informe à CIA sobre a publicação das informações relacionadas à ação da ITT na desestabilização do governo Allende. Davis havia substituído, em 1971, Edward Korry como embaixador dos EUA no Chile.

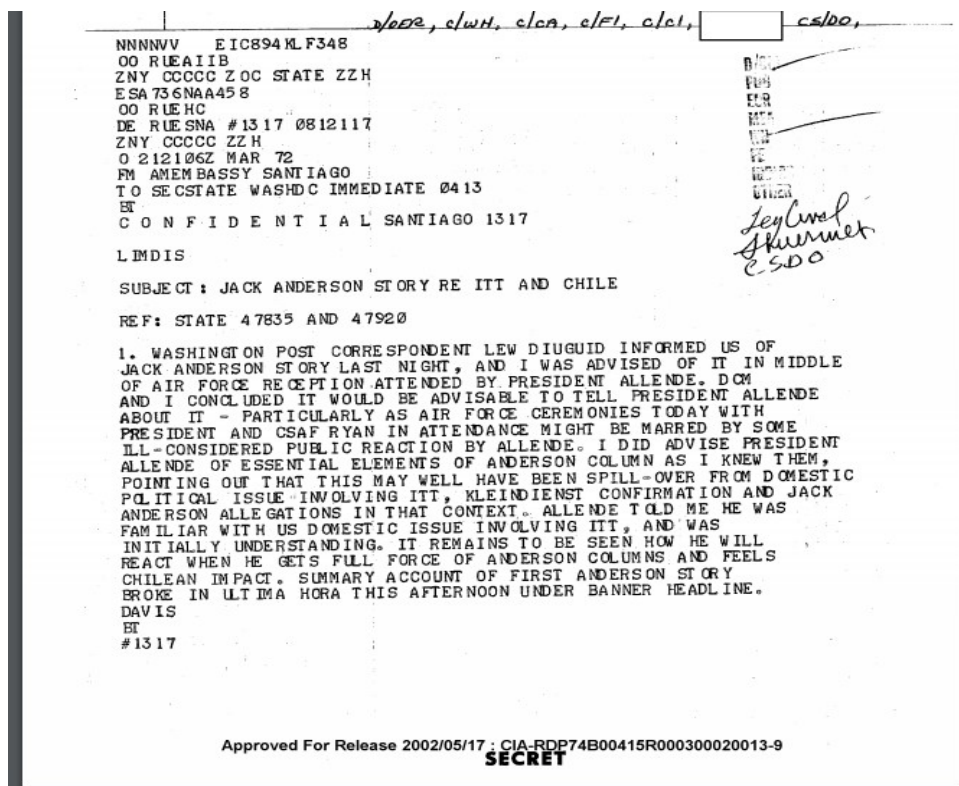


Imagem 6: reporte de Nathaniel Davis, embaixador dos EUA no Chile (1971-73), à CIA

“Allende me disse que estava familiarizado com a questão doméstica envolvendo a ITT e a estava compreendendo, inicialmente. Resta saber como ele reagirá quando tiver pleno conhecimento da coluna de Anderson e sinta o impacto no Chile”²⁰⁹, diz Nathaniel Davis em seu informe.

Cortázar, que havia estado com Allende no Chile no 4 de novembro de 1970, expressava então ao tradutor norte-americano Gregory Rabassa: “acabo de voltar do Chile, onde fui para me solidarizar com o governo de Allende; foi uma viagem improvisada, que decidi em dois dias, ao descobrir que de todas as maneiras não era possível estar ausente em momentos em que um país do Cone Sul se lançava a uma tentativa socialista”²¹⁰. O caso chileno chamava atenção por dois motivos: primeiro porque, dos processos políticos do século passado em que se instalara um modelo socialista de governo, a chegada ao poder não se dera diretamente pela via revolucionária, senão pela via institucional – dos quais são paradigmáticos os casos da URSS, China e Cuba; e, por outro lado, tratava-se de um país cuja estabilidade democrática se mantivera praticamente inabalável desde O'Higgins²¹¹, o que dava novas perspectivas, em plena guerra fria e em meio a uma área sensível ao xadrez geopolítico estadunidense no período, à construção do socialismo na América Latina. Diante de um cenário em que a direita e a democracia cristã se fragmentavam diante do apoio popular à *Unidad Popular*, o duplo triunfo de Allende (nas urnas, em 4 de setembro, e no Congresso, em 24 de outubro, vindo a tomar posse no 4 de

²⁰⁹O documento está disponível para consulta em: <<https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP74B00415R000300020013-9.pdf>>. Acessado em maio de 2017.

²¹⁰Carta a Gregory Rabassa, datada de Paris, 26 de novembro de 1970. CORTÁZAR, Julio. *Cartas, 1969-1976, vol. 4*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, p. 178.

²¹¹Ressalvas para percalços como o da *Ley Maldita* de 1948, um ajuste da lei 6.026 de 1937, criada no governo de Arturo Alessandri (1932-1938; pai do candidato liberal vencido por Allende em 1970, Jorge Alessandri). A lei 8.987, chamada *Ley de defensa permanente de la democracia*, baixada em setembro de 1948, proscovia o *Partido Comunista de Chile* (PCCh), servindo como instrumento de perseguição política no país.

novembro de 1970) significou uma nova etapa para pensar o socialismo no continente, 11 anos após a Revolução Cubana. A política reformista empreendida pelo governo Allende abarcou desde a nacionalização do cobre, das indústrias instaladas no país e do sistema financeiro, até uma profunda reforma agrária, contrariando os interesses econômicos do capital privado no país, que não viu na democracia cristã ou nas Forças Armadas, de imediato, em 1970, um instrumento confiável para operar a fratura da democracia no Chile, e a via constitucional também parecia descartada. Dessa maneira, a trama golpista no Chile avança para o estrangulamento da economia, com o beneplácito de Washington, e com a participação ativa de setores estratégicos do empresariado chileno. A alta da inflação no país despencou o poder de compra de grandes parcelas da população, o que resultou na impossibilidade generalizada de que itens básicos da alimentação não pudessem sem comprados – medida que foi contra-atacada com a criação, por parte do governo, em 1972, das *Juntas de Abastecimiento y Control de Precios* (JAP's), no intuito de amenizar os efeitos da escassez de alimentos. Não é difícil observar a similaridade dessa prática de estrangulamento econômico nos procedimentos golpistas verificados no Brasil, levados a cabo por setores da burguesia nacional entre 2015 e 2016 (ano em que se consumou um golpe jurídico-midiático-parlamentar no país) e na Venezuela, ao longo de 2016 e 2017, embora distintas as épocas e os contextos geopolíticos.

3.5 Cortázar pelo Chile: *Chili: le dossier noir*, 1974

Ainda com relação à situação do Chile, posteriormente ao golpe de estado de 11 de setembro de 1973, Cortázar se envolveu com a preparação de um livro que reuniria testemunhos e análises sobre a conjuntura política mais imediata, os anos que antecederam o golpe que colocou Pinochet no poder. Cortázar, então, desempenhava o papel de editor. Sua experiência com a editoração se dava a partir de sua própria experiência como escritor, em sua frequente correspondência com agentes literários e editores como Carmen Balcells e Francisco Porrúa, mas organizar uma publicação desde o recebimento dos textos, tradução e encaminhamento do original para a editora, prova das cópias, etc, era uma experiência única em suas atividades.

O título que a publicação receberia, *Chili: le dossier noir*, marcaria bastante a estratégia de denúncia empreendida em *Vampiros Multinacionales*, publicado no ano seguinte: a dimensão documental, dado que se tratava de um dossiê, uma compilação de documentos em torno de uma temática determinada. No caso do *dossier noir*²¹² essa dimensão era onipresente. Antes do sumário, consta que “*Chili: le dossier noir est l'oeuvre d'un collectif constitué de*”, e segue uma lista alfabética com o nome de todos os colaboradores, entre os quais destacamos amigos próximos de Cortázar como os críticos literários Saúl e Gladys Yurkievich, os editores Mario e Nicole Muchnik, o jornalista

²¹²Também em 1974 é publicado *Le livre noir de l'Intervention Américaine au Chili*, de Armando Uribe, pela Éditions du Seuil. Uribe, professor, escritor e advogado, foi designado embaixador na China por Salvador Allende; após o golpe de 11 de setembro de 1973 exilou-se na França. A versão em espanhol, *El libro negro de la intervención norteamericana en Chile*, foi publicada pela mexicana Siglo XXI também em 1974. E ainda uma versão em inglês, *The black book of American Intervention in Chile*, saiu pela Beacon Press (Boston) em 1975. Uribe traça um panorama da presença imperialista dos EUA no Chile, especialmente via diplomacia e tratados militares. Chega a afirmar que “em finais da década de 1960, os Estados Unidos conheciam materialmente ao Chile melhor do que os próprios chilenos conheciam seu país”. URIBE, Armando. *El libro negro de la intervención norteamericana en Chile*. Cidade do México: Siglo XXI, p. 24. O livro está disponível em: < <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-8630.html> >. Acessado em maio de 2017.

Marcel Niedergang (com quem Cortázar polemizaria alguns anos mais tarde quanto à Nicarágua), o escritor Juan José Saer, o sociólogo Jacques Leenhardt, etc, e a observação sobre o anonimato, que aqueles tempos faziam necessária: *et d'autres collaborateurs qui, pour des raisons de sécurité, préfèrent pour l'instant taire leur nom.*

Cortázar expressa consternação após o golpe no Chile, como quando diz, em 15 de setembro de 1973, “andei meio doente e não falemos das notícias do Chile e tantas outras coisas que contribuem a encher-nos de amargura e melancolia”²¹³ ou, em 20 de setembro, que “os eventos no Chile me arrancam toda possibilidade de pensar em outra coisa”²¹⁴ (para em seguida recusar um convite para que escrevesse um livro sobre Felisberto Hernández). Responde apressadamente duas questões enviadas por Ana María Hernández (perguntando sobre os estudos que Cortázar fizera sobre John Keats e Edgar Allan Poe), explicando que “desde o golpe no Chile, aqui em Paris fazemos todo o possível para ajudar aos que vão chegando, aos que precisam ser tirados de lá, e tantas outras coisas que você possa imaginar. O resultado é um contínuo ir e vir, conferências jornalísticas, textos, traduções, reuniões, enfim, você sabe.²¹⁵”; em outra feita, “que 74 seja algo melhor que esse ano miserável em que tantas ilusões morreram”²¹⁶.

Cortázar fala pela primeira vez sobre a preparação do Dossier Noir em dezembro de 1973, em carta ao escritor argento-chileno Ariel Dorfman, quando explica sobre a vontade de organizar um congresso cultural, na França, dedicado ao Chile, e que se bem organizado e com o “apoio da esquerda em seu conjunto (o que não é simples!)” a iniciativa poderia ser replicada em outras capitais, em uma “ofensiva permanente contra os gorilas”²¹⁷. Em seguida ele afirma que:

²¹³CORTÁZAR, 2012. Carta a Antonio Saura, datada de Paris, 15 de setembro de 1973, p. 396.

²¹⁴Ibid, pp. 397-398. Carta datada de Saignon (França), 20 de setembro de 1973, a Ida Vitale.

²¹⁵Ibid. p. 406. carta datada de Paris, 25 de outubro de 1973, a Ana María Hernández.

²¹⁶Ibid. p. 411, carta datada de Genebra, 21 de dezembro de 1973, a José Miguel Ullán.

²¹⁷Ibid. p. 412, carta datada de Genebra, 21 de dezembro de 1973, a Ariel Dorfman.

Gostaria de dirigir uma publicação de enorme difusão, que chegasse a todas as mãos, documentando a verdade, afirmando nosso caminho; a partir de agora me dedico exclusivamente a isso e tomara consigo o apoio necessário para fazer tudo que me parece necessário em torno dessa ideia do congresso [cultural]. Certamente te mantereii informado pois vou necessitar da tua ajuda e da de tantos outros companheiros. Aqui em Paris há 3 comitês principais que se ocupam do Chile; são 3 pela inevitável discrepância entre comunistas, trotskistas e “gauchistas”. O congresso seria feito sob a égide e infraestrutura do Partido Socialista francês, o que permitiria às três frações da esquerda comparecer sem ciúmes recíprocos, tudo isso em teoria, como você deve imaginar. (...) se você viesse, como me diz ser possível, poderíamos coordenar muito melhor algumas coisas, mas também podemos discuti-las por carta. Em todo caso, quando for me escrever, tente tornar concretos dados e perguntas; entremos em um terreno de trabalho. (...) Conte comigo e Ugné para o que seja.

A Lezama Lima (com quem se correspondia desde 1957), sobre o Chile, Cortázar comenta sobre as dificuldades em receber os refugiados chilenos, fala sobre os planos quanto ao congresso cultural, com o objetivo de denunciar os crimes cometidos pela junta militar (“tomara que possamos ter um grande eco internacional”), mas salta aos olhos a frase “Como sempre, o mais terrível é a luta contra o esquecimento; as pessoas se cansam até das piores tragédias, e passam a outro tema. Há que se insistir cotidianamente diante dos jornalistas para que sigam se ocupando do Chile e mantenham alerta a opinião”²¹⁸.

Cortázar, nos primeiros meses de 1974, ativa uma rede de contatos em prol do projeto do *Dossier Noir*, para que recebesse documentação e testemunhos desde o Chile e sobre o Chile, em que pesassem todo o tipo de dificuldades no que diz respeito à circulação

²¹⁸Ibid. p. 417, carta datada de Paris, 2 de janeiro de 1974, a José Lezama Lima.

desse material no país. Seu principal contato é o escritor Ariel Dorfman²¹⁹, a quem Cortázar pressiona constantemente, nesses meses, pelo envio de material para o livro. “Testemunhos, documentos, alguns ensaios; um livro de ataque mais que de análise, porque me parece que o momento exige isso”.²²⁰ A publicação caminha com maior robustez após sua reunião com o professor, crítico e sociólogo chileno Raúl Silva Caceres (ex-professor da Universidade de Nova York e por então professor das Universidades de Poitiers e Vincennes, o primeiro capítulo do livro, *La mort d'une démocratie*). Cáceres, após contato telefônico, soube da iniciativa do livro negro pela parte de Cortázar e do editor Mario Muchnik e declinou de participar do projeto, inicialmente, porque naquele momento estava finalizando um livro sobre o mesmo tema, chamado *El terror em Chile*. Já estava apalavrado com a editora Rabén & Sjögren de Estocolmo e com a londrina Merlin Press, onde seria traduzido ao inglês e para línguas do leste europeu. O objetivo de Cáceres era reverter o ganho em direitos autorais para a ajuda aos refugiados chilenos, desde a compra de passagens aéreas até o estabelecimento na Europa. Cáceres trabalhava junto à sua companheira, a historiadora e antropóloga sueca Birgitta Leander (que interpretou códices astecas, atuando como consultora da UNESCO e como coordenadora de cooperação internacional para questões ligadas a populações indígenas da América) escritora e jornalista sueca Sun Axelsson (que traduzira Neruda, Lorca, Borges e Octavio Paz ao sueco). Cortázar, percebendo a convergência de objetivos, propôs que ambos projetos se fundissem no *Dossier Noir* – para o qual foi crucial a ação da agente literária e editora lituana Ugné Karvelis, por ora companheira de Cortázar (entre 1967 e 1978) e que

²¹⁹Autor, entre outras obras, de *Para leer al Pato Donald* (1972), que traz uma leitura sociológica e em perspectiva descolonial do consumo da literatura de massas mais exitosa (dos pontos de vista econômico e do alcance da recepção) produzida nos EUA, as histórias em quadrinhos da Disney. Dorfman e o sociólogo belga Armand Mattelart argumentam que as aparentemente inofensivas e lúdicas histórias em quadrinhos difundem e reforçam aspectos da ideologia liberal dominante.

²²⁰Ibid. p. 421, carta datada de Paris, 15 de janeiro de 1974, a Marina Torres e Francisco J. Uriz.

possibilitou que o *libro negro* saísse pela Gallimard. A editora francesa lançou o livro pela coleção *Témoins*, dirigida pelo historiador Pierre Nora, associado à terceira geração dos *Annales* (ou *Nouvelle Histoire*). Cáceres, em seu texto, faz um balanço da subida democrática de Allende ao poder, ressaltando as alianças políticas, os limites do governo da democracia cristã entre 1964 e 1970, diante do crescente apelo popular por um novo reformismo, mais profundo e especialmente mais popular, passa pelo triunfo da *Unidad Popular* e o triunfo da coalizão nas eleições legislativas de março de 1973, até chegar ao *Tanquetazo* de 29 de junho de 1973²²¹ e no último discurso pronunciado por Allende, concluindo com uma lista de êxitos ocorridos no Chile, entre 1970 e 1973, quanto ao desenvolvimento da educação, recuo do analfabetismo, expansão do ensino superior e redução radical da taxa de mortalidade infantil no período. O livro traz também uma breve mensagem de Harald Edelstam, que fora embaixador da Suécia no Chile da UP e expulso do cargo pela Junta Militar. Diz o diplomata:

Cet ouvrage témoigne de façon bouleversante de la terreur et de l'oppression que la Junte militaire a exercées au Chili depuis le coup d'Etat traître du 11 septembre 1973, et qu'elle continue à exercer. La critique de la junte ne doit pas cesser. Nous devons rester vigilants. Des centaines de milliers de nos camarades, hommes et femmes, sont persécutés sans pitié et frappés dans leurs corps et dans leurs consciences. Ils ne peuvent plus se faire entendre, faire connaître leurs souffrances et

²²¹Tentativa de golpe contra Allende encabeçada pelo general Roberto Soupier e frustrada pela ação do comandante-em-chefe das FFAA, o general legalista Carlos Prats, sucessor de René Schneider no cargo. Prats e sua esposa pediram exílio na Argentina de Perón quatro dias após o 11 de setembro de 1973. O casal foi executado brutalmente pela polícia política pinochetista, a DINA, por meio de um atentado a bomba, em 30 de setembro de 1974, em Buenos Aires. O estadunidense Michael Townley, ex-funcionário da CIA a serviço da DINA, instalou os explosivos e acionou-os remotamente. Repetiria o mesmo procedimento em setembro de 1976, quando executou o ex-ministro chileno Orlando Letelier e sua assistente, Ronnie Moffitt, em Washington, capital dos EUA.

leurs malheurs. Nous ne devons donc jamais nous lasser d'être leurs porte-parole. Le dossier noir est un document capital et un appel à chacun de nous à continuer le combat contre les traîtres militaires perfides et lâches.²²²

Tendo sido apresentado em francês, a editoração do livro envolveu um trabalho intenso de tradução dos artigos e testemunhos, especialmente entre janeiro e março, quando venciam o prazo dado pela Gallimard para o recebimento dos originais. Cortázar centralizou também em si o trabalho de tradução e em uma carta a Ariel Dorfman, então no Chile, comentava que “dois meses é muito pouco tempo para um trabalho dessa envergadura” e que “o primeiro, URGENTÍSSIMO, é que vocês me façam chegar todo texto, documento, testemunho, foto, etc, que creiam útil para um livro destinado a atacar a Junta. Desde hoje trabalho full time nisso; teremos um escritório e assistentes para preparar o manuscrito; dentro de poucas semanas deverá estar pronto (...) se você tiver material jornalístico do Chile (anterior ao golpe) também será útil para mostrar ao leitor os antecedentes do caso. Um texto seu será mais que bem-vindo e o mesmo no caso de Antonio [Skármeta]. Toda referência à queima de livros, ao trabalho da Quimantú, etc. Enfim, creio que você se dá conta do alcance que queremos dar à coisa. Espero. Escreverei em seguida para acusar recibo e pedir outras coisas se for necessário.”

Cortázar insistiu com Dorfman ainda outras vezes, particularmente quanto a um texto que fosse assinado pelo MAPU, *Movimiento de Acción Popular Unitaria*, no qual o escritor argento-chileno militava, ressaltando que não fosse um ensaio ou algo muito

²²²“Este livro é um impressionante testemunho do terror e da opressão que a Junta Militar exerceu no Chile desde o golpe traiçoeiro de 11 de setembro de 1973 e que continua a exercer. A crítica à junta não deve parar. Devemos permanecer vigilantes. Centenas de milhares de camaradas, homens e mulheres, são perseguidos sem piedade e atingidos em seus corpos e consciências. Não podem mais ser ouvidos, dar a conhecer seus sofrimentos e seus infortúnios. Nunca devemos nos cansar de ser seus porta-vozes. O Dossier Noir é um documento vital e um chamado a cada um de nós para continuar a luta contra militares traidores, pérfidos e covardes”. Tradução nossa. A.A.V.V., *Chili: le dossier noir*. Paris: Gallimard, 1974, p. 9.

extenso, bastava uma posição da organização diante das circunstâncias do Chile de então.

Cortázar junto ao jornalista uruguaio Daniel Waksman, então exilado no México (havia trabalhado para o semanário *Marcha* em seu país e em jornais chilenos durante o governo Allende), consegue a transcrição do último discurso de Allende à *Radio Magallanes* (transmitido a todo país no mesmo dia do ataque derradeiro a *La Moneda*), por meio de Hortensia Bussi, viúva do presidente chileno:

Ante estos hechos sólo me cabe decirle a los trabajadores: Yo no voy a renunciar. Colocado en un tránsito histórico pagaré con mi vida la lealtad del pueblo. Y les digo que tengo la certeza que la semilla que entregáramos a la conciencia digna de miles y miles de chilenos no podrá ser cegada definitivamente. Tienen la fuerza, podrán avasallarnos, pero no se detienen los procesos sociales ni con el crimen, ni con la fuerza. La historia es nuestra y la hacen los pueblos. Trabajadores de mi patria: Quiero agradecerles la lealtad que siempre tuvieron, la confianza que depositaron en un hombre que sólo fue intérprete de grandes anhelos de justicia que empeño su palabra en que respetaría la constitución y la ley, y así lo hizo. Es este momento definitivo, el último en que yo pueda dirigirme a ustedes. Espero que aprovechen la lección. El capital foráneo, el imperialismo, unido a la reacción, creó el clima para que las Fuerzas Armadas rompieran su tradición (...) Me dirijo a la juventud, a aquellos que cantaron y entregaron su alegría y su espíritu de lucha; me dirijo al hombre de Chile, al obrero, al campesino, al intelectual, a aquellos que serán perseguidos, porque en nuestro país el fascismo ya estuvo hace muchas horas presente en los atentados terroristas, volando puentes, cortando las vías férreas, destruyendo los oleoductos y los gasoductos, frente al silencio de los que tenían la obligación de proceder... la historia

los juzgará. Viva Chile, viva el pueblo, vivan los trabajadores! Éstas son mis últimas palabras, teniendo la certeza de que el sacrificio no será en vano. Tengo la certeza de que, por lo menos, habrá una sanción moral que castigará la felonía, la cobardía y la traición²²³.

Paralelamente à organização do livro, Cortázar cuidava dos últimos detalhes da publicação de *Octaedro* (sobre o qual falamos anteriormente) e explicava à sua irmã, em Buenos Aires, que não visitaria a família na Argentina porque “a razão é muito simples: eu disse e digo coisas que são demasiado conhecidas nos meios 'oficiais', e que dado o aspecto que tomou a política nestes momentos, me criaria uma situação insuportável, para não dizer perigosa”²²⁴. A preparação do material para o *Dossier Noir* e o curto prazo acertado com a Gallimard produziram um certo desacordo entre Cortázar e Dorfman no tocante à entrega dos textos e também a uma particularidade: o argentino havia pedido ao representante de Dorfman em uma reunião em Paris, o sociólogo chileno Fernando Balcells, que em algum ponto do texto a ser enviado fosse citado o trabalho do Tribunal Russell II – realizada em Roma, entre 30 de março e 6 de abril de 1974 –, com vistas a divulgá-lo, já que a sessão de 1974 dedicou-se às situações de Brasil, Uruguai, Chile e Bolívia, submersos em regimes ditatoriais por ora. Dorfman esperava por informação clandestina, cujo sucesso de obtenção era incerto e, por isso, não conseguiu cumprir com o prazo. Em fins de março de 1974, Dorfman, que à época contava 31 anos, levou os informes ao conhecimento do júri do Tribunal Russell II em Roma.

A divulgação do *Dossier Noir* contou com outra inusitada incursão de Cortázar até

²²³Ibid. pp. 10-12. Publicado em francês, a versão que aqui aparece em espanhol decorre da transcrição publicada em ALLENDE, Salvador. *Discursos*. La Habana, Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.

²²⁴CORTÁZAR, 2012, *1969-1976*, vol. 4. Carta datada de Paris, 28 de fevereiro de 1974, a Ofelia Cortázar. Cortázar, depois da visita de 1973 (em que fora lançado *O Livro de Manuel*, como vimos), só regressaria à Argentina em finais de 1983, pouco antes de sua morte, em fevereiro de 1984.

então: a televisão. Em 9 de setembro de 1974, junto de Ugné Karvelis, Cortázar aparece no programa dedicado à literatura *Ouvrez les guillemets* (“Abre aspas”), do canal ORTF, sendo entrevistado sobre o lançamento de *Chili: le dossier noir* por Bernard Pivot. Segue transcrição do breve diálogo:

Bernard Pivot: – Bom, Julio Cortázar, tenho a impressão de que esta é uma obra coletiva. Um dossiê coletivo.

Julio Cortázar: – Sim, com certeza. Tenho a impressão que responde a uma necessidade do leitor francês. Depois do golpe de 11 de setembro, a imprensa forneceu ampla informação, inclusive excessiva e muitas vezes contraditória. Rapidamente nos demos conta, meus amigos e eu aqui em Paris, que muitos franceses que queriam ter uma ideia, a mais precisa possível, não apenas sobre o golpe, como também sobre os antecedentes, de todo o período da Unidad Popular—do qual somente tinham uma noção vaga; se viam confrontados a uma massa de documentos que os desestimulava. Foi assim, então, que de uma série de conversas com amigos surgiu a ideia de fazer este livro, *Le Dossier Noir*, cujo título é bastante claro. De início devo dizer, parafraseando as famosas palavras de Picasso, que o título tem a ver com a Junta: foi ela quem pôs a cor.

Pivot: – O livro começa com o último discurso de Allende, o que era desconhecido até o momento.

Cortázar: – Não.

Pivot: – Não?

Cortázar: – Não, eu creio que não. Não, não, não. Tenho a impressão de que foi publicado. É possível que na França fosse desconhecido, mas na América Latina sim, é muito conhecido, sim.

Olivier Duhamel – Creio que foi lido por Isabel Allende, mas nunca

publicado. Foi lido em Paris²²⁵.

Cortázar: – A ideia consistiu, então, grosso modo, em reunirmo-nos em grupo para organizar, classificar e selecionar essa enorme massa de documentação. Acredito que, por isso, o livro é fiel a seu título: dossiê. Não tenta disponibilizar uma análise ou pelo menos reduzir isso ao mínimo, tentando apresentar ao leitor francês as peças do dossiê, de maneira que ele mesmo tire dali suas conclusões e análises²²⁶.

O *Dossier Noir* foi reeditado pela Gallimard em 1999 por ocasião da detenção de Augusto Pinochet em Londres, ocorrida em 16 de outubro de 1998, após ser acusado e condenado por crimes de lesa-humanidade (genocídio, terrorismo e tortura). Embora Cortázar tenha atuado, dessa feita, como editor e organizador, não escapa um pequeníssimo poema que escrevera em homenagem ao ditador chileno:

*Si yo fuera una mujer chilena
y mi naciera un hijo,
antes que llamarlo Augusto
lo llamaría Hijo de Puta,
sin contar que só lo llamara Augusto
entonces los demás lo llamarían Hijo de Puta²²⁷.*

²²⁵Olivier Duhamel, jurista e professor francês, foi apresentado por Pivot como autor de uma “obra complementar” ao *Dossier Noir* organizado por Cortázar. Tratava-se de *Chili ou la Tentative: Révolution/Légalité*, que saiu pela coleção *L’Air des Temps*, também pela Gallimard, naquele setembro de 1974. Na curta interrupção que faz a Cortázar, citando Isabel Allende, é provável que se trate de María Isabel Allende Bussi, filha de Hortensia Bussi e Allende, em vez da prima em parte homônima Isabel Allende Llona, autora de *La casa de los espíritus* (1982), que em 1974 vivia no Chile, deixando o país no ano seguinte para viver na Venezuela. Era filha de um primo de Allende. Isabel Allende Bussi é socióloga e foi eleita para legislaturas como deputada e senadora no Chile, atualmente cumprindo seu segundo mandato no Senado.

²²⁶O trecho do programa com a entrevista de Cortázar aparece disponibilizado no site do *Institut National de L’Audiovisuel*, o INA. Transcrição e tradução nossa.

Disponível em: < <http://www.ina.fr/video/I10076311> >. Acessado em junho de 2017.

²²⁷CORTÁZAR, 2012. *Cartas 1969-1976, vol. 4*. Carta datada de Paris, 9 de abril de 1974, a Gregory Rabassa.

3.6 O Tribunal Russell: origem e propósito

A militarização do Cone Sul, levada a cabo com os golpes de estado ocorridos no Chile em 1973 e na Argentina em 1976 tiveram como particularidade não apenas o componente ideológico, assegurado pelas respectivas leis de segurança nacional, senão o econômico: a com a assunção das ditaduras militares, entrava em curso a instalação de um modelo econômico que, se *Vampiros Multinacionales* não discutia muito a fundo, ao menos deixava evidente por meio da denúncia, com base nas interpretações econômico-políticas presentes nas deliberações do Tribunal Russell II, como veremos.

Em determinada altura, por exemplo, Cortázar conecta o argumento da narrativa de *La amenaza elegante* com *Vampiros Multinacionales*, num trecho em que o narrador e a personagem Susan Sontag conversam:

– De acordo, o fizeram crer que o culpado era esse psicótico de Paris, etcétera.

– Hm. Agora ele e muitos mais sabemos que a destruição das bibliotecas não é mais que um prólogo. Que lástima que eu não seja boa desenhista, porque me poria tão logo a preparar a segunda parte da história, a verdadeira. Em palavras será menos interessante para os leitores.²²⁸

A personagem fala de uma eventual preparação da "segunda parte" ao passo que desenrola essa outra parte da trama. É nessa parte que o autor busca explicar o nexo entre os efeitos da repressão e a ação das multinacionais nos países em que vigoravam ditaduras. O desafio, do ponto de vista narrativo, era sustentar essa explicação em meio à narrativa

²²⁸ CORTÁZAR, 1975, p.40.

dos quadrinhos, mais linear e elementar, e utilizada em *Vampiros Multinacionales* como fio condutor, como veículo de uma visão política determinada. Pensando no livro de Dorfman e Mattelart, *Para leer al Pato Donald*, podemos aproximá-lo do expediente de Cortázar em sua novela gráfica: se em Pato Donald os autores analisam a carga ideológica presente de modo subliminar em histórias em quadrinhos, em *Vampiros Multinacionales* Cortázar parece colocar o Pato Donald a contrapelo: apresenta uma narrativa elaborada, triplicando-se no plano narrativo (referencia a si mesmo como autor, narrador e personagem) e fazendo da trama elementar do Fantomas mexicano um pretexto para carregar documentação e aspectos políticos dos mais imediatos. Nesse sentido, Cortázar, com essa operação, está fixando também seus protocolos narrativos, buscando estabelecer tanto uma espécie de DNA narrativo, autorreferenciando-se, e empreendendo uma aposta estética em um nível distinto dos que já empreendera anteriormente. Como quando explica sobre o *Dossier Noir*, dizendo que ali apresenta a documentação e o leitor que tirasse dali suas conclusões. Esse protocolo narrativo não é, senão, o mesmo apresentado por *Rayuela*, que aposta no papel ativo do leitor para realizar a proposta antirromance, fragmentária, do livro de 1963. Quanto ao manuseio e inserção de documentação e de aspectos da realidade política mais imediata, *Vampiros Multinacionales* é precedido pelo expediente realizado em *O livro de Manuel* – inclusive correndo o "perigo de envelhecer com os giros da realidade", numa situação em que a "valentia da aposta" poderia acabar maior que o próprio resultado, nas palavras de Juan Villoro²²⁹.

Procedendo ao nexos entre documentação e aspectos da realidade política, a trama de *Vampiros Multinacionales* segue com a personagem Susan Sontag nomeando ditadores latino-americanos, a CIA e a ITT :

²²⁹VILLORO, Juan. *Robinson Deliberado* [prólogo], in: CORTÁZAR, Julio. *Corrección de pruebas em Alta Provenza*. Barcelona: Editorial RM, 2012, pp. 5-15.

– Julio, Julio, quem é verdadeiramente Steiner? Como se chamam os que o Tribunal Russell acaba de condenar em Bruxelas?

– Se chamam de milhares, se chamam dez mil, de cem mil maneiras – disse o narrador com a mesma voz cansada, ainda que suas pernas estivessem intactas –, mas se chamam sobretudo ITT, sobretudo Nixon e Ford, sobretudo Henry Kissinger ou CIA e DIA, se chamam sobretudo Pinochet ou Banzer ou López Rega, sobretudo General ou Coronel, ou Tecnocrata ou Fleury, ou Stroessner, se chamam de uma maneira tão especial que cada nome significa milhares de nomes, como a palavra formiga significa sempre uma multidão de formigas, embora o dicionário a defina no singular.²³⁰

E, em seguida, aciona um antiintelectualismo fundado na crítica à cultura livresca – elemento que predomina no Fantomas mexicano, o culto ao livro – e a necessidade de agir de modo mais pragamático, urgente, novas formas de ação para novos tempos.

– O Grande Engano – repetiu Susan – a prova é que até Fantomas, o infalível, foi de cara em Steiner e seu bando e acreditou que a coisa estava liquidada, quando havia acabado de começar. Que são os livros perto de quem os lê, Julio? De que nos servem bibliotecas inteiras se estão lá para uns poucos apenas? Isso também é uma armadilha para os intelectuais. A perda de um só livro que seja nos agita mais que a fome na Etiópia, é lógico e compreensível e monstruoso ao mesmo tempo. E até Fantomas, que só é intelectual em momentos aleatórios, cai na armadilha, como acabamos de vê-lo.

– Estás falando a um convencido – disse o narrador – e além do mais, vai

²³⁰ CORTÁZAR, 1975, p. 40.

te sair muito caro, mocinha.²³¹

A autocrítica intelectual quanto às suas funções social e política inclui o fato de os intelectuais incorrerem no erro de falar para os já convencidos, ou seja, para si mesmos, ou seja, outros intelectuais, mesmo em momentos (como o assinalado a partir do golpe de 11 de setembro de 1973) em que há a necessidade de estabelecer diálogos mais amplos. Nesse caso, Cortázar argumenta favoravelmente à diluição da fronteira que separa o intelectual dos não-intelectuais – embora a diferenciação pareça não ter sentido, é importante lembrar que os mecanismos de consagração e esquecimento, próprios do campo literário, são fundados em operações de oposição.

Distinguir-se, dentro do mercado de bens simbólicos, é valorizar-se. Nascendo o campo literário de operações de distinção dos demais campos de atividade humana, autonomizando-se, é de se imaginar que em seu interior impere a mesma lógica da distinção. Pierre Bourdieu e Gisele Sapiro expõem que esse processo de autonomização não foi estanque, senão progressivo e com variáveis doses de dependência. Por exemplo, a atividade intelectual e artística na França, que dependeu de instâncias externas, como a aristocracia e a Igreja Católica, vai progressivamente se autonomizando a partir do fim da Idade Média, à medida em que os artistas tivessem cada vez mais propriedade quanto ao direito de "legislarem com exclusividade em seu próprio campo – o campo da forma e do estilo –, ignorando as exigências externas de uma demanda social subordinada a interesses religiosos ou políticos", para dizê-lo com Bourdieu²³². Mais especificamente, tal como foi dito no capítulo anterior quanto ao *boom*, o processo de autonomização do campo literário latino-americano, no século XX, passou pela politização (tomadas públicas de posição,

²³¹ Ibid., p. 41.

²³²BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 101.

engajamento político), pela amplificação de instâncias de produção literária (expansão do ensino escolar e universitário, aparecimento de editoras como *Sudamericana* e *Losada*, resultantes do exílio forçado de editores após a vitória do fascismo franquista na Espanha) e instâncias de consagração (revistas e prêmios literários) que contribuíram para a construção da imagem do escritor profissional²³³ – ou pelo menos semi-profissional, conciliando a atividade de escrita com uma renda fixa, caso de Cortázar, que trabalhou para a UNESCO como tradutor desde 1952, época em que as despesas de envio de direitos autorais por *Bestiário* ultrapassavam a quantia a receber.

Cortázar atestava, com a "segunda parte" (ou seja, com a ultrapassagem da trama elementar do *Fantomas mexicano*), seu ceticismo quanto à efetividade da ação intelectual diante de problemas políticos da magnitude que se verificavam, por exemplo, a partir do golpe no Chile. A personagem Sontag quase sempre é o contraponto às elucubrações do personagem Cortázar:

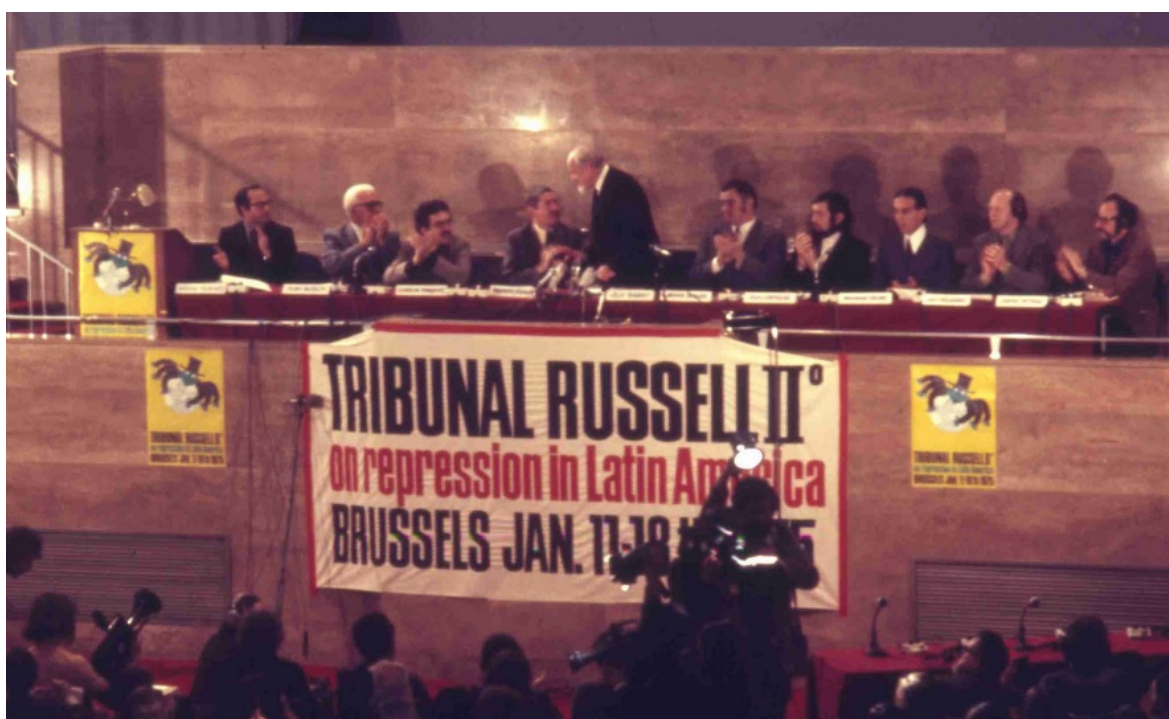
– Serão poucos e falsos, verás. Fantomas é admirável e se coloca com tudo em cada passo, mas nunca lhe entrará na cabeça que os outros são legião e que somente com outras legiões se pode fazer frente e vencê-los.
– Bah, se é questão de número pense em Fidel e Che, e até em Cortés ou Pizarro, se é o caso. Além disso, Fantomas é um justiceiro solitário, se não fosse assim ninguém lhe desenharia as historinhas, sabes disso. Não tem vocação de líder, nunca será um chefe de homens (...) mas você acredita que um dia terminaremos por nos encontrarmos, por reunirmo-nos²³⁴? É certo que concordo contigo, Susan, se chegássemos a isso frente

²³³Cf. SAPIRO, Gisèle. *Elementos para uma história do processo de autonomização – o exemplo do campo literário francês*. Revista Tempo Social, USP, São Paulo, vol. 16, n. 1, junho de 2004, pp. 93-105. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12417/14194> >. Acessado em junho de 2017.

²³⁴Aqui o texto faz uma referência sutil a outra ficção de Cortázar referenciada na realidade política – e abordada nesse estudo, no capítulo anterior: o conto *Reunião*, de *Todos os fogos o fogo*, que fala do

aos vampiros e polvos que nos afogam, se tivéssemos um chefe (...)"²³⁵

A imagem dos "polvos que nos afogam" encontra sua referência no cartaz do Tribunal Russel II de 1975: um polvo, estilizado com cartola, tal como um executivo, um empresário, abraça o globo terrestre com seus tentáculos, em referência à extensão da ação das multinacionais. Na imagem abaixo vemos os cartazes e o júri, com o presidente do Tribunal, o senador Lelio Basso, de pé, sendo observado, à sua esquerda na imagem, pelo vice-presidente, Gabriel García Márquez; à sua direita, na imagen, Julio Cortázar.



*Imagem 7: a composição do júri em Brauxelas, entre os dias 11 e 18 de janeiro de 1975*²³⁶.

desembarque dos revolucionários em Cuba e de seu reencontro, após confronto com as forças de Batista, na Sierra Maestra.

²³⁵ Ibid., pp. 57-58.

²³⁶ A foto está disponível em um dos álbuns colocados no site do Memorial da Anistia do Brasil, e podem ser acessados em: < <http://memorialanistia.org.br/arquivo-lelio-basso/> >.

A concepção antiintelectualista de Cortázar aparece melhor delineada logo em seguida. Sintomaticamente, o mesmo elemento que aparece com valoração negativa em escritos como o conto *Las puertas del cielo* (1951) ou o romance *El Exámen* (escrito em 1950 e publicado em 1986), os populares e as multidões que causam assombro e estupefação nos protagonistas, aparecem em *Vampiros Multinacionales* com outro tom:

É claro que necessitamos de líderes, é natural que eles surjam e se imponham; mas o erro (era realmente

[Era] Susan quem falava? Outras vozes se misturavam agora no telefone, frases em idiomas e sotaques diferentes, homens e mulheres falando de perto e de longe), o erro está em pressupor um líder, Julio, em não mover sequer um dedo se não o temos, em esperarmos sentados que apareça e nos reúna e nos dê palavras de ordem e nos ponha em marcha. O erro é ter bem diante dos narizes coisas como a realidade de todos os dias, como a sentença do Tribunal Russell, já que andaste metido nele e isso me serve de exemplo, e seguirmos esperando que seja sempre o outro que faça o primeiro movimento"²³⁷

Na narrativa, o fantástico emerge quando cada vez mais vozes fazem parte da chamada telefônica, ao passo que "uma voz de locutor repetia frases que o narrador conhecia muito bem porque muitos poucos dias antes havia participado de sua redação", dizendo que "condena por estas acusações as pessoas que exercem atualmente o poder no Brasil, Chile, Bolívia, Uruguai, Guatemala, Haiti, Paraguai e República Dominicana"²³⁸

²³⁷Ibid p. 58.

²³⁸Ibid., p. 60. Em 1975, estavam no poder os generais Ernesto Geisel (Brasil), Augusto Pinochet (Chile), Hugo Banzer (Bolívia), Laugerud García (Guatemala), Alfredo Stroessner (Paraguai) e também os civis Juan María Bordaberry (ditador do Uruguai entre 1973 e 1976), Jean-Claude Duvalier, o *Baby Doc*, ditador do Haiti entre 1971 e 1986, após o governo ditatorial de seu pai, François Duvalier, o *Papa Doc* (1964-1971), cujos nomes relacionamos imediatamente aos temíveis esquadrões dos *Tonton-Macoute*, como eram conhecidas as *Milice de Volontaires de la Sécurité Nationale* do Haiti, força paramilitar leal aos Duvalier. Na República Dominicana, estava no poder o civil Joaquín Balaguer, que empreendia uma caça aos comunistas

As vozes vão sendo ambientadas conforme suas origens, uma multiplicidade quase em uníssono:

– E a Argentina? - disse uma voz que parecia sair direitinho de um café na *calle Corrientes*, na altura do *Once*²³⁹. Com a surpresa previsível, o narrador escutou a imediata resposta do locutor:

– No que concerne à República Argentina, o Tribunal expressa sua profunda inquietude pelas detenções, perseguições, torturas e assassinatos de militantes, operários e demais trabalhadores, como também de refugiados políticos sul-americanos, e decide abrir imediatamente um inquérito para estabelecer a responsabilidade do governo argentino nesse sentido"²⁴⁰

A referência ao Chile vem em seguida:

– E se fizéssemos uma pequena parada mais ao oeste? – perguntou uma voz que pronunciava claramente cada sílaba, coisa rara no continente sul-americano (...). O Tribunal declara que no caso da junta militar presidida pelo general Pinochet no Chile, esta se encontra em uma situação de completa violação do direito internacional e não merece ser considerada membro integrante da comunidade integrada das nações; condena os governos dos Estados que incentivam tais práticas; Condena por este fato os presidentes Nixon e Ford, aos governantes dos Estados Unidos da América e especialmente ao senhor Henry Kissinger, cuja responsabilidade no golpe fascista do Chile é evidente para o Tribunal,

no país através da milícia *Frente Democrático Anticomunista y Antiterrorista*, apelada *La Banda Colorá* e responsável pelo assassinato de lideranças e integrantes de grupos de esquerda no país.

²³⁹Localidade da cidade de Buenos Aires cheio de *confiterías*, cafés e comércio popular, o *Once* foi muito frequentado por Cortázar na juventude, uma vez que estudara no bairro, onde está situada a *Escuela Normal Mariano Acosta*. A dimensão popular é evocada na narrativa por um bairro portenho que não era nem Palermo, Retiro, Recoleta ou o próprio centro.

²⁴⁰*Ibid.*, p. 61.

julgando-se isso a partir dos documentos publicados nos Estados Unidos."²⁴¹

O final da narrativa apresenta *Fantomas* desiludido: “– Me pergunto se não tinham razão, intelectuais de merda – dias e dias de ação internacional e não parece que as coisas mudaram muito”²⁴². A metáfora que encerra a narrativa evoca uma esperança dilatada, projetada para o futuro, simbolizada pela infância e pelo sol nascente, indicando recomeço, reconstrução. Antes de partir, *Fantomas* vê um menino brincando na rua, quando para a seu lado e lhe dá um doce. “O garoto seguiu brincando e o narrador viu que o sol da manhã caía sobre seu cabelo loiro”²⁴³.

²⁴¹Ibid., p. 62.

²⁴² Ibid., pp. 64-65.

²⁴³ Ibid., p. 67.

3.7 A ação do Tribunal Russell II

No apêndice, indicado ao leitor logo no começo do texto, seguem as deliberações do tribunal, sendo a primeira delas, baseando-se na sessão antecedente (1974), quanto à:

A – Violação dos direitos do homem e dos direitos dos povos:

1 – Que, longe de diminuir, depois de pronunciada sua primeira sentença, a repressão não deixou de se intensificar no Brasil, no Chile, na Bolívia e no Uruguai; que a parte resolutiva dessa primeira decisão, a saber, que os governos desses quatro Estados são culpados de violações graves, repetidas e sistemáticas dos direitos do homem, foi confirmada pelas informações complementares apresentadas ante o tribunal;

2 – Que foram fornecidas provas concordantes e conclusivas de que o estado de direito tem sido sistematicamente destruído e que as liberdades civis e políticas, assim como os direitos sociais e sindicais, têm sido suprimidos nos seguintes países: Guatemala, Haiti, Paraguai e República Dominicana; em consequência, há mérito para estender aos governos desses quatro países a condenação já formulada contra o Brasil, Chile, Bolívia e Uruguai.

3 – Que se formulou uma denúncia formal de violação de direitos do homem na Nicarágua e na República Argentina; que atentados políticos que chegam a assassinatos são cometidos por ou com a cumplicidade das autoridades da República Argentina e que o Tribunal alarmou-se particularmente pela situação criada para os refugiados políticos nesse país.”²⁴⁴

²⁴⁴ Ibid., p. 72.

Neste ponto cabe considerar o depoimento do advogado argentino Leandro Despouy, então exilado na França, ao tribunal:

Conheci Lelio Basso em Bruxelas, em janeiro de 1975. Realizava-se a segunda sessão do Tribunal Russell II para a América Latina e denunciei, na qualidade de testemunha, o que estava acontecendo em meu país, Argentina. Foi pouco tempo depois de minha chegada à Europa. Quando cheguei a Paris, recebi o apoio de um conjunto de intelectuais e artistas latino-americanos que de imediato me propuseram que apresentasse meu depoimento ante o Tribunal. Se tratava de um grupo de pessoas muito interessantes, todas elas próximas a Cortázar, que haviam formado um comitê de solidariedade com a Argentina, a partir do qual tinham combatido duramente, anos antes, às ditaduras de Onganía, Levingston e Lanusse. Nessa oportunidade estavam se reorganizando, com a finalidade de denunciar a campanha de intimidação e os crimes cometidos pela organização paramilitar Aliança Anticomunista Argentina – mais conhecida como ‘AAA’ ou ‘Triple A’ –, que dirigia José López Rega, ministro do Bem-Estar Social e instigador de incontáveis atentados, dos quais tinham-me como vítima alguns meses antes (...) Em torno de 200 assassinatos cometidos em poucos meses, com absoluta impunidade, pelas organizações de ultradireita, em alguns dos quais está provada a intervenção de funcionários do governo ou de seus alegados políticos. Desde agosto de 1973 foram assassinados pelo menos 22 ativistas do movimento operário (dirigentes, grevistas, etc.), entre eles Atilio López, do grêmio de transporte de Córdoba (...) outros, como Agustín Tosco [uma das lideranças mais expressivas do *Cordobazo*, em 1969] e René Salamanca (dirigentes máximos de Luz y Fuerza e SMATA Córdoba,

respectivamente) encontram-se na clandestinidade para evitar sua prisão e assassinato. Uma lei de Associações Profissionais destinada a preservar o domínio dos burocratas nos sindicatos completa esta rápida visão do que ocorre com os trabalhadores argentinos²⁴⁵

Antes que Despouy apresentasse seu testemunho aos que assistiam a sessão, Lelio Basso fez uma ressalva, dizendo que o Tribunal não se concentrava especialmente, naquela ocasião, à situação argentina, já que, à diferença do Chile e do Uruguai, tratava-se de um governo eleito pelo voto popular²⁴⁶. A ação violenta do grupo armado de direita *Triple A* era causa de que alguns intelectuais se sentissem ameaçados em residir ou visitar a Argentina, como no caso de Cortázar, que fica 10 anos, entre 1973 e 1983 sem ir ao país, indo encontrar sua mãe, nesse ano de 1975, em São Paulo. Também podemos lembrar do poeta argentino Juan Gelman, que buscou o exílio. A situação de Gelman tornar-se-ia ainda pior com a ditadura instalada em 1976, que sequestrou seus filhos Nora e Marcelo e a esposa deste, Maria Claudia Irureta Goyena, então grávida de sete meses. A desapareição do bebê só seria solucionada no ano 2000, graças ao trabalho incansável das Madres y Abuelas de la Plaza de Mayo. Macarena fora adotada por um dos torturadores de sua mãe, o coronel uruguaio Manuel Cordero, sentenciado na Argentina a 25 anos de prisão. Foi confirmada a identidade de Macarena, que escolheu adotar os sobrenomes dos pais. Gelman ainda escreveria para a neta reencontrada os versos: *Una nena sentada en el piso*

llora / con una mano sobre sus ojos. / Los cierra para ver / lo que estaba viendo (...)/ Ella

²⁴⁵DESPOUY, Leandro, “Julio Cortázar y Leandro Despouy, colaboradores de Basso en la denuncia Internacional de la represión”, in: *Lelio Basso: la ricerca dell’utopia concreta*, Roma: Edup, 2006, pp. 91-145. Obs.: a versão em espanhol do capítulo citado me foi disponibilizada gentilmente pelo prof. Alberto Filippi, e a referência à paginação segue, por não dispor da íntegra do livro, a numeração das páginas do fragmento de 29 páginas que tenho em mãos.

²⁴⁶Presidia o país María Estela Martínez de Perón, vice-presidente na chapa que venceu as eleições de setembro de 1973 no país e que assumiu o cargo após a morte de Juan Domingo Perón, em 1º de julho de 1974.

*llora com una rueda em la garganta / que gira contra el deseo y con / restos de oscuras órdenes. Hay / que envolverte ahora / con la luz que seas. / Esa luz tiene horizontes que ninguno ve, / como fulgor em un borde casual del viaje*²⁴⁷.

Destacamos, também, a participação de Juan Emilio Bosch Gaviño, presidente da República Dominicana entre fevereiro e setembro de 1963, quando fora derrubado por um golpe de Estado – que abriria espaço para a ocupação do país pelos EUA, em 1965. Bosch pergunta:

Eu me encontro na Europa, desde o dia 7 deste mês [janeiro de 1975]. Até então havia estado na América Latina durante anos e até o dia 5 estive lendo notícias de jornais de Cuba, México e de meu país sobre os constantes assassinatos da AAA na Argentina. Desde que estou na Europa não vi uma só notícia concernente à atividade criminal dessa organização. O senhor pode me informar se é o caso que essa organização tenha desaparecido subitamente ou seus membros se converteram em gente honrosa e pacífica ou acontece que a imprensa da Europa está silenciando os crimes que se cometem na Argentina?²⁴⁸

Leandro Despouy narra que, ao concluir seu testemunho, inesperadamente Julio Cortázar se levantou do júri, desceu da tribuna e foi até o microfone à disposição das perguntas do público, dizendo que fazia também seu aquele depoimento, “frente às tétricas perspectivas que assombram o futuro imediato de minha pátria”, para, em seguida convocar, para o início da tarde, uma coletiva de imprensa. “Cortázar gozava de um grande apelo junto aos jornalistas. O mundo não estava globalizado e ali convergia o que havia de

²⁴⁷GELMAN, Juan. *Valer la pena*. Ciudad de México: Ediciones ERA, 2001, p. 25.

²⁴⁸Ibid., p. 13.

mais destacado do jornalismo de opinião e investigação, o que dava ao Tribunal uma grande significação, tratava-se do único tribunal, com essas características, de alcance mundial²⁴⁹”.

O primeiro contato de Cortázar com o Tribunal Russell se dera naquele agitado março de 1974, enquanto o escritor preparava o *Dossier Noir* sobre o Chile.

Querido Lelio Basso,

Acabo de receber sua carta do dia 7 corrente. O convite a formar parte do júri do Tribunal Russell II é uma honra que agradeço ao Comitê Executivo e a você pessoalmente. Aceitar esse convite me parece meu dever mais elementar, e sou muito grato em fazer-lhe saber que estou disposto a comparecer à reunião de Roma e a prestar minha mais ampla colaboração às tarefas do Tribunal. Nos veremos, pois, muito em breve. Por ora, receba meus cumprimentos mais cordiais e toda minha solidariedade.

Julio Cortázar²⁵⁰

A carta, enviada desde Paris, 17 de março de 1974, chama atenção pelo uso dos termos 'dever', 'colaboração' e 'solidariedade', em um sinal de satisfação com o convite – na trilha do engajamento político que Cortázar oferecia com relação ao Chile. Os tempos eram outros e as posições tomadas por Cortázar também verificariam mudanças importantes, sobre o que incidiriam outras visões de mundo, quanto à política, e diferentes estratégias quanto ao fazer literário e sua relação – sempre conturbada – com o político.

²⁴⁹Ibid. p. 5.

²⁵⁰CORTÁZAR, Julio. *Cartas 1969-1976* (Org. Aurora Bernárdez & Carles Garriga). Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, pp. 431-432.

3.7.1 Lelio Basso: um antifascista em defesa dos direitos humanos

A montagem do Tribunal Russell II foi coordenada pelo senador socialista Lelio Basso, que se dedicara na juventude à militância antifascista. Eleito deputado constituinte da Itália para elaborar a Constituição de 1947, a primeira após o fascismo, por conta do cargo ocupado na política foi convidado a participar do tribunal Russell ou *International War Crimes Tribunal* (1967), encabeçado pelos filósofos Bertrand Russell²⁵¹ e Jean-Paul Sartre para examinar situações de violações de direitos humanos cometidos pelas tropas estadunidenses durante a guerra do Vietnã. A ideia do primeiro tribunal surgira em decorrência do engajamento de Russell, que em 1955 assina, junto a Albert Einstein um manifesto, que recebeu assinaturas de cientistas premiados com o Nobel, como Linus Pauling, Hermann Muller, Hideki Yukawa, entre outros, incluindo o próprio Russell, prêmio Nobel de Literatura de 1950. O fato de que fossem reunidos não somente cientistas, mas cientistas premiados com o Nobel, indicava um procedimento que não se perderia de vista até o Tribunal Russell II: para que a causa defendida repercutisse, era preciso empenhar não somente um especialista com renome em determinada área, mas alguém cuja reputação tivesse ressonância internacional: a dimensão dada por um Prêmio Nobel, distinção cujo capital simbólico, ou em outras palavras, status, na acepção de Max Weber reverteria em uma difusão mais eficaz da causa, na busca em produzir convencimento e empatia. A fundação da *Bertrand Russell Peace Foundation*, em 1963, dá forma à montagem do tribunal, idealizado por um filósofo pacifista (pessimista quanto ao uso da ciência para a autodestruição da humanidade em seu livro *Icarus*) mas sobretudo um

²⁵¹Um desdobramento da atuação da Bertrand Russell Peace Foundation, criada em 1963. O engajamento de Russell pelo pacifismo percorre o século XX e foi constante sua presença em atos públicos relacionados ao tema.

observador calejado, que acompanhara na juventude a repercussão do caso Dreyfus e duas guerras mundiais.

O engajamento antifascista de Basso fez com que fosse convidado (e posteriormente designado relator) para a reunião realizada em Londres, no dia 15 de novembro de 1966, quando Russell e Sartre discutiam os preparativos da primeira sessão, dedicada à presença militar dos EUA no Vietnã. A ideia original era realizar a primeira sessão em Paris, mas o general De Gaulle não autorizou o visto de entrada do historiador sérvio Vladimir Dedijer, um dos coordenadores do tribunal. De Gaulle dá conhecimento a Jean-Paul Sartre que não aprovava a iniciativa da realização do tribunal, justificando-se afirmando que cabia somente ao estado o exercício da jurisdição. Assim, a primeira sessão do Tribunal Russell-Sartre é realizada em Estocolmo, entre os dias 2 e 10 de maio de 1967.

Diz a ata de abertura:

O mundo está entorpecido pela brutalidade arrogante do governo dos Estados Unidos. Encontramo-nos em um momento alarmante nesta sessão de abertura do International War Crimes Tribunal [IWCT]. Os Estados Unidos estão iniciando uma enorme e nova investida contra o povo do Vietnã. (...) Nosso Tribunal não é um grupo de formalistas desencarnados, discutindo definições ou postulando uma imoral falta de decisão sobre esses eventos. Há uma razão para este IWCT: evidências esmagadoras nos asseguram que há diariamente crimes sem precedentes. A cada momento é perpetrado um horror ainda maior contra o povo do Vietnã. Nós investigamos no intuito de expor. Nós documentamos no intuito de indiciar. Nós despertamos a consciência no intuito de criar resistência massiva. Este é o nosso propósito e teste de fogo para nossa integridade e honra. (...)

Crimes, bárbaros crimes, são relatados diariamente no Vietnã. São crimes

de um agressor, de um invasor, de um algoz. Nossa tarefa é mostrar essa verdade às pessoas do mundo. Nosso dever é investigar cada fato e então cada fato servirá para despertar uma entusiasmada resistência todos os dias do ano.

Não temos exércitos e também não temos forças. Nos falta poder, mesmo o poder da comunicação em massa. Devemos encarar esse teste, sozinhos, se necessário. Somos responsáveis diante da história²⁵².

A sessão seguinte do tribunal ocorreu em Roskilde, na Dinamarca, meses depois, entre os dias 20 de novembro e 1º de dezembro de 1967, novamente tendo Lelio Basso como relator.

Lelio Basso, nascido em 1903, em Varazze, na região da Ligúria, na Itália, formou-se em Direito pela Universidade de Pavia, tornando-se membro do PSI (Partido Socialista Italiano). Obteve o diploma em Direito com uma tese intitulada *O conceito de liberdade em Karl Marx*, em 1925. Em 1928 foi preso em Milão por opor-se ao regime fascista, e, posteriormente graduou-se em Filosofia (com uma tese sobre o pensamento do teólogo protestante Rudolph Otto), para em seguida ser novamente preso, passando os anos de 1939 e 1940 no campo de concentração de Colfiorito (Perugia). Em 1943 participa da fundação do *Movimento di Unità Proletaria* (MUP), organização clandestina que se fundiria ao PSI, e continua atuando nas atividades de resistência ao fascismo na Itália. Nesse período, faz amizade com o filósofo, historiador e jurista italiano Norberto Bobbio, membro do *Partito d'Azione*. Em 1946, após a libertação, concorreu às eleições para a Constituinte italiana, e foi um dos 75 representantes eleitos. Os trabalhos iniciaram em

²⁵²Opening statement to the first session of the International War Crimes Tribunal in Stockholm, 2 de maio de 1967. O documento está disponível em:

<http://digitalrussell.mcmaster.ca/sites/default/files/pw20c_images/00001425-2.jpg>. Acessado em julho de 2017.

junho de 1946 e a Carta foi aprovada em dezembro de 1947, entrando em vigor a partir de 1º de janeiro de 1948. Sua contribuição aparece de modo mais marcado no artigo 3º:

*Tutti i cittadini hanno pari dignità sociale e sono eguali davanti alla legge, senza distinzione di sesso, di razza, di lingua, di religione, di opinioni politiche, di condizioni personali e sociali. È compito della Repubblica rimuovere gli ostacoli di ordine economico e sociale, che, limitando di fatto la libertà e l'eguaglianza dei cittadini, impediscono il pieno sviluppo della persona umana e l'effettiva partecipazione di tutti i lavoratori all'organizzazione politica, economica e sociale del Paese*²⁵³.

Della persona humana: embora o termo possa passar despercebido pela aparente redundância, sua precisão seria decisiva, posteriormente, para os efeitos da articulação jurídico-política presente nas deliberações do Tribunal Russell II. Basso fora reeleito deputado até 1968, e em 1976 eleito senador, cumprindo seu mandato até dezembro de 1978, quando falece. Não era pouca coisa que, na primeira constituição italiana posterior ao fascismo, os trabalhadores aparecessem em protagonismo, já que o texto fala sobre “participação efetiva” nos planos econômico, social e político e na remoção dos “obstáculos econômicos e sociais” que por ventura impedissem a liberdade e a igualdade da pessoa humana – conceito bastante abrangente cuja perspectiva humanista se justifica “como fundamento do Estado Democrático de Direito, reclama condições mínimas de existência, existência digna conforme os ditames da justiça social como fim da ordem

²⁵³“Todos os cidadãos têm igual dignidade social e são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, idioma, religião, opiniões políticas, condições pessoais e sociais. É tarefa da República remover os obstáculos econômicos e sociais que, ao limitar a liberdade e a igualdade dos cidadãos, impedem o pleno desenvolvimento da pessoa humana e a participação efetiva de todos os trabalhadores no plano político, econômico e social. do país”. Tradução nossa. A Constituição italiana de 1948 pode ser acessada no site do Senado italiano, disponível em: <http://www.senato.it/documenti/repository/relazioni/libreria/Costituzione_anastatica.pdf> . Acessado em julho de 2017.

econômica”, e a dignidade da pessoa humana constitui um valor que “atrai a realização dos direitos fundamentais” e “como a democracia é o único regime político capaz de propiciar a efetividade desses direitos, o que significa dignificar o homem, é ela que se revela como o seu valor supremo, o valor que a dimensiona e humaniza”²⁵⁴. Portanto, a transição do fascismo para a democracia – e a proteção jurídica à dignidade da pessoa humana, tanto na Itália do pós-guerra quanto na América Latina das décadas de 1960 e 1970 eram problemas que estavam além do campo filosófico: eram problemas da ordem mais prática possível.

Nos termos do próprio Basso, o conceito de pessoa humana tratava de enunciar sujeitos jurídico-políticos “cujos direitos preexistem antes de um governo determinado”, em seu caráter de “sujeitos históricos do novo direito internacional”; “ou seja, não são unicamente os Estados, como ocorre hoje em dia, os que podem esgrimir a arma do direito, também os povos, ou seja, os homens reais, devem ser sujeitos ou, ao menos destinatários, de normas jurídicas”²⁵⁵. E nessa direção argumentaria o tribunal.

A aproximação entre Basso e América Latina se estreita em 1965, quando participa, em Roma, como relator, de uma conferência organizada pelo Comitê para a Anistia e a liberdade dos presos políticos na Venezuela, sob a direção do senador Miguel Acosta Saignes²⁵⁶. A crise política e social na Venezuela teve lugar com o desrespeito do presidente Marcus Pérez Jiménez à constituição de 1953, já que, no ano em que deveriam ser realizadas novas eleições, o mandatário convocou um plebiscito cuja aprovação renovaria

²⁵⁴SILVA, José Afonso da. “A dignidade da pessoa humana como valor supremo da democracia” In: Revista de Direito Administrativo, vol. 212, abril/junho, 1998, pp. 93-94.

²⁵⁵BASSO, Lelio. “I diritti dell’uomo in un mondo in trasformazione”, in: *Il risveglio de i popoli. Lega internazionale per i diritti e la liberazione dei popoli*, sob o título *Le Radici*, em: AAVV (org. Gianni Tognoni). *Tribunale permanente dei popoli, Le sentenze, 1979-1991*. Verona, Itália: Nuova Cultura Editrice e Bertani Editore, 1992, p. 24.

²⁵⁶Miguel Acosta Saignes, antropólogo e sociólogo venezuelano, membro do Partido Comunista venezuelano, foi eleito senador e cumpriu mandato entre 1964-1969. Fundador do Instituto de Antropología e Historia de la Escuela de Periodismo da Universidad Central de Venezuela. Seu livro *Bolívar: acción y utopía del hombre de las dificultades* ganhou o prêmio Casa de Las Américas de ensaio em 1977.

automaticamente, por 5 anos, os mandatos do Executivo e Legislativo no país. A oposição a Pérez Jiménez recrudescceu e a repressão do governo foi brutal. Tendo perdido o apoio de setores importantes das Forças Armadas, Pérez Jiménez fugiu para a República Dominicana, então governada pelo ditador Leónidas Trujillo. Segue-se um pacto de conciliação partidária em âmbito nacional, o Pacto de Punto Fijo, que, encabeçado pela Acción Democrática (centro-esquerda), COPEI (Comité de Organización Política Electoral Independiente; centro-direita cristã) e URD, coloca na ilegalidade o PCV (Partido Comunista de Venezuela). A perseguição política aos militantes de esquerda, em especial ao PCV e ao MIR (*Movimiento de Izquierda Revolucionaria*) tem prosseguimento no governo de Rómulo Betancourt (gov. 1959-1964), alinhado à política externa estadunidense – signatário da Aliança para o Progresso, de John Kennedy, programa que oferecia contrapartidas econômicas com o objetivo de sufocar novos focos de rebeliões populares e nacionalistas na América, tal e qual fora triunfante em Cuba. Na conferência romana sobre a situação de perseguição política na Venezuela, Basso participa com um texto em que atacara o imperialismo dos EUA e seus efeitos nocivos, como o “despotismo econômico”, para a democracia na Venezuela, afirmando que “a conferência apela a todos para que somem seus respectivos protestos, destacando que, na América Latina, como em todos os países e em todos os tempos com seus relativos sistemas políticos, o respeito aos direitos elementares e modernos do homem, contidos na Declaração Universal de 1948, é a condição primordial e essencial ao exercício da democracia”²⁵⁷. A conferência fora presidida pelo escritor italiano Alberto Moravia e contou com a presença do cineasta Pier Paolo Pasolini. A adesão de intelectuais como Sartre e Russell à conferência pela

²⁵⁷BASSO, Lelio. *La violazione delle libertà democratiche in Venezuela*. O discurso aparece reproduzido pelo professor Alberto Filippi no artigo (p.107) “O legado de Lelio Basso na América do Sul e seus arquivos de Roma: as particularidades históricas das transições democráticas e a constitucionalização dos novos direitos”, in: *Revista Anistia – política e justiça de transição*. Brasília, n.8, pp. 94-130, julho/dezembro de 2012.

Venezuela fora articulada por Alberto Filippi²⁵⁸, a partir dos contatos com Christopher Farley, secretário da *Bertrand Russell Peace Foundation*, com o então líder do *Labour Party* no Parlamento inglês, Paul Bernard Rose, com o cineasta Claude Lanzmann e com a filósofa Simone de Beauvoir.

Além da participação no *International War Crimes Tribunal* de 1967 e da realização da conferência sobre a situação da Venezuela, em 1965, a aproximação de Basso com as realidades políticas da América Latina se concretiza com a criação do ISSOCO (*Istituto per lo Studio della Società Contemporanea*), entre 1968-69, instituição que manteve contato com partidos de esquerda latino-americanos e promoveu seminários dedicados ao debate dos problemas sociais, econômicos e políticos da América Latina. Uma edição de julho de 1970 da revista fundada por Basso, *Problemi del Socialismo* (que circulou com esse nome entre 1958 e 1992), trazia artigos de Darcy Ribeiro e André Gunder Frank sobre a realidade latino-americana. Ato contínuo, ocorre a ida de Basso e Filippi ao Chile, convidados pelo presidente Salvador Allende, em 1971, para presidir o simpósio internacional *Transición al socialismo y experiencia chilena*, junto a uma comitiva europeia que incluiu também o advogado socialista e deputado francês François Mitterrand, o filósofo e sociólogo grego Nicos Poulantzas e o escritor e filósofo revolucionário Régis Debray. Esse momento merece destaque porque cria-se um ponto comum de colaboração entre três instituições: o italiano ISSOCO, o CESO (*Centro de Estudios Socio-Económicos*, da *Universidad de Chile*, fundado em 1965 e fechado em 1973 pela ditadura de Pinochet) e o CEREN (*Centro de Estudios sobre la Realidad Nacional*, da *Universidad Católica de Chile*, que funcionou entre 1969 e 1973). E, como

²⁵⁸Jurista italiano, nascido em Pádua, cuja formação em Direito se dera na Venezuela, na UCV. De regresso à Itália, doutorou-se em Filosofia na Universidade La Sapienza, em Roma, vindo a lecionar História da América Latina na Universidade de Camerino. Colaborou estreitamente com Lelio Basso nos anos 1960 e 1970, antes durante e depois do Tribunal Russell II.

nos lembra Claudia Wasserman, o Chile da *Unidad Popular* (1970-1973) representou um ponto de convergência acolhedor para uma parte da esquerda latino-americana em cujos países viviam-se ditaduras civil-militares, como Brasil, Argentina, Bolívia e República Dominicana²⁵⁹. E no caso do CESO, que funcionava na *Facultad de Ciencias Económicas* da *Universidad de Chile*, em Santiago, destacamos a presença, junto à instituição, dos economistas Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra, exilados no país desde 1966, após dois anos de clandestinidade no Brasil, desde o golpe civil-militar de 31 de março de 1964, uma vez que ambos militavam na Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (POLOP), grupo de esquerda dissonante do PCB. O CESO, junto ao CEREN, organiza, entre os dias 17 e 23 de outubro de 1971, o seminário *Transición al socialismo y experiencia chilena*, e o evento culminaria em uma publicação homônima, com tiragem de 4 mil exemplares, trazendo artigos de Lelio Basso, *El uso de la legalidad en la transición al socialismo*, em que apresenta uma interpretação que se opõe à visão do economista marxista Paul Marlor Sweezy, fundador da revista socialista *Monthly Review* (junto ao economista socialista Leo Huberman, em 1949). “Sua contribuição fundamental [a de Marx], isto é, a concepção dialética do devir histórico, que vê o processo histórico como inseparável do desenvolvimento capitalista, um processo amplo que não começa com a tomada do poder, mas que culmina com ela, depois de já ter colocado a base da nova sociedade no interior da velha, parte do que é a criação do homem novo para a nova sociedade”, completando que “assombra ver que um estudioso da autoridade de Paul M. Sweezy, em um recente escrito sobre a transição ao socialismo, tenha recusado essa contribuição original de Marx, aderindo, por outro lado, à tradição revolucionária popular

²⁵⁹WASSERMAN, Claudia. *A Teoria da Dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017, p.88.

que prevê a construção ex nihilo do socialismo *depois* da tomada violenta do poder”²⁶⁰.

Ainda durante o seminário no Chile, Basso foi procurado por membros do Comitê de Denúncia da Repressão no Brasil, que reunia exilados brasileiros como o sociólogo Herbert de Souza, Almino Afonso, ex-ministro do Trabalho e Previdência de João Goulart e o antropólogo Darcy Ribeiro sob a liderança, como presidente de honra, do poeta Pablo Neruda. Os exilados brasileiros questionaram Basso sobre a possibilidade de conformar um tribunal, nos mesmos moldes daquele que o jurista italiano participara como relator e vice-presidente na Suécia e na Dinamarca em 1967, para denunciar os crimes cometidos pela ditadura brasileira. Ou seja, estabelecer um novo Tribunal Russell. No ano seguinte, 1972, novo apelo é feito:

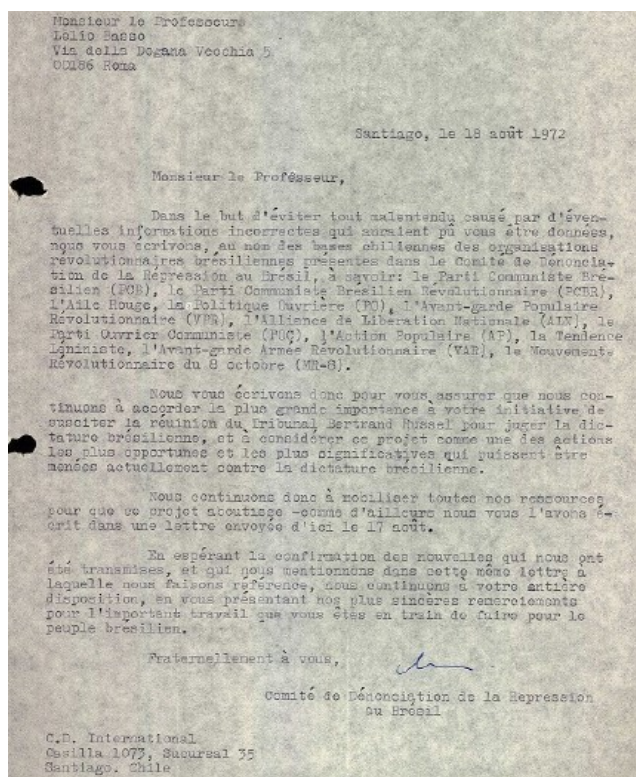


Imagem 8: carta²⁶¹ enviada pelo Comitê de Denúncia da Repressão no Brasil a Lelio Basso.

²⁶⁰BASSO, Lelio. *El uso de la legalidad en la transición al socialismo*, in: VVAA. *Transición al Socialismo y experiencia chilena*. Santiago: CESO/CEREN, Prensa Latinoamericana, 1972, p. 14. O destaque em itálico é do autor. O livro conta ainda com os artigos de Ruy Mauro Marini, *La reforma agraria en America Latina*, e de Theotonio dos Santos, *Problemas de la transición al socialismo y la experiencia chilena*.

²⁶¹Senhor professor Lelio Basso,

A nomenclatura escolhida para a nova convocação do tribunal, retomando o nome do filósofo galês, denota a repetição do procedimento em que o capital simbólico reunido pelos intelectuais convocados a compor o tribunal seria o alicerce da legitimidade e difusão das deliberações, uma vez que não possuíam efeito penal, valiam-se das reputações reunidas por intelectuais de variadas áreas do conhecimento e de diferentes continentes. Basso, que manteve a partir de então intenso contato com o diretor do CEREN, Manuel Antonio Garretón, ainda voltaria ao Chile, em janeiro de 1973, para o seminário Estado y Derecho en un período de transformación. Nesse intervalo, foi crucial o trabalho de Linda Bimbi, diretora do setor internacional da *Fondazione Lelio e Lisli Basso*, que estimulou o aparecimento de comitês em prol do Tribunal Russell, ciente da necessidade que uma iniciativa como essa, de retomar o tribunal, envolveria uma bem articulada rede de

Via della Dogana Vecchia, 5, 00186, Roma
Santiago, 18 de agosto de 1972

Com o objetivo de evitar qualquer mal-entendido causado por eventuais informações incorretas que possam ter chegado até o senhor, vos escrevemos, em nome das bases chilenas das organizações revolucionárias brasileiras presentes no Comitê de Denúncia da Repressão no Brasil, ou seja: o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), a Ajuda Vermelha ou o Socorro Vermelho, a Política Operária (PO), a Vanguarda Revolucionária Popular (VPR), a Aliança Libertadora Nacional (ALN), o Partido Operário Comunista (POC), a Ação Popular (AP), a Tendência Leninista, a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR), o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR8). Escrevemo-vos, portanto, para assegurar que continuamos a conferir grande importância à vossa iniciativa de convocar a reunião do Tribunal Bertrand Russell para julgar a ditadura brasileira, e a considerar este projeto como uma das ações mais oportunas e mais significativas que possam ser

realizadas atualmente contra a ditadura brasileira. Continuaremos, portanto, a mobilizar todos os nossos recursos para que este projeto tenha êxito – como havíamos escrito numa carta daqui enviada no dia 17 de agosto. Esperando a confirmação das notícias que nos foram transmitidas e que mencionamos naquela mesma carta à qual fizemos referência, continuamos a vossa completa disposição, e vos enviamos os mais sinceros agradecimentos pelo importante trabalho que senhor está por realizar para o povo brasileiro.

Fraternalmente.

Comitê de Denúncia da Repressão no Brasil
C. D. Internacional
Caixa Postal 1073, Sucursal 35
Santiago. Chile

Obs.: a carta aparece reproduzida no “Posfácio” do prof. Alberto Filippi em GUERRA FERREIRA & TOSI, Giuseppe. *As Multinacionais na América Latina – Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, p. 220. O documento aparece no arquivo Basso com a catalogação do Tribunal Russell II, Série 01, fasc. 1, fasc. 2 e na Comissão de Anistia digitalizado com a denominação ITA_FLLB-01_001_002.

contatos – e de todo o apoio que a Bertrand Russell Peace Foundation pudesse prestar quanto . Além disso, em 1970 falece Bertrand Russell, e, em 1973, durante os preparativos para a montagem do tribunal, seu nome pôde ser utilizado por Basso por autorização expressa da escritora Edith Finch Russell, viúva do filósofo.

Ao longo de 1973, produzido o golpe civil-militar chileno do 11 de setembro, altera-se a abrangência da sessão a ser realizada em março do ano seguinte, dedicada às situações de Brasil e Chile. Escreveu a viúva do presidente Salvador Allende, Hortensia Bussi: *Je désire exprimer mon appui à cette initiative qui, je l'espère, s'étendra rapidement au cas du Chili qui est un exemple récent et sanglant du caractère féroce et inhumain de l'impérialisme et des agents fascistes et qui exige toute la solidarité active et immédiate de tous les hommes et femme progressistes du monde*²⁶². Outra carta é enviada a Basso, dessa vez por Norbert Lechner, cientista político alemão a serviço do CEREN, desde Santiago, algumas semanas após o golpe:

Santiago, 30 de setembro de 1973.

Querido Lelio, es un fascismo improvisado -pero cumple paso a paso las instrucciones históricas. Después de haber disuelto el Congreso, prohibido y declarado en receso a los partidos (PC, PS, Mapu, MIR), haber suspendido a todos los funcionarios públicos y uniformado la prensa y la radio- ahora le tocó a las universidades. El viernes se entrevistó la totalidad de los rectores (todos democristianos) con la Junta.

Los rectores habían entregado un memorandum donde pedían que,

²⁶²“Desejo manifestar meu apoio a esta iniciativa, que espero que em breve se estenda ao caso do Chile, que é um exemplo recente e sangrento do caráter feroz e desumano do imperialismo e dos agentes fascistas, e que exige totalmente a solidariedade ativa e imediata de todos os homens e mulheres progressistas do mundo”. Telegrama de Hortensia Bussi de Allende a Lelio Basso, sem data, *Au Tribunal Russell II sur la repression au Bresil et en Amerique Latine*. O documento, extraído do arquivo da *Fondazione Basso*, em Roma, aparece reproduzido em: MULAS, Andrea. *Las relaciones político-jurídicas entre Lelio Basso y el Ceren en los años de gobierno de la Unidad Popular*. Universum [online], Talca, Chile. 2005, vol.20, n.1, pp.80-87. Acessado em dezembro de 2017.

Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-23762005000100006&lng=es&nrm=iso>.

manteniendo la autonomía universitaria, las universidades mismas se reorganizarían de acuerdo a la especificidad de las labores académicas. Se trataba de desocupar todos los cargos de profesores marxistas, pero a éstos mantenerlos en el plantel académico. (...) Volviendo sobre mi carta de la semana pasada: te ruego ver con urgencia la posibilidad de una beca en Roma (se presentó la solicitud al embajador Behmann dell'Elmo para el Ministerio de Relaciones Exteriores de Italia) e incluso la posibilidad de trabajar allá, puesto que aquí no hay futuro para las ciencias sociales, ni tengo posibilidades de trabajo político. En un primer momento podría ir sólo. Tu sais que je vive en Unidad Popular (amoureuse et honoreuse) avec Paulina et nous ne nous voulons pas séparer. Alors, je t'en prie... Un abrazo mío y de Paulina - venceremos (nous sommes jeunes!)²⁶³.

O tribunal fora formado, então, com um comitê honorário cujo presidente era Jean-Paul Sartre, contando, como membros, com Hortensia Bussi de Allende, Noam Chomsky, e Pablo Neruda; o júri, presidido por Basso, reuniu Vladimir Dedijer, Gabriel García Márquez, o jurista belga (especialista em Direito Internacional) François Rigaux, o presidente dominicano Juan Bosch, Cortázar, o historiador francês Albert Soboul (vice-presidente), o prêmio nobel de Física Alfred Kastler, o advogado e diplomata chileno Armando Uribe, entre outros. O inventário de documentos pessoais de Basso ligados ao Tribunal Russell II mostram que houve uma intensa circulação de cartas a partir de junho de 1972, no contato a personalidades políticas do Brasil, como o ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes (cujo mandato fora golpeado pela ditadura, em 1964, estando, desde então, exilado na Argélia) e com o advogado e deputado federal (cassado pela ditadura) Francisco Julião, liderança das Ligas Camponesas, com pesquisadores do

²⁶³Id. Ibid., também extraído do arquivo da *Fondazione Basso*.

CEREN e do CESO, no Chile, em especial com Theotonio dos Santos, com o escritor alemão Heinrich Böll (prêmio nobel de Literatura de 1972), com a Bertrand Russell Peace Foundation, com intelectuais dos EUA, como Noam Chomsky, Paul M. Sweezy, James Petras e Angela Davis, com a Comissão Internacional de Juristas, em Genebra, com Vânia Bambirra, Darcy Ribeiro, Almino Afonso e inclusive uma carta ao ditador Augusto Pinochet, cuja data, não precisada, corresponde ao período entre 8 de janeiro e 4 de março de 1974.

Ainda que a sessão de 1974 (Roma, entre 30 de março e 5 de abril de 1974) fosse dedicada às situações de violência vividas sob as ditaduras de Brasil, Bolívia, Uruguai e Chile, buscou-se, a partir das denúncias oferecidas por testemunhos de cada país, mapear um quadro de causas gerais, mais amplo, uma vez que os golpes civis-militares e o estabelecimento das ditaduras contou com situações similares nestes países, expondo um arranjo, em nível continental, que amalgamava a ação e os interesses das respectivas burguesias nacionais com a ação repressora das forças armadas – observando a cumplicidade, por exemplo, da ditadura brasileira com relação ao golpe militar que colocou o ditador boliviano Hugo Banzer no poder na Bolívia em agosto de 1971. A interpretação quanto à conjuntura mais imediata do capital (e suas exigências) naquele momento, 1974, contou em grande medida com o trabalho dos economistas ligados à corrente conhecida como Teoria da Dependência, ou Teoria Marxista da Dependência (TMD), entre os quais podemos destacar, pelo contato estreito junto a Basso, Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra, via CESO. Lelio Basso, na abertura do Tribunal Russell II, na manhã do dia 30 de março de 1974, retomou as palavras de Russell (na reunião de 1966 em Londres), dizendo que “somos independentes de qualquer organização oficial ou semioficial e acreditamos firmemente expressar o profundo anseio e dor, de todos aqueles

que, em muitas nações, são irmãos. Acreditamos que a nossa ação contribuirá a despertar a consciência do mundo”, e as palavras de Sartre (na abertura da primeira sessão, em maio de 1967), exprimindo que o “nosso Tribunal não é uma instituição” e que também “não substitui nenhum poder constituído: ao contrário, ele, na realidade, nasceu de um vazio de um apelo”²⁶⁴. Lembrando em seguida que Sartre desejava que a legitimidade do Tribunal de 1967 fosse retrospectiva, ou seja, fosse realizada a posteriori, Basso ressalta que seu objetivo, com o Tribunal Russell II, não é discutir sobre a legitimidade das sessões de 1967, e sim fazer do tribunal um dispositivo efetivo de proteção aos direitos humanos e à integridade da pessoa humana, citando que em 1971, em um Tratado de Direito Internacional publicado pelo professor Claude Lombois (diretor da Faculdade de Direito e Economia de Limoges), um capítulo inteiro fora dedicado ao primeiro Tribunal Russell: *Les solutions nouvelles d'ordre politique: Le Tribunal de Stokholm*. Basso não queria, contudo, amparar somente na crítica político-econômica a sustentação do Tribunal Russell II; sua preocupação mais premente era ordenar uma série de normas jurídicas ordenadas no campo do Direito Internacional para criar um dispositivo permanente de proteção aos direitos humanos. Na abertura da sessão de 1974 ele recorre ao preâmbulo da Convenção de Haia de número 4, de 18 de outubro de 1907, que diz que o Direito das nações é “resultante dos costumes estabelecidos pelos povos civilizados, dos princípios da humanidade e dos ditames da consciência pública”, cláusula sobre a qual convergiram a maioria dos Estados constituídos à época. Ele também cita, no mesmo sentido, que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, expressa que os “povos” das nações unidas proclamaram sua “fé nos direitos humanos fundamentais”. Ainda buscando

²⁶⁴BASSO, Lelio. *Discurso inaugural do presidente Lelio Basso*, 30 de março de 1974, in: GUERRA FERREIRA, Lucia de Fátima & TOSI, Giuseppe. *Brasil, violação dos direitos humanos – Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, p. 37.

embasar juridicamente o TRII, Basso também cita o artigo 38 do Estatuto da Corte Internacional de Justiça, de 1945, que diz que “a Corte, cuja função é decidir de acordo com o direito internacional as controvérsias que lhe forem submetidas, aplicará (...) as convenções internacionais, quer gerais, quer especiais, que estabeleçam regras expressamente reconhecidas pelos Estados litigantes”²⁶⁵. Basso também cita, no tocante aos direitos humanos, a Carta de Bogotá (1948) e a Convenção de São José da Costa Rica (1969) para argumentar que os princípios gerais expressos nesses documentos são a exposição de uma consciência popular. Contudo, faz a ressalva de que a proclamação dos direitos humanos não resulta, sobretudo naquele 1974, em sua proteção pela tutela jurídica “internacional e nacional, porque é evidente que sob o império de uma ditadura militar nenhuma autoridade judiciária pode exercer livremente suas funções e garantir os direitos conta os arbítrios do poder e as violações erigidas em sistema”²⁶⁶. A situação de violência aos direitos humanos ao trabalhador brasileiro foi exposta, por exemplo, na acusação feita pelo ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes:

As condições do povo se agravaram com a ditadura. De acordo com o censo de 1970, o 1% mais rico da população aumentou, passando de 11.72% a 17.77%, a sua participação na renda nacional, enquanto os 60% mais pobres regrediram de 25.18% a 19.99 % a sua participação na renda do país. (...) A aquisição dos produtos essenciais à vida exige um tempo muito maior de trabalho, como nos revela o DIEESE, organismo de análise estatística reconhecido oficialmente. Em 1965, um operário precisava de 7h e 48 min de trabalho para comprar 6 kg de pão, em 1971,

²⁶⁵ O Estatuto da Corte Internacional de Justiça pode ser conferido na íntegra em: < <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Corte-Internacional-de-Justi%C3%A7a/estatuto-da-corte-internacional-de-justica.html> >. Acessado em dezembro de 2017.

²⁶⁶BASSO, 2014, p. 41.

para a mesma quantidade de pão, eram necessárias 13h e 30 min de trabalho. As 24h e 24 min necessárias à aquisição de 6 kg de carne, em 1965, tornaram-se, já em 1971, 42h e 42 min. (...) Quando se consideram estes dados, o rígido controle sobre o salário e o fato que, segundo o censo de 1970, 42% dos trabalhadores recebia menos do salário-mínimo permitido pela lei ou apenas este mínimo, podemos imaginar as graves consequências da política da ditadura militar sobre a vida do povo²⁶⁷.

À acusação de Arraes, seguiu-se a do embaixador do Chile em Roma, Carlos Vassalo, ao governo de Pinochet, sustentando que a “Unidad Popular, sob a guia do presidente Allende e animada pelo nobre ideal de avançar em direção ao socialismo através de uma via pacífica, iniciou, entre outros processos, o de nacionalização, de reformas, de redistribuição de renda e adotou, no campo internacional, uma posição autônoma, denunciando os abusos do imperialismo. A concretização deste programa causou a reação de setores privilegiados que, organizando-se, tentaram impedir, através da 'Operação Alfa' e da morte do General René Schneider Chereau, a eleição do presidente na chefia do governo. Outros protagonistas desta ação de sabotagem contínua, chamado “bloqueio invisível”, foram a Kennecott, a ITT que, juntamente ao grupo de oposição, tentaram provocar o caos econômico e a paralisia das atividades nacionais”²⁶⁸.

A contribuição que Cortázar havia cobrado a Ariel Dorfman e não recebido, no começo de 1974, para o Dossier Noir sobre o Chile, aparece diante do júri do Tribunal Russell de 1974: *Relatório sobre a repressão cultural no Chile após o golpe de estado*,

²⁶⁷ARRAES, Miguel. *Acusação contra o governo brasileiro*, 30 de março de 1974, in: GUERRA FERREIRA, Lucia de Fátima & TOSI, Giuseppe. *Brasil, violação de direitos humanos*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, pp. 45-48.

²⁶⁸VASSALO, Carlos. *Ato de Acusação*, in: GUERRA FERREIRA, Lúcia de Fátima & TOSI, Giuseppe. *Chile, Bolívia e Uruguai: Atas da Primeira Sessão do Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, pp. 45-47.

apresentação feita junto com o economista e teólogo alemão Frank Hinkelammert, na qual denunciam a intervenção dos militares nas cidades universitárias em busca de militantes ligados à UP, listando, inclusive, todos os militares participantes do conselho de reitores que administravam a Universidad de Chile, a Universidad Católica, a Universidad Técnica del Estado, a Universidad Católica de Valparaíso, a Universidad Técnica de Santa María, a Universidad Austral de Chile, a Universidad de Concepción e a Universidad del Norte. Dorfman e Hinkelammert ainda descrevem que “no dia 11 de setembro [de 1973], a zona adjacente à sede da Universidad Técnica de Santiago (no bairro Estación Central) é ocupada, pela manhã, pelas forças militares. Mais de 700 pessoas, entre professores, estudantes e funcionários encontram-se cercados. Não estão armados. Na noite daquele dia começam a disparar contra a universidade, utilizando os carabineros da delegacia que se encontram em frente à velha Escola de Artes e Ofícios. É uma noite cheia de angústia. Os universitários formam barricadas nos subterrâneos ou se deitam no chão, no primeiro andar. Às 8 h da manhã do dia seguinte, logo após o fim dos disparos, os soldados entram na Universidad. É o Regimiento Arica, de La Sereña, mobilizados com o engano e a traição. O objetivo de utilizar tropas provenientes de fora [de Santiago] é que os suboficiais e soldados não conheçam suas vítimas”²⁶⁹.

A decisão de 1974 é fundamentada na Declaração Universal dos Direitos Humanos (que passa a ser adotada enquanto uma resolução da Assembleia Geral da ONU de 10 de dezembro de 1948), e por dois Pactos Internacionais, um relativo aos direitos civis e políticos e outro relativo aos direitos econômicos, sociais e culturais, ambos com status de tratados internacionais desde sua adoção pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1966, tendo, entre outros estados, o Chile como um dos signatários – desde fevereiro de

²⁶⁹Ibid., p. 166.

1972, durante o governo Allende. A destruição do Estado de Direito é o fundamento utilizado para condenar os governos de Brasil, Uruguai, Bolívia e Chile, incluindo a premeditação e articulação prévia do golpe, assim como o uso sistemático da violência e da tortura contra os opositores do regime. Na sentença, redigida por François Rigaux, consta sobre o Chile, que foram decisivos a “presença e a assistência de elementos estrangeiros, cúmplices da Junta na execução do golpe militar e na brutal repressão contra o povo chileno. O Tribunal sabe da presença de policiais brasileiros que colaboraram, no Estádio Nacional, na tortura de refugiados deste país. Por outro lado, esta assistência estrangeira iniciara muito antes com a desventurada intervenção da ITT, através de suas manobras, para derrubar o regime da Unidad Popular e, também, com o apoio da CIA nas greves que paralisavam a economia chilena e preparavam as condições mais favoráveis para o golpe de 11 de setembro”²⁷⁰. “Ouvimos estas testemunhas com um sentimento de indignação, de pressão, de nojo”, diz a ata na seção “Apelo”, para em seguida comunicar que seriam notificados sobre o teor das atas o Secretário-Geral da ONU, organizações internacionais como a UNESCO, a OMS, a Federação Mundial de Trabalhadores, o Conselho Mundial de Igrejas, a Anistia Internacional, entre outras, e aos membros do Congresso norte-americano. As atas de 1974 são finalizadas com trechos dos depoimentos de duas testemunhas, duas mulheres que relataram seu sofrimento ao júri e ao público. Uma delas disse: “resisti à tortura porque era necessário que se soubesse no mundo exterior o que acontecia no segredo de nossas celas e porque é necessário lutar até o fim, para que nossos filhos conheçam um mundo diferente deste onde vivemos”; e a outra: “se vocês perguntam como sobrevivi, bem, porque é tão grande o desejo de viver daqueles que sabem onde está a verdade”²⁷¹. Não são identificadas, nas atas, em origem, idade ou nome. Talvez assim se

²⁷⁰Ibid., p. 368.

²⁷¹Ibid., pp. 373-374.

demonstre que a voz delas era a de milhares, fosse na Argentina das ditaduras de 1966-1973 e 1976-1983, na Bolívia, Chile, Brasil e Uruguai.

3.7.2 Os vampiros multinacionais e a teoria da dependência

Se a sessão do TRII examinara a ação das ditaduras de Brasil, Chile, Uruguai e Bolívia, a sessão de 1975 se dedicou a compreender a relação de interesse mútuo entre as ditaduras e as empresas multinacionais. As reflexões apresentadas pelo jurista e cientista político italiano Carlo Guelfi, especialista em Direito Internacional, e por um grupo de trabalho da Universidade de Ciências Sociais de Grenoble se apoiam em uma interpretação particular quanto à configuração do capitalismo internacional de então: as multinacionais como motor e resultado da internacionalização da produção, dentro de uma divisão muito marcada entre centro e periferia, ou seja, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Assim, a atuação das multinacionais – temos como casos paradigmáticos a presença *United Fruit* na América Central e Caribe e da ITT na América do Sul – concorre para reforçar uma divisão internacional do trabalho que dá ênfase ao imperialismo estadunidense. Não fica descolocado se situarmos sob a pele desse argumento, que “o imperialismo contemporâneo [em 1975] define-se como uma nova fase do capitalismo, iniciada depois da Segunda Guerra Mundial e que se caracteriza por uma alta integração do sistema capitalista mundial fundada no amplo desenvolvimento da concentração, conglomeração, centralização e internacionalização do grande capital monopolista, cristalizando-se nas corporações multinacionais, célula desse processo e no aumento e fortalecimento do vínculo entre monopólio e o Estado”²⁷². Novamente convergem posições

²⁷²DOS SANTOS, Theotonio. Introdução, in: *Imperialismo y Dependencia*. México: Era, 1975 (uma segunda parte seria editada pela mexicana Era em 1978). O trecho aqui reproduzido aparece como apêndice em DOS

a crítica econômica da sessão de 1975 do Tribunal Russell II e as análises de Theotonio dos Santos. Se observamos que “a longa história do domínio norte-americano na América Latina se reflete, entre outros aspectos, na permanência do modelo de distribuição dos investimentos dos Estados Unidos no conjunto das regiões dependentes”, conservando, “em grande medida, a divisão territorial imperialista forjada durante o primeiro quarto do século XX”. O pessoal de Grenoble ainda expõe que “durante as duas últimas décadas, os investimentos estrangeiros diretos nesta região aumentaram mais de doze vezes e meia, até alcançar, em 1969, a cifra aproximada de 18 bilhões de dólares. Deste total, cerca de 90% se referem apenas a sete países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela), para os quais o total do investimento estrangeiro passa dos 6.652 milhões de dólares, em 1950, a 15.867 milhões, em 1969. Dentro deste grupo de países, os investimentos norte-americanos são os que crescem mais rapidamente, passando de 49.4% para 59.3% do total dos investimentos nesses países”²⁷³. Subterraneamente a esses dados podemos considerar os elementos presentes na construção da hegemonia estadunidense, simbolizada pela imposição do universalismo de sua moeda nacional (como observamos ao falar sobre os acordos de Bretton Woods e o fim do “padrão ouro” como lastro), na “aplicação do Plano Marshall, do Ponto IV, da Aliança para o Progresso e outros planos de 'ajuda' inspirados pelo Exim Bank, nos tratados militares do Rio de Janeiro, da Aliança Atlântica, do Sudeste Asiático, e em todo um sistema de relações militares que permitiram às tropas americanas formar uma rede internacional de ocupação disfarçada dos territórios de quase todos os países capitalistas. Ideologicamente, esse sistema se justifica como a

SANTOS, Theotonio. *Teoria da Dependência: balanço e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2018, p. 197. No site da *Biblioteca Ayacucho* (fundada por Ángel Rama) é possível baixar uma versão digital de *Imperialismo y Dependencia*. Disponível em:

< <http://www.bibliotecayacucho.info/downloads/dscript.php?fname=CP005.pdf> >

²⁷³Grupo de trabalho da Universidade de Ciências Sociais de Grenoble. *Características gerais do domínio anti-imperialista na América Latina*, in: GUERRA FERREIRA, Lúcia de Fátima & TOSI, Giuseppe. *As Multinacionais na América Latina – Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, p. 49.

expressão do 'mundo livre' que se opõe à 'tirania comunista' base da 'guerra fria' promovida pelo capitalismo contra o socialismo, teses subjacentes na fase da chamada distensão”²⁷⁴.

Dentro de uma conjuntura de crise do capitalismo, puxada pela crise do petróleo de 1973 e 1975, a crítica econômica do Tribunal Russell II contou com a presença do pensamento produzido pelos economistas que desenvolveram a Teoria da Dependência, em grande medida Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra, que colaboraram com Basso desde o estreitamento institucional expresso pelo grupo de trabalho Itália-Chile quanto pelo intercâmbio intelectual proporcionado entre o CESO, o CEREN e o ISSOCO, crucial para o estabelecimento da argumentação econômica do Tribunal Russell II, para além do alicerce jurídico, fundado na reunião de disposições relacionadas ao *Ius Cogens*, conjunto de normas imperativas do Direito Internacional Público. Sobre o CESO e a Teoria da Dependência, sabemos que “dirigido por Theotonio, o CESO seria palco de um dos capítulos mais significativos do marxismo latino-americano. Naquele espaço funcionava um grupo de investigação sobre capitalismo dependente, onde se reuniram todos os principais nomes que impulsionaram a TMD [teoria marxista da dependência] em seu início. No breve período de cinco anos, ali se publicaram as obras que conferiram sentido à TMD como nova corrente do pensamento marxista: *El nuevo carácter de la dependencia*, de Theotonio dos Santos, *Imperialismo, dependencia y relaciones económicas internacionales*, de Orlando Caputo e Roberto Pizarro, *El capitalismo dependiente latinoamericano*, de Vânia Bambirra e *Dialéctica de la Dependencia*, de Ruy Mauro Marini”²⁷⁵.

O grupo da Teoria da Dependência, contando Theotonio, Vânia, André Gunder

²⁷⁴DOS SANTOS, Theotonio, 2018, p. 198.

²⁷⁵FERREIRA, Carla; LUCE, Mathias & OSORIO, Jaime. *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 11.

Frank e Ruy Mauro Marini (que discordavam em muitas posições, por exemplo de Enzo Faletto e Fernando Henrique Cardoso, sociólogo e professor universitário que seria, entre 1994 e 2001, o artífice do neoliberalismo subserviente ao consenso de Washington praticado no Brasil) empreendeu, na virada das décadas de 1960 para 1970 um pensamento que propunha situar o *momentum* do desenvolvimento econômico da América Latina. O pensamento estruturalista da CEPAL concebera o desenvolvimento econômico latino-americano de modo etapista, ou seja, modernizar para avançar, tal como no *desarrollismo* levado a cabo por presidentes como Arturo Frondizi (Argentina, 1958-1962) e Juscelino Kubitschek (Brasil, 1956-1961). Mas seria a modernização industrial suficiente, por exemplo? O sucesso momentâneo inebria momentaneamente, e talvez por isso o pensamento cepalino-estruturalista não tenha levado em consideração, a longo prazo, os efeitos nocivos decorrentes da abertura excessiva dos mercados nacionais e da tomada de créditos estrangeiros, ignorando o detalhe de que a economia pulsa de modos muito diferentes quando atrelada ou não ao pulso da política. O desenvolvimentismo, forma de liberalização econômica que não prioriza a redistribuição de renda nem chega ao extremo liberal de desregulamentação, atinge gargalos de estagnação ao sabor dos preços internacionais das *commodities*, reproduzindo a divisão internacional do trabalho que cria um abismo entre países centrais e periféricos – perpetuando uma posição, na América Latina, que obedece a uma configuração formada no período das independências, no começo do século XIX, especialmente a partir de 1840, quando a Inglaterra, feita sua revolução industrial, situava-se em posição central no plano econômico internacional, legando às repúblicas recém-independentes da Espanha o papel de exportadoras de matérias-primas.

É nesse ponto que se interpõe o pensamento da Teoria da Dependência, opondo-se

ao pensamento estabelecido pela CEPAL, marcado por economistas como Raúl Prebisch e Celso Furtado. Em seu estudo, Claudia Wasserman (2017) nos lembra que esse grupo de intelectuais (denominados “grupo de Brasília”) buscou se distinguir dos autores que “consideravam a existência de leis gerais do modo de produção capitalista que (...) podiam ser pensadas para explicar igualmente os países hegemônicos e as regiões dependentes do planeta”²⁷⁶. Vânia Bambirra conclui em 1970 no Chile seu livro, *Capitalismo dependente latino-americano*, publicado pela Prensa Latinoamericana de Santiago em 1972 e logo tirado de circulação pela Junta Militar no Chile a partir de setembro de 1973. Nele, Bambirra expõe sobre a relação entre subdesenvolvimento e dependência, expondo as contradições do capitalismo dependente em sua ação concentradora e vendo com bons olhos o governo da Unidad Popular no Chile, no sentido de que se construía uma forma de socialismo em via democrática que poderia configurar um arranjo que ultrapassasse o sistema de dependência na América Latina. Em perspectiva latino-americanista, afirma que “no plano que se refere ao sistema de exploração, a América Latina se bifurca; suas possibilidades de reunificação devem ser buscadas no plano da oposição popular a este sistema. Ou seja, o capitalismo tende a dividir o continente entre subpotências dominantes e países dominados e apenas o socialismo poderá impedir esse processo e restaurar a unidade continental”²⁷⁷. Assim, é precisamente nesse movimento monopolista que se vale da desnacionalização das economias latino-americanas e da transferência de lucros para o exterior que mora o êxito da infiltração das multinacionais na América Latina. Um exemplo dado na sessão de 1975 do TRII foi a instalação de empresas como a *General Motors* e a *Ford* no Chile, iniciando sua atuação a partir de concessões nacionais como a *Indumotora* e a *Chile Motors*, respectivamente, e depois atuando diretamente, sem as

²⁷⁶WASSERMAN, 2017, p. 81.

²⁷⁷BAMBIRRA, Vânia. O capitalismo dependente latino-americano. Florianópolis: Insular, 2015, p. 222.

concessões, uma vez estabelecidas no mercado²⁷⁸. Apenas para ilustrar esse procedimento, do ponto de vista legislativo, a criação da lei 14.780 na Argentina, em 1958, removeu qualquer tipo de entrave à remessa de lucros para o exterior por parte das empresas multinacionais – em que pese considerar a situação política da Argentina após o golpe de 1955, conhecido como “revolução libertadora”, que assinalou a derrubada do presidente eleito Juan Domingo Perón, sucedendo-o o general Pedro Aramburu e, em seguida, em eleições marcadas pela proscricção do peronismo, é eleito o radical (da *Unión Cívica Radical*) desenvolvimentista Arturo Frondizi.

O Tribunal Russell II, a 18 de janeiro de 1975, encerra sua sessão em Bruxelas, emitindo, tal como no ano anterior, uma sentença:

O tribunal comprovou que os Estados Unidos da América e as empresas estrangeiras que exercem atividades na América Latina, por intermédio de filiais ou de sociedades sobre cujo capital e operações exercem um controle dominante – e entre as quais as mais fortes e mais numerosas são norte-americanas – tiveram e têm, com a cumplicidade das classes opressoras da América Latina, uma intervenção permanente a fim de assegurar os mais altos benefícios econômicos e a dominação estratégica (...) Sobre o direito dos povos: [o tribunal] declara que, no caso da Junta Militar presidida pelo general Pinochet no Chile, esta se encontra em uma situação de total violação do direito internacional e não merece ser considerada como parte integrante da comunidade organizada de Nações; condena ao governo dos Estados Unidos, que estimula ou favorece tais atos: condena portanto ao presidente Nixon, que os ordenou, e ao presidente Ford, que os justifica e continua, e aos governantes dos Estados Unidos, mais particularmente ao senhor Henry Kissinger, cuja

²⁷⁸GUERRA FERREIRA, Lúcia de Fátima & TOSI, Giuseppe. *As Multinacionais na América Latina – Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, p. 66.

responsabilidade no golpe de Estado fascista no Chile é evidente para o Tribunal, em vista dos documentos mesmos publicados nos Estados Unidos²⁷⁹.

²⁷⁹CORTÁZAR, 1975, pp. 70-77.

4. Cortázar Fórmula 4: monitorado pela repressão argentina

A defesa dos Direitos Humanos, tônica do engajamento político de Cortázar na primeira metade da década de 1970, levou o escritor ao compromisso de apresentar-se como jurado nas três sessões anuais do Tribunal Russell II, em 1974, 1975 e 1976, além da sessão de criação do Tribunal dos Povos, em Bolonha, junho de 1979, instituição ainda existente e atuante. Mas esse tipo de engajamento e sua repercussão, para agentes da repressão e para a cúpula da última ditadura argentina (1976-1983) representava um incômodo muito grande. A sessão de 1976 do Tribunal Russell, ocorrida em Roma entre 10 e 17 de janeiro, um ano após examinar “as multinacionais enquanto expressão atual mais viva do imperialismo, principais promotoras das ditaduras no plano político e diretas beneficiárias do regime de super exploração do trabalho que estas instauram e do qual se servem”, declarava que então se tratava de “identificar os instrumentos, os mecanismos e os agentes que unem as extremidades da detestável cadeia: de um lado, os imensos interesses das potentes sociedades supranacionais, do outro, o cidadão indefeso, reduzido à vítima de um implacável aparato repressivo que dispõe, arbitrariamente, de seu trabalho, de sua liberdade, de sua dignidade e de sua vida”²⁸⁰, nas palavras do advogado e senador chileno Raúl Ampuero ao Tribunal Russell II.

A fala apresentada pelo alemão Philippe Meyer e pelo francês Hubert Lafont, ambos jornalistas, intitulada O exemplo da Argentina, expunha a escalada da militarização do estado na Argentina. As fronteiras ideológicas passaram a nomear o inimigo “disfarçado, infiltrado, interno e subversivo” e as forças armadas, não sendo mais apenas

²⁸⁰ AMPUERO, Raúl. *A contrarrevolução militar na América Latina*, in: GUERRA FERREIRA, Lucia de Fátima & TOSI, Giuseppe. *Contrarrevolução na América Latina: subversão militar e instrumentalização dos sindicatos, da cultura, das igrejas – Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, p. 49.

consideradas como “a força que vence o direito” (a Argentina verificou golpes militares em 1930, 1943, 1955, 1966 e, por último, 1976, dois meses após esta sessão em Roma), mas “a força que *se torna* direito e se reveste de legalidade”²⁸¹. A lei de Segurança Nacional (Ley n° 20.840), promulgada na Argentina em 30 de setembro de 1974, estabelecia:

ARTICULO 1° — Será reprimido con prisión de tres a ocho años, siempre que el hecho no constituyere un delito más severamente penado, el que para lograr la finalidad de sus postulados ideológicos, intente o preconice por cualquier medio, alterar o suprimir el orden institucional y la paz social de la Nación, por vías no establecidas por la Constitución Nacional y las disposiciones legales que organizan la vida política, económica y social de la Nación²⁸².

Juridicamente, estava criado um dispositivo para combater “inimigos internos”, em um momento de tensão política, meses após a morte de Juan Domingo Perón (em 1º de julho de 1974, durante o cumprimento de seu terceiro mandato presidencial, para o qual fora eleito no ano anterior). María Estela Martínez de Perón, viúva e vice que assume a presidência, vê em seu governo o enorme aumento da influência do ministro de Bem-Estar Social José López Rega sobre a condução política. López Rega indica um novo ministro da Economia para suceder Alfredo Gómez Morales: Celestino Rodrigo, que, em um mês e duas semanas no cargo (entre junho e julho de 1975), foi responsável por medidas que estrangularam a economia argentina: desvalorização do peso com relação ao dólar, aumento dos preços ao consumidor nas tarifas de transporte público e no preço dos combustíveis. O *Rodrigazo* representou uma queda brutal no poder de compra dos salários

²⁸¹LAFONT, Hubert & MEYER, Philippe. *O exemplo da Argentina*. Ibid., p. 73. Destaque dos autores.

²⁸²Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/70000-74999/73268/norma.htm>>

na Argentina. A queda de Rodrigo atinge López Rega, que, em julho de 1975 entrega o cargo de ministro e é nomeado embaixador na Espanha. Outro legado terrível de López Rega foi a organização, junto ao chefe da Polícia Federal Argentina, Alberto Villar, da milícia paramilitar de extrema-direita *Alianza Anticomunista Argentina*, ou *Triple A*.

Mas a presença do Exército argentino no Tribunal Russell II, na sessão de 1976, parecia estar além do discurso e informes apresentados ao júri. O diário *Corriere della Sera* anunciava, em sua edição de sábado, 10 de janeiro de 1976, a abertura da última sessão do Tribunal Russell II: *Processo ai gendarmi del Sudamerica: Si ascolteranno i risultati degli studi e le testimonianze sul militarismo nei paesi latino-america. La sentenza sarà letta sabato, 17*, sob a cobertura de Alfonso Madeo. Poucos dias depois do encerramento da sessão de 1976, um informe, datado de 20 de janeiro de 1976²⁸³, proveniente da SIDE (*Secretaria de Inteligencia del Estado*) à Secretaria Geral de Governo à SIPNA (*Servicio de Inteligencia de la Prefectura Naval Argentina*), à SIN (*Servicio de Inteligencia Naval* – junto ao *Grupo de Tareas 3.3*, se ocupava da repressão no exterior), ao SIG (*Secretario de Informaciones de la Gobernación*), ao *Batallón de Inteligencia 601* – ESMACON (*Estado Mayor Conjunto*), com o assunto “Tribunal Russell”:

²⁸³CPM – FONDO DIPPBA División Central de Documentación, Registro y Archivo, Mesa “De”, Entidades Varias, Legajo 4.460.

PARTE NRO 1254
DE: SIDE - (C/ICIA)
PARA:

20 ÉNE 76

RESERVADO URGENTE

ESMAYORDOS

S.I.N.

S.I.A.

B. ICIA. 601
ESMACON

S.I.D.

S.I.P.N.A.

D.I.G.

SEGURIDAD FEDERAL

D.I.P.B.A.

DIR. GRAL. AS. POL. E INF. (MIN. INT.)
SECRETARIA GENERAL DE GOBIERNO

ASUNTO: "TRIBUNAL RUSSELL"

EL DIA 15 DEL CORRIENTE EL DIARIO "CORRIERE DE LA SERA" PUBLICO UN ARTICULO REFERENTE A LA CONFERENCIA DE PRENSA PARALELA DEL "TRIBUNAL RUSSELL".

EN LA MISMA INTERVINIERON LAS SIGUIENTES PERSONAS:

- [REDACTED] DE [REDACTED], RESIDENTE EN ROMA, MIEMBRO DE

LA OPM "MONTONEROS" Y REPRESENTANTE DE LA COMISION DE APOYO AL "TRIBUNAL RUSSELL".

- [REDACTED], PERTENECIENTE AL MLN "TUPAMAROS".

- JULIO CORTAZAR, QUIEN INTEGRA EL COMITE FRANCES DEL GRUPO DE SOLIDA

RIDAD CON EL PUEBLO ARGENTINO.

ASIMISMO, EL PERIODISTA [REDACTED] APROVECHANDO LA OPORTUNI

DAD DE LA DIFUSION QUE BRINDAN LAS SESIONES DE DICHO TRIBUNAL, PROMUE

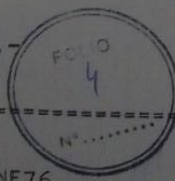
VE UNA CAMPAÑA DE DENUNCIAS A NIVEL MUNDIAL PARA "OBLIGAR AL GOBIER

NO ARGENTINO A RECONOCER LA DETENCION DE [REDACTED] Y HACERLO A-PARECER VIVO"

ORIGEN: PROPIOS MEDIOS.

VALORIZACION : A-2

TTIO: 51811 GH 201620ENE76



ES COPIA DEL ORIGINAL

Magdalena Lanteri
Directora General
y Presidencia de la Comisión Provisoria de la Memoria

Imagem 9: reprodução de um memorando da SIDE, de 20 de janeiro de 1976, sobre o TR II.

O documento cita a participação de Cortázar junto ao Tribunal Russell a partir de uma notícia veiculada pelo *Corriere della Sera*. O escritor é apontado como integrante do “comitê francês do Grupo de Solidaridad com el Pueblo Argentino”. Na verdade, tratava-se do COSPA (*Comité de Solidaridad con el Pueblo Argentino*, criado pelo historiador Rodolfo Puiggrós em seu exílio no México), e chama atenção que a difusão das sessões do tribunal, seja lida pela repressão argentina como uma “campanha de denúncias a nível mundial” para pressionar o governo argentino a explicar detenções e solucionar desaparecimentos. Em seguida o memorando prossegue de maneira tão imprecisa quanto grotesca, denotando o plano raciocínio da repressão em associar que, talvez por se chamar Russell e empreender uma forma de oposição ao regime militar argentino, o tribunal ocorresse na Rússia comunista.

A ideia central subjacente ao documento é a de caracterizar um inimigo e sua ação, para que, dessa maneira, exista um pretexto para o monitoramento, perseguição e contra-ataque. Assim, o tribunal é apontado como “parte integrante de uma campanha internacional de desprestígio que, de forma conjunta levam a cabo, especialmente em países europeus, as organizações paramilitares e de alguns governos para obter fundamentalmente a liberdade de combatentes detidos”. Novamente Cortázar é citado: sobre o momento em que o escritor desce do júri, pedindo para apresentar-se como testemunha, sendo aplaudido por todos os presentes – incluída aí a irma do Che, Ana María Guevara. Cortázar denuncia a situação provocada pela Triple A na Argentina, informando um saldo de mais de mil pessoas, entre sequestrados e assassinados pelo esquadrão de extrema-direita criado por López Rega. Além disso, cita sobre o extermínio em Monte Chingolo, que, para além de atingir os membros do ERP, foi responsável pelo desaparecimento de muitos moradores do bairro, cujo paradeiro até aquele janeiro de 1976

se desconhecia. E cita o fato de que os familiares das vítimas foram impedidos, por 10 dias, de retirar os corpos dos seus. Anna María Guevara denunciou, na qualidade de testemunha, a prisão arbitrária de seu irmão Juan²⁸⁴, no dia 28 de fevereiro de 1975, que, sofrendo de hepatite, acabou sendo transferido para o presídio de Rawson sem que se prestasse qualquer atenção médica à doença, além de ter sido confinado em uma cela de 1.5 m por 2 m com uma janela sem vidro e uma temperatura ambiente ao redor de -5° C. “Voltaram a transferi-lo e não se sabe onde está atualmente”, concluiu Ana María. Também ofereceu testemunho o poeta e padre nicaraguense Ernesto Cardenal, falando sobre o terror vivido pela população trabalhadora do campo na Nicarágua, dizendo que seu país se converteu em “um imenso campo de concentração onde as prisões se estenderam até os pátios dos edifícios públicos”²⁸⁵.

Na edição do *Corriere della Sera* de terça-feira, 14 de janeiro de 1976, página 6, aparece o título *Il regime di Isabelita Perón sotto accusa al Tribunale Russell*. O momento em que Cortázar apresenta a denúncia é descrito como “perturbador” pelo jornalista que assina a matéria, novamente Alfonso Madeo: os 48 militantes-guerrilheiros e os mais de cem civis massacrados pelos soldados na repressão brutal à tentativa de assalto ao *Batallón Depósito de Arsenales 601 Domingo Viejobueno*, em 23 de dezembro de 1975, na localidade de Monte Chingolo, em uma parte da província de Buenos Aires na divisa entre Avellaneda, Quilmes e Capital Federal. O ataque fora planejado pelo ERP (*Ejército Revolucionario del Pueblo*). Cortázar lembrou também ao público sobre o desconhecimento sobre o número de prisioneiros ou dos processos a que responderiam, expressando o receio de que tivessem sido todos eles, entre rendidos ou capturados,

²⁸⁴Ernesto Guevara Lynch e Celia de la Serna tiveram cinco filhos: Ernesto, Juan Martín, Roberto, Ana María e Celia.

²⁸⁵Conforme noticiou o diário mexicano *El Día*, na edição de 14 de janeiro de 1976, página 2.

arbitrariamente fuzilados. O memorando da SIDE observa que, ao final das deliberações do tribunal, o governo argentino (meses antes do golpe de 24 de março de 1976) era sentenciado com o “grau máximo de crime contra a humanidade”.

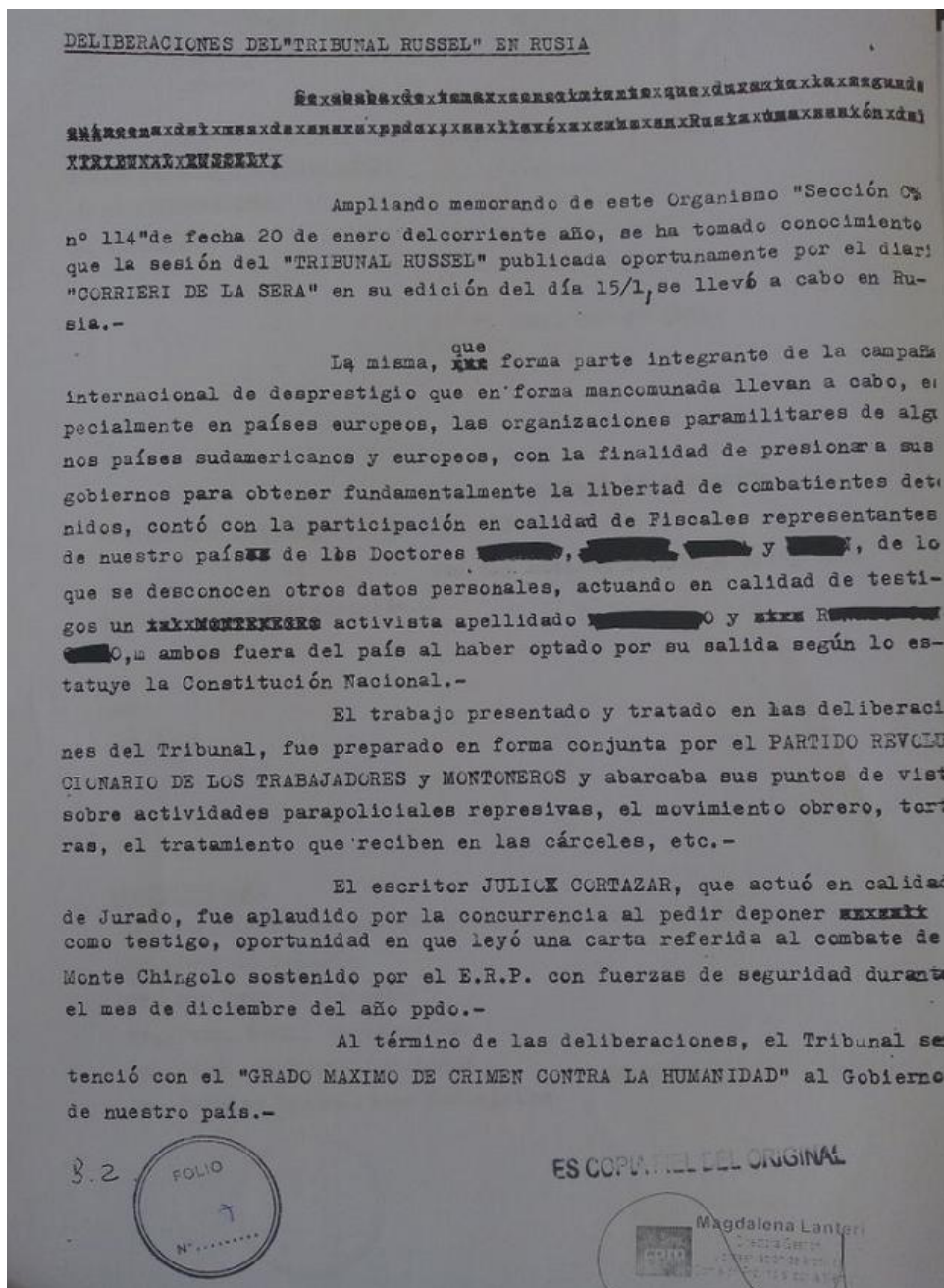


Imagem 10: reprodução do memorando da SIDE sobre o Tribunal Russell II em Roma, janeiro de 1976.

A matança em Monte Chingolo ressoa também na ficção de Cortázar – e chama atenção mais uma vez como o escritor elabora, desde os protocolos da ficção, mais uma vez um tema diretamente associado à realidade social e política do momento histórico mais imediato (na esteira de como ocorrera com *Reunião*, *O Livro de Manuel*, *Vampiros Multinacionales*), sem contudo retomar fórmulas narrativas com conteúdo diferente. No conto *Recortes de Prensa*, de *Queremos tanto a Glenda* (1980; no Brasil publicado como *Orientação dos gatos*, pela Nova Fronteira, 1981), temos mais uma vez a abordagem de Cortázar à questão da violência e da violação de direitos humanos – novamente o recorte de jornal aparece, mas sua presença é reelaborada na ambiência do relato. O conto é narrado em primeira pessoa por Noemí, uma escritora argentina em Paris que tem diante de si o convite, por parte de um escultor argentino, para que aprecie e escreva um texto a ser editado sobre suas esculturas. A escritora observa a série de pequenas esculturas “*cuyo tema era la violencia en todas las latitudes políticas y geográficas que abarca el hombre como lobo del hombre*”, destacando nelas a expressão da tortura, “*esa forma última en que la violencia se cumple en el horror de la inmovilidad y el aislamiento*”²⁸⁶. Logo em seguida, a personagem Noemí comenta: “*Mirá este recorte, yo conozco a la mujer que lo firma, y estaba enterada de algunas cosas por informes de amigos. Pasó hace tres años como pudo pasar anoche o como puede estar pasando en este mismo momento en Buenos Aires o en Montevideo. Justamente antes de salir para tu casa abrí la carta de un amigo y encontré el recorte*”.

²⁸⁶CORTÁZAR, Julio. *Queremos tanto a Glenda*. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 1980, p. 63-64.

E o recorte é apresentado:

La que suscribe, Laura Beatriz Bonaparte Bruschtein, domiciliada en Atoyac, número 26, distrito 10, Colonia Cuauhtémoc, México 5, D.F., desea comunicar a la opinión pública el siguiente testimonio:

1. Aída Leonora Bruschtein Bonaparte, nacida el 21 de mayo de 1951 en Buenos Aires, Argentina, de profesión maestra alfabetizadora.

Hecho: A las diez de la mañana del 24 de diciembre de 1975 fue secuestrada por personal del Ejército argentino (Batallón 601) en su puesto de trabajo, en Villa Miseria Monte Chingolo, cercana a la Capital Federal.

El día precedente ese lugar había sido escenario de una batalla que había dejado un saldo de más de cien muertos, incluidas personas del lugar. Mi hija, después de secuestrada, fue llevada a la guarnición militar Batallón 601.

Allí fue brutalmente torturada, al igual que otras mujeres. Las que sobrevivieron fueron fusiladas esa misma noche de Navidad. Entre ellas estaba mi hija.

La sepultura de los muertos en combate y de los civiles secuestrados, como es el caso de mi hija, demoró alrededor de cinco días. Todos los cuerpos, incluido el de ella, fueron trasladados con palas mecánicas desde el batallón a la comisaría de Lanús, de allí al cementerio de Avellaneda, donde fueron enterrados en una fosa común.

A personagem Noemí enfatiza: *las que sobrevivieron fueron fusiladas esa misma noche de Navidad*, para em seguida a narrativa apresentar outros fragmentos recortados

(que juntamos e reproducimos abaixo):

Supé oficialmente del asesinato de mi hija en el juzgado número 8 de la ciudad de La Plata, el día 8 de enero de 1976. Luego fui derivada a la comisaría de Lanús, donde después de tres horas de interrogatorio se me dio el lugar donde estaba situada la fosa. De mi hija sólo me ofrecieron ver las manos cortadas de su cuerpo y puestas en un frasco, que lleva el número 24. Lo que quedaba de su cuerpo no podía ser entregado, porque era secreto militar. Al día siguiente fui al cementerio de Avellaneda, buscando el tablón número 28. El comisario me había dicho que allí encontraría «lo que quedaba de ella, porque no podían llamarse cuerpos los que les habían sido entregados». La fosa era un espacio de tierra recién removido, de cinco metros por cinco, más o menos al fondo del cementerio. Yo sé ubicar la fosa. Fue terrible darme cuenta de qué manera habían sido asesinadas y sepultadas más de cien personas, entre las que estaba mi hija.

2. Frente a esta situación infame y de tan indescriptible crueldad, en enero de 1976, yo, domiciliada en la calle Lavalle, 730, quinto piso, distrito nueve, en la Capital Federal, entablo al Ejército argentino un juicio por asesinato. Lo hago en el mismo tribunal de La Plata, el número 8, juzgado civil. Consecuentemente a este recurso legal mío, se sucedieron los siguientes hechos:

3. En marzo de 1976, Adrián Saidón, argentino de veinticuatro años, empleado, prometido de mi hija, fue asesinado en una calle de la ciudad de Buenos Aires por la policía, que avisó a su padre. Su cuerpo no fue restituido a su padre, doctor Abraham Saidón, porque era secreto militar.

4. Santiago Bruschtein, argentino, nacido el 25 de diciembre de

1918, padre de mi hija asesinada, mencionada en primer lugar, de profesión doctor en bioquímica, con laboratorio en la ciudad de Morón.

Hecho: el 11 de junio de 1976, a las 12 de mediodía, llegan a su departamento de la calle Lavalle, 730, quinto piso, departamento 9, un grupo de militares vestidos de civil. Mi marido, asistido por una enfermera, se encontraba en su lecho casi moribundo, a causa de un infarto, y con un pronóstico de tres meses de vida. Los militares le preguntaron por mí y por nuestros hijos, y agregaron que: Cómo un judío hijo de puta puede atreverse a abrir una causa por asesinato al Ejército argentino. Luego le obligaron a levantarse, y golpeándolo lo subieron a un automóvil, sin permitirle llevarse sus medicinas.

Testimonios oculares han afirmado que para la detención el Ejército y la policía usaron alrededor de veinte coches. De él no hemos sabido nunca nada más. Por informaciones no oficiales, nos hemos enterado que falleció súbitamente en los comienzos de la tortura.

5. Patricia Villa, argentina, nacida en Buenos Aires en 1952, periodista, trabajaba en la agencia Inter Press Service, y es hermana de mi nuera.

Hecho: Lo mismo que su prometido, Eduardo Suárez, también periodista, fueron arrestados en septiembre de 1976 y conducidos presos a Coordinación General, de la policía federal de Buenos Aires. Una semana después del secuestro, se le comunica a su madre, que hizo las gestiones legales pertinentes, que lo lamentaban, que había sido un error. Sus cuerpos no han sido restituidos a sus familiares.

6. Irene Mónica Bruschtein Bonaparte de Ginzberg, de veintidós años, de profesión artista plástica, casada con Mario Ginzberg, maestro mayor de obras, de veinticuatro años.

Hecho: El día 11 de marzo de 1977, a las 6 de la mañana, llegaron al departamento donde vivían fuerzas conjuntas del Ejército y la policía, llevándose a la pareja y dejando a sus hijitos: Victoria, de dos años y seis meses, y Hugo Roberto, de un año y seis meses, abandonados en la puerta del edificio. Inmediatamente hemos presentado recurso de habeas corpus, yo, en el consulado de México, y el padre de Mario, mi consuegro, en la Capital Federal.

He pedido por mi hija Irene y Mario, denunciando esta horrenda secuencia de hechos a: Naciones Unidas, OEA, Amnesty International, Parlamento Europeo, Cruz Roja, etc. No obstante, hasta ahora no he recibido noticias de su lugar de detención. Tengo una firme esperanza de que todavía estén con vida.

Como madre, imposibilitada de volver a Argentina por la situación de persecución familiar que he descrito, y como los recursos legales han sido anulados, pido a las instituciones y personas que luchan por la defensa de los derechos humanos, a fin de que se inicie el procedimiento necesario para que me restituyan a mi hija Irene y a su marido Mario, y poder así salvaguardar las vidas y la libertad de ellos.

Firmado,

Laura Beatriz Bonaparte Bruchstein.

(De *El País*, octubre de 1978, reproducido en *Denuncia*, diciembre de 1978²⁸⁷).

O conto prossegue com Noemí deixando o apartamento do escultor, em meio à recorrente lembrança de que “sólo me ofrecieron ver sus manos cortadas de su cuerpo y puestas en un frasco, que lleva el número veinticuatro”, relatada no recorte por Laura

²⁸⁷O artigo com a carta de Laura Bonaparte, publicado em 08 de outubro de 1978 em *El País*, pode ser acessado em:

< https://elpais.com/diario/1978/10/08/opinion/276649205_850215.html >.

Bonaparte, um testemunho real, o fantástico se faz presente quando a personagem-escritora atravessa a rua, deserta, sem pensar, e se depara com uma criança chorando por conta de uma situação problemática entre seu pai e sua mãe. A criança a leva ao interior da casa e lá a personagem-escritora se depara com uma situação de tortura: a mãe, nua, está deitada e tem uma toalha na boca, enquanto o pai, sentado, calmamente queima o seio da mulher com a brasa do cigarro. Noemí, marcada pela alteridade do recorte, o desaparecimento, a tortura, a crueldade das mãos no frasco, das crianças abandonadas na porta do edifício, golpeia o homem com uma banquetta, libertando a mulher – que inverte, então, os papéis, passando a torturá-lo, ao passo que Noemi deixa o lugar. No dia seguinte, Noemí telefonou ao escultor e contou tudo que havia vivido na noite anterior e lhe confirmou que o texto para o livro sobre as esculturas seria, basicamente, aquilo que fora transmitido por telefone.

Dias depois o escultor envia à escritora um recorte com a notícia, no *France-Soir*, um tabloide de grande popularidade, contendo a notícia do que ocorrera na casa, exatamente como vivido e contado por Noemí, demonstrando ressentimento por considerar a escritora fora fingida: utilizou uma matéria “real” sem comentar de antemão a ele, para com ela elaborar seu texto. O fantástico se precipita novamente: o recorte diz sobre o crime ter ocorrido em Marselha, sul da França, e a experiência vivida por Noemí ocorrera em Paris. A escritora, então, refaz o caminho e encontra – em Paris – a mesma criança, fazendo questão de perguntar o sobrenome da criança e escrever o final do texto ao escultor. O autor havia feito uma ressalva a modo de epígrafe no início do conto: “*Aunque no creo necesario decirlo, el primer recorte es real y el segundo imaginario*”.

Assim, a elaboração da trama do relato envolve um testemunho real, sob forma de recorte de jornal, aciona o fantástico cortazariano (a ambiguidade espacial da situação Paris-Marselha, tema que nos faz lembrar do conto *O outro céu*, de *Todos os fogos o fogo*,

1966) referenciando aspectos da realidade, a violência, a tortura, em torno do recorte ficcional, conferindo um duplo registro à carta de Laura Bonaparte, assim os percalços da memória, da impotência diante de uma situação de violência, da persistência e, porque não, reafirmando posições das quais seguia convicto:

—Ya ves, todo esto no sirve de nada —dijo el escultor, barriendo el aire con un brazo tendido—. No sirve de nada, Noemí, yo me paso meses haciendo estas mierdas, vos escribís libros, esa mujer denuncia atrocidades, vamos a congresos y a mesas redondas para protestar, casi llegamos a creer que las cosas están cambiando, y entonces te bastan dos minutos de lectura para comprender de nuevo la verdad, para...—Sh, yo también pienso cosas así en el momento —le dije con la rabia de tener que decirlo—. Pero si las aceptara sería como mandarles a ellos un telegrama de adhesión, y además lo sabes muy bien, mañana te levantarás y al rato estarás modelando otra escultura y sabrás que yo estoy delante de mi máquina y pensarás que somos muchos aunque seamos tan pocos, y que la disparidad de fuerzas no es ni será nunca razón para callarse. Fin del sermón. ¿Acabaste de leer? Tengo que irme, che²⁸⁸.

Algo parecido com os diálogos entre os personagens Julio Cortázar e Susan Sontag que vimos em *Vampiros Multinacionales*, com a diferença de que neste conto, ao que nos parece, Cortázar calibra melhor a aposta estético-narrativa iniciada em *Livro de Manuel* e continuada na novela gráfica, em que pese que no conto não se sacrificam mutuamente nem matéria documental nem elaboração estética: reafirmam-se mutuamente em *Recortes de prensa*. Laura Beatriz Bonaparte Bruschtein fez parte das *Madres de Plaza de Mayo – Línea Fundadora*²⁸⁹; o conto de Cortázar torna presentes a luta de Laura Beatriz Bonaparte

²⁸⁸CORTÁZAR, 1980, Op. Cit., p. 71-72.

²⁸⁹Cisão das *Madres de Plaza de Mayo* ocorrida em 1986 por desacordos quanto aos termos colocados pelo

Bruschtein pela memória e justiça quanto ao sequestro, desaparecimento, tortura e assassinato de suas filhas Aída Leonora Bruchstein, a "Noni", Irene Mónica Bruchstein de Ginzberg, a "Lila", seu filho Victor Rafael Bruschtein, sua nora Jacinta Levi, seus genros Mario Ginzberg e Adrián Saidon e o pai de seus filhos, Santiago Isaac Bruschtein. A memória sobre a luta de Laura Bonaparte e das *Madres de Plaza de Mayo* ganhou mais força com o elogiado documentário *Tiempo Suspendido*, escrito e dirigido por Natalia Bruschtein, neta de Laura.

Sobre as *Madres*, há um artigo de Cortázar para o diário La República (19 de fevereiro de 1982), em que ele fala sobre o caráter comovedor, para ele, que tem a loucura – enquanto oposta à razão “que tanto envaidece o Ocidente”, para falar da forma pejorativa com que os escalões da ditadura se referiam publicamente às Madres, visando desacreditá-las, qualificando-as como loucas. Ele diz que “é preciso ser genial – epíteto que sempre me pareceu um eufemismo razoável para explicar o grau supremo da loucura (...) para escrever *Os trabalhadores do mar* e *Notre Dame de Paris* [Victor Hugo]. E no dia em que os plumbíferos e os capangas da junta militar argentina fizeram circular a qualificação de 'loucas' para neutralizar e colocar no ridículo as *Madres de Plaza de Mayo*, teria sido melhor pensarem no que foi dito acima, supondo que fossem capazes disso, coisa muito pouco provável. Estúpidos, como corresponde à sua fauna e às suas tendências”.

Ele encerra o texto exortando a que “continuemos sendo loucos, *Madres* e *Abuelitas* da *Plaza de Mayo*, gente da pena e da palavra, exilados de dentro e fora (...)

Continuemos sendo loucos, argentinos: não há outra maneira de acabar com a razão que

governo Alfonsín, após o fim da última ditadura argentina. As *Madres de Plaza de Mayo* surgiram em um sábado, 30 de abril de 1977, reunidas na praça em frente da qual está localizada a Casa Rosada, exigindo saber o paradeiro de seus filhos. Com a declaração do estado de sítio pela ditadura, não ficavam mais sentadas e sim marchando ao redor da Pirâmide de Mayo, identificadas em torno de um símbolo comum: seus lenços na cabeça, feitos inicialmente com o mesmo tecido telado das fraldas, simbolizando a presença ausente de seus filhos. Em dezembro de 1977 a ditadura promoveu o sequestro e o assassinato de três madres originais: Azucena Villaflor, María Ponce e Esther Ballestrino.

vocifera seus slogans de ordem, disciplina e patriotismo”²⁹⁰.

²⁹⁰CORTÁZAR, Julio. *Obra Crítica*, vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 297-299.

4.1 “Registra antecedentes ideológicos marxistas”

29-8-75 RB Mesa "Ds" Carp. VARIOS

53923

Apellido **C O R T A Z A R** Or 4

LEGAJO Nº 3178

Nombres **Julio & Raenar** D. I. Serie
Sección

Hijo de y de

Nacido el de de 1..... Nación **Arg.**

Provincia Pueblo

Estado civil Nombre del cónyuge

Matrícula Nº D. M. C. I. Nº de

Domicilio Nº Localidad **Francia**

Profesión **Escritor** Instrucción

Antecedentes sociales **Entidad "Habeas"**

Imagem 11: ficha de Cortázar no arquivo da DIPPBA: monitorado e qualificado pela burocracia repressiva da última ditadura argentina

Visitando os arquivos da *Dirección de Inteligencia de la Policía de la Provincia de Buenos Aires* (DIPBA ou DIPPBA) foi possível perceber, quanto à sistematização, circulação e guarda da informação, que, ainda antes do golpe de estado de 24 de março de 1976, uma verdadeira “comunidade informativa” tinha sua culminância na capital da província de Buenos Aires, La Plata, na configuração de uma gigantesca burocracia da repressão. E essa comunidade informativa não existia apenas em âmbito internacional, como nos revela a investigação de John Dinges quanto à sistematização colaborativa de

serviços de inteligência sul-americanos, havendo cooperação logística, investigativa e compartilhamento de dados quanto a estudantes e sindicalistas que militavam em organizações de esquerda: o Sistema Condor, no qual a DINA chilena (*Dirección de Inteligencia Nacional*), chefiada pelo coronel Manuel Contreras, ocupava papel central²⁹¹.

Cortázar possui uma ficha na DIPPBA, entre tantos outros também fichados, entre artistas plásticos, músicos, professores e editores. Mas não eram todos postos no mesmo patamar, havia um critério para proceder a uma diferenciação com relação ao “grau de subversão” – em que pese todo tipo de simplificação política por parte de seus elaboradores, imbuídos em caracterizar “inimigos internos”. A organização burocrática das informações, quanto ao envolvimento político, dividia as mesas em A (atividade político-partidária, estudantes e funcionários públicos), B (trabalhadores, membros de grêmios e sindicatos, tudo que fosse relacionado ao mundo do trabalho), C (os comunistas, cujas fichas foram centralizadas a partir de dados preexistentes de diferentes setores de inteligência), De (membros de bibliotecas, clubes e outras associações e também de entidades religiosas) e DS, mesa na qual Cortázar fora qualificado, abreviatura de Delincuente Subversivo, agrupava pessoas ligadas a todo tipo de atividade considerada “subversiva”, sendo dividida em três pastas: *Bélico* (antecedentes de roubos, posse de armas), *Daños* (relação com atentados ou ações armadas) e *Varios* (ligação com organizações armadas). Cortázar fora fichado na mesa DS, pasta *Varios*. Sua qualificação ideológica, como Fórmula 4, era justificada a partir da lógica do inimigo interno: se a repressão, por um lado buscava mapear, infiltrar, perseguir e assassinar os membros das OPM (*Organizaciones Político Militares*), por outro buscava criar um estado de bloqueio

²⁹¹Cf. DINGES, John. *Os anos do Condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Em especial, quanto à montagem do Sistema Condor são bastante esclarecedores os capítulos “Missão no Paraguai” e “Sistema Condor”.

de informações baseado na ideia que possuíam quanto à ideologia. “A missão principal da infraestrutura de controle da ditadura consistia em combater o inimigo cultural. E o principal era o marxismo. O mote central nesse enfrentamento era simples e eficaz: se era marxista era ruim; portanto, estava justificada sua proibição”²⁹². Assim, o aparelho burocrático da repressão era mobilizado para avaliar uma gigantesca massa de conteúdo produzido (almanaques, cartazes, dramas teatrais, novelas, livros didáticos, livros de catequese, enciclopédias, ensaios, revistas, jornais, programas de tv, livros em russo, em polonês, óperas de Tchaikovsky, filmes, poesia, romances, contos, etc) tendo por critério um entendimento muito próprio da caserna quanto ao que seria “marxista”. A *Dirección General de Publicaciones*, submetida ao *Ministerio del Interior*, era o setor responsável por emitir pareceres sobre as obras. Inclusive dois contos de Cortázar foram rejeitados para publicação: *Segunda Vez*, conto breve que fala sobre o desaparecimento de pessoas em Buenos Aires, e *Apocalipse de Solentiname*, que narra sobre a violência da Nicarágua debaixo da ditadura dinástica dos Somoza, ambos parte de *Alguien que anda por ahí*. A *Dirección General de Publicaciones* sugeriu a publicação do livro somente se o autor concordasse em retirar os dois contos citados. Cortázar contra-argumentou que concordaria, explicando que “estou de acordo sempre que se imprima uma nota explicando que tive de retirar esses contos para que o livro possa ser lido em minha pátria”²⁹³. A solução foi lançar o livro pela *Alfaguara* de Madri e pela *Editorial Hermes*, do México, incluídos os dois contos proibidos na Argentina – onde, para a ditadura, o escritor era considerado *persona non grata*:

²⁹²GOCIOL, Judith & INVERNIZZI, Hernán. *Un golpe a los libros: represión a la cultura durante la última dictadura militar*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Eudeba, 2015, p. 49.

²⁹³CORTÁZAR, Julio. *Cartas, vol. 5, 1977-1984*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, pp. 175-176. Carta datada de Saignon, 12 de agosto de 1977, a Ofelia Cortázar.

“Por ser cidadão argentino por opção, nascido na Bélgica, sugere-se retirar a citada cidadania”, diz a lista atualizada de jornalistas, escritores e artistas plásticos “Fórmula 4”. Cortázar foi qualificado “Fórmula 4” a partir de um critério que, inicialmente, distinguia três “fórmulas”, F1 (“carece de referências ideológicas contrárias aos princípios sustentados por nossa Constituição Nacional”), F2 (“contém referências ideológicas que atentam contra os princípios sustentados por nossa Constituição Nacional”) e F3 (“Propicia a difusão de ideologias, doutrinas ou sistemas políticos, econômicos ou sociais tendentes a derogar os princípios sustentados por nossa Constituição Nacional”). Desnecessário dizer que a qualificação F1 foi praticamente inutilizada nos informes de censura. Após março de 1979 as qualificações levaram consideração os “antecedentes ideológicos marxistas” e, para o caso dos F4, constava que “registra antecedentes ideológicos marxistas que tornam aconselhável seu não ingresso e/ou permanência na administração pública, não se proporcione colaboração, ou seja auspiciado pelo estado, etc.”²⁹⁴.

4.2 HABEAS: Cortázar e García Márquez pelos Direitos Humanos

E, embora tenhamos observado que os serviços de inteligência argentinos tivessem conhecimento do Tribunal Russell (ainda que confusos quanto à sua localização geográfica, digamos), Cortázar aparece fichado junto à repressão não por conta do tribunal, mas por sua atividade junto a outra entidade, chamada HABEAS.

Seu engajamento político, após a experiência junto ao Tribunal Russell II (compartilhada com Gabriel García Márquez), seguia na trilha da defesa dos Direitos

²⁹⁴CPM – FONDO DIPPBA División Central de Documentación, Registro y Archivo, Mesa “De”, Entidades Varias, Legajo 13.253

Humanos e, quando o escritor colombiano tomou a iniciativa de criar a HABEAS, Cortázar declarou seu apoio. O nome da entidade, sediada no México, não podia ser mais cristalino: reunindo intelectuais e personalidades destacadas latino-americanas tinha por objetivo interpor ferramentas jurídicas, como os habeas corpus, para evitar situações de prisões e demais arbitrariedades cometidas pelas ditaduras. Para difundir a iniciativa, Cortázar escreve o artigo *Alguien llama a la puerta*, sobre a HABEAS, para o diário *Excelsior*, publicado em 2 de fevereiro de 1979. Em determinado momento diz: “a desvantagem de forças em relação ao às máquinas ditatoriais do terror é muito grande, e se no terreno moral esses organismos conquistam avanços que inquietam e até exasperam os Somoza, Pinochet e Videla, sua ação deve ser reforçada e enriquecida com novas iniciativas e modalidades (...) a fundação da HABEAS tem um significado especial, que me leva a participar plenamente de seu patrocínio e do seu combate e a escrever estas linhas para os homens livres de todo o mundo”, para em seguida explicar que, à diferença de outras entidades, que articulavam denúncias, a HABEAS aparecia com uma proposta um tanto mais prática: buscava a libertação efetiva dos prisioneiros políticos e também facilitar aos exilados os trâmites para que voltassem aos seus países, contando assim, “com um critério necessariamente pragmático”. Cortázar reproduz um trecho do que seria uma espécie de estatuto da entidade: “em síntese – e diferentemente de outras organizações também necessárias –, nosso trabalho terá maior interesse imediato em ajudar os oprimidos que em condenar os opressores”. Ele coloca os nomes, como signatários da iniciativa, de García Márquez, do padre, teólogo e poeta Ernesto Cardenal, do ex-presidente dominicano Juan Bosch, do primeiro-ministro da Jamaica, Michael Manley, e do poeta cubano Nicolás Guillén: “confio que em pouco tempo seremos uma legião”²⁹⁵.

²⁹⁵O artigo aparece reproduzido em CORTÁZAR, Julio. *Papéis Inesperados*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 307-310.

Habeas

Alguien Llama a la Puerta

POR JULIO CORTAZAR,
exclusivo en México para EXCELSIOR

PARA muchos, para demasiados países de América Latina y del Caribe, el año que acaba de terminar ha sido horrible. Si la cresta de la ola de sangre se dio en Nicaragua, el panorama de terror, de represión y de desprecio a los derechos humanos siguió afirmándose y perfeccionándose allí donde lo más espectacular se había consumado en años anteriores; en Chile, en Uruguay, en Argentina. A balazo limpio o con las sordinas de mecanismos más refinados, los regímenes dictatoriales han seguido pisoteando todo aquello que les parece libre, democrático y popular.

Desde luego, la triste ley de la fatiga y del olvido adelgaza las memorias de quienes necesitan para indignarse las hormonas diarias de la televisión y los periódicos; los muertos no hablan, desde luego, los presos tampoco, y la gran mayoría de los exiliados se pierden poco a poco en los diferentes países extranjeros donde les toca sobrevivir en la tristeza y la nostalgia.

Por cosas así, me reconforta poder decir que ese siniestro año 1978 se cerró a pesar de todo con algo que entrará en este nuevo año como una fuerza de combate y una gran esperanza. Me refiero concretamente a la creación de

enriquecida con nuevas iniciativas y modalidades, con un aflujo mucho mayor de voluntades y de recursos. En ese sentido, la fundación de Habeas tiene una significación especial, que me lleva a participar plenamente en su patrocinio y su combate, y a escribir estas líneas para los hombres libres de todo el mundo.

★

COMPLEMENTARIAMENTE a la denuncia sistemática de las violaciones de los derechos humanos que llevan a cabo las organizaciones internacionales y nacionales ya citadas y sus homólogas, Habeas se propone una tarea más inmediatamente práctica. Claramente lo dice el documento informativo que la presentó hace unas semanas:

“Más que la denuncia de situaciones infames, Habeas tratará de activar la liberación efectiva de los prisioneros. Más que poner en evidencia a los verdugos, procurará hasta donde le sea posible clarificar la suerte de los desaparecidos y allanar a los exiliados los caminos de regreso a su tierra”. Con un criterio obligatoriamente pragmático, que no impide por supuesto la condena inequívoca que le merecen los regímenes

Imagem 13: reprodução parcial do artigo de Cortázar no diário mexicano Excelsior, de 02 de fevereiro de

1979.

Sobre o artigo, Cortázar comunicou a Gabo: “a propósito de HABEAS, talvez tenha caído em suas mãos um texto meu que escrevi assim que você me enviou a declaração de intenções, e que foi difundido pela EFE em nossos países e na Espanha”, lembrando ao amigo que, após a difusão do texto muitas pessoas procuraram a ele, Cortázar, solicitando

ajuda, enquanto membro da HABEAS, e que talvez isso acontecesse porque a entidade não divulgara qualquer endereço para correspondência ou caixa postal para contato.

Na mesma carta, Cortázar anuncia a preparação de um tabloide mensal chamado *Sin Censura*²⁹⁶ que oferecesse “análise e reflexão desde um ponto de vista democrático” e que trouxesse um comitê de patrocínio formado por poucas pessoas, mas que cada uma delas equivalesse a “uma bofetada em cheio na cara de Videla, Pinochet e os restantes”²⁹⁷, acrescentando que faria contatos com Régis Debray, Gunther Grass, Joan Miró, Laurent Schwarz, Hortensia Bussi de Allende, Alfred Kastler, entre outros, aproveitando para solicitar o apoio de García Márquez ao jornal.

A própria criação da HABEAS e seus envolvidos não passara despercebida para a repressão argentina. Um memorando intitulado CREACIÓN DE UNA ENTIDAD INTERNACIONAL DE DEFENSA DE LOS DERECHOS HUMANOS EN LATINOAMÉRICA, informa que, no número 12 da publicação mensal *Opción*, ligada ao PST mexicano (*Partido Socialista de los Trabajadores*, criado em 1975), no mês de abril de 1979, se publica o artigo de Cortázar, *Alguien llama a la puerta*, que é parcialmente reproduzido no documento. O memorando cita que, junto ao artigo, aparece uma carta, de dezembro de 1978, contendo a assinatura de “JULIO CORTÁZAR (escritor argentino, actualmente radicado en Francia), PAULO EVARISTO ARNS (Arzobispo de San Pablo, Brasil), RODRIGO CARAZO (Presidente de la República de Costa Rica) y MATILDE URRUTÍA CERDA (viuda del poeta chileno PABLO NERUDA)”²⁹⁸. A conclusão do

²⁹⁶O jornal *Sin Censura* surgiu da iniciativa de Cortázar junto a outros argentinos fixados em Paris (então a modo de exílio, posto que não podiam visitar a Argentina): os jornalistas Osvaldo Soriano, Carlos Gabetta, Osvaldo Bayer e Eduardo Galeano e o advogado e senador Hipólito Solari Yrigoyen (sobrinho-neto do ex-presidente argentino).

²⁹⁷CORTÁZAR, Julio. *Cartas*, vol. 5, 1977-1984. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, pp. 175-176. Carta datada de Paris, 28 de abril de 1979, a Gabriel García Márquez.

²⁹⁸CPM – FONDO DIPPBA División Central de Documentación, Registro y Archivo, Mesa “De”, Entidades Varias, Legajo 290.

memorando diz que *Opción* se posiciona abertamente favorável ao nascimento de HABEAS, oferecendo solidariedade aos esforços da entidade. A iniciativa por trás do *Sin Censura*, criado e elaborado em Paris, dava conta de que a publicação circulasse nos países que viviam sob ditaduras militares, como Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Contava com uma logística curiosa: os textos eram produzidos e centralizados em Paris e de lá seguiam para uma gráfica em Washington, D.C., nos EUA. Para isso era crucial a interface entre Carlos Gabetta, chefe de redação, com Gino Lofredo, que captava recursos e cuidava da impressão, uma vez que estava nos EUA. Isso nos faz pensar sobre as dificuldades inerentes a, em 1979, fazer com que circulasse a informação, em uma situação de violação do Estado de Direito; dependia-se de uma engenhosa operação logística e econômica para tocar um projeto assim, que fizesse a informação, indesejável pelas ditaduras, circular. O periódico circulou 6 edições entre 1979 e 1980, e elas podem ser conferidas nos arquivos do CeDInCI na cidade de Buenos Aires. Em 2016 foi lançado o documentário *S.C. Recortes de prensa*²⁹⁹, contando sobre a vida em torno do *Sin Censura*, periódico de información internacional para América Latina.



Imagem 14: reprodução feita nos arquivos do CeDInCI, na cidade de Buenos Aires, da capa da edição n° 0 do *Sin Censura*, editado desde Washington-Paris.

²⁹⁹Dirigido por Oriana Castro e Nicolás Martínez Zemborain, filho de Oscar Chino Martínez Zemborain, jornalista que também ajudou a fundar o *Sin Censura*.

4.3 Cortázar e os quadrinhos, outra vez: o insólito *La raíz del Ombú*, 1981

“O mais melhor, como dizem os pequenos, será contar como sucederam as coisas em torno dessa história, que desgraçadamente não é para crianças, apesar dos balõezinhos e dos desenhos. A chamo história e inclusive poderia escrever a palavra com maiúscula, já que nela o imaginário é apenas um suporte ou um ponto de partida para outra coisa, a realidade da Argentina nas últimas décadas”³⁰⁰, diz Cortázar no prefácio de *La raíz del Ombú*³⁰¹, publicado em 1981, seis anos após a novela gráfica *Vampiros Multinacionales*.

A ideia da publicação decorre de uma situação muito similar a que vimos na trama de *Recortes de prensa*, de *Queremos tanto a Glenda* (1980): Alberto Cedrón, artista plástico argentino que vivia em Roma, foi a Paris pedir a Julio que escrevesse um texto e alguns diálogos para alguns desenhos seus. O projeto provavelmente ficaria no plano das intenções que seguem para as gavetas não fosse a figura de Jorge Castillo, venezuelano, arquiteto premiado em seu país, que está por Paris para resolver problemas quanto ao recebimento da herança de uma tia, Blanche Rimbaud. Nas idas e vindas e brigas com o advogado, conhece Alberto Cedrón na capital francesa e, logo, Castillo é apresentado a Cortázar: três latino-americanos em Paris. Companheiros de bebida e memórias, Cortázar e Cedrón mostram a Castillo seu projeto: o primeiro escrevia a máquina os diálogos e a narração e cortava-os com um estilete para combinar o texto aos desenhos do segundo. Era uma nova investida não só quanto à denúncia política, mas também do ponto de vista editorial: em 1975, embora *Vampiros Multinacionales* estivesse à venda em kioscos, seu

³⁰⁰ CEDRÓN, Alberto & CORTÁZAR, Julio. *La raíz del ombú*. Buenos Aires: Fundación Internacional Argentina, 2004, p. 5.

³⁰¹ O *ombú* ou *bellasombra* é uma árvore de grande porte, característica dos pampas argentinos, marcante pela robustez de seu tronco e, como alude o título, pelas enormes e aparentes raízes. A escolha pelo ombú aqui, se dá pela reminiscência da adolescência dos irmãos Cedrón em Saavedra e também como evocação de um símbolo argentino, dentro da proposta da narrativa.

preço final resultaria em obstáculo, uma vez que foram impressos 20.000 exemplares em papel *couché* – a edição argentina de *Vampiros Multinacionales* corrigiria esse erro: sai pela *Gente Sur* com papel simples, trazendo ainda um ensaio do escritor e político nicaraguense Sergio Ramírez, *Historia del águila imperial*, e *Carta abierta a Pablo Neruda*, artigo de Cortázar (publicado em outubro de 1983 em *Marcha* do Uruguai). A edição argentina de *Vampiros Multinacionales* só apareceu após o fim da última ditadura argentina, em 1989.

Então a dupla argentina, diante da impossibilidade de editar um livro de conteúdo político – criticando enfaticamente o regime militar argentino – sugere a Jorge Castillo que leve o manuscrito para a Venezuela e lá consiga editá-lo. Em Caracas, Castillo recorre a um amigo que acredita poder ajudá-lo: Domingo Mariani, um farmacêutico que fizera carreira como funcionário público e que por então era presidente da *Compañía Anónima de Administración y Fomento Eléctrico* (CADAPE³⁰², cujo slogan no começo dos anos 1980 era *Luz para un pueblo que trabaja*). Mariani se encanta com o projeto e autoriza que as *Ediciones de la Presidencia de CADAPE* edite 300 exemplares. Castillo entra em contato com César Segnini, dono da Galeria Durban (da qual Castillo tinha parte em sociedade), para que ficasse a seu cargo o projeto gráfico do livro. A burocracia e a dispersão entre os autores entre Paris, Roma e Caracas faz com que o livro não saia ainda em 1980. Castillo descobre que o dono da gráfica não recebera o manuscrito nem qualquer dinheiro pelo serviço e a edição volta ao ponto zero. A resolução se dá com a publicação dos 300 exemplares pela CADAPE, em caráter corporativo, apenas como lembrança aos funcionários da empresa. Cedrón e Cortázar não assinaram contrato algum. Depois disso,

³⁰²A companhia estatal fora criada para centralizar as empresas de fornecimento de energia elétrica na Venezuela em 1958, período conturbado politicamente no país, assinalado pela derrubada do ditador Marcus Pérez Jiménez e governo de uma junta militar até Rómulo Betancourt fosse eleito no final desse ano.

em 1986, um incêndio na torre da CADAPE em El Marqués, no município de Sucre, Caracas, destruiu os originais do livro. Sua edição argentina se daria pela brevíssima editora *Fundación Internacional Argentina*, dirigida por Facundo de Almeida, Liliana Piñero e Eduardo Miretti. Em 2004, por ocasião dos 90 anos do nascimento do escritor e da organização da exposição itinerante *Presencias* (que resultou em uma caprichada edição com depoimentos de pessoas próximas a Cortázar e fotos até então inéditas), Facundo de Almeida, editor uruguaio, conseguiu uma cópia do original em Lisboa, levando-o para ser editado em Buenos Aires³⁰³.

“Um automóvel, tanto quanto um país, pode vir a perder-se a qualquer momento”. Assim inicia a história de Cedrón e Cortázar, e este último empreende o que seria sua última aposta estética entre um formato editorial ligado à cultura de massas, a história em quadrinhos, e o teor abertamente político. Mas, tal como já se percebera em *Recortes de prensa*, a elaboração do conteúdo político se beneficiou da experiência com *Vampiros Multinacionales* e o resultado final é um texto conciso, poético e amparado em dois eixos: a memória pessoal e a história política argentina, cobrindo boa parte do século XX.

O relato inicia com um homem, cujo carro falha na estrada, em meio ao campo. Buscando ajuda, o homem encontra Alberto que, tomando mate, o convida para entrar em sua casa. Enquanto comem, Alberto decide contar suas memórias: desde a infância miserável do avô na Itália, passando pela falta de emprego nos campos pampeanos, “nessa solidão de espigas alheias e de horizontes nus”³⁰⁴, até o estabelecimento da família no bairro de Saavedra, onde pairava um ombú “no limite entre a capital e a província, entre

³⁰³No site de compra e vendas argentino *Mercado Libre*, *La raíz del ombú* retorna apenas duas ocorrências. Uma é a edição de 2004 é oferecida por 1.699 pesos argentinos, e outra é a edição de 1981 da CADAPE, com borda dourada e capa dura, oferecida por 14.000 pesos argentinos. Havia, até março de 2017, um terceiro anúncio no valor de 2.300 pesos, com a edição de 2004, oferecido desde San Isidro. Na versão venezuelana do site não há retorno para a busca por *La raíz del ombú*.

³⁰⁴Op. cit. p. 17

Saavedra e Vicente López”³⁰⁵, de onde Alberto e os irmãos olhavam as grandes mansões dos ricos. A curiosidade dos garotos por um condor que vivia no ombú (ave que nomeara o sistema de alianças militares entre as ditaduras do Cone Sul, aparece aqui como símbolo ligado ao inferno) os leva a explorar o entorno da árvore com uma lanterna, comprada com uns pesos roubados da avó, e assim descobrem um piso com uma abertura, que revelava um túnel – e o menor dos irmãos é o escolhido para entrar, à frente dos outros. Nesse ponto, emerge a referência ao *Adán Buenosayres* de Leopoldo Marechal, do qual lembramos que:

Después recuerdo que Schultze y yo, entrando por aquella hendidura del ombú, nos metimos en un túnel descendente cuyo declive nos impulsó a la más vertiginosa de las carreras. De pronto faltó la tierra debajo de nuestros pies: algo así como una tromba de aire fortísimo nos aspiró literalmente hacia las honduras; y entonces perdí el sentido, no como el que se desmaya, sino como quien se duerme. Y aquí el lector que, como yo, se ha metido jugando en esta suerte de aventura, debe recapacitar un instante sobre si le conviene huir del ombú y regresar a la Buenos Aires visible, que no está lejos, o si, confiando en sus riñones, bajará con nosotros a la Buenos Aires inteligible. Porque no bien trasponga la hendidura y se lance al túnel de los vértigos, ya no podrá volver sobre sus pasos y se hallará en los umbrales de Cacodelphia.³⁰⁶

Cabe lembrar também a calorosa recepção de Cortázar ao romance de Marechal,

³⁰⁵Ibid., p. 22

³⁰⁶MARECHAL, Leopoldo. *Adán Buenosayres*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1976, p. 479. O protagonista Adán Buenosayres narra em primeira pessoa sua ida, junto ao astrólogo Schultze, no sábado 30 de abril de 192., sua *Viaje a la Oscura ciudad de Cacodelphia*, título do livro VII do romance, que nos livros de I a V transcorre em terceira pessoa.

em meio a uma questão sensivelmente política³⁰⁷: “a publicação deste livro me parece um acontecimento extraordinário nas letras argentinas, e sua diversificada desmesura, um sinal merecedor de atenção e expectativa”, um “enérgico impulso em direção ao verdadeiramente nosso”³⁰⁸.

Em *La raíz del ombú*, chegando a certa altura do túnel, o menor dos irmãos recua desesperado: “o menorzinho dizia que havia visto um lago, falava de diabos que passeavam em barcos”; “E você sabe como terminou esse moleque quando cresceu e começou a militar? O torturaram até matá-lo na *Escuela de Mecánica de la Armada*, que ficava justo em frente do campo do ombú. Com poucos anos de diferença o pobre viu duas vezes o mesmo inferno. E além do mais Leopoldo Marechal também o viu no mesmo lugar”³⁰⁹.

O percurso de história política argentina é traçado desde o golpe militar de 1943, quando “atiravam contra a *Escuela de Mecánica de la Armada* e logo havia mortos e sangue por todos os lados, um motorista de ônibus sem cabeça, uma confusão terrível”³¹⁰, paca pelos anos do peronismo e chega às ditaduras de 1955-58, 1966-1973 e a última ditadura argentina, iniciada em 1976 (e durante a qual fora produzido e editado o livro). O peronismo é apresentado: “passávamos as calças, íamos ao baile... todo o mais estava nos esperando do lado de fora. E não demorou muito. De golpe era o peronismo. Algo que não tinha nada de revolução verdadeira mas que à gente como nós nos dava uma possibilidade

³⁰⁷Como observamos no capítulo 2 deste trabalho, na segunda metade da década de 1940 Cortázar colabora intensamente com as revistas *Cabalgata*, *Realidad* e *Sur*, abrigando está última um círculo de escritores de caráter cosmopolita e hostis ao fenômeno do peronismo. Marechal, peronista, recebe crítica favorável e calorosa a seu romance, publicado em 1948, por Julio Cortázar, que por então transitava em círculos antiperonistas.

³⁰⁸CORTÁZAR, Julio. *Obra crítica*, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, pp. 157-164. A crítica de Cortázar a *Adán Buenosayres* aparece na revista *Realidad*, vol. V, n. 14, Buenos Aires, março-abril de 1949.

³⁰⁹CORTÁZAR & CEDRÓN, Op. Cit., p. 28.

³¹⁰Ibid., p. 19.

de participar um pouco mais no que passava no país. Havia como uma conquista de identidade e uma maior justiça econômica. As pessoas viam, por fim, um dinheirinho a mais". Em seguida, a narrativa apresenta o contrapeso ao momento de protagonismo do povo: o aparecimento dos Homens-Larva: "(...) uma nova camada de oportunistas estava aproveitando as águas revoltas e preparando uma nova etapa de dominação. (...) eu os chamo homens-larva, militares ou civis, juntam suas forças para defender os privilégios de casta e de fortuna. Golpes de estado, repressões selvagens, tudo vai acontecer agora em um ritmo infernal...".



Imagem 15: reprodução da página 33 de *La raíz del ombú*: “esos negros se crean de veras que son dueños del país”. Texto de Julio Cortázar e ilustrações de Alberto Cedrón.

Caracterizando o período de três anos entre a derrubada de Perón (1955) e a eleição de Frondizi (1958), “o que o novo governo chama de 'revolução libertadora' o povo qualifica de 'revolução exterminadora’”, a narrativa arma um nexo entre o incômodo popular com a queda de Perón e ação de indivíduos e grupos que agem para fazer justiça aos golpistas de setembro de 1955 e a feroz repressão desatada na década seguinte, culminando com a ditadura de Juan Carlos Onganía (1966-1970), durante a qual explodem insurreições populares feitas por estudantes e trabalhadores, da qual destacamos a de Córdoba, em 1969, conhecida como *Cordobazo*³¹¹, acompanhada pelo *Correntinazo*, *Rosariazo*, *Cañadazo*, fazendo desse ano um ponto de influxo na mobilização popular latino-americana. A narrativa histórica de Cedrón e Cortázar ressalta a violência da repressão no país, incluindo aí a prática corrente da tortura, e a proliferação de exílios que dispersa argentinos pela Europa, Caribe, EUA, “cada um com seus mortos no coração”.

O desfecho da trama revela o homem do automóvel como um homem-larva. Um detalhe sutil, na primeira página da história, causa um certo incômodo se observado com atenção: o automóvel não é de outro modelo senão um *Ford Falcon* – o que, obviamente, não poderia ser mencionado ali. Por se tratar de um carro resistente e com amplo bagageiro, os Ford Falcon verde-oliva foram os veículos escolhidos pela repressão da última ditadura argentina para realizar sequestros, dentro da lógica de terrorismo de estado empreendida entre 1976 e 1983 no país. Revelada sua identidade de homem-larva ao leitor, Alberto voltava com a água para fazer mates quando foi alvejado pelo monstro. Os tiros chamam a atenção dos pescadores, que correm para acudir Alberto, já morto.

Nesse ponto articula-se uma solução argumentativa muito próxima de Vampiros Multinacionales: a de que a ação está nas mãos do povo, que não saída para a

³¹¹Cf. GONZÁLEZ, Juan Ignacio. *Los niños del Cordobazo*. Córdoba: Editorial Espartaco Córdoba, 2009.

transformação política e social que não seja pela via popular (tal como a profusão de vozes que irrompem ao final de *Vampiros Multinacionales*). Aqui, um pescador elimina um repressor: uma facada mata o homem-larva, que dispõe de uma pistola – a disparidade entre as armas, parece dizer o enredo, não determina a eficácia da ação, com o que podemos aludir à disparidade de forças entre a ditadura e seu aparelho repressor, burocrático e informativo e o povo.

"Vamos, temos que fazê-lo desaparecer", diz um dos pescadores, ao que um outro retruca: "e Alberto?"; "Também. Mas nós não vamos desaparecer". “



Imagem 16: reprodução da página 52 de La raíz del ombú

Os pescadores seguem juntos, unidos, e o ovo rompido – tal como a criança brincando na rua com o sol raiando ao final de *Vampiros Multinacionales* – expressa a renovação da esperança atrelada às gerações seguintes. Não menos simbólico que a página seguinte traga o texto espremido no canto superior esquerdo, deixando a maior parte em branco. "O pescador tem razão, assim não se pode seguir. Mas como se deve seguir? Essa história continua mais além do papel. Essa história não é mais que um pedacinho da história argentina. O resto está nas mãos de todo o povo". O restante da página em branco parecia somente reforçar a ideia transmitida aí.

4.4 Cortázar na Nicarágua

Nicarágua tão violentamente doce poderia soar, em perspectiva com os demais textos que o antecedem, como um documentário em meio a uma filmografia repleta de roteiros imaginativos. Nesse livro não teria tanto peso a linguagem da ficção, da subversão do real, há uma tentativa obstinada de relatar, testemunhar, descrever uma realidade – na esperança que, assim, participasse de sua construção. Seu primeiro contato com a Nicarágua se dera em 1976, visitando Manágua, por convite de amigos escritores, entre eles Sérgio Ramírez, escritor nicaraguense que formava parte do Grupo de los doce, no qual convergiam escritores, artistas, empresários, líderes religiosos e civis que apoiavam a FSLN (*Frente Sandinista de Liberación Nacional*), principal oposição à ditadura dinástica dos Somoza.

Anastásio Somoza Debayle, que então governava em 1976, era filho de Anastásio Somoza García, primeiro presidente da ditadura que ficaria à frente do poder na Nicarágua entre 1937 e 1979. A Nicarágua conhecera a intervenção estadunidense desde o século XIX, quando a intromissão dos EUA na política nicaraguense acirrou o enfrentamento entre liberais e conservadores no país. A intervenção armada dos EUA no final dos anos 1920 foi fortemente contestada pelas forças de resistência comandadas pelo líder guerrilheiro Augusto César Sandino, à frente do ESDN (*Ejército Defensor de La Soberanía Nacional*), que impôs a saída dos *marines* norte-americanos do país. Somoza García, que havia estudado nos EUA na década de 1920 e exercido os cargos de embaixador nicaraguense na Costa Rica e o de Subsecretário de Relações Exteriores em seu país, foi designado comandante da *Guardia Nacional de Nicaragua*, criada em 1933 com o apoio dos EUA em logística e tropas.

Tão logo esteve na posição mais alta da Guarda Nacional, Somoza García planejou a execução de Sandino, levada a cabo em fevereiro de 1934. Em 1936 articula um golpe de Estado que depõe o presidente Juan Bautista Sacasa; em 1º de janeiro de 1937 toma posse do cargo de presidente da Nicarágua. Governou o país até setembro de 1956, quando morre em decorrência de complicações após ter sido baleado pelo poeta liberal Rigoberto Pérez López em uma festa em que ocorria uma convenção do Partido Liberal Nacionalista, em que se decidira lançar Somoza García como candidato para as próximas eleições. Sucedeu-

o na presidência nacional seu filho, Luis Somoza Debayle, em cujo mandato se organiza a FSLN, sob o comando de Carlos Fonseca Amador, no ano de 1961. Luis entrega o cargo presidencial em 1963, após algumas ofensivas internas contra seu governo. Após os breves mandatos de René Schick Gutiérrez (assumiu em 1963 e em 1966 morreu por infarto) e Lorenzo Guerrero Gutiérrez (1966-67), assume o poder Somoza Debayle, terceiro filho de Somoza García. Durante seu governo se dá a primeira visita de Cortázar ao país. A experiência nicaraguense leva Cortázar a reunir textos escritos entre 1976 e 1983 sobre o país e publicá-los, em Manágua, sob o título *Nicaragua tan violentamente dulce*.

Em *Apocalipsis de Solentiname*, conto que originalmente fez parte de *Alguien que anda por ahí* (1977) o escritor argentino discorre sobre seu encantamento pela beleza natural de Solentiname, arquipélago situado no *Gran Lago Nicaragua*, onde tira fotos de quadros pintados pelos moradores locais. O realismo da narrativa é construído com a verossimilhança da descrição das impressões sobre a viagem, o retorno a Paris, malas desfeitas e muitas fotos reveladas. Tal qual no procedimento que aciona o fantástico em *As babas do diabo*, as fotos reveladas pela câmera Polaroid dos quadros pintados pela comunidade local de Solentiname são interpoladas por imagens de violência: execuções, atentados, sangue, pânico, correria, desespero de crianças e mulheres em uma ladeira “boliviana ou guatemalteca” e um “carro que voava em pedaços em pleno centro de uma cidade que poderia ser Buenos Aires ou São Paulo”.³¹²

Em um dos capítulos do livro, *O povo da Nicarágua, professor de si mesmo*, para falar sobre a campanha de alfabetização promovida pela Junta de Governo, em que alunos escolares, universitários e professores formaram uma gigantesca força-tarefa para que se tentasse erradicar o analfabetismo no país. Entre as dificuldades envolvidas haviam questões como a de se permitir que crianças se afastassem muito de suas cidades, a exposição dos alfabetizadores enquanto alvos da ira dos ex-soldados somozistas, espalhados pelo país e principalmente na região de fronteira com Honduras, país que fazia parte da Comunidade Democrática Centro-Americana, na qual não se incluíam Cuba e Nicarágua. Outra questão levantada no texto, a da autonomia dos índios Misquitos, foi levada em consideração, já que era preciso preservar suas tradições e costumes, sobretudo sua língua.

Embora o tom seja panfletário, expressão do otimismo de Cortázar com um novo

³¹²CORTÁZAR, Julio. *Nicarágua tão violentamente doce*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 16.

processo revolucionário que vê nascer e acompanha de perto, o escritor se esforça para descrever com minúcia as estratégias de sobrevivência que enxerga sendo levadas a cabo em sua imersão no cotidiano nicaraguense, o desenvolvimento da criatividade como tática na fabricação de utensílios, brinquedos para as praças, as improvisações empreendidas pelos *nicas* como forma de reação à sua realidade. Por exemplo, no uso da praia de *El Velero* e seus bangalôs, que antes serviam ao lazer exclusivo dos Somoza e que se transformara, então, em um centro de férias para operários, com um parque improvisado com brinquedos feitos de tábuas, baldes e pneus. A reconstrução da própria realidade, feita pelo povo da Nicarágua, é observada por Cortázar:

Vi um miserável barraco de palha e de latas velhas levantado em um descampado no centro da cidade, onde uma velha instalada em sua rede espera pacientemente a chegada dos que queiram comprar-lhes bolinhos. Do alto do barraco, um cartaz diz inexplicavelmente: C.I.T., e no terreno baldio cheio de mato e lama, outro cartaz indica: Parking reservado à clientela de C.I.T.³¹³

No capítulo *Nicarágua*, Cortázar se insurge ante a leitura de um artigo publicado pelo jornalista francês Marcel Niedergang e que fora publicado no *Le Monde* de Paris, em julho de 1982. Cortázar fundamenta sua crítica ao artigo de Niedergang na inexatidão e na confusão que o mesmo poderia causar nos leitores europeus sobre os rumos da Nicarágua durante os primeiros anos do governo sandinista. Segundo Cortázar, já no título do artigo, *O fervor caiu em Estelí*³¹⁴, Niedergang emite um parecer desencontrado da realidade, já que seria natural, na opinião do argentino, que o entusiasmo revolucionário inicial desse lugar a um comportamento logo em seguida mais pragmático e menos eufórico. Cortázar questiona sobre as escolhas do francês, como a seleção dos entrevistados que têm sua voz publicada no jornal, como por exemplo, quando um “casal de pequeno-burgueses” se mostra decepcionado e preocupado com as dificuldades presentes em seu cotidiano por aqueles tempos sandinistas. Cortázar alerta que tal posicionamento do artigo incitaria leitores desavisados a crer que a vida difícil na Nicarágua naquele início dos anos 1980 seria exclusivamente atribuída ao processo revolucionário, ao fracasso na implementação

³¹³Ibid., p. 52

³¹⁴Cidade que é capital do departamento nicaraguense de mesmo nome, próximo à fronteira com Honduras.

de suas políticas sociais, culturais e econômicas sem levar em consideração o estrago legado pela ditadura somozista. Cortázar acirra sua defesa quando comenta sobre a alusão de Niedergang aos “graves incidentes, em particular em Bluefields, na costa atlântica”:

(...) eu gostaria de lembrar que na refinada Paris basta ir até os subúrbios imediatos para saber de incidentes muito mais graves entre franceses e magrebinos e que de nenhuma forma se tem o direito de extrapolar a situação especialíssima da costa atlântica para a totalidade do país.”³¹⁵

A única ressalva feita por Cortázar em relação a Niedergang é por este ter falado sobre o esforço mostrado pela política de alfabetização em massa e pela reconfiguração da propriedade de terras com a reforma agrária em curso pela Junta de Governo.

Charles Vanhecke, outro jornalista francês, também tem um artigo seu criticado por Cortázar: *A revolução confiscada*, publicado cerca de seis meses após o artigo de Niedergang. O tom da crítica cortazariana é semelhante ao caso anterior, e Cortázar enumera dez pontos em que manifesta sua discordância de Vanhecke, apresentando informações sobre a Nicarágua que não constam em nenhum dos dois artigos, como quando fala da inauguração do primeiro museu de belas-artes do país, em Manágua; quando cita a maneira como foram estabelecidos os assentamentos dos índios Misquitos, a atuação da editora *Nueva Nicaragua*, democratizando o acesso a bens culturais ao publicar obras em formato de bolso a preços baixíssimos – tal qual a iniciativa da Quimantú no Chile de Allende.

Nicaragua tan violentamente dulce traz, além dos artigos mencionados, *O escritor e sua atividade na América Latina*, que fora escrito para um seminário realizado em 1982 sobre política cultural e libertação democrática na América Latina, na Universidade Internacional Menéndez Pelayo, em Sitges, Espanha. Nele, Cortázar conclama seus pares, “engenheiros da criação literária” e “projetistas e arquitetos da palavra” à ação, e inclusive esboça certa metodologia em que pesa a figura da ponte, que representa a arte – sob a forma de poema, música, conto –, e que deve se estender às margens comunicáveis, ou seja, o escritor deve buscar a difusão de suas obras, abrindo espaço e cativando leitores.

³¹⁵ Ibidem, p. 77.

Cortázar escreve dessa maneira apaixonada sobre difusão justamente quando regimes ditatoriais estão em vigor em boa parte da América Latina: o Chile de Pinochet, o Paraguai de Stroessner e aquele que seria o último general do período ditatorial argentino, Reynaldo Bignone; a censura de obras literárias era um obstáculo que estava na ordem do dia e a vitória das forças sandinistas na Nicarágua respaldavam o otimismo de Cortázar presente nesse capítulo-manifesto.

4.5 Conclusão

Em sua penúltima visita à Argentina, entre março e abril de 1973, Cortázar teve dois compromissos enquanto escritor: participaria, pela primeira vez em sua carreira, do lançamento de um livro seu em Buenos Aires. E seria jurado de um prêmio literário oferecido pelo diário *La Opinión* e pela editora Sudamericana. Era um momento de grande euforia no país, porque findava a ditadura autodenominada como “revolução argentina” (1966-73), inaugurada por Onganía e derrotada no governo do general Lanusse, e nas eleições de 11 de março saíra vencedor Héctor Cámpora, assessor de Perón no país, onde o peronismo estava proscrito desde 1955. Mas, politicamente, o ambiente não era de festa, cabia bastante apreensão: ainda repercutia nos jornais, revistas e conversas o massacre de Trelew. Em 22 de agosto de 1972, dezesseis militantes, entre membros do ERP, *Montoneros* e *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR) foram fuzilados no presídio de Rawson, após uma tentativa frustrada de fuga. No prefácio a Livro de Manuel Cortázar insere um post scriptum datado de 7 de setembro de 1972, dias após o massacre no Rawson:

ouço discursos onde os senhores da terra se permitem suas lágrimas de crocodilo mais eficazes ao deplorar ' a violação da paz olímpica nestes

dias em que os povos esquecem suas querelas e suas diferenças'.

Esquecem? Quem esquece? Uma vez mais entra em jogo a massagem em escala mundial dos mass media. Não se ouve, não se lê mais que

Munique, Munique³¹⁶. Não há lugar em seus canais, em suas colunas, em suas mensagens, para dizer, entre tantas outras coisas, Trelew³¹⁷.

Diante desse clima, entre esperança e apreensão pela brutal matança de Trelew, Cortázar optou por não fazer o lançamento de Livro de Manuel em uma livraria ou algo do tipo. Recorre, então ao advogado e poeta Vicente Zito Lema, para que o ajudasse a encontrar um lugar para o lançamento. Zito Lema, então vai a Raimundo José Ongaro, que era secretário-geral do sindicato dos trabalhadores gráficos e da *CGT de los Argentinos*. Assim, ficou acertado que *Livro de Manuel* seria lançado na *Federación Gráfica Bonaerense*, no bairro portenho de San Telmo – onde atualmente se vê um letreiro, abaixo do nome, com a frase *Solo el pueblo salvara al pueblo*. Zito Lema, receoso de que houvesse algum tipo de hostilidade quanto a Cortázar ter ido embora do país nos anos do peronismo em 1951, e viver na França desde então, convidou para o lançamento o advogado Rodolfo Ortega Peña. Juntos, Zito Lema e Ortega Peña representavam juridicamente a alguns dos familiares das vítimas do massacre de Trelew. Fazia parte da “mesa” também os padres Carlos Mugica e Jerónimo Podestá, ligados ao *Movimiento de Sacerdotes para el Tercer Mundo* e à *Teología del Pueblo*³¹⁸, respectivamente. Ao final do lançamento, durante o qual escutou perguntas sobre seus anos na Argentina, se era liberal, ou por que não voltava a viver lá, Zito Lema conta que Cortázar lhe disse “te tengo que pedir una gran gauchada”. O advogado diz: “foi um ato muito generoso dele, porque queria doar os direitos de autor de

³¹⁶Referência ao atentado terrorista do grupo Setembro Negro na vila olímpica durante os Jogos Olímpicos de Munique, entre os dias 5 e 6 de setembro de 1972. O resultado final foi a ação desastrosa da polícia alemã e um saldo de dezessete mortos.

³¹⁷CORTÁZAR, Julio. *O livro de Manuel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 9.

³¹⁸Ramificação da Teologia da Libertação na Argentina, centrada no trabalho social junto aos pobres, na qual a discussão ideológica não tinha tanto peso.

Livro de Manuel para que eu os utilizasse na defesa dos direitos humanos e dos presos políticos. Me pediu também que nunca fizesse público esse ato. Tornei público assim que voltei do exílio, terminada a ditadura. Ele estava morto”³¹⁹. Zito Lema conta também que chegou a levar Cortázar a Trelew, em uma reunião com os familiares das vítimas e, em Buenos Aires, foram à casa dos pais de Maria Angélica Sabelli, jovem de 23 anos militante das FAR fuzilada em Trelew³²⁰.

Da mesa de lançamento com Cortázar naquele março de 1973, estariam mortos pouco tempo depois: o padre Carlos Mugica, após celebrar uma missa em Villa Luro, bairro da Capital Federal, teve seu carro emboscado e recebeu 14 tiros de Rodolfo Eduardo Almirón, membro da organização paramilitar de extrema-direita Triple A, no dia 11 de maio de 1974; Rodolfo Ortega Peña, advogado, foi assassinado pela Triple A na tarde do dia 31 de julho de 1974, enquanto cumpria mandato como deputado nacional pelo Partido Justicialista. Jerónimo Podestá, ameaçado pela Triple A, deixou o país em 1974 e retornou somente com a volta da democracia, em 1983; o exílio foi o modo de sobreviver encontrado também por Zito Lema, que partiu da Argentina em 1977. Raimundo Ongaro foi preso em 1975 e em seguida partiu para o exílio, após o assassinato de seu filho pela *Triple A*.

Para o prêmio literário *Sudamericana/La Opinión* Cortázar formou o júri junto ao militante dos Montoneros, jornalista e escritor Rodolfo Walsh, Juan Carlos Onetti, escritor uruguaio, com quem estava quase um ano antes da detenção arbitrária em Montevideo, e com o escritor paraguaio Augusto Roa Bastos, que naquele ano publica *Yo, El Supremo*, romance centrado na figura de um ditador inspirado em José Gaspar Rodríguez de Francia,

³¹⁹TOMASI, Diego. *Cortázar por Buenos Aires, Buenos Aires por Cortázar*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Seix Barral, 2013, p. 184.

³²⁰Ibid., p. 189.

dictador supremo do Paraguai entre 1814 e 1816 e *dictador perpetuo* entre 1816 e 1840. Feitas as avaliações, Cortázar e Roa Bastos estavam inclinados por um romance chamado *Moros em la costa*. Rodolfo Walsh decidira por *Los penultimos días*, romance que falava sobre a maneira pela qual os intelectuais latino-americanos se aproximaram das ações e ideais revolucionários. Roa Bastos mudou seu voto para *Los tigres de la memoria* e Onetti o acompanhou, e este acabou sendo o romance vencedor, escrito por Juan Carlos Martelli. *Los penultimos días* fora escrito por Francisco “Paco” Urondo, tinha sido preso em fevereiro de 1973 por conta da tomada da cidade de Garín, ação das FAR no partido de Escobar, na grande Buenos Aires, em julho de 1970. A Sudamericana voltou atrás em seguida e premiou (e publicou) também *Los penultimos días* (com o nome modificado para *Los pasos previos*) e *Los moros em la costa*, que fora escrita pelo argento-chileno Ariel Dorfman, com quem Cortázar manteria bastante contato no ano seguinte, por força da causa chilena. Cortázar, depois disso, embarcaria de volta a Paris no final de abril de 1973 e só regressaria à Argentina dez anos depois, no final de novembro de 1983. Chama atenção esse encontro, sobretudo por reunir os nomes de Walsh, Urondo e Cortázar, para que analisemos como a questão relacionada ao engajamento é variável, sempre mediadas por escolhas e condicionamentos, mas, nesse caso, e nessa época, pensar, agir, se relacionar de determinada forma, em Buenos Aires, correspondia a uma sentença de morte. Cortázar não exercia nenhum tipo de militância junto a qualquer organização, mas sua permanência na Argentina de López Rega e a Triple A representava uma ameaça à sua integridade física. Em abril de 1975, inclusive, o escritor comenta com Jean L. Andreu: “no dia 15 estarei em São Paulo para encontrar minha mãe que está velhinha e doente e quer me ver. *Because* AAA não posso ir à Argentina porque me arrisco a que me metralhem depois de meu pequeno papel no Tribunal Russell; pois então, tenho que fazer minha mãe viajar ao Brasil.

Assim vão as coisas”³²¹.

No caso de Urondo, a obstinação revolucionária o levou a ações em Mendoza, onde foi encurralado pela repressão e alvejado e, embora por muito tempo se tivesse acreditado que havia ingerido uma pílula de cianureto de potássio quando emboscado, um recurso extremo que impedia que a repressão obtivesse informações sob tortura, sua morte decorreu dos dois disparos na cabeça feitos pelo policial Celustiano Lucero³²². Rodolfo Walsh, além de atuar produzindo um incisivo tipo de jornalismo investigativo, como em *Operación Masacre*³²³ (1957) e *Quien mató a Rosendo?* (1969), participou da fundação, em Havana, 1959, da *Prensa Latina* (junto a Jorge Masetti e Gabriel García Márquez). No início da década de 1970 se aproxima das Fuerzas Armadas Peronistas (FAP) e em 1973 se juntou à organização armada peronista Montoneros – mesmo ano em que publica *Caso Satanowsky*, investigação sobre a morte de um advogado por agentes da SIDE, órgão da repressão da última ditadura argentina. Depois do golpe de estado de 24 de março de 1976, Walsh cria a *Agencia de Noticias Clandestina* (ANCLA) para romper os obstáculos postos pela ditadura à circulação de informações, e cujo funcionamento se dava de maneira colaborativa, de mão em mão, de boca em boca: informar sobre feridos, mortos, sequestrados, ações da repressão, nomes de oficiais e de repressores de baixa patente, tudo estava na mira de Walsh, da ANCLA e, paralelamente a esta, da *Cadena Informativa*, que circulava textos mais curtos e mais urgentes.

³²¹CORTÁZAR, Julio. *Cartas 1969-1976, vol. 4*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, p. 552. Carta a Jean L. Andreu, datada de Paris, 3 de abril de 1975.

³²² Cf. o artigo escrito por Luis Bruschtein, *La palabra justa*, no site Página 12. Bruschtein é filho de Laura Bonaparte, das Madres de Plaza de Mayo, de quem falamos.

O artigo está disponível em:

< <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-178421-2011-10-07.html> >.

³²³ Walsh reuniu uma gama de testemunhos e documentos oficiais para elucidar o caso do fuzilamento de civis peronistas em um terreno baldio em José León Suárez em 9 de junho de 1956, ato que contou com o envolvimento da ditadura militar de Pedro Eugenio Aramburu, no poder entre 1955-1958. Walsh descobriu sobreviventes do massacre e, com as informações levantadas, foi possível atribuir o crime à ditadura de Aramburu. O livro virou filme pelas mãos de Jorge “El Tigre” Cedrón, um dos irmãos de Alberto Cedrón, coautor de *La raíz del ombú* com Cortázar.

“A censura impediu, entre outras coisas, que o país ficasse a par do projeto do senador norte-americano Edward Kennedy de acusar o governo argentino frente a Comissão de Direitos Humanos da OEA, da decisão da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas de condenar a Argentina e a Rodésia [atual Zimbábue] (...) Mais de três milhões diariamente gasta a ditadura para combater a guerrilha. Cada guerrilheiro morto custa um milhão de dólares.”, diz Walsh no informe nº 1, de dezembro de 1976, da *Cadena Informativa*. Ao final, destacava:

DERROTE AL TERROR. HAGA CIRCULAR ESTA INFORMACIÓN³²⁴.

Outro texto importantíssimo de Walsh é sua *Carta Abierta de un escritor a la junta militar*, cuja crítica econômica, por exemplo, é muito mais breve e incisiva que a feita por Cortázar em *Vampiros Multinacionales* – e podemos ver nisso as respostas de cada um dos escritores aos tipos de pressão que estavam submetidos. Walsh termina de bater a carta em sua máquina de escrever no dia 25 de março de 1977, em um documento que criou a partir da reunião de dados e fatos relatados na ANCLA e na *Cadena Informativa*, expondo a quantidade de ações repressivas, sua ostensividade, como grande trunfo da ditadura, no sentido de intimidar, fazer recuar a resistência, falando de um regime que tomava como inimigo toda a sociedade, em vez de um partido ou uma organização específicos. Walsh havia perdido uma de suas filhas, María Victoria, oficial dos Montoneros, em 29 de setembro de 1976, após ser emboscada pelo exército em Buenos Aires. No dia 25 de março de 1977, Walsh e Lilia Ferreyra, sua companheira, deixou a casa deles (conseguida com documentos falsos, porque Walsh era monitorado e perseguido pela ditadura) em San Vicente (província de Buenos Aires) em direção à Capital Federal. O casal se separou na estação de Constitución, em Buenos Aires. Pouco antes disso, a viúva de um dos

³²⁴WALSH, Rodolfo. *El violento oficio de escribir: obra periodística (1953-1977)*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Planeta/ Espejo de la Argentina, 1998, p. 247.

militantes que havia morrido na emboscada à Victoria Walsh, escreveu a Rodolfo para queixar-se da falta de solidariedade dos Montoneros com relação às famílias dos assassinados pela ditadura, caso dela, que reclamava assistência para si e os filhos. Walsh, que não podia simplesmente dar-lhe o endereço e esperá-la, um risco quase suicida, decidiu ir até Buenos Aires encontrá-la e aproveitar para fazer a informação circular: depositaria várias cópias da *Carta Abierta* pelos *buzones* (caixas de correio) da cidade. Fortuitamente, encontrou com o dono da imobiliária quando esperava o trem em San Vicente, e o homem lhe entregou, ali, a escritura da casa.

Quando Walsh, por volta das duas da tarde, tinha acabado de passar pelo *buzón* que fica no cruzamento das avenidas Entre Ríos e San Juan, no bairro de San Cristóbal, os agentes da repressão do grupo de tareas 3.3.2 da Escuela de Mecánica de la Armada, que eram cerca de vinte e cinco pessoas, iniciaram os disparos em direção ao escritor.

“*Lo bajamos a Walsh. El hijo de puta se parapetó detrás de un árbol y se defendía con una 22. Lo cagamos a tiros y no se caía el hijo de puta*”³²⁵, relatou Ricardo Héctor Coquet, apelido “Serafín”, militava na *Juventud Peronista* e foi sequestrado pela repressão argentina em 10 de março de 1977. Tornou-se cativo pelos militares, prestava trabalho escravo na ESMA e era levado para prestar colaboração forçada em emboscadas e perseguições da repressão. Foi obrigado a confeccionar uma bandeira trazendo o nome dos *Montoneros* que foi usada pela repressão para atribuir à organização peronista a autoria do sequestro das freiras Alice Domon e Leónnie Duquet. Walsh levava uma pistola *Walther* calibre 22 e morreu disparando contra seus algozes. Seu corpo e seus pertences pessoais, até hoje desaparecidos, foram levados para a ESMA. De posse da escritura da casa em San Vicente, os militares reviraram o imóvel, saqueando um Fiat 600, móveis, livros e demais

³²⁵FUMAGALLI, Cecilia & GONZÁLEZ, Elena. *Esa luminosa rebelión de la memoria*, in: *Operación Walsh*, revista *Caras y Caretas*, nº 2.327, Buenos Aires, março de 2017, pp. 11-24.

bens e destruindo seus escritos. Assim é que se perdeu para sempre seu último conto: Juan se iba por el río. Lilia recorda dele apenas sua frase inicial, porque o havia passado a limpo. “Juan Antonio lo llamó a su madre. Duda era su apellido...”. Contava a história de um soldado que, durante as guerras civis argentinas (série de confrontos entre 1814 e 1880, opondo federalismo e centralismo), cansado diante da impossibilidade que vê em seguir lutando, decide ir à Banda Oriental. Andando pela margem do Río de la Plata, o soldado vê os restos de um galeão espanhol dos tempos da colonização, quando vem uma *sudestada*³²⁶, aumentando o volume do rio. “O conto termina sem que se saiba se o soldado chega ou não chega à Banda Oriental”, diz Martín Gras, tucumano que militou nas FAR e depois nos *Montoneros*, tendo sido detido na ESMA, onde atuou colaborando com a repressão apontando nomes, chegando a trabalhar como interceptador de militantes na Bolívia, a serviço da última ditadura argentina. Dos contos de Cortázar conhecemos seus finais e temos um satisfatório número de traduções e publicações até o presente momento, especialmente se pensamos no trabalho monumental de guarda, organização e editoração levado a cabo por Aurora Bernárdez, sua herdeira universal, falecida em dezembro de 2014, e do filólogo catalão Carles Álvarez Garriga.

Dentro de um ciclo histórico, no séc. XX, que abarca os julgamentos de Nuremberg (novembro 1945-outubro 1946), a Carta das Nações Unidas (assinada em 26 de junho de 1945, em vigor em outubro de 1945); a Declaração Universal dos Direitos Humanos (aprovada pela Assembleia-Geral da ONU em 10 de dezembro de 1948); a Convenção

³²⁶Fenômeno meteorológico, característico dos pampas argentinos, responsável por alterações bruscas do clima. Chuvas intensas, ventos frios vindos do sul, inundações no campo e destruição na cidade podem ser os saldos das *sudestadas*.

contra a tortura (10 dezembro 1984) e a convenção que aprova o Estatuto da Corte Penal Internacional, assinado em Roma (17 julho 1998), buscamos refletir neste trabalho sobre a questão do cumprimento de normas relativas à proteção e preservação dos DDHH ser um problema intermitente no século passado e no presente:

Desnecessário dizer que ainda é mais fácil endossar os direitos humanos do que os impor. O fluxo constante de conferências e convenções internacionais contra o genocídio, a escravidão, o uso da tortura e o racismo e a favor da proteção das mulheres, crianças e minorias mostra que os direitos humanos ainda precisam ser resgatados. As Nações Unidas adotaram uma Convenção Suplementar sobre a Abolição da Escravatura, do Tráfico de Escravos e das Instituições e Práticas Análogas à Escravatura em 1956, porém ainda assim estima-se que haja 27 milhões de escravos no mundo hoje. Aprovaram a Convenção contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanos ou Degradantes em 1984 porque a tortura não desapareceu, quando suas formas judiciais foram abolidas no século xviii. Em vez de ser empregada num cenário legalmente sancionado, a tortura passou aos quartos dos fundos da polícia e das forças militares secretas, e não em tão secretas, dos Estados modernos. Os nazistas autorizaram explicitamente o uso do ‘aperto’ contra os comunistas, as testemunhas de Jeová, os sabotadores, os terroristas, os dissidentes, os "elementos antissociais" e os "vagabundos poloneses ou soviéticos". As categorias já não são exatamente as mesmas, mas a prática resiste. A África do Sul, os franceses na Argélia, o Chile, a Grécia, a Argentina, o Iraque, os americanos em Abu Ghraib—a lista jamais termina. A esperança de acabar com os ‘atos bárbaros’ ainda não se tornou realidade.³²⁷

³²⁷ HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos – uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.

Se concluimos que as legislações latino-americanas de transição democrática ainda trazem obstáculos para uma política sistemática e efetiva de proteção aos direitos humanos, mesmo reconhecendo os avanços, nesse sentido, realizados no Chile e na Argentina, percebemos que o desafio colocado para o tempo presente não é tarefa fácil se comparado ao trabalho realizado no final da década de 1960 e ao longo da década de 1970 pelos tribunais que examinamos. Basso e sua geração seguiam imbuídos, nos anos 1960 e 1970, por ideais concretizados na legislação italiana que sucede o período fascista, marcada pela proteção ao trabalhador e à garantia dos direitos humanos. A imersão de Cortázar na política remonta ainda ao período em que vivera na Argentina: durante o peronismo, entre os anos 1940 e 1950, seu envolvimento com a política se dava no plano mais superficial possível, do ponto de vista público.

Em sua literatura, propriamente em seu primeiro romance não publicado, *El Exámen*, publicado postumamente em 1986, e em seus primeiros contos, de Bestiário, a política aparece de maneira tangencial, referenciada em uma visão da realidade que tivesse, talvez, algo da visão liberal-burguesa da época. Sua experiência na política universitária, ao pulso da política nacional, essa, sim, parece marcante, ao ponto de fazê-lo participar dela até o ponto de desistir do magistério em prol de um emprego que lhe exigisse menos e lhe conferisse tempo para dedicar-se à escrita. Forma-se tradutor público em francês e inglês no breve período portenho que antecede sua ida a Paris, que não teve nada de política. Foi, inclusive com uma bolsa dada em conjunto pelo governo argentino – peronista – e pelo governo francês. Na França da década de 1950 e 1960 viu a política pulsando lá – e aqui, na América Latina. A luta pela libertação da Argélia e a derrubada da

ditadura de Fulgencio Batista mobilizaram muita atenção. E o que se seguiu em Cuba foi uma revolução que transcendeu o político; a Revolução Cubana inseriu um ponto de convergência para a esperança de transformações ainda mais amplas na política, na cultura, na economia, na sociedade como um todo: a revolução como portadora de muitas revoluções, que desembocariam no homem novo; e lá estiveram os intelectuais – e com eles, acompanhando o que diziam, pensavam e deixavam de pensar – multidões de vários cantos, cada vez mais interessadas nas vidas e atitudes daqueles que escreviam as obras. E então vida e obra passaram a confluir de maneira cada vez mais ao sabor do vocabulário político daquela época. O ser intelectual era um ser político: o intelectual se acreditava motor da transformação, peça sem a qual a revolução não chegaria a corações e mentes, em uma consideração deveras superestimada. Cortázar alcançara seu lugar no campo literário subvertendo as formas, as estruturas e, principalmente, a linguagem. Nisso investiu sua ideia de escritor revolucionário: seu papel era revolucionar as formas, parecia muito elementar ater-se somente ao conteúdo. Mas o encanto por Cuba e pela figura mítica encarnada pela luta do Che Guevara transbordou no conto *Reunião*, publicado em 1966, poucos anos após sua ida a Cuba como jurado em um prêmio internacional de literatura. O caso *Padilla*, que poderia ter tido variadas formas de resolução, teve sua exposição ultradimensionada muito em função da grande repercussão em torno dos intelectuais do Boom, entusiastas da Revolução Cubana que cobraram explicações publicamente de Fidel com relação a Heberto Padilla – Cortázar colocou-se em uma posição de calculada ambiguidade. Expressava sua lealdade à Cuba em *Policrítica em la hora de los chacales*, em 1971, mas abria ali um afastamento que resultaria em outras rotas políticas, nas quais não deixaria de investir com tudo, falando especialmente de sua literatura, que não esteve dissociada de seu compromisso político nos anos 1970.

O envolvimento político de Cortázar com a política nos anos 1970 tem muito a ver com o que essa década representou para a América Latina, vínculo amplificado enquanto intelectual assíduo em Havana e em *Casa de las Américas* e sua ênfase na literatura e na perspectiva latino-americanista. Seus compromissos políticos públicos seguintes não destoariam da perspectiva latino-americanista. O golpe de 11 de setembro de 1973 no Chile interrompeu brutalmente a experiência socialista pela via reformista, democrática; a essa fratura no Estado de Direito se segue a da Argentina, no golpe de 24 de março de 1976, ficando as ditaduras de Chile e Argentina pareadas às de Paraguai, Bolívia, Uruguai e Brasil. De Livro de Manuel se produz um tipo de aposta estética que busca resolver-se não somente com a realidade latino-americana referenciada na trama, mas com a inserção de matéria documental, os recortes de jornais para um bebê – a esperança, Manuel – que nascerá. O caso Onetti e a preparação de *Chili: le Dossier Noir* posicionam Cortázar em um imediatismo do qual não poderia prescindir porque a repressão das ditaduras dos anos 1970 era veloz, insidiosa: letal. A aproximação com o Tribunal Russell II coloca o escritor com um pensamento que era, ao mesmo tempo: uma forma de interpretar a conjuntura político-econômica latino-americana daquele momento mais imediato: a teoria da dependência, a partir da estreita colaboração intelectual entre Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra com Lelio Basso, por exemplo; e uma forma de atuar publicamente em defesa dos direitos humanos, o direito da pessoa humana, segundo argumento juridicamente Basso, em um tribunal que remontava a Russell e Sartre e que sucedeu a Basso (falecido em 1978) como Tribunal Permanente dos Povos (TPP; criado em Bolonha, 1979), e ainda hoje atuante, de acordo com os princípios firmados pela Declaração Universal dos Direitos dos Povos que, em sua 30ª cláusula diz que a constituição do tribunal se justifica pelo “restabelecimento dos direitos fundamentais de um povo, quando

são gravemente ignorados”, afirmando que se trata de “um dever que se impõe a todos os membros da comunidade internacional”³²⁸. De atividade subsidiária, o tribunal busca evidenciar as lacunas existentes no Direito Internacional quanto à proteção dos Direitos Humanos, difundindo suas deliberações de maneira a contribuir para uma efetiva reorganização jurídica internacional. Em novembro de 2017 o TPP se reuniu em Roma para examinar os crimes de estado cometidos pelo governo de Myanmar contra as etnias Rohingyas, Kachins e grupos minoritários e em janeiro de 2018, se reuniu em Palermo, e Paris para deliberar sobre os direitos das pessoas migrantes e refugiadas.

Cortázar investiu no Tribunal Russell II sua presença e suas apostas estéticas: desde o que vimos em *Vampiros Multinacionales*, passando pelo conto Recortes de prensa e chegando a *La raíz del ombú*: a denúncia, a dimensão documental e a elaboração narrativa que a destacasse.

De outras margens, corre junto a este trabalho o tempo que o produziu. E isso envolve dizer sobre uma incômoda atualidade de certos elementos: o Estado de Direito não parece viver um bom momento na América Latina, e nesse ponto de nossa história em que nos vemos trinta anos distantes da transição democrática no continente. No Brasil, antes mesmo das eleições presidenciais de 2014, entrou em curso uma articulação golpista. Efetivado o resultado eleitoral, com a vitória de Dilma Rousseff eleita para o mandato 2014-18, entrou em curso um *modus operandi* golpista que em muito lembrou a situação chilena entre 1972 e 1973, com a gestação de uma crise econômica a partir do conluio do alto empresariado, envolvendo as principais empresas de mídia do país, verdadeiras

³²⁸ *Artículo 30. La Carta de Argel – Declaración Universal de los Derechos de los Pueblos*, Argel, 4 de julho de 1976. Disponível em: <<http://permanentpeopletribunal.org/wp-content/uploads/2016/06/CARTA-DE-ARGEL-ES.pdf>>. Acessado em dezembro de 2017.

oligarquias, na elaboração do golpe – consumado sob a forma da legalidade, sob o pretexto da acusação de “pedaladas fiscais” à presidente eleita, para que se incorresse em caso de impeachment. Não havendo prova material quanto ao cometimento de crime de responsabilidade por parte da presidente da República, teve lugar um pretexto que serviu para o desfecho de um golpe jurídico-midiático-parlamentar, responsável por deixar o comando do país à sorte do Legislativo mais conservador eleito nas últimas décadas. Do ponto de vista econômico-social, tomou rumo um regresso neoliberal, cujo intuito é precarizar o trabalho, criando, tal como nos anos 1970, uma situação de superexploração que beneficie o alto empresariado. Tão logo se consumou o golpe, essa precarização assumiu as formas das chamadas reformas trabalhista e previdenciária.

Por conta disso, foi realizada no Rio de Janeiro, entre os dias 19 e 20 de julho de 2016, no Teatro Casagrande, uma sessão do Tribunal Internacional pela Democracia, destinado a examinar o processo de impeachment de Dilma Rousseff levado a cabo pela Câmara dos Deputados e pelo Senado. Para isso, reuniu-se um júri formado por intelectuais, especialmente da área jurídica, como a advogada internacional e vencedora do Prêmio de Direitos Humanos Letelier-Moffitt de Direitos Humanos, Almudena Barnabeu (EUA), a advogada de Direitos Humanos especializada em imigração muçulmana, Azadeh Shashahani (EUA/Iraque), um bispo que trabalha em favor dos Direitos Humanos a partir da diocese de Saltillo, Raúl Veras (México), um membro do TPP e pesquisador biomédico, Giovanni Tognoni (Itália), o jurista mexicano Jaime Cárdenas (México), a senadora francesa que trava lutas pelo Direito das Mulheres em seu país, Laurence Cohen (França), a jurista e catedrática em Filosofia do Direito, especialista em Direitos Humanos, María José Farinas Dulce (Espanha), do catedrático em Direito Penal e ex-magistrado da Corte Suprema de Justicia da Colômbia, Carlos Augusto Galvez Argote, o professor Alberto

Filippi, que ensinou História da América e Filosofia na Universidade de Camerino, na Itália, e na *Escuela de Servicio Judicial*, na Argentina, e que foi grande colaborador de Lelio Basso nos anos 1960 e 1970 junto à iniciativas de defesa dos direitos humanos pela América Latina; e também Adolfo Pérez Esquivel, fundador do Servicio Paz y Justicia em América Latina e da Asamblea Permanente por los Derechos Humanos, tendo sido sequestrado e torturado pela última ditadura argentina em 1977. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1980. O Tribunal Internacional pela Democracia concluiu que, quanto à legalidade do processo de impeachment sofrido por Dilma Rousseff, que “o fundamento comum de todos os pronunciamentos ofertados no Tribunal reside na vacuidade do pedido de impeachment e na inexistência de delito de responsabilidade ou de conduta dolosa que implique um atentado à Constituição da República e aos fundamentos do Estado brasileiro. Os jurados entenderam que o impedimento neste caso se caracteriza como verdadeiro golpe ao Estado Democrático de Direito e deve ser declarado nulo em todos os seus efeitos”. As atrocidades midiático-parlamentar-jurídicas que seguiram sendo cometidas após o golpe dão a entender que o impeachment foi a primeira etapa de um processo de tomada de poder por vias não democráticas e que envolve a perseguição e eliminação da candidatura presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva. Os vampiros neoliberais, os de hoje, criam narrativas e seguem fomentando o sucateamento do estado e da administração pública no Brasil. Acreditamos que certas medidas não têm volta: a construção de 18 universidades públicas federais entre 2003 e 2015, a expansão universitária levada a cabo pelo REUNI e a democratização do ensino superior representada pelo PROUNI seguirão gerando frutos que seguirão tornando o Brasil e toda a América nas mãos daqueles que a construíram: o povo.

E nós, historiadores, cujo ofício trata a matéria do tempo, onde situamos os rastros da existência, seguiremos nosso trabalho. Sem a esperança de sermos escutados, com a certeza de sermos perseguidos, mas fiéis ao compromisso que assumimos há muito: o de dar testemunho em momentos difíceis, porque, de todos ofícios terrestres, o violento ato de escrever é, ao fim e ao cabo, aquele que mais nos convêm. Não digo isso sozinho, me acompanham Julio Cortázar e Rodolfo Walsh: não vejamos em nosso ofício quaisquer determinações místicas, somos traídos e levados pelo tempo. Daremos batalha com nossa escrita.

Façamos circular essa informação.

Bibliografia

- ADOUE, Silvia Beatriz. *Júlio Cortázar, os não-letrados e o compromisso político do escritor*. Revista Espaço Acadêmico, UEM, nº 43, mensal, dezembro de 2004. <http://www.espacoacademico.com.br/043/43cadoue.htm>. Acessado em julho de 2014.
- ALAZRAKI, Jaime. *Hacia Cortázar: aproximaciones a su obra*. Barcelona: Anthropos, 1994.
- ALAZRAKI, Jaime. Voz narrativa en la ficción de Julio Cortázar. INTI, revista de literatura hispánica, n. 10/11, Julio Cortázar en Barnard (outono 1979 – primavera 1980), pp. 145-152.
- ALLENDE, Salvador. *Discursos*. La Habana, Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.
- ALMEIDA, Maiara Alvim de & FERREIRA, Rogério de Souza Sérgio. Histórias em quadrinhos como narrativas hipertextuais: duas propostas de leitura, revista Ipotesi, UFJF, Juiz de Fora (MG), v.19, n.1, p. 270-278, jan./jun. 2015.
- ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales – notas de investigación sobre una tribu inquieta*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2013
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta Moraes (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- ARISTÓTELES. *Política*. Lisboa: Vega, 1998.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *O escorpião encalacrado: a poética da destruição em Julio Cortázar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- AZEVEDO, Cecília *et. al.* (Orgs.). *História das Américas: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

- BAMBIRRA, Vânia. *O capitalismo dependente latino-americano*. Florianópolis: Insular, 2015.
- BARATAUD, Marie-Alexandra. *Del texto y de la imagen: la escritura transgenérica en "Fantomas contra los vampiros multinacionales" de Julio Cortázar*. Limoges: Université de Limoges, pp.1-11.

- BASSO, Luisa Pereira. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001.

- BASSO, Lelio. "I diritti dell'uomo in un mondo in trasformazione", in: *Il risveglio de i popoli. Lega internazionale per i diritti e la liberazione dei popoli*, sob o título *Le Radici*, em: AAVV (org. Gianni Tognoni). *Tribunale permanente dei popoli, Le sentenze, 1979-1991*. Verona, Itália: Nuova Cultura Editrice e Bertani Editore, 1992

- _____. *El uso de la legalidad en la transición al socialismo*, in: *VVAA. Transición al Socialismo y experiencia chilena*. Santiago: CESO/CEREN, Prensa Latinoamericana, 1972.

- BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Editora Ática, 1996

- BERMEJO, Ernesto González. *Conversas com Cortázar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

- BIMBI, Linda & MULAS, Andrea. *Lelio Basso: la ricerca dell'utopia concreta*, Roma: Edup, 2006.

- BLANES, Jaume Peris. *Cortázar: entre la cultura pulp y la denuncia política*. *Estudios Filológicos*, UACH (Universidad Austral de Chile), n. 50, novembro de 2012, p. 96.

- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

- CASTAÑEDA, Jorge. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- CASTRO, Fidel. *La historia me absolverá*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2007.

- CARVALHO, Marco Antonio Serafim de. *Julio Florencio se torna Cortázar: o peronismo visto através da literatura, 1946-1956*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFF (PPGH-UFF), março de 2014.

- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016

- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

- CHILE, Secretaría General de Gobierno de. *Los documentos secretos de la ITT y la República de Chile (fotocopias de los documentos originales y traducción completa del inglés)*. Santiago: Empresa Editora Nacional Quimantú Ltda, 1972.

- CHOMSKY, Aviva. *História da revolução cubana*. São Paulo: Veneta, 2015.

- *Contibuciones al Pensamiento Social en América Latina (Coordinado por el Centro Mexicano de Estudios Sociales A. C.)*. Ciudad de México, Distrito Federal: Universidad Nacional Autónoma de México – Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2007.

- CORREAS, Jaime. *Cortázar, profesor universitario: su paso por la Universidad de Cuyo em los inicios del peronismo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2004.

- COSTA, Adriane Aparecida Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. São Paulo: Alameda, 2013.

- DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

- _____, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer, volume 1*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

- DE SOLA, Graciela. (MATURO, Graciela). *Julio Cortázar y el hombre nuevo*. Buenos Aires: Stockcero / Co-Editorial Fundación Internacional Argentina, 2004.

- DENIS, Benôit. *Literatura e engajamento – de Pascal a Sartre*. Bauru: EdUSC, 2002.

- DENT, David W. *U.S.-Latin American Policymaking: A Reference Handbook*. Connecticut: Greenwood Press, 1995.

- DINGES, John. *Os anos do Condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- DONOSO, José. *Historia Personal del «Boom»*, Barcelona: Editorial Anagrama, 1972.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015
- DOS SANTOS, Theotonio. *Imperialismo y Dependencia*. México: Era, 1975
- _____ . *Teoria da Dependência: balanço e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2018.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FAZIO, Carlos. En la barca de Carlos Quijano y su Marcha fecunda, in: *Contribuciones al Pensamiento Social en América Latina* (Coordinado por el Centro Mexicano de Estudios Sociales A. C.). Ciudad de México, Distrito Federal: Universidad Nacional Autónoma de México – Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2007.
- FEO, José Rodríguez. *Las revistas Origenes y Ciclón*. In: *América: Cahiers du CRICCAL*, nº9-10, 1992. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970. pp. 41-45.
- FERREIRA, Carla; LUCE, Mathias & OSORIO, Jaime. *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo, 2012
- FILIPPI, Alberto. “O legado de Lelio Basso na América do Sul e seus arquivos de Roma: as particularidades históricas das transições democráticas e a constitucionalização dos novos direitos”, in: *Revista Anistia – política e justiça de transição*. Brasília, n.8, pp. 94-130, julho/dezembro de 2012.
- FIORUCCI, Flavia. *Intelectuales y Peronismo, 1945-1955*. Buenos Aires: Biblos, 2011.

- FUMAGALLI, Cecilia & GONZÁLEZ, Elena. *Esa luminosa rebelión de la memoria*, in: *Operación Walsh*, revista Caras y Caretas, nº 2.327, Buenos Aires, março de 2017, pp. 11-24.

- GADEA, Omar Prego & CORTÁZAR, Julio. *La fascinación de las palabras*. Buenos Aires: Editorial Alfaguara, 1997.

- GELMAN, Juan. *Valer la pena*. Ciudad de México: Ediciones ERA, 2001.

- GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil – debates y dilemas del escritor revolucionário em América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2003.

- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- _____. *A Micro-História e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

- _____. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

- GOCIOL, Judith & INVERNIZZI, Hernán. *Un golpe a los libros: represión a la cultura durante la última dictadura militar*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Eudeba, 2015

- GOLOBOFF, Mario. *Julio Cortázar: La Biografía*. Buenos Aires: Seix Barral, 1998.

- _____. *Cortázar: notas para uma biografia*. São Paulo: Editora DSOP, 2014.

- GONZÁLEZ, Juan Ignacio. *Los niños del Cordobazo*. Córdoba: Editorial Espártaco, 2009.

- GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*,. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

- GUERRA FERREIRA, Lucia de Fátima & TOSI, Giuseppe. *As Multinacionais na América Latina – Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014

- _____ . *Brasil, violação dos direitos humanos – Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014

- _____ . *Chile, Bolívia e Uruguai: Atas da Primeira Sessão do Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014

- _____ . *Contrarrevolução na América Latina: subversão militar e instrumentalização dos sindicatos, da cultura, das igrejas – Tribunal Russell II*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014

- HARSS, Luis. *Los Nuestrós*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1978.

- HERRÁEZ, Miguel. *Julio Cortázar, una biografía revisada*. Barcelona: Alrevés, 2011

- HEER, Jeet. & WORCESTER, Kent. *A Comics Studies Reader*. Jackson: University Press of Mississippi, 2009.

- HERRÁEZ, Miguel. *Julio Cortázar, una biografía revisada*. Barcelona: Alrevés, 2011.

- *Homenaje a Ana María Barrenechea*, Cuadernos LIRICO (online) – *Revista de la red*

universitaria de estudios sobre las literaturas rioplatenses em Francia, nº 9, setembro de 2013.

- HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos – uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- KORN, Guillermo & VIÑAS, David (et al.). *El peronismo clásico (1945-1955): descamisados, gorilas y contreras*. Buenos Aires: Paradiso: Fundación Crónica General, 2007.

- LORIGA, Sabina. *O Pequeno X: da Biografia à História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

- KANZEPOLSKY, Adriana. *Acerca de algunos extranjeros: de Orígenes a Ciclón*. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXX, Números. 208-209, Julho-Dezembro de 2004, pp. 839-855.

- *La Carta de Argel – Declaración Universal de los Derechos de los Pueblos*, Argel, 4 de julho de 1976. Disponível em: <<http://permanentpeopletribunal.org/wp-content/uploads/2016/06/CARTA-DE-ARGEL-ES.pdf>>.

- MARCHAMALO, Jesús. *Cortázar y los libros*. Madrid: Fórcola Ediciones, 2011.

- MARECHAL, Leopoldo. *Adán Buenosayres*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1976.

- MATURO, Graciela. *Julio Cortázar: razón y revelación*. Buenos Aires: Biblos, 2014, p. 181.

- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2014.

- MOUFFE, Chantal. *Sobre o político*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

- MULAS, Andrea. *Las relaciones político-jurídicas entre Lelio Basso y el Ceren en los años de gobierno de la Unidad Popular*. Universum [online], Talca, Chile. 2005, vol.20, n.1, pp.80-87.

- ORLOFF, Carolina. *La construcción de lo político en Julio Cortázar*. Buenos Aires: EGodot Argentina, 2015 (livro digital).

- PLUTARCO. *Alexandre e César: as vidas comparadas dos maiores guerreiros da Antiguidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

- *Revista Casa de las Américas – edición dedicada a Julio Cortázar*, ano XXV, nº 145-146, julho-outubro de 1984.

- RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

- ROSSI, Cristina Peri. *Julio Cortázar*. Barcelona: Ediciones Omega, 2001.

- *Revista Casa de las Américas – edición dedicada a Julio Cortázar*, ano XXV, nº 145-146, julho-outubro de 1984.

- SATER, William F. *Chile and the United States: empires in conflict*. Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1990.

- SAPIRO, Gisèle. *Elementos para uma história do processo de autonomização – o exemplo do campo literário francês*. Revista Tempo Social, USP, São Paulo, vol. 16, n. 1, junho de 2004, pp. 93-105.

- SILVA, José Afonso da. “A dignidade da pessoa humana como valor supremo da democracia” In: Revista de Direito Administrativo, vol. 212, abril/junho, 1998, pp. 93-94.

- SILVA, Renán. *Lugar de dúvidas: sobre a prática da análise histórica: breviário de*

inseguranças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

- SIRINELLI, Jean-François. “Sem mocinhos nem bandidos”: entrevista a Bruno Garcia. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 90, março de 2013, pp. 48-53.

- TOMASI, Diego. *Cortázar por Buenos Aires, Buenos Aires por Cortázar*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Seix Barral, 2013.

- VERDUGO, Patricia. *Chile, 1973: como os EUA derrubaram Allende*. Rio de Janeiro: Revan, 2003

- WALSH, Rodolfo. *El violento oficio de escribir: obra periodística (1953-1977)*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Planeta/ Espejo de la Argentina, 1998.

- WALTON, Izaak. *The Lives of Dr. John Donne, Sir Henry Wotton, Mr. Richard Hooker, Mr. George Herbert*. York: printed by Wilson, Spence and Mawman, 1796.

- WASSERMAN, Claudia. *A Teoria da Dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017

- ZOLA, Émile. *J'Accuse...! – A verdade em marcha*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

De Julio Cortázar:

- CORTÁZAR, Julio. *O Exame Final*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

- _____, Julio. *Cartas 1937-1954, vol. 1*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012.

- _____. *Cartas 1955-1964, vol. 2*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus,

Alfaguara, 2012.

- _____ . *Cartas 1965-1968, vol. 3*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012.

- _____ . *Cartas 1969-1976, vol. 4*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012.

- _____ . *Cartas 1977-1984, vol. 5*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012.

- CORTÁZAR, Julio & GADEA, Omar Prego. *A fascinação das palavras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

- CORTÁZAR, Julio. *Julio Cortázar: el escritor y sus armas políticas (entrevista a Paco Urondo)*. Buenos Aires, Revista Panorama, nº 187, ano VIII, 24-30 de novembro de 1970, pp. 44-50.

- _____ . *Argentina: años de alambradas culturales*. Buenos Aires: Muchnik Editores, 1984.

- _____ . *O Livro de Manuel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

- _____ . *Octaedro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

- _____ . *Bestiário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

- _____ . *Cortázar de la A a la Z: un álbum biográfico*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2014.

- _____ . *Papéis Inesperados* (Org. Aurora Bernárdez & Carles Garriga). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

- _____ . *Aulas de Literatura*: Berkeley, 1980. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- _____ . *Todos os fogos o fogo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____ . *A volta ao dia em oitenta mundos, Tomos I e II*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____ . *62 – Modelo para armar*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Alfaguara, 2013.
- _____ . *Último Round, Tomos I e II*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____ . *Libro de Manuel*. Barcelona: EDHASA, 1985.
- _____ . *Octaedro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____ . *Fantomas contra los vampiros multinacionales: una utopía realizable narrada por Julio Cortázar*. Cidade do México: Excelsior, 1975.
- _____ . *Alguém que anda por aí*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- _____ . *Um tal Lucas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____ . *Queremos tanto a Glenda*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Alfaguara, 2009.
- _____ . *Queremos tanto a Glenda*. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 1980
- _____ . *Fora de Hora [Deshoras]*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- _____ . *Nicarágua tão violentamente doce*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

- _____ . *Corrección de pruebas en Alta Provenza*. Barcelona: Editorial RM, 2012

- _____ . *Obra Crítica, Volume 1*. Organização de YURKIEVICH, Saúl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

- _____ . *Obra Crítica, Volume 2*. Organização de ALAZRAKI, Jaime. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

- _____ . *Obra Crítica, Volume 3*. Organização de SOSNOWSKI, Saúl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

- _____ . *Clases de Literatura – Berkeley, 1980*. Buenos Aires: Editorial Alfaguara, 2013.

- _____ . *Homenaje a una torre de fuego*, in: *Marcha*, nº 1.408, ano XXXLX, Montevideo, 28 de junho de 1968

- CEDRÓN, Alberto & CORTÁZAR, Julio. *La raíz del ombú*. Buenos Aires: Fundación Internacional Argentina, 2004.